

Patricia Highsmith

RIPLEY
SUBTERRÂNEO

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PATRICIA HIGHSMITH

RIPLEY SUBTERRÂNEO

Tradução:
ALVARO HATTNER



*Aos meus vizinhos poloneses, Agnès
e Georges Barylski, meus amigos
da França, 77.*

Acho que estaria muito mais disposto a morrer por algo em que não acredito do que pelas coisas que considero verdadeiras...

Às vezes acho que a vida artística é um longo e encantador suicídio, e não lamento que seja assim.

Oscar Wilde em suas *Cartas pessoais*.

Tom estava no jardim quando o telefone tocou. Deixou que sua governanta, Mme. Annette, atendesse, e continuou raspando o musgo encharcado que pendia das laterais dos degraus de pedra. Era um outubro chuvoso.

“M. *Tome!*”, gritou a voz de soprano de Mme. Annette. “É de Londres!”

“Já vou”, respondeu Tom. Jogou a pá de jardineiro no chão e subiu os degraus.

O telefone do andar de baixo estava na sala. Tom não se sentou no sofá de cetim amarelo porque estava com a calça suja.

“Alô, Tom. Jeff Constant. Você...” *Piip.*

“Pode falar mais alto? A ligação está péssima.”

“Está melhor assim? Eu estou ouvindo bem.”

As pessoas em Londres sempre ouviam bem. “Um pouco melhor.”

“Recebeu minha carta?”

“Não”, respondeu Tom.

“Sei. Estamos com problemas. Eu quis avisá-lo. Tem um...”

Ruídos, um som agudo, um clique, e a ligação caiu.

“Droga”, disse Tom em voz calma. Avisá-lo? Será que havia alguma coisa errada com a galeria? Com a Derwatt Ltd.? Avisá-lo? Tom mal estava envolvido. Ele idealizara a Derwatt Ltd., é verdade, e tirava uma pequena renda dela, mas... Tom olhou para o telefone, esperando que tocasse novamente. Ou será que deveria ligar para Jeff? Não, ele não sabia se Jeff estava em seu estúdio ou na galeria. Jeff Constant era fotógrafo.

Tom caminhou para as janelas francesas que davam para o jardim dos fundos. Pensou em continuar a raspar o musgo. Dedicava-se casualmente à jardinagem, e gostava de passar uma hora por dia fazendo isso, aparando a grama com o cortador manual, arrancando e queimando galhos secos, tirando ervas daninhas. Era um exercício, e ele também podia devanear. Mal havia recommençado a trabalhar com a pá, quando o telefone tocou.

Mme. Annette estava entrando na sala, carregando um espanador. Ela era baixa e corpulenta, quase sessenta anos, e bastante alegre. Não sabia uma única palavra de inglês e parecia incapaz de aprender qualquer uma, até mesmo “bom-dia”, o que convinha perfeitamente a Tom.

“Eu atendo, madame”, disse Tom, tirando o fone do gancho.

“*Alô*”, disse a voz de Jeff. “Escute, Tom, eu estava me perguntando se você não poderia vir até aqui. Até Londres, eu...”

“Você o quê?” A ligação estava novamente ruim, mas não tanto quanto antes.

“Eu disse... expliquei em uma carta. Não dá pra explicar por telefone. Mas é importante, Tom.”

“Alguém cometeu algum erro?... Bernard?”

“De certa forma. Tem um sujeito vindo de Nova York, provavelmente amanhã.”

“Quem?”

“Eu expliquei na carta. Você sabe que a exposição de Derwatt começa na terça. Vou segurá-lo até lá. Ed e eu não vamos estar disponíveis.” Jeff parecia bastante ansioso. “Você vai estar livre, Tom?”

“Bom... sim, vou.” Mas Tom não queria ir a Londres.

“Não deixe Heloise ficar sabendo. Que você vem para Londres.”

“Heloise está na Grécia.”

“Ah, isso é ótimo.” Foi a primeira vez que a voz de Jeff manifestou alívio.

A carta de Jeff chegou às cinco horas daquela tarde, expressa e registrada.

* * *

4 Charles Place

N. W. 8

Prezado Tom,

A nova exposição de Derwatt começa na terça-feira, dia 15, a primeira em dois anos. Bernard tem quinze telas novas e outros quadros serão emprestados. Agora vamos às más notícias.

Existe um americano chamado Thomas Murchison — um colecionador, não um comerciante —, aposentado e com muita grana. Ele comprou um Derwatt de nós há três anos. Comparou-o com um Derwatt anterior que acabara de ver nos Estados Unidos, e agora diz que o dele é falso. É claro que é, uma vez que foi Bernard quem o pintou. Ele escreveu para a Galeria Buckmaster (para mim) dizendo que acha que a pintura que ele tem não é genuína porque a técnica e as cores pertencem a um período de cinco ou seis anos atrás na obra de Derwatt. Tenho a nítida impressão de que Murchison pretende fazer um estardalhaço aqui. E o que vamos fazer a respeito? Você sempre tem boas idéias, Tom.

Pode vir conversar conosco? Com todas as despesas pagas pela Galeria Buckmaster? Precisamos de uma injeção de confiança mais do que qualquer outra coisa. Não acho que Bernard tenha feito bobagem em nenhuma das telas novas. Mas ele está perturbado, e não o queremos por perto no dia de inauguração da exposição, principalmente nesse dia.

Por favor, se puder, venha imediatamente!

Um abraço,

Jeff

P. S.: A carta de Murchison era bem-educada, mas e se ele for do tipo que vai insistir em procurar o Derwatt no México para verificar etc.?

Essa última observação era pertinente, pensou Tom, porque Derwatt não existia. A história (inventada por Tom) que a Galeria Buckmaster e o pequeno grupo de leais amigos de Derwatt contavam era que Derwatt tinha ido morar em uma pequena aldeia no México e que não falava com ninguém, não tinha telefone e proibia a galeria de dar seu endereço para qualquer pessoa. Bem, se Murchison fosse ao México, teria uma busca exaustiva, o suficiente para manter um sujeito ocupado pela vida toda.

O que Tom conseguia prever era Murchison — que provavelmente traria seu quadro de Derwatt — conversando com outros *marchands* e em seguida com a imprensa. Isso poderia levantar suspeitas, e Derwatt sumiria sem deixar vestígios. Será que a gangue iria envolvê-lo naquela situação? (Tom sempre pensava na turma da galeria, os velhos amigos de Derwatt, como “a gangue”, embora ele odiasse o termo toda vez em que pensava nele.) E Bernard poderia mencionar Tom Ripley, pensou Tom, não por maldade, mas por conta de sua própria honestidade insana — quase cristã.

Tom havia conseguido manter limpa sua reputação, surpreendentemente limpa, levando-se em conta tudo o que fazia. Seria muito embaraçoso se aparecesse nos jornais franceses que Thomas Ripley, de Villeperce-sur-Seine, marido de Heloise Plisson, filha de Jacques Plisson, o milionário dono das Pharmaceutiques Plisson, planejava a lucrativa fraude da Derwatt Ltd., e que havia anos tirava uma porcentagem dela, ainda que apenas dez por cento. Pareceria vergonhoso demais. Até mesmo Heloise, cuja moralidade Tom considerava quase inexistente, poderia reagir a isso, e certamente o pai dela pressionaria (cortando-lhe a mesada) para que ela se divorciasse.

A empresa Derwatt agora era grande, e um colapso traria algumas conseqüências. Os lucros da linha de materiais para pintura com a marca “Derwatt” iriam cair, e a gangue — e Tom — recebiam *royalties* por eles. E havia ainda a Escola de Arte Derwatt, em Perúgia, para velhinhas simpáticas e garotas norte-americanas em férias, mas que mesmo assim também era uma fonte de renda. A escola de arte ganhava menos dinheiro com o ensino de arte ou a venda dos materiais “Derwatt” do que atuando como imobiliária, encontrando casas e apartamentos mobiliados, dos mais caros, para os estudantes turistas endinheirados, e ficando com uma porcentagem de tudo. A escola era administrada por dois homossexuais ingleses, que não estavam envolvidos na fraude de Derwatt.

Tom não conseguia se decidir quanto a ir ou não a Londres. O que ele lhes diria? E também não conseguia entender o problema: seria impossível que um pintor voltasse a uma técnica antiga, apenas para um quadro?

“*M’sieur* prefere costeletas de carneiro ou presunto frio para o jantar?”, perguntou Mme. Annette.

“Costeletas, acho. Obrigado. E como está seu dente?” Naquela manhã, Mme. Annette fora ao dentista do vilarejo, em quem tinha absoluta confiança, para tratar um dente que a mantivera acordada durante toda a noite.

“Não está doendo agora. O doutor Grenier é tão gentil! Falou que era um abscesso, mas abriu o dente e disse que o nervo iria cair.”

Tom concordou com um movimento da cabeça, mas ficou se perguntando como um nervo poderia cair. Gravidade, provavelmente. Certa vez tiveram de cavar fundo para encontrar um de seus nervos, que também estava em um dente superior.

“Recebeu boas notícias de Londres?”

“Não... bem... apenas um telefonema de um amigo.”

“Alguma notícia de Mme. Heloise?”

“Hoje não.”

“Ah, aquele sol da Grécia!” Mme. Annette estava passando um pano na superfície já brilhante de uma enorme arca de carvalho ao lado da lareira. “Olhe! Villeperce já não tem sol. O inverno chegou.”

“É.” Ultimamente, Mme. Annette dizia a mesma coisa todos os dias. Tom não esperava ver Heloise até perto do Natal. Mas ela poderia aparecer inesperadamente — por alguma briguinha boba com as amigas, ou apenas por ter mudado de idéia quanto a ficar no navio por tanto tempo. Heloise era impulsiva.

Tom colocou um disco dos Beatles para levantar o ânimo e ficou andando pela sala, com as mãos nos bolsos. Adorava aquela casa. Era um sobrado de pedra cinza de linhas quadradas com quatro pequenas torres sobre quatro salas redondas no andar de cima, o que o tornava parecido com um pequeno castelo. O jardim era enorme, e mesmo para os padrões norte-americanos havia custado uma fortuna. O pai de Heloise lhes dera a casa como presente de casamento três anos

atrás. Na época anterior a seu casamento, Tom havia precisado de algum dinheiro extra, pois o dinheiro de Greenleaf não era suficiente para que desfrutasse do tipo de vida que adotara. Então Tom se interessara por sua parte no negócio de Derwatt. Agora estava arrependido. Havia aceitado dez por cento, quando dez por cento eram muito pouco. Mesmo não imaginando que a empresa Derwatt iria crescer da maneira como cresceu.

Tom passou aquela noite como passava a maioria das noites, sossegado e sozinho, mas seus pensamentos estavam agitados. Deixou a vitrola estéreo ligada em volume baixo durante o jantar, enquanto lia Servan-Schreiber em francês. Havia duas palavras que Tom não conhecia. Iria procurá-las à noite em seu exemplar do *Harrap*, que mantinha à cabeceira. Ele era bom em guardar palavras na memória para procurar depois.

Depois do jantar, vestiu uma capa de chuva, embora não estivesse chovendo, e caminhou até um pequeno café que ficava a uns quatrocentos metros da casa. Tomava café lá em algumas noites, encostado no balcão. Invariavelmente o proprietário, Georges, perguntava sobre Mme. Heloise, e lamentava que Tom passasse tanto tempo sozinho. Naquela noite Tom disse, com a voz alegre:

“Ah, duvido que ela fique naquele iate mais dois meses. Vai ficar entediada”.

“*Quel luxe*”, murmurou Georges, em devaneio. Era um homem gorducho com rosto redondo.

Tom não confiava em seu bom humor ameno e indefectível. A esposa dele, Marie, uma morena grandalhona e enérgica que usava batom vermelho brilhante, era francamente irascível, mas tinha uma maneira alegre e selvagem de rir que a redimia. Era um bar de trabalhadores, e Tom não tinha nada contra isso, mas não era seu bar favorito. Era apenas o mais próximo. Pelo menos Georges e Marie nunca haviam se referido a Dickie Greenleaf. Um poucas pessoas em Paris, conhecidos seus ou de Heloise, haviam perguntado, e também o proprietário do St. Pierre, o único hotel de Villeperce. O proprietário perguntara: “Por acaso o senhor é aquele M. Ripley que era amigo do americano *Granelafe*?”. Tom admitira que sim. Mas isso acontecera três anos atrás, e uma pergunta assim — se não fosse além disso — não irritava Tom, porém ele preferia evitar o assunto. Os jornais haviam dito que ele recebera uma boa soma em dinheiro, alguns diziam que era uma renda regular, o que era verdade, do testamento de Dickie. Pelo menos nenhum jornal jamais havia insinuado que Tom fora o autor do testamento, o que era verdade. Os franceses sempre se lembravam de detalhes financeiros.

Depois do café, Tom caminhou de volta para casa, dizendo “*Bonsoir*” para um ou dois moradores no caminho, escorregando de vez em quando nas folhas encharcadas que se acumulavam na beira da rua. Não havia calçada. Ele trouxera uma lanterna, porque a iluminação da rua era muito irregular. Viu de relance aconchegantes cenas de famílias em cozinhas, assistindo televisão, sentadas ao redor de mesas cobertas com toalhas de plástico. Cachorros presos com correntes latiam em alguns quintais. Abriu os portões de ferro — três metros de altura — de sua própria casa, e seus sapatos rangeram de encontro ao cascalho. A luz do quarto de Mme. Annette estava acesa. Ela ganhara sua própria televisão. Tom com freqüência pintava à noite, apenas para sua própria diversão. Sabia que era mau pintor, pior do que Dickie. Mas naquela noite não estava com disposição para pintar. Em vez disso, escreveu para um amigo em Hamburgo, Reeves Minot, um americano, perguntando-lhe quando achava que iria precisar dele. Reeves iria plantar um microfilme, ou coisa parecida, em um certo italiano, o conde Bertolozzi. Quando o conde fosse visitar Tom em Villeperce, por um dia ou pouco mais, Tom retiraria o objeto implantado em sua mala — ou em outro lugar, conforme o que Reeves indicasse — e o despacharia para um homem que Tom não conhecia em Paris. Tom freqüentemente realizava esses serviços de receptação, às

vezes de jóias roubadas. Era mais fácil se ele removesse os objetos de seus hóspedes do que se alguém tentasse fazê-lo em um quarto de hotel em Paris, quando o portador não estivesse presente. Tom conhecia o conde Bertolozzi superficialmente, de uma recente viagem a Milão, onde Reeves, que morava em Hamburgo, também estivera. Tom conversara sobre quadros com o conde. Geralmente tinha facilidade em convencer as pessoas com um pouco de tempo livre a se hospedarem em sua casa em Villeperce por um dia ou dois, para admirar seus quadros. Além dos Derwatts, Tom possuía um Soutine, cujo trabalho admirava em especial, um Van Gogh, dois Magrittes, desenhos de Cocteau e Picasso, e muitos outros desenhos de pintores menos famosos que considerava igualmente bons ou até melhores. Villeperce ficava perto de Paris, e era agradável para os hóspedes desfrutarem um pouco do campo antes de seguir viagem. Na verdade, quase sempre Tom ia buscá-los em Orly com seu carro, pois Villeperce ficava a menos de setenta quilômetros ao sul de Orly. Tom só havia falhado uma vez, quando um hóspede americano ficara doente logo depois de chegar a Villeperce, devido a alguma coisa que comera, e Tom não conseguira mexer na bagagem porque o hóspede ficara o tempo todo na cama e acordado. O objeto daquela ocasião — um outro microfilme — fora recuperado com certa dificuldade por um homem de Reeves em Paris. Tom não conseguia entender o valor daquilo, mas também nem sempre conseguia quando lia romances de espionagem, e o próprio Reeves também era um receptor, que ganhava porcentagem. Tom sempre ia de carro até uma outra cidade para despachar as coisas, e sempre as mandava com um nome e um endereço falsos.

Naquela noite Tom não conseguia dormir, então saiu da cama, vestiu o roupão roxo de lã — novo, cheio de rãs e outros desenhos, um presente de aniversário de Heloise — e foi até a cozinha. Pensara em tomar uma cerveja, mas decidiu fazer um pouco de chá. Quase nunca tomava chá, o que tornava a escolha apropriada, porque ele estava achando aquela noite estranha. Andou na ponta dos pés pela cozinha, para não acordar Mme. Annette. O chá que fez ficou vermelho-escuro. Pusera erva demais no bule. Levou uma bandeja para a sala de estar, serviu uma xícara e andou de um lado para o outro em pantufas de feltro. Por que não assumir o papel de Derwatt?, pensou ele. Meu Deus, é claro! Essa era a solução, a solução perfeita, e a única.

Derwatt tinha quase a sua idade, pouca coisa a mais — Tom tinha trinta e um e Derwatt teria uns trinta e cinco. Olhos azuis-acinzentados era o que Tom se lembrava de Cynthia (a namorada de Bernard) ou de o próprio Bernard tê-lo dito em uma de suas descrições efusivas de Derwatt, o imaculável. Derwatt tinha uma barba curta, o que era, seria, de tremenda valia para Tom.

Jeff Constant com certeza iria gostar da idéia. Uma entrevista à imprensa. Tom precisaria estudar as possíveis perguntas que teria de responder e as histórias que teria de contar. Será que Derwatt tinha a mesma altura que ele? Bem, quem saberia isso entre os repórteres? O cabelo de Derwatt era um pouco mais escuro, pensou Tom. Mas isso poderia ser arranjado. Bebeu um pouco mais de chá. Continuou andando pela sala. Seu aparecimento deveria ser de surpresa, possivelmente até mesmo para Jeff e Ed — e Bernard, é claro. Ou pelo menos era isso o que eles contariam à imprensa.

Tom tentou imaginar seu encontro com o sr. Thomas Murchison. Ficar calmo, seguro de si, isso era o principal. Se Derwatt dissesse que o quadro era seu, que ele o havia pintado, quem era Murchison para discordar?

Num ímpeto de entusiasmo Tom foi até o telefone. Quase sempre as telefonistas estavam dormindo àquela hora — duas e pouco da manhã — e levavam uns dez minutos para atender. Tom sentou-se pacientemente na beira do sofá amarelo. Estava pensando que Jeff ou alguém teria de conseguir alguma maquiagem muito boa para ser aplicada assim que ele chegasse. Tom

gostaria de poder contar com alguma garota, Cynthia, por exemplo, para supervisionar tudo, mas Cynthia e Bernard haviam rompido dois ou três anos antes. Cynthia sabia tudo sobre Derwatt e as falsificações de Bernard, e não ganhava nada com isso, nem um único centavo do lucro, lembrou-se Tom.

“*Allo, j'écoute*”, disse a telefonista com um tom de voz aborrecido, como se tivesse sido tirada da cama para fazer-lhe um favor. Tom deu o número do estúdio de Jeff, que estava anotado em um caderninho de endereços ao lado do telefone. Teve muita sorte e a ligação foi completada em cinco minutos. Tom puxou sua terceira xícara de chá escuro para perto do telefone.

“Alô, Jeff. É Tom. Como vão as coisas?”

“Na mesma. Ed está aqui. Estávamos pensando em ligar para você. Vai poder vir para cá?”

“Vou, e tive uma idéia melhor. Que tal se eu fizesse o papel do... nosso amigo desaparecido... durante algumas horas?”

Jeff demorou um instante para compreender. “Ah, Tom, ótimo! Você pode estar aqui na terça-feira?”

“Posso, claro.”

“E daria para você vir na segunda? Depois de amanhã?”

“Acho que não. Mas terça, sim. Agora escute, Jeff, a maquiagem... tem de ser das boas.”

“Não se preocupe! Espere um pouco!” Afastou o bocal para falar com Ed, e depois continuou: “Ed disse que tem um... fornecedor”.

“Não anuncie ao público”, continuou Tom com voz calma, porque, pela voz, Jeff parecia estar pulando de alegria. “E outra coisa, se não funcionar, se eu não conseguir... precisamos dizer que foi uma brincadeira que um amigo de vocês inventou, ou seja, eu. Que não tem nada a ver com... você sabe.” Tom estava se referindo à autenticação do quadro de Murchison, mas Jeff entendeu na hora.

“O Ed quer dar uma palavrinha.”

“Alô, Tom”, disse Ed, a voz mais grave. “Estamos muito contentes com sua vinda. A idéia é maravilhosa. E você sabe... Bernard tem algumas das roupas dele e outras coisas.”

“Você cuida disso.” De repente, Tom ficou preocupado. “As roupas são o de menos. O problema é o rosto. Não perca tempo, está bem?”

“Tem razão. Deus te abençoe.”

Desligaram. Então Tom recostou-se no sofá e relaxou, quase na horizontal. Não, ele não iria a Londres tão cedo. Entraria no palco no último minuto, com ímpeto e categoria. Muitos ensaios e preparativos não iam dar bom resultado.

Tom levantou-se, segurando a xícara de chá frio. Ia ser divertido e muito engraçado se ele conseguisse fazer aquilo funcionar, pensou, olhando para o Derwatt sobre a lareira. Era um quadro em tom rosado de um homem em uma cadeira, um homem com muitos contornos, dando a impressão de que se estava olhando para o quadro com os óculos de uma outra pessoa, que distorciam a imagem. Alguns diziam que Derwatt fazia com que seus olhos doessem. Mas a uma distância de uns três metros isso não acontecia. Esse não era um Derwatt legítimo, mas uma das primeiras falsificações de Bernard Tufts. Do outro lado da sala havia um Derwatt genuíno, *As cadeiras vermelhas*. Duas garotinhas sentadas lado a lado, parecendo terrivelmente assustadas, como se fosse seu primeiro dia na escola, ou como se estivessem ouvindo algo aterrorizante na igreja. *As cadeiras vermelhas* fora pintado uns oito ou nove anos antes. Atrás das garotinhas, seja lá onde estivessem sentadas, havia chamas em toda parte. Chamas amarelas e vermelhas em movimento, com leves toques de branco, de forma que o fogo não chamava a atenção de

imediatamente. Mas quando isso acontecia, o efeito emocional era arrasador. Tom adorava os dois quadros. A essa altura, quando olhava para eles, quase se esquecia de lembrar que um era uma falsificação e o outro era verdadeiro.

Tom recordou os primórdios indefinidos do que agora era a Derwatt Ltd. Conhecera Jeffrey Constant e Bernard Tufts em Londres pouco depois de Derwatt se afogar — provavelmente de propósito — na Grécia. Tom acabara de voltar da Grécia. Pouco tempo se passara depois da morte de Dickie Greenleaf. O corpo de Derwatt nunca fora encontrado, mas alguns pescadores da vila disseram que o viram sair para nadar de manhã e não o viram voltar. Os amigos de Derwatt — e Tom havia conhecido Cynthia Gradnor na mesma ocasião — ficaram profundamente abalados, perturbados de tal maneira que Tom nunca vira após uma morte, nem mesmo em uma família. Jeff, Ed, Cynthia e Bernard estavam passados. Falaram de maneira passional, quase um devaneio, sobre Derwatt, não só como artista mas como amigo e ser humano. Ele vivera de maneira simples, em Islington, comendo mal às vezes, mas sempre fora generoso com os outros. As crianças de sua vizinhança o adoravam, posando para ele sem esperar pagamento, mas Derwatt sempre procurava nos bolsos aqueles que talvez fossem seus últimos centavos para lhes dar. Então, pouco antes de ir para a Grécia, Derwatt tivera uma decepção. Por encomenda do governo, havia pintado um mural em uma agência do correio de uma cidade no norte da Inglaterra. O esboço inicial fora aprovado, mas rejeitaram a obra depois de terminada: aparecia alguém nu na pintura, ou nu demais, e Derwatt recusara-se a mudá-la. (“E ele estava certo, é claro!”, garantiram a Tom os leais amigos de Derwatt.) Mas a situação privara Derwatt de mil libras com as quais ele havia contado. Aquilo parecia ter sido a gota d’água em uma série de decepções, cuja gravidade os amigos de Derwatt não haviam percebido, e eles se reprovavam por isso. Tom lembrava-se vagamente de que também havia uma mulher naquela pintura, a causa de outra decepção para Derwatt, mas parece que a mulher não era tão importante para ele quanto suas decepções profissionais. Os amigos de Derwatt também eram profissionais autônomos, a maioria *freelance*, e bastante ocupados, e nos últimos dias, quando Derwatt os havia procurado — não atrás de dinheiro, mas de companhia em muitas noites —, eles haviam dito que não tinham tempo para vê-lo. Sem que os amigos soubessem, Derwatt havia vendido toda a mobília de seu estúdio e fora para a Grécia, onde havia escrito uma longa e deprimida carta para Bernard. (Tom nunca vira a carta.) Então surgiu a notícia de seu desaparecimento ou morte.

A primeira coisa que os amigos de Derwatt, inclusive Cynthia, fizeram fora reunir todos os seus quadros e esboços e tentar vendê-los. Queriam manter vivo o nome dele, queriam que o mundo conhecesse e apreciasse o que ele havia feito. Derwatt não tinha parentes e, pelo que Tom lembrava, fora uma criança abandonada, sem pais conhecidos. A história de sua trágica morte ajudara muito mais do que atrapalhara. De maneira geral, as galerias não tinham interesse em quadros de um artista jovem e desconhecido que já havia morrido — mas Edmund Banbury, um jornalista *freelancer*, usara seus contatos e seu talento para inserir artigos sobre Derwatt nos jornais, suplementos e revistas de arte, e Jeffrey Constant fizera as fotos dos quadros de Derwatt para ilustrá-los. Poucos meses depois da morte de Derwatt, encontraram uma galeria, a Galeria Buckmaster, que, além de tudo, ficava na Bond Street, disposta a expor a obra dele, e logo as telas de Derwatt estavam sendo vendidas por seiscentas e oitocentas libras.

Então aconteceu o inevitável. Todos os quadros haviam sido vendidos, ou quase todos, e isso fora na época em que Tom estava morando em Londres (ele morara por dois anos em um apartamento na S.W.I, perto de Eaton Square) e topara com Jeff, Ed e Bernard no *pub* de Salisbury. Eles estavam de novo tristes, porque os quadros de Derwatt estavam chegando ao fim,

e fora Tom quem havia dito: “Vocês estão indo tão bem, é uma pena terminar assim. Será que Bernard não consegue fazer alguns quadros no estilo de Derwatt?”. Tom dissera isso por brincadeira, ou quase. Ele mal conhecia os três, apenas sabia que Bernard era pintor. Mas Jeff, um sujeito prático como Ed Banbury (e nem um pouco parecido com Bernard), havia se virado para Bernard e dito: “Já pensei nisso também. O que você acha, Bernard?”. Tom se esquecera da resposta exata de Bernard, mas se lembrava de que Bernard havia abaixado a cabeça como se estivesse com vergonha ou totalmente aterrorizado com a idéia de falsificar seu ídolo, Derwatt. Meses depois, Tom havia encontrado Ed Banbury em uma rua de Londres, e Ed dissera alegremente que Bernard havia criado dois “Derwatts” excelentes e que eles haviam vendido um deles na Buckmaster como legítimo.

Mais tarde, logo depois de Tom ter se casado com Heloise e não estar mais morando em Londres, Tom, Heloise e Jeff se encontraram numa festa, um enorme coquetel daqueles onde nem se chega a ver ou cumprimentar o anfitrião, e Jeff chamou Tom para conversar em um canto.

Jeff havia dito: “Podemos nos encontrar mais tarde? Este é o meu endereço”, e dera um cartão a Tom. “Você pode aparecer lá pelas onze hoje?”

Então Tom fora sozinho até a casa de Jeff, o que foi fácil, porque Heloise — que na época não falava bem inglês — já não agüentava mais nada depois do coquetel e queria voltar para o hotel onde estavam hospedados. Heloise adorava Londres — os suéteres ingleses e a Carnaby Street, e as lojas que vendiam cestos de lixo com estampas da Union Jack, a bandeira inglesa, e placas que diziam “Não enche”, coisas que Tom com freqüência tinha de traduzir para ela, mas ela dizia que lhe doía a cabeça depois de tentar falar inglês durante uma hora.

“Nosso problema”, dissera Jeff naquela noite, “é que não podemos continuar fingindo que encontramos mais um Derwatt em algum lugar. Bernard está se saindo muito bem, mas... Você acha que poderíamos ousar desenterrar um grande tesouro de Derwatts em algum lugar, como a Irlanda, onde ele pintou por algum tempo, e vendê-lo e então parar? Bernard não está entusiasmado para prosseguir. Ele sente que está traíndo Derwatt... de certo modo.”

Tom refletira por um momento e dissera: “Qual é o problema de Derwatt ainda estar vivo e morando em algum lugar? Um recluso, que envia seus quadros para Londres? Isto é, se Bernard conseguir continuar”.

“Hum-m. Bem... é. Talvez a Grécia. Que idéia excelente, Tom! Isso poderia durar para sempre!”

“Que tal o México? Acho que é mais seguro do que a Grécia. Vamos dizer que Derwatt esteja morando em algum vilarejo. Ele não diz a ninguém o nome do lugar — a não ser, talvez, a você, Ed e Cynthia...”

“Cynthia não, ela é... bem, Bernard não tem se encontrado mais com ela com tanta freqüência. Conseqüentemente, nem nós. É melhor que ela não fique sabendo muita coisa sobre esse assunto.”

Tom se lembrou de que Jeff havia ligado para Ed naquela noite para contar a idéia.

“É só uma idéia”, dissera Tom. “Não sei se vai dar certo.”

Mas havia dado certo. Falava-se que os quadros de Derwatt haviam começado a chegar do México, e a história dramática da “ressurreição” de Derwatt fora explorada vantajosamente por Ed Banbury e Jeff Constant em mais artigos de revistas, com fotos de Derwatt e também de seus últimos quadros (pintados por Bernard), embora nenhuma foto do próprio Derwatt *no* México, porque o artista não permitia a presença de repórteres ou fotógrafos. Os quadros eram enviados de Vera Cruz, e nem mesmo Jeff ou Ed sabiam o nome do vilarejo onde ele estava. Talvez Derwatt tivesse algum problema mental que o levava à reclusão. Seus quadros eram doentios e

deprimentes, segundo alguns críticos. Mas agora estavam entre as obras de um artista vivo com os preços mais altos da Inglaterra, do continente europeu ou dos Estados Unidos. Ed Banbury escreveu a Tom na França, oferecendo-lhe dez por cento dos lucros, sendo o pequeno grupo de amigos leais (apenas três agora, Bernard, Jeff e Ed) o único beneficiário das vendas de Derwatt. Tom havia concordado, principalmente pelo fato de considerar sua aceitação em certa medida uma garantia de seu silêncio sobre as falsificações. Mas Bernard Tufts estava pintando como um demônio.

Jeff e Ed compraram a Galeria Buckmaster. Tom não tinha certeza se Bernard possuía alguma parte dela. Vários quadros de Derwatt faziam parte de um acervo permanente da galeria, além, é claro, de quadros de outros artistas. Jeff cuidava mais dessa parte do que Ed, e havia contratado um assistente, uma espécie de gerente da galeria. Mas esse passo à frente, a compra da Galeria Buckmaster, fora dado depois que Jeff e Ed haviam sido procurados por um fabricante de materiais de pintura chamado George Janopolos ou algo assim, que queria iniciar uma linha de artigos com o nome “Derwatt”, a qual incluiria tudo, de borrachas até conjuntos de tinta a óleo, oferecendo a Derwatt um por cento de *royalty*. Ed e Jeff haviam decidido aceitar em nome de Derwatt (presumivelmente com o consentimento deste). Então formara-se uma empresa chamada Derwatt Ltd.

Tom lembrou-se de tudo isso às quatro da manhã, tremendo um pouco de frio apesar do roupão de lã. Por economia, Mme. Annette sempre diminuía o aquecimento central à noite. Tom segurava a xícara de chá frio e doce entre as mãos e olhava distraidamente para uma fotografia de Heloise — cabelo loiro comprido emoldurando um rosto esbelto, nesse momento muito mais um desenho agradável e sem significado para Tom do que um rosto —, e pensou em Bernard trabalhando secretamente em suas falsificações em um quarto fechado, talvez até mesmo trancado, de seu apartamento que também era ateliê. O apartamento de Bernard era bem ruinzinho, como sempre fora. Tom nunca havia visto o lugar secretíssimo onde ele pintava suas obras-primas, os quadros de Derwatt que rendiam milhares de libras. Se alguém pintasse mais falsificações do que seus próprios quadros, será que as falsificações não se tornariam até mais naturais, mais reais, mais genuínas para essa pessoa do que suas próprias pinturas? Será que o esforço não acabaria desaparecendo, dando lugar a uma naturalidade nas obras? Por fim Tom acomodou-se no sofá amarelo, sem os chinelos e com os pés embaixo do roupão, e pegou no sono. Não dormiu por muito tempo, porque Mme. Annette chegou e o acordou com um grito de surpresa.

“Devo ter dormido enquanto lia”, disse Tom, sorrindo e sentando-se no sofá.

Mme. Annette apressou-se a preparar-lhe o café.

Tom reservou um lugar no vôo para Londres ao meio-dia da terça-feira. O que lhe daria poucas horas para ser maquiado e receber mais informações sobre a situação. Não havia tempo para ficar nervoso. Ele dirigiu até Melun para pegar algum dinheiro, em francos, no banco.

Eram onze e quarenta, e o banco fechava ao meio-dia. Tom era o terceiro na fila do caixa, mas infelizmente uma mulher estava depositando dinheiro trocado ou algo parecido, erguendo pesadas sacolas cheias de moedas, enquanto mantinha os pés apertados em volta de outras sacolas que continuavam no chão. No guichê, um caixa com o polegar úmido contava maços e maços de notas o mais rápido que podia, fazendo anotações dos totais em duas folhas separadas. Tom se perguntou quanto tempo isso iria durar, enquanto os ponteiros encaminhavam-se para as doze horas. Divertiu-se vendo a fila se desfazer. Três homens e duas mulheres agora espremiavam-se contra o guichê, os olhos vidrados, como cobras encantadas, admirando todo aquele dinheiro, como se fosse uma herança que haviam recebido de algum parente que tivesse trabalhado a vida toda para ganhá-lo. Tom desistiu e saiu do banco. Pensou que podia muito bem se virar sem o dinheiro, e na verdade pretendia apenas dá-lo ou vendê-lo aos amigos ingleses que por acaso fossem à França.

Na manhã da terça, quando Tom estava arrumando a mala, Mme. Annette bateu na porta de seu quarto. “Estou de partida para Munique”, disse Tom, animado. “Vou a um concerto.”

“Ah, Munique! A Baviera! Leve agasalhos.” Mme. Annette estava acostumada com suas viagens de última hora. “Quanto tempo vai ficar, M. Tome?”

“Dois dias, talvez três. Não se preocupe com os recados. Talvez eu ligue para saber se houve algum.”

Então Tom pensou em algo que poderia ser útil, um anel mexicano que achava que estivesse guardado em sua caixa de abotoaduras. Sim, estava lá, entre abotoaduras e botões, um anel pesado de prata com uma efígie de duas cobras entrelaçadas. Tom não gostava dele e esquecera-se de como o havia conseguido, mas pelo menos era mexicano. Assoprou-o, limpou-o na calça e colocou-o no bolso.

O correio das dez e meia trouxe três envelopes. Uma conta telefônica em um envelope gordo porque cada chamada para fora de Villeperce era registrada em uma folha diferente; uma carta de Heloise; e uma carta por via aérea, vinda dos Estados Unidos, e endereçada em uma caligrafia que Tom não conhecia. Virou o envelope e ficou surpreso por ver o nome Christopher Greenleaf no remetente com um endereço de San Francisco. Quem era Christopher? Abriu a carta de Heloise primeiro.

11 de outubro de 19—

Chéri,

Estou muito, muito feliz. A comida é excelente. Pescamos peixes do barco. Zeppo manda lembranças. [Zeppo era o moreno anfitrião grego de Heloise, e Tom podia dizer a ele o que fazer

com as lembranças.]

Estou andando de bicicleta melhor. Fizemos muitos passeios em terra, que está seca. Zeppo tira fotos. Como vão as coisas em Belle Ombre? Tenho saudades. Você está bem? Muitos convites? [Será que ela queria dizer convidados em casa ou se ele estava sendo convidado para festas?] Está pintando? Não tenho notícias de papai.

Um beijo para Mme. A. Um abraço para você.

O resto estava em francês. Ela queria que ele lhe enviasse um maiô vermelho que estava em uma pequena cômoda no banheiro dela. Devia mandá-lo por via aérea. O iate tinha uma piscina aquecida. Tom subiu imediatamente e confiou a tarefa a Mme. Annette, que ainda estava arrumando os quartos, dando-lhe uma nota de cem francos, porque ela poderia ficar escandalizada com o preço da tarifa aérea do correio e cair na tentação de enviar pelo sistema normal.

Em seguida desceu e abriu a carta de Greenleaf apressadamente, porque tinha de partir para Orly em poucos minutos.

12 de outubro de 19—

Prezado sr. Ripley,

Sou primo de Dickie e estou indo para a Europa na semana que vem, provavelmente para Londres primeiro, embora não consiga decidir se vou a Paris antes ou não. De qualquer forma, pensei que poderia ser agradável se pudéssemos nos encontrar. Meu tio Herbert deu-me seu endereço e disse que o senhor não mora muito longe de Paris. Não tenho o número de seu telefone, mas posso procurar na lista.

Falando um pouco de mim, tenho vinte anos e freqüento a Stanford University. Passei um ano no exército, quando tive de interromper meu curso. Vou voltar a Stanford para me formar em engenharia, mas enquanto isso estou tirando um ano para conhecer a Europa e descansar. Muitos colegas meus fizeram isso. A pressão é muito grande em todo lugar. Aqui nos Estados Unidos, quero dizer, mas talvez o senhor viva na Europa há tanto tempo que não saiba do que estou falando.

Meu tio me contou muito a seu respeito. Disse que o senhor foi um grande amigo de Dickie. Conheci Dickie aos onze anos, quando ele tinha 21. Lembro-me de um sujeito alto e loiro. Ele visitou minha família na Califórnia.

Por favor, diga-me se vai estar em Villeperce lá pelo fim de outubro, ou começo de novembro. Esperando poder conhecê-lo pessoalmente,

*Atenciosamente,
Chris Greenleaf*

Poderia me livrar dessa com educação, pensou Tom. Não havia motivo para contatos mais íntimos com a família Greenleaf. De maneira muito esporádica Herbert Greenleaf mandava-lhe notícias, e Tom sempre respondia com cartas simpáticas e muito educadas.

“Mme. Annette, mantenha o fogo aceso”, disse Tom quando estava saindo.

“Como disse?”

Ele traduziu para o francês da melhor maneira que pôde.

“*Au revoir, M. Tome! Bon voyage!*”, Mme. Annette acenou para ele da porta.

Tom pegou o Alfa-Romeo vermelho, um dos dois carros que havia na garagem. Em Orly, ele guardou o carro em um estacionamento coberto, dizendo que voltaria em dois ou três dias. Comprou uma garrafa de uísque no terminal para levar para a gangue. Já havia uma garrafa de Pernod em sua mala (só podia entrar em Londres com uma garrafa), porque Tom descobrira que se passasse pela alfândega e mostrasse a garrafa, o fiscal nunca pedia que abrisse a mala. No avião, comprou Gauloises sem filtro, muito apreciados em Londres.

Estava chovendo levemente na Inglaterra. O ônibus movia-se lentamente pelo lado esquerdo da rua, passando por casas residenciais cujos nomes sempre divertiam Tom, embora ele mal pudesse lê-los agora, por já estar escuro. Bide-a-wee. Unbelievable. Milford Haven, Dun Wandering. Os nomes estavam escritos em tabuletas penduradas nas portas. Inglenook. Sit-Ye-Doon. Good God. Em seguida passou por uma extensa faixa de casas vitorianas geminadas que haviam sido transformadas em pequenos hotéis com nomes pomposos em neon colocados entre os pilares dóricos dos umbrais: Manchester Arms, King Alfred, Cheshire House. Tom sabia que, por trás da distinta respeitabilidade daquelas fachadas, alguns dos melhores assassinos da atualidade escondiam-se por uma ou duas noites, eles próprios com aparência bastante respeitável. A Inglaterra era a Inglaterra, que Deus a abençoe!

A próxima coisa que atraiu a atenção de Tom foi um cartaz em um poste de iluminação no lado esquerdo da rua. DERWATT estava escrito em negrito com as letras tombando um pouco — a assinatura de Derwatt —, e a reprodução em cores que ilustrava o cartaz parecia, sob a luz fraca, ter um tom roxo-escuro ou preto e de certa forma lembrava a tampa levantada de um piano de cauda. Sem dúvida, uma nova falsificação de Bernard Tufts. Havia outro cartaz iguais alguns metros mais adiante. Era estranho sentir-se tão “anunciado” por toda a cidade de Londres e chegar anonimamente, pensou Tom ao descer do ônibus no Terminal West Kensington, sem que ninguém o notasse.

Do terminal, Tom telefonou para Jeff Constant em seu estúdio. Ed Banbury atendeu.

“Pegue um táxi e venha direto para cá!”, disse Ed, muito satisfeito.

O estúdio de Jeff ficava em St John’s Wood. Segundo andar — que era o primeiro para os ingleses — à esquerda. Era um prédio baixo e elegante, um meio-termo entre o luxuoso e o malcuidado.

Ed abriu a porta rapidamente. “Meu Deus, Tom, é ótimo ver você!”

Trocaram um aperto de mãos firme. Ed era mais alto do que Tom, com cabelo loiro escorrido comprido o bastante para lhe cobrir as orelhas, por isso estava constantemente jogando-o para o lado. Tinha uns trinta e cinco anos.

“Cadê o Jeff?” Tom tirou os Gauloises e o uísque da sacola vermelha e a garrafa de Pernod contrabandeada que estava na mala. “Para a casa.”

“Ah, super! Jeff está na galeria. Escute aqui, Tom, você vai mesmo fazer isso? Eu estou com todas as coisas aqui e não temos muito tempo.”

“Vou tentar”, disse Tom.

“Bernard está chegando. Vai nos ajudar. Com informações.” Ed olhava constantemente para o relógio.

Tom tirou o sobretudo e o paletó. “Derwatt não pode se atrasar um pouco? A inauguração não é às cinco?”

“Ah, claro que sim. De qualquer forma, não precisamos chegar lá antes das seis, mas quero

testar a maquiagem. Jeff disse para lembrá-lo de que você não é muito mais baixo do que Derwatt era... e quem é que se lembra dessas coisas? Supondo que eu as tenha escrito em algum artigo? E os olhos de Derwatt eram azuis-acinzentados. Mas os seus servem.” Ed riu. “Quer chá?”

“Não, obrigado.” Tom estava olhando para o terno azul-escuro de Jeff em cima do sofá. Parecia grande demais e estava amarrotado. Havia um horrível par de sapatos pretos no chão ao lado do sofá. “Por que você não toma alguma coisa?”, sugeriu Tom a Ed, que estava inquieto como um gato. Como sempre, o nervosismo dos outros fazia com que Tom ficasse calmo.

A campanha tocou.

Ed abriu a porta para Bernard Tufts.

Tom estendeu a mão. “Bernard, como vai?”

“Tudo bem, obrigado”, disse Bernard, parecendo arrasado. Bernard era magro e macilento, com cabelo preto liso e olhos escuros e gentis.

Tom achou melhor não conversar com Bernard por enquanto, e apenas ser eficiente.

Ed encheu com água a pia do pequeno e moderno banheiro de Jeff, e Tom submeteu-se a uma tintura para escurecer os cabelos. Bernard começou a falar, mas apenas depois de ter sido importunado por Ed.

“Ele andava um pouco curvado”, disse Bernard. “A voz dele... Ele ficava meio tímido em público. Era meio monocórdio, acho. Desse jeito, se é que consigo imitar”, disse Bernard com a voz monocórdia. “De vez em quando ria.”

“Como todo mundo!”, disse Tom, com uma risada nervosa. Agora Tom estava sentado em uma cadeira de encosto reto, sendo penteado por Ed. À direita de Tom havia um prato cheio do que parecia ser pêlos recolhidos do chão de uma barbearia, mas Ed deu uma sacudida neles e surgiu uma barba presa a uma fina gaze cor de pele. “Meu Deus, espero que as luzes estejam fracas”, murmurou Tom.

“Vamos cuidar disso”, disse Ed.

Enquanto Ed mexia em um bigode, Tom tirou seus dois anéis, uma aliança de casamento e o anel de Dickie Greenleaf, e colocou-os no bolso. Pediu a Bernard que lhe trouxesse o anel que estava no bolso esquerdo de sua calça, e Bernard o atendeu. Os dedos magros de Bernard estavam frios e trêmulos. Tom quis perguntar sobre Cynthia, mas lembrou-se de que ele não estava mais com ela. Lembrou-se que eles iam se casar. Ed estava repicando o cabelo de Tom, formando um tufo na frente.

“E Derwatt...”, Bernard interrompeu a frase, a voz embargada.

“Ah, cala a boca, Bernard!”, disse Ed, rindo histericamente.

Bernard riu também. “Desculpem. De verdade, desculpem.” Ele realmente parecia contrito. A barba estava sendo colocada no lugar, com cola.

Ed disse: “Quero que você ande um pouco, Tom. Acostume-se com a barba. Na galeria... decidimos que é melhor você não ficar no meio de todas aquelas pessoas. Tem uma porta nos fundos, e Jeff vai nos esperar lá. Vamos convidar um pessoal da imprensa para ir ao escritório, e apenas um abajur vai estar aceso em um canto da sala. Tiramos o abajur da mesa e a lâmpada do teto, para que a coisa não se alongue demais”.

A barba colada estava fria no rosto de Tom. No espelho do banheiro de Jeff, Tom achou que estava um pouco parecido com D. H. Lawrence. Sua boca estava rodeada de pêlos. Tom não gostava da sensação. Embaixo do espelho havia três fotografias do pintor: Derwatt lendo um livro em mangas de camisa em uma espreguiçadeira, Derwatt em pé ao lado de um homem que Tom não conhecia, de frente para a câmera. Em todas as fotos Derwatt estava de óculos.

“Os óculos”, disse Ed, como se tivesse lido os pensamentos de Tom.

Tom pegou os óculos de armação redonda que Ed lhe deu e colocou-os. Assim era melhor. Tom sorriu, de leve para não estragar a barba. Aparentemente, as lentes eram apenas de vidro. Tom voltou para o estúdio com o corpo meio inclinado e disse, tentando imitar a voz de Derwatt: “Quero saber sobre esse tal de Murchison...”.

“A voz é mais grave!”, disse Bernard, sacudindo as mãos magras.

“Esse tal de Murchison”, disse Tom.

Bernard disse: “M-Murchison, segundo Jeff, acha... que Derwatt voltou a uma técnica antiga. Em seu quadro *O relógio*. Para falar a verdade, não sei o que ele quer dizer com isso... especificamente”. Bernard balançou a cabeça rapidamente, tirou um lenço de algum lugar e assoou o nariz. “Eu estava olhando uma das fotos que Jeff tirou do *Relógio*. Faz uns três anos que não vejo o quadro, entende, o quadro de verdade.” Bernard falava em voz baixa, como se as paredes pudessem ter ouvidos.

“Murchison é um especialista?”, perguntou Tom, pensando no que seria um especialista.

“Não, é apenas um homem de negócios americano”, disse Ed. “É colecionador. Mas está com a pulga atrás da orelha.”

Não era só isso, pensou Tom, ou eles não estariam tão preocupados. “Devo ficar preparado para alguma coisa específica?”

“Não”, disse Ed. “O que você acha, Bernard?”

Bernard quase engasgou. Em seguida tentou rir, e por um segundo pareceu ser como antigamente, mais jovem, ingênuo. Tom percebeu que Bernard estava mais magro do que da última vez em que o vira, três ou quatro anos atrás.

“Não tenho a menor idéia”, disse Bernard. “Você só precisa... insistir que o quadro, *O relógio*, é um Derwatt.”

“Confie em mim”, disse Tom. Andava de um lado para o outro, praticando o jeito curvado do corpo, em um ritmo um pouco mais lento, que esperava estar correto.

“Mas”, continuou Bernard, “se Murchison quiser insistir nessa conversa dele, seja lá o que for... *Homem na cadeira*, que você tem, Tom...”

Uma falsificação. “Ele nunca vai ver esse”, disse Tom. “Eu mesmo adoro esse quadro.”

“*A banheira*”, acrescentou Bernard. “Está na exposição.”

“Você está preocupado com isso?”, perguntou Tom.

“É a mesma técnica”, disse Bernard. “Quase.”

“Então você sabe de que técnica Murchison está falando? Por que vocês não tiram a *A banheira* da exposição, se estão preocupados com esse quadro?”

Ed disse: “Estava anunciada no programa. Ficamos com medo de que, se a tirássemos, Murchison poderia querer vê-la, poderia querer saber quem a comprou e tudo o mais”.

Aquela conversa não levaria a parte alguma, porque Tom não conseguia obter uma posição clara sobre o que eles, ou Murchison, entendiam por técnica nos quadros que mencionaram.

“Você nunca vai se encontrar com Murchison, então não precisa se preocupar”, disse Ed para Bernard.

“Você o conheceu?”, Tom perguntou a Ed.

“Não, só o Jeff. Hoje de manhã.”

“E como ele é?”

“Jeff disse que deve ter uns cinqüenta anos, um daqueles americanos grandalhões. Educado, mas teimoso. Essa calça não tinha um cinto?”

Tom afivelou o cinto na calça. Cheirou a manga da camisa. Havia um leve odor de naftalina, o que provavelmente não seria notado na sala cheia de fumaça de cigarro. E, de qualquer forma, Derwatt poderia estar usando roupas mexicanas nos últimos anos, e suas roupas européias poderiam estar guardadas. Tom olhou-se em um espelho comprido, que ficava sob uma das lâmpadas que Ed havia acendido, e de repente dobrou-se de tanto rir. Virou-se e disse: “Desculpem, eu pensei que, considerando os ganhos fantásticos de Derwatt, ele tem muito apego por seus trapos velhos!”.

“Tudo bem, ele é um eremita”, disse Ed.

O telefone tocou. Ed atendeu, e Tom ouviu-o assegurando a alguém, que sem dúvida era Jeff, que Tom havia chegado e estava pronto.

Tom não se sentia muito pronto. Estava suando frio. Tentando parecer simpático, perguntou a Bernard: “Como vai Cynthia? Você a tem visto?”.

“Eu não a vejo mais. Não muito, pelo menos.” Bernard olhou para Tom e depois olhou para o chão novamente.

“O que ela vai dizer quando descobrir que Derwatt voltou a Londres por alguns dias?”, perguntou Tom.

“Acho que não vai dizer nada”, respondeu Bernard, desanimado. “Tenho certeza que ela não vai... estragar nada.”

Ed terminou de falar ao telefone. “Cynthia não vai dizer nada, Tom. Ela é assim. Você se lembra dela, não?”

“Lembro. Vagamente”, disse Tom.

“Se não falou nada até agora, ela não vai falar”, disse Ed. A maneira como disse isso soou como: “Ela não é de guardar rancores nem é fofoqueira”.

“Ela é maravilhosa”, disse Bernard, falando sozinho, em tom sonhador. De repente ele se levantou e saiu correndo para o banheiro, talvez porque realmente estivesse precisando ir, mas talvez porque precisasse vomitar.

“Não se preocupe com Cynthia, Tom”, disse Ed em voz baixa. “Nós vivemos com ela, entende? Quer dizer, aqui em Londres. Ela está calada há uns três anos. Bem, você sabe, desde que ela rompeu com Bernard. Ou ele rompeu com ela.”

“Ela está feliz? Encontrou outra pessoa?”

“Ah, acho que tem um namorado.”

Bernard estava voltando.

Tom bebeu uma dose de uísque, Bernard bebeu um Pernod e Ed não bebeu nada. Disse que estava com medo de beber porque havia tomado um calmante. Lá pelas cinco horas, Tom já recebera informações suficientes sobre diversas coisas: a cidade na Grécia onde Derwatt oficialmente fora visto quase seis anos atrás. Caso perguntassem, Tom devia dizer que tinha saído da Grécia com nome falso em um petroleiro grego que rumava para Vera Cruz, trabalhando como marujo e pintor do navio.

Emprestaram-lhe o sobretudo de Bernard, que parecia mais surrado do que o de Tom ou qualquer outro que houvesse no armário de Jeff. Então Tom e Ed saíram, deixando Bernard no estúdio de Jeff, onde todos iriam se encontrar mais tarde.

“Meu Deus, como ele está deprimido”, disse Tom na calçada. Já estava andando curvado. “Quanto tempo mais ele vai agüentar?”

“Não julgue por hoje. Ele agüenta. Sempre fica assim quando há uma exposição.”

Bernard era o velho burro de carga, supôs Tom. Ed e Jeff estavam se esbaldando com o

dinheiro extra, com boa comida e boa vida. Bernard apenas produzia os quadros que tornavam isso possível.

Tom saltou para trás um segundo antes de ser atropelado por um táxi, que ele não esperava que viesse pelo lado esquerdo da rua.

Ed sorriu. “Muito bom. Continue assim.”

Andaram até um ponto e pegaram um táxi.

“E esse... administrador ou gerente da galeria”, disse Tom. “Como ele se chama?”

“Leonard Hayward”, respondeu Ed. “Tem uns vinte e seis anos. É um esquisitão, parece que saiu de uma boutique de King’s Road, mas é boa gente. Jeff e eu permitimos que ele entrasse no círculo. Tivemos de fazer isso. É muito mais seguro porque ele não pode tentar nenhuma chantagem, se assinou um contrato conosco para administrar o lugar, que é o que fez. Nós o pagamos bem e ele está encantado. Além disso, ele nos manda alguns clientes muito bons.” Ed olhou para Tom e sorriu. “Não se esqueça de um pouco de sotaque de classe operária. Pelo que me lembro, você consegue imitá-lo muito bem.”

Ed Banbury tocou a campainha em uma porta vermelho-escura nos fundos de um prédio. Tom ouviu o som de uma chave virando, a porta se abriu e Jeff apareceu, sorrindo para os dois.

“Tom! Que *beleza!*”, sussurrou Jeff.

Seguiram por um corredor curto e entraram em um escritório aconchegante com uma escrivaninha, máquina de escrever, livros e carpete de cor creme que cobria todo o piso. Havia telas e portfólios com desenhos apoiados nas paredes.

“Nem sei dizer o quanto você se parece... com Derwatt!” Jeff bateu no ombro de Tom. “Tomara que isso não faça sua barba cair.”

“Nem com vento forte ela cai”, disse Ed.

Jeff Constant havia engordado, e seu rosto estava corado — ou talvez estivesse usando uma lâmpada de bronzeamento artificial. Usava abotoaduras de ouro, e seu terno riscado de azul e preto parecia novo em folha. Tom reparou que um chinó — uma espécie de peruca — cobria a área calva na parte de cima de cabeça de Jeff, que já deveria estar bem careca. De trás da porta fechada que conduzia à galeria vinha um burburinho de vozes, muitas, das quais uma risada de mulher sobressaía como um golfinho saltando em meio a um mar revolto, pensou Tom, embora não estivesse em um bom dia para poesia.

“Seis horas”, anunciou Jeff, olhando para o relógio. “Agora vou dizer discretamente a alguns membros da imprensa que Derwatt está aqui. Como estamos na Inglaterra, não vai haver um...”

“Ha-ha!” Não vai haver um o quê?”, interrompeu Ed.

“... *um estouro da manada*”, disse Jeff com firmeza. “Vou cuidar disso.”

“Sente-se aqui. Ou fique em pé, se preferir”, disse Ed, indicando a escrivaninha com uma cadeira atrás.

“O tal de Murchison está aqui?”, perguntou Tom com a voz de Derwatt.

O sorriso fixo de Jeff aumentou, mas pouco à vontade. “Ah, sim. Você vai vê-lo, é claro. Mas depois da imprensa.” Jeff estava agitado, ansioso para sair, embora desse a impressão de que poderia dizer mais alguma coisa. Saiu e virou a chave na fechadura.

“Tem água por aqui?”, perguntou Tom.

Ed mostrou-lhe um pequeno banheiro, que ficara escondido por uma estante móvel. Tom tomou um gole apressado, e quando estava saindo do banheiro, dois cavalheiros da imprensa estavam entrando com Jeff, os rostos perplexos de surpresa e curiosidade. Um deles tinha cinquenta e poucos anos, o outro deveria estar na casa dos vinte e poucos, mas suas expressões eram muito parecidas.

“Deixe-me apresentar o senhor Gardiner, do *Telegraph*”, disse Jeff. “Derwatt. E o senhor...” Perkins”, disse o mais jovem. “*Sunday...*”

Outra batida na porta antes que eles pudessem se cumprimentar. Tom caminhou curvado, quase reumaticamente, até a escrivaninha. A única lâmpada acesa na sala estava perto da porta que dava para a galeria, a uns bons três metros de onde ele estava. Mas Tom havia notado que o sr. Perkins tinha uma máquina fotográfica com *flash*.

Mais quatro homens e uma mulher entraram. Naquelas circunstâncias, Tom receou os olhos de

uma mulher mais do que qualquer outra coisa. Ela foi apresentada como srta. Eleanor Qualquer Coisa do *Manchester* Alguma Coisa, ou algo assim.

Então as perguntas começaram a chover, embora Jeff tivesse sugerido que os repórteres perguntassem um por vez. A proposta foi inútil, pois cada um estava ansioso demais para ter suas próprias perguntas respondidas.

“Pretende morar no México para sempre, senhor Derwatt?”

“Senhor Derwatt, estamos muito surpresos por vê-lo aqui. O que o fez vir a Londres?”

“Não me chamem de *senhor* Derwatt”, disse Tom, irritado. “Só Derwatt.”

“O senhor gosta do último... grupo de telas que fez? Acha que são suas melhores?”

“Derwatt... você mora sozinho no México?”, perguntou Eleanor Qualquer Coisa.

“Moro.”

“Poderia nos dizer o nome do lugar?”

Mais três homens entraram, e Tom percebeu que Jeff estava pedindo para um deles esperar do lado de fora.

“Uma coisa que não vou lhes dizer é o nome do vilarejo onde moro”, disse Tom lentamente.

“Não seria razoável com os habitantes de lá.”

“Derwatt, é...”

“Derwatt, alguns críticos disseram...”

Alguém estava batendo com força na porta.

Jeff bateu do seu lado e gritou: “Por favor, não vai entrar mais ninguém!”

“Alguns críticos disseram...”

Agora a porta parecia que ia rachar, e Jeff colocou o ombro contra ela. Tom percebeu que a porta não ia ceder, e tirou os olhos calmos que estavam sobre ela para olhar para a pessoa que estava fazendo a pergunta.

“... disseram que sua obra lembra uma fase cubista na obra de Picasso, quando ele começou a dividir rostos e formas.”

“Eu não tenho fases”, disse Tom. “Picasso tem fases. É por isso que não se pode falar nada de Picasso, se é que alguém quer fazer isso. É impossível dizer ‘Eu gosto de Picasso’, porque nenhum período vem à mente. Picasso joga. Tudo bem com isso. Mas ao fazê-lo, ele destrói o que poderia ser uma personalidade integrada e genuína. Qual é a personalidade de Picasso?”

Os repórteres tomavam notas diligentemente.

“Qual é o seu quadro favorito nesta exposição? Qual você acha que é o melhor?”

“Não tenho um... Não, não posso dizer que tenha um quadro favorito nesta exposição. Obrigado.” Será que Derwatt fumava? Dane-se! Tom tirou um Craven A do maço de Jeff e acendeu-o com um isqueiro de mesa antes que dois repórteres pudessem alcançar seu cigarro. Tom afastou-se para proteger a barba dos isqueiros deles. “Talvez meus favoritos sejam os mais antigos... *Cadeiras vermelhas*, *Mulher em queda*, talvez. Vendidos, que pena!” Do nada, Tom havia se lembrado do segundo título, que realmente existia.

“Onde está esse? Nunca o vi, mas conheço o nome”, disse alguém.

Com timidez, como era de se esperar de um recluso, Tom manteve os olhos no mata-borrão que estava sobre a escrivaninha de Jeff. “Eu esqueci. *Mulher em queda*, acho que foi vendido para um americano.”

Os repórteres voltaram à carga: “Está satisfeito com suas vendas, Derwatt?”

(Quem não estaria?)

“O México o inspira? Reparei que não existem telas na exposição com uma ambientação

mexicana.”

(Um pequeno obstáculo, mas Tom o superou. Ele sempre pintava baseado na imaginação.)

“Pode pelo menos descrever a casa onde vive no México, Derwatt?”, perguntou Eleanor.

(Isso Tom sabia fazer. Uma casa térrea com quatro quartos. Uma bananeira na frente. Uma garota vinha todas as manhãs às dez fazer a faxina e ao meio-dia fazia algumas compras para ele, trazendo-lhe *tortillas* assadas, que ele comia com feijões vermelhos — *frijoles* — no almoço. Sim, não se encontrava muita carne, mas de vez em quando comiam cabra. O nome da garota? Juana.)

“Eles o chamam de Derwatt no vilarejo?”

“Costumavam chamar, e tinham uma maneira muito diferente de pronunciar o nome, podem acreditar. Agora é Filipo. Não precisam de outro nome, só de Don Filipo.”

“Eles não têm idéia de que você é *Derwatt*?”

Tom riu um pouco novamente. “Não acho que eles estejam muito interessados no *The Times* ou na *Arts in Review*, ou coisa do gênero.”

“Sentiu falta de Londres? Como lhe parece a cidade?”

“Foi apenas por capricho que voltou para cá agora?”, perguntou o jovem Perkins.

“É. Só por capricho.” Tom deu o sorriso filosófico e cansado de um homem que olhava para as montanhas mexicanas, sozinho, havia anos.

“Você às vezes vem à Europa incógnito? Sabemos que gosta de reclusão...”

“Derwatt, eu ficaria muito agradecido se dispusesse de uns dez minutos amanhã. Posso perguntar onde está...”

“Lamento, ainda não decidi onde vou ficar”, disse Tom.

Jeff gentilmente solicitou aos repórteres que começassem a sair, e os flashes começaram a explodir. Tom olhou para baixo, e depois para cima para uma ou duas fotos, a pedido. Jeff deixou entrar um garçom com uma bandeja cheia de drinques, que ficou vazia em três tempos.

Tom ergueu a mão em um gesto tímido e gracioso de despedida. “Obrigado a todos.”

“Chega, por favor”, disse Jeff perto da porta.

“Mas eu...”

“Ah, senhor Murchison. Entre, por favor”, disse Jeff. Virou-se para Tom. “Derwatt, este é o senhor Murchison. Dos Estados Unidos.”

O sr. Murchison era grandalhão, com um rosto simpático. “Como vai, senhor Derwatt?”, disse ele sorrindo. “Que prazer inesperado vir a conhecê-lo aqui em Londres!”

Apertaram-se as mãos.

“Como vai?”, disse Tom.

“E este é Edmund Banbury”, disse Jeff. “Senhor Murchison.”

Ed e o sr. Murchison cumprimentaram-se.

“Tenho um de seus quadros... *O relógio*. Na verdade, eu o trouxe comigo.” O sr. Murchison estava sorrindo agora, olhando com fascinação e respeito para Tom, que esperava que todo esse deslumbramento se devesse à surpresa de ver Derwatt em carne e osso.

“Ah, sim”, disse Tom.

Jeff mais uma vez trancou a porta em silêncio. “Não quer se sentar, senhor Murchison?”

“Sim, obrigado.” Murchison sentou-se em uma cadeira de encosto reto.

Em silêncio, Jeff começou a recolher os copos vazios das prateleiras e da escrivaninha.

“Bem, para ir direto ao ponto, senhor Derwatt, eu... eu estou interessado em certa mudança de técnica que o senhor apresenta em *O relógio*. O senhor, é claro, sabe a que quadro me refiro?”, perguntou Murchison.

Aquela era uma pergunta casual ou premeditada?, perguntou-se Tom. “Claro”, disse Tom. “Pode descrevê-lo?”

Tom ainda estava em pé. Um leve calafrio percorreu-lhe o corpo. Sorriu. “Eu nunca consigo descrever os meus quadros. Não seria uma surpresa para mim se não houvesse nenhum relógio nele. O senhor sabia, senhor Murchison, que nem sempre crio os títulos de meus quadros? E não consigo entender como é que alguém chegou a *Domingo ao meio-dia* na tela que tem esse nome. (Tom havia dado uma olhada no programa da galeria onde constavam os vinte e oito Derwatts que estavam na mostra, um programa que Jeff ou alguém providencialmente havia colocado aberto sobre a escrivaninha.) “Isso é obra sua, Jeff?”

Jeff riu. “Não, acho que foi de Ed. Gostaria de tomar alguma coisa, senhor Murchison? Posso pegar algo no bar.”

“Não, obrigado, estou bem.” Então o sr. Murchison dirigiu-se para Tom. “É um relógio negro-azulado segurado por... o senhor se lembra?”, ele sorriu como se estivesse formulando uma charada inocente.

“Acho que é uma garotinha... que está encarando o observador. Não é isso?”

“Hum-m. Certo”, disse Murchison. “Mas o senhor não pinta garotinhos, não é?”

Tom riu, aliviado por ter adivinhado corretamente. “Acho que prefiro garotinhas.”

Murchison acendeu um Chesterfield. Tinha olhos castanhos, cabelo ondulado castanho-claro, um maxilar forte com pouca gordura a mais, como no resto do corpo. “Gostaria que o senhor visse o meu quadro. Tenho um motivo. Com licença, é só um minuto. Deixei-o com os casacos.”

Jeff deixou-o sair e então trancou a porta novamente.

Jeff e Tom entreolharam-se. Ed estava em pé encostado em uma estante cheia de livros, em silêncio. Tom sussurrou:

“Falando sério, rapazes, se a maldita tela ficou na chapelaria esse tempo todo, será que nenhum de vocês poderia ter arrancado ela de lá e queimado?”

Ed deu uma risada nervosa.

O sorriso de Jeff pareceu um cacoete, embora ele mantivesse a pose, como se Murchison ainda estivesse na sala.

“Bem, vamos ouvir o que ele tem a dizer”, disse Tom com a voz lenta e confiante de Derwatt. Tentou abrir suas abotoaduras, mas não conseguiu.

Murchison voltou carregando debaixo do braço um quadro embrulhado em papel pardo. Era um Derwatt de tamanho médio, talvez tivesse uns sessenta por noventa centímetros. “Paguei dez mil dólares por este”, disse ele, sorrindo. “O senhor pode achar desleixo de minha parte tê-lo deixado na chapelaria, mas tenho uma tendência a confiar nas pessoas.” Estava desfazendo o embrulho com a ajuda de um pequeno canivete. “O senhor conhece este quadro?”, perguntou a Tom.

Tom sorriu, olhando para o quadro. “Claro que sim.”

“Lembra-se de tê-lo pintado?”

“O quadro é meu”, disse Tom.

“São os roxos que me interessam. O roxo. Este aqui é puro violeta-cobalto... como o senhor pode ver melhor do que eu.” O sr. Murchison sorriu quase que se desculpando por um momento. “O quadro tem pelo menos três anos de idade, porque comprei-o três anos atrás. Mas se não estou enganado, o senhor abandonou o violeta-cobalto em favor de uma mistura de vermelho-cádmio e ultramarino cinco ou seis anos atrás. Não sei precisar a data correta.”

Tom estava em silêncio. No quadro que Murchison tinha, o relógio era negro e roxo. As

pinceladas e a cor pareciam as de *Homem na cadeira* (pintado por Bernard), que estava na sua casa. Tom não sabia muito bem o que Murchison estava querendo dizer em relação à tonalidade de roxo. Uma garotinha com um vestido rosa e verde-maçã estava segurando o relógio, ou melhor, apoiando a mão sobre ele, pois o relógio era grande e estava sobre uma mesa. “Para falar a verdade, esqueci”, disse Tom. “Talvez eu tenha usado violeta-cobalto puro aí.”

“E também no quadro chamado *A banheira*, que está aí na mostra”, disse Murchison, apontando para a galeria. “Mas em nenhum dos outros. Achei isso curioso. Um pintor geralmente não volta para um tom que tenha descartado. A combinação de vermelho-cádmio e ultramarino é muito mais interessante... na minha opinião. Sua mais nova escolha.”

Tom estava despreocupado. Será que deveria ficar mais preocupado? Deu de ombros de leve.

Jeff havia entrado no pequeno banheiro e estava às voltas com copos e cinzeiros sujos.

“Há quantos anos o senhor pintou *O relógio*?”, perguntou Murchison.

“Acho que não me lembro”, disse Tom com franqueza. Havia entendido o que Murchison pretendia, pelo menos em relação ao tempo, e acrescentou: “Deve ter sido há uns quatro ou cinco anos. É um quadro antigo”.

“Não me venderam como antigo. E *A banheira*? Está datado como se fosse do ano passado e tem o mesmo violeta-cobalto puro nele.”

Podia-se dizer que o cobalto para fazer o sombreamento não era dominante em *O relógio*. Murchison tinha um olho de águia. Tom pensou que *As cadeiras vermelhas* — um Derwatt anterior e genuíno — tinha o mesmo tom de cobalto, e se perguntou se havia sido datado. Se ele pudesse dizer que *As cadeiras vermelhas* tinha apenas três anos, e se pudesse de alguma maneira provar isso, Murchison simplesmente podia ir para o inferno. Tenho de verificar isso com Jeff e Ed mais tarde, pensou Tom.

“O senhor definitivamente se lembra de ter pintado *O relógio*?”, perguntou Murchison.

“Sei que é um quadro meu”, disse Tom. “Acho que eu estava na Grécia ou na Irlanda quando o pintei, porque não me lembro das datas, e as datas que a galeria tem nem sempre são aquelas em que pintei.”

“Não acho que *O relógio* seja uma obra sua”, disse Murchison, com a afável convicção de um norte-americano.

“Deus do céu, por que não?”, disse Tom com igual afabilidade.

“Sei que é ousadia me expor dessa maneira. Mas vi alguns de seus trabalhos anteriores em um museu na Filadélfia. Se é que posso dizê-lo, senhor Derwatt, o senhor é tão...”

“Apenas Derwatt. Prefiro.”

“Derwatt. Você é tão produtivo, que acho que poderia se esquecer... ou melhor, não se lembrar de um quadro. É claro que *O relógio* tem o seu estilo e o tema é característico de seus...”

Jeff, assim como Ed, estava ouvindo atentamente, e nessa pausa Jeff disse: “Mas afinal de contas esse quadro veio do México junto com alguns outros. Ele sempre manda dois ou três por vez”.

“Sim. *O relógio* tem uma data no verso. Tem três anos, escrito com a mesma tinta preta da assinatura de Derwatt”, disse Murchison, virando o quadro para que todos pudessem ver. “Mandei analisar a assinatura e a data nos Estados Unidos. Para vocês verem os cuidados que estou tomando com isso”, disse Murchison sorrindo.

“Não sei exatamente qual é o problema”, disse Tom. “Eu o pintei no México, se a data é de três anos atrás, escrita com a minha letra.”

Murchison olhou para Jeff. “Senhor Constant, o senhor disse que recebeu *O relógio* junto com

dois outros, talvez, em determinado carregamento?”

“Sim. Pelo que me lembro agora... acho que os outros dois estão aqui, emprestados por proprietários que moram em Londres... *O celeiro alaranjado* e... você se lembra qual é o outro, Ed?”

“Acho que provavelmente é o *Ave espectral*. Não é?”

Pelo movimento de cabeça de Jeff, Tom podia ver que era verdade, ou então Jeff estava fingindo muito bem.

“Isso mesmo”, disse Jeff.

“Eles não foram feitos com a mesma técnica. Existe roxo neles, mas obtido por mistura de cores. Os dois sobre os quais vocês estão falando são genuínos... de qualquer forma genuinamente novos.”

Murchison estava ligeiramente enganado, eram falsificações também. Tom coçou a barba, mas bem devagar. Mantinha um ar sossegado, de quem estava se divertindo.

Murchison olhou de Jeff para Tom. “Deve achar que estou sendo impertinente, mas se me permite dizer, Derwatt, acho que seus quadros estão sendo falsificados. E digo ainda mais, aposto a minha vida como *O relógio* não foi feito por você.”

“Mas senhor Murchison”, disse Jeff, “é tudo simplesmente uma questão de...”

“De me mostrar um recibo para certo número de quadros em determinado ano? Quadros recebidos do México que talvez estivessem até sem título? E se Derwatt não lhes deu um título?”

“A Galeria Buckmaster é a única autorizada a vender a obra de Derwatt. O senhor comprou esse quadro de nós.”

“Tenho consciência disso”, disse Murchison. “E não estou acusando vocês... ou Derwatt. Só estou dizendo que não acredito que este seja um *Derwatt*. Não sei dizer o que *aconteceu*.”

Murchison olhou para cada um deles, um pouco embaraçado com sua própria impetuosidade, mas ainda enlevado por sua convicção. “Minha teoria é a de que um pintor nunca volta a uma cor simples que já tenha usado, ou a qualquer combinação de cores, depois de ter mudado para uma outra cor tão sutil e ao mesmo tempo tão importante quanto a alfazema nos quadros de Derwatt. Você concorda, Derwatt?”

Tom suspirou e tocou no bigode com o dedo indicador. “Não sei dizer. Aparentemente não sou tão bom teórico quanto você.”

Uma pausa.

“Bem, senhor Murchison, o que quer que façamos em relação a *O relógio*? Quer que devolvamos o dinheiro?”, perguntou Jeff. “Fariamos isso com prazer, porque... Derwatt acabou de validar o quadro, e francamente ele vale mais do que dez mil dólares agora.”

Tom esperava que o sr. Murchison aceitasse, mas ele não era esse tipo de homem.

Murchison não se apressou, pôs as mãos nos bolsos da calça e olhou para Jeff. “Obrigado, mas estou mais interessado em minha teoria... minha opinião, do que no dinheiro. E uma vez que estou em Londres, onde existem especialistas em pintura tão bons quanto em qualquer outro lugar do mundo, talvez até os melhores, pretendo que *O relógio* seja avaliado por um deles e comparado a... alguns Derwatts incontestáveis.”

“Muito bem”, disse Tom amavelmente.

“Muito obrigado por me receber, Derwatt. Foi um prazer conhecê-lo.” Murchison estendeu a mão.

Tom apertou-a com firmeza. “Prazer, senhor Murchison.”

Ed ajudou Murchison a embrulhar seu quadro, dando-lhe mais barbante, pois o dele havia sido

cortado.

“Posso contatá-lo por intermédio da galeria?”, perguntou Murchison a Tom. “Digamos, amanhã?”

“Ah, claro”, disse Tom. “Eles saberão onde estou.”

Quando Murchison saiu da sala, Jeff e Ed suspiraram profundamente.

“Bem... a coisa é muito séria?”, perguntou Tom.

Jeff tinha mais conhecimento sobre quadros. Ele falou primeiro, com dificuldade. “É séria se ele puser um especialista na jogada, acho. E ele vai fazer isso. Talvez ele tenha razão sobre os roxos. Pode-se dizer que é uma pista que poderia levar a coisa pior.”

Tom disse: “Por que não voltamos para o seu estúdio, Jeff? Vocês podem me fazer sair pela porta de trás de novo... como Cinderela?”

“Sim, mas antes quero falar com Leonard.” Jeff sorriu. “Vou arrastá-lo até aqui para conhecer você.” Ele saiu.

O barulho que vinha da galeria havia diminuído agora. Tom olhou para Ed, cujo rosto estava um pouco pálido. *Eu posso desaparecer, mas vocês não*, pensou Tom. Ele endireitou os ombros e ergueu os dedos em V. “Ânimo, Banbury. Vamos sair dessa.”

“Ou eles vão fazer *isso* com a gente”, replicou Ed com um gesto mais vulgar.

Jeff voltou com Leonard, um rapaz magro, vestindo um terno em estilo eduardiano com muitos botões e acabamento de veludo. Leonard começou a gargalhar ao ver Derwatt e levou uma bronca de Jeff.

“Ma-ra-vi-lho-so, maravilhoso!”, disse Leonard olhando para Tom com verdadeira admiração. “É que eu vi tantas fotos! Nunca vi nada tão bom desde que fiz Tolouse-Lautrec com os pés amarrados nas coxas! Isso foi no ano passado.” Leonard fixou os olhos em Tom. “Quem é você?”

“Isso”, disse Jeff, “você não precisa saber. Basta dizer que...”

“Basta dizer”, disse Ed, “que Derwatt acabou de dar uma brilhante entrevista à imprensa.”

“E que amanhã Derwatt já foi embora. Vai voltar ao México”, sussurrou Jeff. “Agora de volta ao trabalho, Leonard.”

“*Ciao*”, disse Tom, erguendo a mão.

“*Hommage*”, disse Leonard, curvando-se. Na porta, virou-se e acrescentou: “A multidão já foi quase toda embora. A bebida também”.

Tom não estava tão animado. Queria muito se livrar daquele disfarce. A situação ainda era um problema não resolvido.

De volta ao estúdio de Jeff, descobriram que Bernard Tufts não estava mais lá. Ed e Jeff pareceram ficar surpresos. E tom sentiu certo desconforto, porque Bernard devia saber o que estava acontecendo.

“Vocês têm um jeito de falar com ele, é claro”, disse Tom.

“Ah, claro”, disse Ed. Ele estava preparando chá na cozinha de Jeff. “Bernard está sempre *chez lui*. Ele tem telefone.”

Tom pensou que nem mesmo o telefone estaria seguro por muito tempo.

“É provável que o senhor Murchison vá querer vê-lo novamente”, disse Jeff. “Com o especialista. Por isso você tem de desaparecer. Você parte para o México amanhã... oficialmente. Talvez até hoje à noite.” Jeff estava bebericando um Pernod. Parecia mais confiante, talvez porque a entrevista com a imprensa, e mesmo aquela feita com Murchison, tinham saído razoavelmente bem, pensou Tom.

“México coisa nenhuma”, disse Ed, entrando com sua xícara de chá. “Derwatt vai estar em

algum lugar da Inglaterra, com amigos, e mesmo nós não saberemos o local. Vamos deixar passar alguns dias. Daí ele vai para o México. De que jeito? Quem sabe?”

Tom retirou o paletó. “As *cadeiras vermelhas* tem uma data?”

“Tem”, disse Jeff. “Seis anos”.

“E isso já foi publicado aqui e ali, imagino?”, disse Tom. “Estava pensando em atualizá-lo... para resolver esse problema dos roxos.”

Ed e Jeff entreolharam-se, e Ed disse rapidamente: “Não, está em muitos catálogos”.

“Há uma saída: fazer Bernard pintar várias telas... duas pelo menos... com o violeta-cobalto puro para provar que ele usa os dois tipos de roxo.” Mas Tom desanimou logo que disse isso, e sabia o porquê. Achava que não podiam mais contar com Bernard. Tom olhou para Jeff e Ed. Eles estavam incertos. Tentou levantar-se, o corpo ereto, sentindo-se confiante em seu disfarce de Derwatt. “Já lhes contei sobre a minha lua-de-mel?”, perguntou, com a voz monótona de Derwatt.

“Não, conte-nos sobre a sua lua-de-mel”, disse Jeff, pronto para rir.

Tom voltou a se encurvar como Derwatt. “Foi uma atmosfera muito... inibidora. Na Espanha. Tínhamos reservado uma suíte do hotel, e lá estava eu com Heloise, e embaixo, no pátio, um papagaio cantava *Carmen*... muito mal. E todas as vezes em que nós... bom, lá vinha o som: ‘Ah-ha-ha-ha-ha-ha-ha-haaaa! Ah-*ha*-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-*baaaaa*!’. As pessoas saíam nas janelas e gritavam em espanhol: ‘Cala esse bico imundo! Quem ensinou esse... traste a cantar *Carmen*? Mata! Faz sopa dele!’. É impossível fazer amor dando risada. Já tentaram? Bom... dizem que o riso é o que distingue os humanos dos animais. Enquanto a outra coisa certamente não. Ed, você pode me tirar estes apêndices?”

Ed estava rindo, e Jeff estava rolando no sofá aliviado da tensão recente — o que Tom sabia ser algo temporário.

“Venha ao banheiro.” Ed abriu a torneira de água quente na pia.

Tom trocou de roupa. Se ele pudesse atrair Murchison para sua casa de alguma forma, antes que Murchison falasse com o especialista sobre quem vinha falando, talvez alguma coisa — Tom não sabia o quê — pudesse ser feita para resolver a situação. “Onde Murchison está hospedado em Londres?”

“Em algum hotel”, respondeu Jeff. “Ele não disse qual.”

“Dá para vocês telefonarem para alguns hotéis e tentarem achá-lo?”

Antes que Jeff chegasse ao telefone, o aparelho tocou. Tom ouviu Jeff dizer a alguém que Derwatt havia tomado um trem para o norte, e que Jeff não sabia para onde ele estava indo. “Ele é um solitário”, disse Jeff. “Outro cavalheiro da imprensa”, disse ele depois de desligar, “tentando uma entrevista pessoal.” Abriu uma lista telefônica. “Vou tentar o Dorchester primeiro. Ele parece o tipo de cara que ficaria no Dorchester.”

“Ou no Westbury”, disse Ed.

Foi preciso aplicar água morna com delicadeza para retirar a gaze da barba. Depois veio o xampu para retirar a tintura do cabelo. Tom finalmente ouviu Jeff dizer em tom animado: “Não, obrigado. Eu ligo mais tarde”.

Então Jeff disse: “É o Mandeville. Fica perto da Wigmore”.

Tom vestiu a camisa cor-de-rosa que comprara em Veneza. Então foi até o telefone e reservou um quarto no Mandeville em nome de Thomas Ripley. Chegaria por volta das oito da noite, mais ou menos, disse ele.

“O que você vai fazer?”, perguntou Ed.

Tom deu um sorrisinho. “Ainda não sei”, respondeu, o que era verdade.

O Hotel Mandeville era bastante sofisticado, mas de maneira alguma tão caro quanto o Dorchester. Tom chegou às oito e quinze e se registrou, dando seu endereço como Villeperce-sur-Seine. Havia pensado em dar um nome falso e algum endereço no interior da Inglaterra, porque poderia se meter em dificuldades consideráveis com o senhor Murchison e precisar desaparecer rapidamente, mas também havia a possibilidade de convidar Murchison para ir até a França, e nesse caso precisaria de seu nome verdadeiro. Tom pediu a um mensageiro que levasse sua mala para o quarto e em seguida deu uma olhada no bar, na esperança de que o sr. Murchison pudesse estar lá. O sr. Murchison não estava lá, mas Tom decidiu tomar uma cerveja e esperar alguns minutos.

Depois de dez minutos em companhia de uma cerveja e do *Evening Standard*, o sr. Murchison não havia aparecido. Tom sabia que os arredores do hotel estavam repletos de restaurantes, mas seria muito difícil abordar Murchison e estabelecer algum contato simplesmente dizendo que ele vira Murchison na mostra de Derwatt naquele dia. Ou talvez — se ele dissesse que vira Murchison entrando no escritório para falar com Derwatt? Sim. Tom estava prestes a sair para explorar os restaurantes da área quando viu o sr. Murchison entrando no bar e fazendo sinal para que alguém o acompanhasse.

E para surpresa de Tom, quase horror, ele viu que a outra pessoa era Bernard Tufts. Tom saiu rapidamente pela porta do outro lado do bar, que dava para a calçada. Bernard não o vira. Tom tinha quase certeza disso. Olhou por ali para ver se encontrava uma cabine telefônica, ou outro hotel de onde telefonar, e como não encontrou nenhum, voltou para o Mandeville pela entrada principal e foi para seu quarto, de número 411.

De lá, Tom ligou para o estúdio de Jeff. O telefone tocou quatro vezes, cinco, e então, para alívio de Tom, Jeff atendeu.

“Oi, Tom! Eu estava saindo com o Ed quando ouvi o telefone tocar. Algum problema?”

“Por acaso você sabe onde Bernard está agora?”

“Ah, nós o deixamos em paz esta noite. Ele está aborrecido.”

“Ele está tomando um drinque com Murchison no bar do Mandeville.”

“O quê?”

“Estou ligando do meu quarto. Agora, seja lá o que for fazer, Jeff... está me ouvindo?”

“Estou... estou.”

“Não conte a Bernard que o vi. Não conte a ele que estou no Mandeville. E não precisa ficar bravo agora. A menos que Bernard esteja entregando o ouro, o que não sei se está acontecendo.”

“Ah, meu Deus”, gemeu Jeff. “Não... não. Bernard não iria entregar o *ouro*. Acho que não faria isso.”

“Vocês vão estar por aí mais tarde?”

“Vamos, é... Bom, antes da meia-noite, com certeza.”

“Vou tentar ligar de novo. Mas não se preocupe se eu não ligar. Não tente ligar para mim porque... talvez eu esteja com alguém no quarto”, disse Tom com uma risada repentina.

Jeff riu, meio sem graça. “Está bem, Tom.”

Tom desligou.

Ele definitivamente queria falar com Murchison naquela noite. Será que Murchison e Bernard iriam jantar? Seria muito chato ter de esperar isso. Tom pendurou um terno e enfiou algumas camisas em uma gaveta. Jogou um pouco de água no rosto e olhou no espelho para se certificar de que toda cola fora tirada.

Por absoluta impaciência saiu do quarto, carregando o sobretudo. Ia dar uma caminhada, talvez até Soho, para encontrar um lugar para jantar. No saguão olhou pelas janelas de vidro do bar do hotel.

Estava com sorte. Murchison estava sentado sozinho, assinando a conta, e a porta que dava para a rua estava acabando de se fechar, talvez até devido à saída de Bernard. Mesmo assim, Tom deu uma olhada no saguão, para o caso de Bernard ter entrado no banheiro e estar voltando. Não viu Bernard e não entrou no bar até que Murchison estivesse se levantando para sair. Tom parecia deprimido e pensativo, e na verdade sentia-se assim. Olhou duas vezes para Murchison, como se estivesse se lembrando dele de algum lugar, e Murchison olhou para ele.

Então Tom aproximou-se e disse: “Com licença, acho que vi o senhor na mostra de Derwatt hoje”. Tom estava falando com sotaque americano, carregando no *r* em Derwatt.

“Ora, é verdade, eu estava lá”, disse Murchison.

“Imaginei que o senhor fosse americano. Eu sou. Gosta de Derwatt?” Tom estava sendo tão ingênuo e sincero quanto possível, sem parecer obtuso.

“Com certeza, gosto sim.”

“Tenho duas telas dele”, disse Tom com orgulho. “Talvez compre uma das que foram exibidas na mostra — se ainda estiver lá. Ainda não decidi. *A banheira.*”

“Ah é? Eu também tenho uma”, disse Murchison com igual franqueza.

“Não diga! Como se chama?”

“Por que não se senta?” Murchison estava em pé, mas indicou a cadeira que estava à sua frente. “Quer tomar alguma coisa?”

“Obrigado, vou aceitar.”

Murchison sentou-se. “Meu quadro chama-se *O relógio*. Que bom encontrar alguém que também possui um Derwatt — ou dois!”

Um garçom apareceu.

“Um uísque para mim, por favor. E você?”

“Gin e tônica”, disse Tom. E acrescentou: “Estou hospedado aqui no Mandeville, então as bebidas são por minha conta”.

“Falaremos disso mais tarde. Conte-me sobre seus quadros.”

“*As cadeiras vermelhas*”, disse Tom, “e...”

“É mesmo! Esse é uma preciosidade! *As cadeiras vermelhas*. Você mora em Londres?”

“Não, na França.”

“Ah”, disse Murchison, desapontado. “E qual é o outro quadro?”

“*Homem na cadeira.*”

“Esse eu não conheço.”

Por alguns minutos discutiram a extravagante personalidade de Derwatt, e Tom disse que havia visto Murchison entrar no escritório da galeria, onde disseram que Derwatt estava.

“Só a imprensa entrou, mas eu consegui furar o esquema”, disse Murchison. “Veja, tenho uma razão muito especial para estar aqui agora, e quando ouvi que Derwatt estaria *aqui* esta tarde na galeria, não pude deixar escapar a oportunidade.”

“É mesmo? E qual é essa razão?”

Murchison explicou. Deu seus motivos para pensar que Derwatt talvez estivesse sendo falsificado, e Tom escutou-o com absoluta atenção. Tudo girava em torno de Derwatt estar usando uma mistura de ultramarino e vermelho-cádmio agora, nos últimos cinco anos, mais ou menos (antes de sua morte, percebeu Tom, de forma que Derwatt começara isso, e não Bernard), e de o artista ter voltado a seu violeta-cobalto puro dos velhos tempos, em quadros como *O relógio* e *A banheira*. Ele contou a Tom que também pintava, como passatempo.

“Veja bem, eu não sou especialista, mas já li quase todos os livros que existem sobre pintores e pintura. Não seria preciso um especialista nem um microscópio para saber a diferença entre uma cor pura e uma combinação de cores, mas o que quero dizer é que você nunca vai encontrar um pintor que volte a uma cor que ele, consciente ou inconscientemente, já descartou. Digo inconscientemente porque quando um pintor escolhe uma nova cor, ou novas cores, essa geralmente é uma decisão tomada por seu inconsciente. Não se trata de Derwatt usar alfazema em todos os seus quadros, não é nada disso. Mas minha conclusão é que o meu *Relógio*, e possivelmente alguns outros quadros, inclusive *A banheira*, no qual você está interessado, não são legítimos Derwatts.”

“Isso é muito interessante. Muito. Porque o meu *Homem na cadeira* mais ou menos corresponde ao que você está dizendo. Acho. E esse quadro tem uns quatro anos. Gostaria muito que você o visse. E o que vai fazer a respeito do seu *Relógio*?”

Murchison acendeu um de seus Chesterfields. “Ainda não terminei a história. Acabei de tomar um drinque com um inglês de nome Bernard Tufts, que também é pintor, e parece que ele suspeita da mesma coisa em relação a Derwatt.”

Tom franziu a testa. “É mesmo? Se alguém está falsificando quadros de Derwatt, isso é muito grave. O que esse sujeito disse?”

“Tenho a impressão de que ele sabe mais do que está dizendo. Duvido que esteja metido nisso. Não é do tipo vigarista e também não dá a impressão de ter muito dinheiro. Mas parece conhecer a cena das artes em Londres. Ele simplesmente me avisou: ‘Não compre mais nenhum Derwatt, senhor Murchison’. O que me diz disso tudo?”

“Hum-hum. Mas o que ele realmente sabe?”

“Como eu disse, não sei. Não consegui tirar nada dele. Mas ele teve o trabalho de me procurar aqui e disse que havia telefonado para oito hotéis antes de me encontrar. Perguntei-lhe como sabia o meu nome, e ele disse: ‘Ah, as notícias correm por aí’. Muito estranho, visto que as pessoas da Galeria Buckmaster são as únicas com quem falei. Não acha? Tenho uma hora marcada com uma pessoa da Tate Gallery amanhã, mas nem ele sabe que o assunto vai ser um quadro de Derwatt.” Murchison bebeu um pouco de uísque e disse: “Quando os quadros começam a vir do México... Sabe o que vou fazer amanhã além de mostrar *O relógio* para o senhor Reimer da Tate Gallery, vou perguntar se eu ou ele temos o direito de ver os recibos ou os livros contábeis da Galeria Buckmaster onde aparecem quadros de Derwatt enviados do México. Não estou tão interessado nos títulos, e o próprio Derwatt me contou que nem sempre dá títulos a eles; o problema é o número de quadros. Com certeza eles passam pela alfândega ou coisa que o valha, e se alguns não têm registro, deve haver um motivo. Não seria surpreendente se o próprio Derwatt estivesse sendo enganado e alguns de seus quadros — bem, os marcados como tendo quatro ou cinco anos, por exemplo — estivessem sendo pintados bem aqui em Londres?”

É, pensou Tom. Surpreendente. “Mas você disse que falou com Derwatt. Falou com ele sobre o seu quadro?”

“Eu o mostrei a ele! Ele disse que era dele, mas, na minha opinião, não estava totalmente certo disso. Ele não disse: ‘Ora, é claro que é meu!’. Olhou para o quadro por alguns minutos e disse: ‘É claro que é meu’. Talvez fosse presunção minha, mas disse a Derwatt que achava que era possível que ele pudesse ter se esquecido de uma ou duas telas, alguma tela sem título que teria feito anos atrás.”

Tom franziu a testa como se duvidasse disso, o que era verdade. Mesmo um pintor que não dava títulos a seus quadros não se esqueceria de um quadro de sua autoria, pensou Tom, no máximo de um esboço, talvez. Mas deixou Murchison continuar falando.

“E, além disso, eu realmente não gosto muito dos sujeitos da Galeria Buckmaster. Jeffrey Constant. E o jornalista Edmund Banbury, que obviamente é amigo íntimo de Constant. Percebi que os dois são amigos antigos de Derwatt. Eu recebo *The Listener* e *Arts Review* e também o *Sunday Times* em Long Island, onde moro. Leio os artigos de Banbury com frequência, geralmente com alguma coisa sobre Derwatt, quando o artigo não é totalmente sobre ele. E sabe o que me ocorreu?”

“O quê?”, perguntou Tom.

“Que... talvez Constant e Banbury estejam aparecendo com algumas falsificações a fim de vender mais quadros de Derwatt do que ele pode produzir. Não chego a pensar que Derwatt esteja metido nisso. Mas não seria uma história engraçada se Derwatt fosse tão desligado que nem sequer se lembrasse de quantos quadros pintou?”, disse Murchison, gargalhando.

Era engraçado, supôs Tom, mas não hilariante. Não tão engraçado quanto a verdade, sr. Murchison. Tom sorriu. “Então vai mostrar seu quadro para o especialista amanhã?”

“Vamos dar uma olhada nele agora!”

Tom tentou pagar a conta, mas Murchison insistiu em assiná-la.

Tom entrou com ele no elevador. Murchison pusera o quadro em um canto do armário, exatamente do jeito que Ed o embrulhara naquela tarde. Tom examinou-o com interesse.

“É um belo quadro”, disse Tom.

“Ah, isso não se pode negar!”

“Sabe?” Tom o pusera em pé sobre uma mesinha e estava olhando para ele do outro lado do quarto com todas as luzes acesas. “Ele tem certa semelhança com o meu *Homem na cadeira*. Por que não vai dar uma olhada no meu quadro? Moro bem perto de Paris. Se você achar que o meu quadro também é uma falsificação, eu o deixo trazê-lo para cá para mostrar ao especialista.”

“Hum”, disse Murchison, pensando. “Pode ser.”

“Se você foi enganado, acho que também fui.” Seria ofensivo oferecer-se para pagar-lhe a passagem, pensou Tom, e ele não o fez. “Moro em uma casa grande, e no momento estou sozinho, a não ser pela governanta.”

“Tudo bem, eu vou”, disse Murchison, que continuava em pé.

“Pretendo ir embora amanhã à tarde.”

“Tudo bem. Posso adiar o encontro na Tate Gallery.”

“Tenho muitos outros quadros. Não que eu seja um colecionador.” Tom sentou-se em uma poltrona. “Gostaria que desse uma olhada neles. Um Soutine. Dois Magrittes.”

“É mesmo?” Os olhos de Murchison começaram a brilhar em devaneio. “A que distância você está de Paris?”

Dez minutos depois, Tom estava em seu próprio quarto, um andar abaixo. Murchison havia proposto que eles jantassem juntos, mas Tom achou melhor dizer que tinha um compromisso às dez em Belgravia, o que lhe deixava com pouco tempo. Murchison confiara a Tom a tarefa de

reservar as passagens no vôo para Paris no dia seguinte à tarde, ida e volta para Murchison. Por telefone, Tom reservou dois lugares no vôo das duas da tarde da quarta-feira para Orly. Tom já tinha sua passagem de volta. Deixou uma mensagem para Murchison na portaria com todas as informações. Em seguida pediu um sanduíche e meia garrafa de Médoc. Cochilou até às onze e pediu uma ligação para Reeves Minot em Hamburgo, que demorou quase meia hora para ser completada.

Reeves não estava, disse uma voz de homem com forte sotaque alemão.

Tom decidiu arriscar, porque estava cheio de Reeves, e disse: “Aqui é Tom Ripley. Reeves deixou alguma mensagem para mim?”.

“Sim. A mensagem é quarta-feira. O conde chega em Milão amanhã. Você pode estar em Milão amanhã?”

“Não, não posso estar em Milão amanhã. *Est tut mir leid.*” Tom não queria, por enquanto, dizer a esse homem, fosse quem fosse, que o conde já recebera um convite para visitá-lo na próxima vez em que fosse à França. Reeves não podia esperar que ele sempre largasse tudo — Tom já fizera isso em duas outras ocasiões — para voar para Hamburgo ou Roma (por mais que gostasse dessas excursões rápidas), fingisse que estava nessas cidades por acaso e convidasse o “hospedeiro”, que era como Tom sempre chamava o portador do objeto valioso, para ir até sua casa em Villeperce. “Acho que não vai haver complicações”, disse Tom. “Pode me dizer o endereço do conde em Milão?”

“Grande Hotel”, disse a voz abruptamente.

“Pode dizer a Reeves que entrarei em contato de novo, talvez amanhã. Onde poderei encontrá-lo?”

“Amanhã de manhã no Grand Hotel em Milão. Ele vai pegar o trem para Milão esta noite. Você sabe, ele não gosta de aviões.”

Tom não sabia disso. Era estranho um homem como Reeves não gostar de aviões. “Eu telefono para ele. E eu não estou em Munique agora. Estou em Paris.”

“Paris?”, disse a voz surpresa. “Sei que Reeves tentou falar com você em Munique no Vierjahreszeiten.”

Que pena. Tom desligou educadamente.

Os ponteiros de seu relógio avançavam para a meia-noite. Tom ficou pensando no que dizer para Jeff Constant. E no que fazer com Bernard. Um discurso de incentivo surgiu-lhe pronto na cabeça, e havia tempo de falar com Bernard antes que partisse no dia seguinte à tarde, mas Tom receava que Bernard pudesse ficar mais aborrecido e negativo se alguém se empenhasse de maneira óbvia para reanimá-lo. Se Bernard dissera a Murchison: “Não compre mais quadros de Derwatt”, soava como se Bernard não fosse mais pintar nenhum quadro de Derwatt, e isso, é claro, seria péssimo para os negócios. Uma possibilidade ainda pior, que talvez Bernard estivesse prestes a pôr em prática, era uma confissão à polícia ou a um ou mais entre os vários compradores de Derwatts falsos.

Qual seria realmente o estado de espírito de Bernard, e o que ele iria fazer?

Tom decidiu que não iria dizer nada a Bernard. Este sabia que fora Tom quem propusera as falsificações. Tom tomou um banho e começou a cantar:

Babbo non vuole

Mamma nemmeno

Come faremo

As paredes do Mandeville davam uma impressão — talvez uma ilusão — de serem à prova de som. Tom não cantava aquela canção havia muito tempo. Ficou contente que ela tivesse voltado à sua memória de repente, porque era uma canção alegre, e Tom a associava à boa sorte.

Vestiu o pijama e telefonou para o estúdio de Jeff.

Jeff atendeu rapidamente. “Alô. E aí?”

“Falei com o senhor M. esta noite e nos demos muito bem. Ele vai para a França comigo amanhã. Portanto isso vai adiar um pouco as coisas.”

“E... você vai tentar convencê-lo, ou qualquer coisa assim. É o que está dizendo?”

“É. Qualquer coisa assim.”

“Você quer que eu vá até aí, Tom? Você provavelmente está cansado demais para aparecer por aqui. Ou não?”

“Não, mas não há necessidade. E você poderia acabar encontrando o senhor M. se aparecesse por aqui, e nós não queremos que isso aconteça.”

“Não.”

“Teve notícias de Bernard?”, perguntou Tom.

“Não.”

“Por favor, diga-lhe...” Tom tentou encontrar as palavras certas. “Diga-lhe que você... não eu... ficou sabendo que o senhor M. vai esperar alguns dias antes de fazer qualquer coisa a respeito do quadro. Minha principal preocupação é que Bernard não exploda e estrague tudo. Você cuida disso?”

“Por que *você* não fala com Bernard?”

“Porque seria um erro”, disse Tom um tanto asperamente. “Algumas pessoas não tinham o mínimo de noção de psicologia!”

“Tom, você foi maravilhoso hoje”, disse Jeff. “Obrigado.”

Tom sorriu, gratificado com o tom extático de Jeff. “Cuide de Bernard. Eu ligo antes de ir embora.”

“Acho que vou ficar no estúdio amanhã de manhã.”

Despediram-se.

Se ele tivesse contado a Jeff sobre a intenção de Murchison de pedir recibos e os registros das pinturas que vieram do México, Jeff teria ficado desesperado, pensou Tom. Precisava avisar Jeff sobre isso na manhã seguinte, iria telefonar-lhe de uma cabine ou de uma agência do correio. Tom tinha consciência de quanto as telefonistas ouviam a conversa. É claro que ele esperava dissuadir Murchison de sua teoria, mas se não conseguisse, seria bom que a Galeria Buckmaster produzisse alguns registros que parecessem verdadeiros.

Na manhã seguinte, com café-da-manhã na cama — um privilégio pelo qual se pagavam alguns xelins a mais na Inglaterra —, Tom ligou para Mme. Annette. Eram apenas oito horas, mas Tom sabia que ela já estaria acordada havia quase uma hora, cantando enquanto se desincumbia de seus afazeres de ligar o aquecimento (uma válvula na cozinha), fazer sua delicada *infusion* (chá), porque café pela manhã lhe dava taquicardia, e arrumar suas plantas nos parapeitos das várias janelas para que tomassem bastante sol. E ela certamente iria adorar receber um *coup de fil* de Londres.

“Alô!... Alô... *alô!*” A telefonista estava furiosa.

“Alô?” O tom era cômico.

“*Alô!*”

Três telefonistas francesas estavam falando ao mesmo tempo, além da telefonista do Mandeville.

Por fim, Mme. Annette atendeu. “O dia está lindo hoje. Muito sol!”, disse ela.

Tom sorriu. Ele realmente estava precisando de uma voz de alento. “Mme. Annette... Sim, estou muito bem, obrigado. E o dente?... Ótimo! Estou telefonando para dizer que vou chegar à tarde por volta das quatro e estou levando um convidado americano.”

“Aah!”, disse Mme. Annette satisfeita.

“Ele vai passar esta noite conosco, talvez duas noites, quem sabe? A senhora pode arrumar o quarto de hóspedes? Com algumas flores? E para o jantar, talvez, *tourneados* com aquele seu *béarnaise* maravilhoso?”

Mme. Annette pareceu delirar de alegria por Tom estar levando um convidado e por ter algo definido para fazer.

Em seguida Tom ligou para o sr. Murchison e combinaram de se encontrar no saguão do hotel para tomarem um táxi juntos para o aeroporto de Heathrow.

Tom saiu, com a intenção de ir até Berkeley Square, onde havia uma loja de artigos masculinos na qual ele comprou um pijama de seda, um pequeno ritual praticado todas as vezes que ia a Londres. Poderia ser sua última oportunidade de dar um passeio de metrô. O metrô fazia parte da atmosfera da vida londrina, e Tom também admirava as pichações nas paredes. O sol estava se esforçando inutilmente para atravessar a névoa úmida, embora não estivesse realmente chovendo. Tom entrou na estação da Bond Street junto com os últimos passageiros do *rush* da manhã. O que Tom admirava nos pichadores de Londres era sua habilidade de escrever coisas dentro de uma escada rolante em movimento. As paredes ao lado das escadas rolantes estavam cheias de cartazes de roupas íntimas, garotas de calcinha e cinta-liga, e as imagens eram enfeitadas com apêndices anatômicos, masculinos e femininos, às vezes com frases como ADORO SER HERMAFRODITA! Como será que faziam aquilo? Correndo na direção contrária ao movimento da escada ao mesmo tempo em que escreviam? FORA IMIGRANTES! estava em todos os lugares, com variações do tipo FORA IMIGRANTES AGORA! No fim da plataforma Tom avistou um cartaz de *Romeu e Julieta* de Zeffirelli, com Romeu nu deitado de costas e Julieta avançando sobre ele com uma proposta chocante saindo de sua boca. A resposta de Romeu, escrita em um balão, era: “Ok, por que não?”.

Às dez e meia Tom já havia comprado o pijama. Escolheu um amarelo. Queria um roxo, pois ainda não tinha um dessa cor, mas depois dos acontecimentos recentes, tudo que era roxo perdera o encanto. Pegou um táxi para Carnaby Street. Comprou uma calça acetinada de boca estreita para si. E para Heloise, uma calça preta de lã. O provador onde Tom experimentou sua calça era tão apertado que ele não conseguia se afastar do espelho para ver se o comprimento estava bom, mas Mme. Annette adorava ajustar roupas para ele e para Heloise. Além disso, dois italianos que não paravam de dizer “*Bellissimo!*” ficavam abrindo as cortinas a todo instante, ansiosos para entrar e experimentar suas próprias roupas. Quando Tom estava pagando, dois gregos chegaram e começaram a discutir em voz alta os preços em dracmas. A loja era tão pequena que só tinha um vendedor, pois certamente não haveria espaço para mais um.

Com suas compras em sacolas de papelão, Tom foi até uma cabine telefônica e ligou para Jeff Constant.

“Falei com Bernard”, disse Jeff, “e ele está absolutamente apavorado com Murchison. Perguntei-lhe o que havia dito a Murchison, porque Bernard me contou que havia conversado com ele. Bernard contou que disse a Murchison que não comprasse mais nenhum... quadro. Isso é bem ruim, não é?”

“É”, disse Tom. “E o que mais?”

“Bom... tentei dizer a Bernard que ele já havia dito tudo que podia ou deveria dizer. É difícil explicar, porque você não conhece Bernard, mas ele sente muita culpa em relação a Derwatt e tudo mais. Tentei convencê-lo de que ele já havia aliviado a consciência quando *disse* aquilo a Murchison, e que tudo poderia ficar nisso mesmo.”

“E o que Bernard disse?”

“Ele está tão abalado que é difícil contar o que disse. A mostra foi um sucesso, e todos os quadros foram vendidos, menos um. Imagine! E Bernard tem sentimento de culpa em relação a isso!” Jeff riu. “*A banheira*. É um dos que Murchison está questionando.”

“Se ele não quer pintar mais, não force.”

“É exatamente isso que eu penso. Você está certo, Tom. Mas acho que daqui a uns quinze dias ele já vai estar recuperado. E pintando. É a tensão da mostra e o fato de tê-lo visto como Derwatt. Para ele, Derwatt tem muito mais importância do que Jesus Cristo para muita gente.”

Tom sabia disso. “Só uma coisinha, Jeff. Murchison talvez queira ver os livros contábeis da galeria atrás dos lançamentos dos quadros que vieram do México. Você tem algum tipo de registro?”

“N-não do México.”

“Consegue falsificar alguma coisa? Só para o caso de eu não conseguir convencê-lo a esquecer a coisa toda?”

“Vou tentar, Tom.” Jeff parecia um pouco abalado.

Tom estava impaciente. “Falsifique alguma coisa. Dê a aparência de documento antigo. Independentemente do senhor M., não seria uma boa idéia ter uns livros para comprovar...?” Tom parou de falar. Algumas pessoas não sabiam como conduzir um negócio, nem mesmo um negócio bem-sucedido como a Derwatt Ltd.

“Tudo bem, Tom.”

Tom desviou-se de seu caminho para passar por Burlington Arcade, onde parou em uma joalheria e comprou um broche de ouro — um macaquinho agachado — para Heloise, pelo qual pagou com cheques de viagem americanos. O aniversário de Heloise era no mês seguinte. Depois voltou a pé para o hotel, pela Oxford Street, que, como de costume, estava cheia de pessoas

fazendo compras, mulheres com pacotes e caixas enormes, crianças no colo. Um homem-sanduíche anunciava um estúdio que tirava fotos para passaporte, serviço rápido e barato. O sujeito usava um sobretudo surrado, um chapéu velho e um sórdido toco de cigarro apagado pendurado entre os lábios. Tire um passaporte para o seu cruzeiro às ilhas gregas, pensou Tom, mas esse sujeito nunca iria a lugar algum. Tom tirou o toco de cigarro e colocou um Gauloise entre os lábios do homem.

“Um cigarro para você”, disse Tom. “Tenho fogo também.” Tom acendeu-o rapidamente com fósforos.

O homem grunhiu um agradecimento.

Tom enfiou o maço de Gauloise e os fósforos no bolso rasgado do sobretudo e foi embora, a cabeça baixa, esperando que ninguém o tivesse visto.

De seu quarto, ele ligou para Murchison, e os dois se encontraram no saguão com a bagagem.

“Fiz umas compras para minha mulher esta manhã”, disse Murchison no táxi. Parecia estar de bom humor.

“É mesmo? Eu também. Uma calça da Carnaby Street.”

“Para Harriet, tem de ser suéteres da Marks and Spencer. E cachecóis Liberty. Às vezes, novelos de lã. Ela tricota e gosta de pensar que a lã veio da velha Inglaterra, sabe?”

“Cancelou o compromisso de hoje?”

“Cancelei. Mudei para a sexta-feira pela manhã. Na casa do sujeito.”

No aeroporto eles almoçaram muito bem e tomaram uma garrafa de vinho. Murchison insistiu em pagar. Durante o almoço, contou a Tom sobre seu filho, que era inventor e trabalhava em um laboratório na Califórnia. O filho e a nora tinham acabado de ter a primeira filha. Murchison mostrou a Tom uma fotografia dela, e riu de si mesmo por ser um avô coruja, mas era sua primeira neta, batizada de Karin em homenagem à avó materna. Em resposta às perguntas de Murchison, Tom contou-lhe que escolhera morar na França porque se casara com uma francesa havia três anos. Murchison não foi indelicado a ponto de perguntar a Tom como ele ganhava a vida, mas perguntou o que fazia.

“Leio livros de história”, disse Tom de maneira casual. “Estudo alemão. Sem dizer que meu francês ainda precisa melhorar. E jardinagem. Tenho um jardim bem grande em Villeperce. Também pinto”, acrescentou, “só por diversão.”

Chegaram a Orly por volta das três da tarde, e Tom foi com o microônibus do aeroporto até o estacionamento pegar o carro, para depois apanhar Murchison com as malas perto do ponto de táxi. O sol estava brilhando, e não estava tão frio quanto na Inglaterra. Tom dirigiu até Fontainebleau e passou pelo castelo para que Murchison pudesse vê-lo. Murchison contou que a última vez em que o vira fora quinze anos antes. Chegaram a Villeperce por volta das quatro e meia.

“Ali é onde fazemos as compras”, disse Tom, indicando uma mercearia à sua esquerda na rua principal.

“Muito bonitinha. Autêntica”, disse Murchison. E quando chegaram à casa de Tom: “Puxa, que magnífica! Muito bonita mesmo!”

“Precisa vê-la no verão”, disse Tom com modéstia.

Mme. Annette, ao ouvir o carro, saiu para recebê-los e ajudar com a bagagem, mas Murchison não podia admitir que uma mulher carregasse coisas pesadas, e deu-lhe apenas uma maleta com cigarros e bebidas.

“Está tudo bem, Mme. Annette?”, perguntou Tom.

“Tudo. Até o encanador veio consertar o banheiro.”

Tom lembrou-se de um vazamento em um dos banheiros.

Tom e Annette levaram Murchison ao quarto de hóspedes que tinha um banheiro ao lado. Na verdade, era o banheiro de Heloise, e o quarto dela ficava do outro lado do banheiro. Tom explicou que sua esposa estava na Grécia, com alguns amigos. Deixou Murchison à vontade para desfazer a mala e se lavar, dizendo que estaria na sala de estar. Murchison já estava olhando com interesse para algumas gravuras nas paredes.

Tom desceu e pediu a Mme. Annette que preparasse chá. Presenteou-a com um frasco de água de colônia inglesa, “Lake Mist”, que tinha comprado no aeroporto.

“Oh, M. Tome, *comme vous êtes gentil!*”

Tom sorriu. Mme. Annette sempre o fazia sentir-se grato pela gratidão dela. “Teremos *tournedos* hoje à noite?”

“Ah, *oui!* E para sobremesa, *mousse au chocolat.*”

Tom foi para a sala. Havia flores, e Mme. Annette havia ligado o aquecedor. A casa tinha uma lareira, e Tom adorava lareiras, mas sentia que tinha de ficar olhando para elas o tempo todo, ou gostava tanto de olhar para elas que não conseguia se afastar, então decidiu não acender a lareira. Olhou para *Homem na cadeira*, que estava sobre a lareira, e bateu os calcanhares de satisfação — satisfação por sua informalidade, por sua excelência. Bernard era bom. Ele simplesmente cometera alguns erros de periodização. Dane-se a periodização. É lógico que *As cadeiras vermelhas*, um Derwatt genuíno, deveria ocupar o lugar de honra na sala, em cima da lareira. Era típico dele colocar a falsificação no melhor lugar, pensou. Heloise não sabia que *Homem na cadeira* era falso, e, na verdade, nada sabia sobre as falsificações de Derwatt. O interesse dela por pintura era casual. As paixões dela eram viajar, experimentar comidas exóticas e comprar roupas. O conteúdo dos dois armários que havia em seu quarto parecia um museu de trajes internacionais, sem os manequins. Havia coletes da Tunísia, jaquetas sem mangas franjadas do México, calças largas de soldado grego, com as quais ela ficava encantadora, e casacos bordados da China que conseguira comprar em Londres.

De repente Tom lembrou-se do conde Bertolozzi e foi para o quarto telefonar. Ele não queria que Murchison ouvisse o nome do conde, mas, por outro lado, Tom não ia lhe fazer nenhum mal, e talvez fosse bom manter o clima de franqueza entre Murchison e ele. Tom pediu informações sobre telefones em Milão, conseguiu o número e passou-o à telefonista francesa. Ela lhe disse que demoraria meia hora para completar a ligação.

O sr. Murchison desceu. Trocara de roupa e agora estava com calça de flanela cinza e uma jaqueta verde e preta de tweed. “A vida no campo!”, disse ele, sorrindo. “Ah!” Seus olhos haviam encontrado *As cadeiras vermelhas* de frente para ele, do outro lado da sala, e ele se aproximou para olhá-lo mais de perto. “É uma obra-prima. Esse é verdadeiro!”

Sem dúvida, pensou Tom, e um arrepio de orgulho percorreu-lhe o corpo, fazendo-o sentir-se um pouco tolo. “É, eu gosto dele.”

“Acho que já tinha ouvido falar nele. Lembro-me do título de algum lugar. Parabéns, Tom.”

“E aqui está o meu *Homem na cadeira*”, disse Tom, indicando a lareira.

“Ah”, disse Murchison com um tom de voz diferente. Chegou mais perto do quadro, e Tom notou que a figura alta e inflexível ficou tensa e concentrada. “Quantos anos tem?”

“Uns quatro anos”, disse Tom, falando a verdade.

“Desculpe a pergunta: quanto pagou por ele?”

“Quatro mil libras. Antes da desvalorização. Uns onze mil e duzentos dólares”, disse Tom, calculando a cotação da libra a dois e oitenta.

“Estou muito contente por ver esse quadro”, disse Murchison, balançando a cabeça. “Está vendo, o mesmo roxo aparece novamente. Muito pouco aqui, mas olhe bem.” Ele apontou para a parte de baixo da cadeira. Devido à altura do quadro e à largura da lareira, o dedo de Murchison estava afastado da tela, mas Tom sabia o que ele estava apontando. “Violeta-cobalto puro.” Murchison atravessou a sala e olhou de novo para *As cadeiras vermelhas*, examinando-o a uma distância de uns vinte centímetros. “E este aqui é um dos antigos. Violeta-cobalto puro também.”

“Você realmente acha que *Homem na cadeira* é uma falsificação?”

“Acho. Da mesma forma que o meu *Relógio*. A qualidade é diferente. Inferior a *As cadeiras vermelhas*. Qualidade é algo que não se pode medir com auxílio de um microscópio. Mas consigo percebê-la aqui. *E...* tenho absoluta certeza de que existe violeta-cobalto puro aqui.”

“Então”, disse Tom sem alterar a voz, “talvez isso signifique que Derwatt esteja usando o violeta-cobalto puro e a mistura que você mencionou... de maneira alternada.”

Murchison, franzindo a testa, balançou a cabeça em negativa. “Não acho que seja isso.”

Mme. Annette estava entrando, trazendo o chá em um carrinho. Uma das rodas rangia levemente. “*Voilà le thé*, M. Tome.”

Ela havia assado biscoitos que cheiravam a baunilha. Tom serviu o chá.

Murchison sentou-se no sofá. Ele nem deve ter visto Mme. Annette vir e voltar. Olhava fixamente para *Homem na cadeira* como se estivesse confuso ou fascinado. Então piscou para Tom, sorriu, e seu rosto voltou a se alegrar. “Acho que você não acredita em mim. É um direito seu.”

“Não sei o que dizer. Não vejo a diferença de qualidade. Talvez eu seja obtuso. Se, como disse, você vai levar seu quadro para o especialista, acatarei o que ele disser. E a propósito, *Homem na cadeira* é o quadro que você pode levar para Londres, se quiser.”

“Com certeza quero. Posso lhe dar um recibo e pagar o seguro”, disse Murchison.

“Não se preocupe, ele já está no seguro.”

Depois de duas xícaras de chá, Murchison perguntou sobre Heloise e o que ela estava fazendo. Tinham filhos? Não. Heloise tinha vinte e cinco anos. Não, Tom não achava que as francesas eram mais difíceis do que as outras mulheres, mas tinham uma idéia definida sobre o respeito com o qual deveriam ser tratadas. Esse assunto não foi muito adiante, porque toda mulher queria ser tratada com certo respeito, e embora Tom conhecesse bem o tipo de mulher que era Heloise, não conseguiu expressar isso com palavras.

O telefone tocou, e Tom disse: “Com licença, vou atender no meu quarto”. Subiu as escadas correndo. Afinal, Murchison pensaria que era Heloise, e que ele queria falar com ela em particular.

“Alô?”, disse Tom. “Eduardo! Como vai? Que sorte encontrará-lo... Consegui o número pela telefonista de informações. Um amigo comum em Paris me telefonou hoje e me disse que você estava em Milão... Então, pode vir me visitar? Afinal, você prometeu.”

O conde, um boa-vida sempre disposto a arrumar alguma distração de seus negócios (exportação e importação), mostrou uma leve hesitação em mudar seus planos em Paris, e depois concordou com entusiasmo. “Mas não hoje. Amanhã, está bem para você?”

Era um pouco cedo para Tom, que não tinha muita certeza sobre o tipo de problemas que Murchison poderia causar. “Certo, até mesmo sexta seria...”

“*Quinta-feira*”, disse o conde, com firmeza, sem entender a indireta.

“Está bem. Vou buscá-lo no aeroporto. A que horas?”

“Meu vôo é o das... só um minuto.” O conde levou um certo tempo procurando a informação, voltou para o telefone e disse: “A chegada está marcada para as cinco e quinze. Vôo três-zero-seis da Alitália”.

Tom anotou o número. “Estarei lá! Que bom que pode vir, Eduardo!”

Então Tom voltou para a sala. Agora ele e Murchison estavam se tratando por Tom, embora Murchison tivesse dito que sua esposa o chamava de Tommy. Ele era engenheiro hidráulico de uma companhia de oleodutos com sede em Nova York. Murchison era um dos diretores.

Deram um passeio pelo jardim de Tom, que se misturava com um bosque virgem. Tom gostava de Murchison. É claro que conseguiria persuadi-lo, fazê-lo mudar de idéia. O que seria *preciso*?

Durante o jantar, enquanto Murchison falava sobre alguma coisa nova em sua área, transporte por meio de tubos de qualquer produto, em embalagens do tamanho de uma lata de sopa, Tom tentava decidir se deveria pedir a Jeff e Ed que conseguissem papéis timbrados de alguma companhia mexicana de transporte marítimo nos quais eles pudessem registrar os quadros de Derwatt e com que rapidez isso poderia ser feito. Ed era o jornalista, será que não conseguiria arranjar isso, e mandar Leonard, o gerente da galeria, e Jeff andarem sobre esses papéis para fazê-los parecer mais antigos, com uns cinco ou seis anos de idade? O jantar estava excelente, e Murchison elogiou Mme. Annette, em um francês passável, pela *mousse* e até mesmo pelo queijo.

“Tomaremos café na sala”, disse Tom a ela. “Pode nos trazer o licor?”

Mme. Annette havia acendido a lareira. Tom e Murchison acomodaram-se no sofá amarelo.

“É engraçado”, disse Tom. “Eu gosto de *Homem na cadeira* tanto quanto gosto de *As cadeiras vermelhas*. Mesmo que seja falso. É engraçado, não?” Tom ainda estava falando com sotaque carregado. “Pode ver que eu o coloquei no melhor lugar da casa.”

“Ora, você não sabia que era uma falsificação!” Murchison riu um pouco. “Seria muito interessante... muito mesmo... saber quem é o falsificador.”

Tom esticou as pernas e deu uma baforada no charuto. “Seria muito engraçado mesmo”, disse ele, jogando sua última e melhor carta, “se um falsificador estivesse fazendo todos os quadros que a Galeria Buckmaster tem agora, todos aqueles que vimos ontem. Em outras palavras, alguém tão bom quanto Derwatt.”

Murchison sorriu. “Então o que Derwatt está fazendo? Sentado e aproveitando o sucesso? Isso é ridículo. Derwatt é como eu pensei que fosse. Desligado e meio antiquado.”

“Você já pensou em colecionar falsificações? Conheço um homem na Itália que as coleciona. Começou como passatempo, e agora ele as vende para outros colecionadores por preços bem altos.”

“Ah, eu já ouvi falar disso. É. Mas eu gosto de saber que estou comprando uma falsificação quando compro uma.”

Tom sentiu que estava em uma trilha estreita e desagradável. Tentou novamente. “Gosto de imaginar coisas absurdas assim. De certa forma, por que perturbar um falsificador que está fazendo um trabalho tão bom? Eu não pretendo me desfazer do meu *Homem na cadeira*.”

Murchison talvez não tivesse ouvido as observações de Tom. “E vou lhe dizer outra coisa”, disse Murchison, ainda olhando para o quadro sobre o qual Tom estava falando, “não é apenas a alfazema, é a alma do quadro. Eu não saberia me expressar desse jeito se não estivesse tão envolvido por sua boa comida e bebida.”

Tinham acabado com uma garrafa de Margaux, a melhor da adega de Tom.

“Você acha que as pessoas da Galeria Buckmaster podem ser vigaristas?”, perguntou

Murchison. “*Só podem* ser. Por que estariam agüentando um falsificador? Enfiando falsificações no meio dos quadros verdadeiros?”

Murchison achava que os outros quadros novos de Derwatt, todos que estavam na mostra, eram genuínos, menos *A banheira*, Tom percebeu. “Isso se forem realmente falsos — o seu *Relógio* e os outros. Acho que ainda não estou convencido.”

Murchison sorriu, bem-humorado. “Isso é porque você gosta do seu *Homem na cadeira*. Se o seu quadro tem quatro anos e o meu tem pelo menos três, essas falsificações já estão acontecendo há um bom tempo. Talvez haja mais em Londres, outros que não foram emprestados para a mostra. Para ser franco, é de Derwatt que desconfio. Suspeito que ele esteja de conchavo com o pessoal da Buckmaster para ganhar mais dinheiro. Outra coisa: não têm aparecido gravuras de Derwatt há anos. Isso é estranho.”

“É mesmo?”, perguntou Tom, com uma surpresa fingida. Ele sabia disso e sabia aonde Murchison queria chegar.

“As gravuras revelam a personalidade de um artista”, disse Murchison. “Percebi isso sozinho, e depois li em algum lugar — apenas para corroborar o que eu pensava.” Ele riu. “Só porque fabrico oleodutos, as pessoas não dão crédito para minha sensibilidade! Mas uma gravura é como uma assinatura de um pintor, e uma assinatura bem complicada. Acho que se pode dizer que alguém consegue falsificar uma assinatura ou um quadro com mais facilidade do que se pode falsificar uma gravura.”

“Nunca pensei nisso”, disse Tom, apagando o charuto no cinzeiro. “É sábado que você vai falar com o homem da Tate Gallery?”

“É. Eles têm alguns Derwatts antigos, como você deve saber. Então vou falar com o pessoal da Buckmaster sem avisá-los... se Riemer confirmar minhas idéias.”

A mente de Tom começou a dar saltos dolorosos. Sábado era dali a dois dias. Riemer talvez quisesse comparar *O relógio* e *Homem na cadeira* com os Derwatts que havia na Tate Gallery e com os da mostra atual. Será que as pinturas de Bernard Tufts resistiriam a isso? E se não conseguissem? Serviu mais licor para Murchison e um pouco para si próprio, embora não quisesse mais. Dobrou as mãos sobre o peito. “Sabe, eu acho que não vou processar ninguém — ou seja lá o que se faz numa situação dessas — caso estejam ocorrendo falsificações.”

“Ah! Eu sou um pouco mais ortodoxo. Antiquado, talvez. É o meu jeito de ser. E se Derwatt estiver realmente metido nisso tudo?”

“Ouvi dizer que ele está mais para santo.”

“É a lenda. Talvez ele fosse mais santo quando era mais jovem e mais pobre. Ele vive recluso. Seus amigos em Londres o colocaram no mapa, isso é evidente. Muita coisa pode acontecer com um sujeito pobre que de repente vira rico.”

Tom não foi adiante. Murchison queria dormir cedo porque estava cansado.

“Amanhã de manhã vou cuidar do meu vôo. Eu devia já ter feito a reserva em Londres. Foi estupidez minha.”

“Ah, mas não vai viajar de manhã, espero”, disse Tom.

“Vou fazer a reserva de manhã. Viajo à tarde, se não houver problema para você.”

Tom levou seu hóspede até o quarto e certificou-se de que ele tinha tudo de que precisava.

Passou-lhe pela cabeça a idéia de ligar para Jeff ou Ed. Mas que notícias ele tinha a dar, a não ser que não estava conseguindo convencer Murchison a não visitar o especialista na Tate? Além disso, Tom não queria que o número de telefone de Jeff aparecesse muito em sua conta.

Tom começou a manhã com um otimismo decidido. Vestiu roupas confortáveis — depois de tomar na cama o delicioso café de Mme. Annette, uma xícara de café puro para acordá-lo — e desceu para ver se Murchison já havia se levantado. Eram quinze para as nove.

“*Le m’sieur* está tomando café em seu quarto”, disse Mme. Annette.

Enquanto Mme. Annette arrumava seu quarto, Tom fez a barba em seu banheiro. “Acho que o senhor Murchison vai embora esta tarde”, disse Tom em resposta à pergunta de Mme. Annette sobre o cardápio do jantar daquela noite. “Mas hoje é quinta. A senhora acha que conseguiria um par de filés de linguado para o almoço?” Um caminhão de peixe vinha até o vilarejo duas vezes por semana. Não havia peixaria na cidade porque Villeperce era muito pequena.

Mme. Annette ficou inspirada pela sugestão. “As uvas estavam maravilhosas na frutaria”, disse ela. “O senhor não acredita que...”

“Compre um pouco.” Tom mal escutava o que ela estava dizendo.

Às onze horas Tom e Murchison estavam caminhando no bosque perto da propriedade de Tom. O estado de espírito de Tom estava estranho. Em um rompante de sinceridade, honestidade, ou seja lá como se poderia chamar aquilo, Tom havia mostrado a Murchison seus próprios esforços artísticos, que ficavam no quarto onde ele pintava. Tom pintava principalmente paisagens e retratos. Estava sempre querendo simplificar, mantendo o exemplo de Matisse, mas com pouco sucesso. Um retrato de Heloise, possivelmente o décimo segundo que Tom havia feito, não estava ruim, e Murchison elogiou-o. *Meu Deus*, pensou Tom, *eu lhe abriria meu coração, mostraria os poemas que escrevi para Heloise, tiraria as roupas e apresentaria a dança da espada se ele pudesse... ver as coisas do meu jeito!* Mas era tudo inútil.

O avião de Murchison para Londres era às quatro horas. Havia tempo para um almoço decente aqui, visto que Orly estava a uma hora de distância de carro em condições normais. Enquanto Murchison trocava de sapatos para a breve caminhada que fariam, Tom havia embrulhado *Homem na cadeira* com três camadas de papelão, que foram amarradas, depois papel pardo e mais barbante. Murchison disse a Tom que levaria o quadro consigo no avião. Disse também que havia reservado um quarto no Mandeville para aquela noite.

“Mas lembre-se, eu não vou processar ninguém”, disse Tom, “por *Homem na cadeira*.”

“Isso não significa que você vai negar que é uma falsificação”, disse Murchison com um sorriso. “Você não vai insistir que é genuíno, vai?”

“Não”, disse Tom. “*Touché*. Vou acatar o que os especialistas disserem.”

Tom sentiu que o bosque não era lugar para uma conversa que tinha de chegar a uma definição. Ou seria melhor que tudo ficasse mesmo obscuro e indefinido? De qualquer forma ele não estava contente por estar conversando com Murchison no bosque.

Tom pediu a Mme. Annette que preparasse o almoço mais cedo, devido à partida do sr. Murchison, e eles começaram a comer às quinze para a uma.

Tom estava determinado a manter a conversa no mesmo assunto, porque não queria perder completamente as esperanças. Mencionou Van Meegeren, cuja carreira Murchison conhecia. As falsificações de Vermeer feitas por Van Meegeren haviam finalmente alcançado algum valor. Van

Meegeren talvez tivesse começado a fazê-las por fanfarronice, mas esteticamente não havia dúvida de que as invenções de “novos” Vermeers por Van Meegeren haviam dado prazer às pessoas que os haviam comprado.

“Não consigo entender sua absoluta falta de conexão com a *verdade* das coisas”, disse Murchison. “O estilo de um artista é sua verdade, sua honestidade. Será que outro homem tem o direito de copiá-lo, da mesma maneira que um homem copia a assinatura de outro? E pelo mesmo propósito, o de se valer de sua reputação, de sua conta bancária? Uma reputação já construída com o talento de um homem?”

Os dois estavam comendo os últimos pedaços de linguado na manteiga com o que havia restado das batatas. O linguado estivera soberbo, e o vinho branco também. Era o tipo de almoço que, em quaisquer outras circunstâncias, teria propiciado satisfação, até mesmo felicidade, teria inspirado amantes a irem para a cama — talvez depois do café — fazer amor e depois dormir. A beleza daquele almoço estava estragada para Tom.

“Falo por mim mesmo”, disse Tom. “É o que geralmente faço. Não pretendo influenciá-lo. Tenho certeza de que não conseguiria. Mas você tem minha permissão para dizer ao... como é mesmo o nome?... senhor Constant, sim, que estou muito feliz com a minha falsificação e que pretendo ficar com ela.”

“Darei o recado. Mas você não pensa no futuro? Se existe alguém que continua a fazer isso...” A sobremesa foi suflê de limão. Tom continuava a batalha. Estava convencido. Por que não conseguia colocar em palavras, palavras boas o bastante para convencer Murchison? *Murchison não era artístico*. Caso contrário ele não estaria falando essas coisas. Murchison não apreciava Bernard. Que diabo Murchison estava fazendo, atrás de verdade e de assinaturas, possivelmente da polícia, comparado ao que Bernard estava fazendo em seu estúdio, que era inegavelmente a obra de um excelente pintor? Como é que Van Meegeren havia dito? (Ou será que fora Tom que escrevera isso em suas anotações?) “Um artista faz coisas naturalmente, sem esforço. Algum poder guia sua mão. Um falsificador se esforça, e se é bem-sucedido, é uma verdadeira façanha.” Tom percebeu que estava citando a si próprio. Maldito Murchison, metido a sabe-tudo! Pelo menos Bernard era um homem de talento, de muito mais talento do que Murchison com seus canos e oleodutos, suas embalagens transportáveis, uma idéia que, de qualquer forma, viera de um jovem engenheiro no Canadá, dissera Murchison.

Tomaram café. Nenhum quis conhaque, embora a garrafa estivesse próxima.

O rosto de Thomas Murchison, carnudo e um tanto rosado, era inexpressivo como pedra para Tom. Os olhos dele eram brilhantes, muito inteligentes, e estavam contra ele.

Era uma e trinta. Iam partir para Orly em mais ou menos meia hora. Tom se perguntou se deveria voltar para Londres logo depois que o conde partisse. Mas o que ele conseguiria em Londres? Maldito conde, pensou Tom. A Derwatt Ltd. era mais importante do que qualquer porcaria que o conde estivesse carregando. Tom se deu conta de que Reeves não havia lhe dito onde procurar na bagagem do conde. Achava que Reeves iria telefonar-lhe naquela noite. Tom sentia-se arrasado, e simplesmente teve de sair da cadeira onde estivera agoniado nos últimos dez minutos.

“Quero que leve uma garrafa de vinho de minha adega”, disse Tom. “Vamos lá dar uma olhada?”

O sorriso de Murchison aumentou. “Que idéia fantástica! Obrigado, Tom.”

Podia-se chegar à adega pelo lado de fora da casa, descendo-se uns degraus de pedra que davam em uma porta verde, ou por uma porta que havia em um lavabo perto do pequeno

corredor onde os convidados penduravam seus casacos. Tom e Heloise haviam mandado colocar a porta interna para evitar sair quando o tempo estivesse ruim.

“Vou levar o vinho para os Estados Unidos comigo. Seria um desperdício tomá-lo sozinho em Londres”, disse Murchison.

Tom acendeu a luz. A adega era grande, cinzenta e fria como uma geladeira, ou pelo menos assim parecia em comparação com a casa com aquecimento central. Havia cinco ou seis barris grandes montados em suportes, nem todos cheios, e muitas prateleiras com garrafas de vinho nas paredes. Em um canto havia um grande tanque de combustível para o aquecedor e outro para a água quente.

“Aqui estão os *claretes*”, disse Tom, indicando uma parede cheia de prateleiras, com mais da metade delas cheias de garrafas empoeiradas.

Murchison deu um assobio de admiração.

Se alguma coisa tem de ser feita, pensou Tom, terá de ser feita aqui embaixo. No entanto ele não havia planejado nada. Continue, disse para si mesmo, mas tudo que conseguia era andar lentamente, examinando suas garrafas, tocando um ou dois gargalos embrulhados em papel-alumínio vermelho. Tirou uma delas. “Margaux. Você gostou desse.”

“Excelente”, disse Murchison. “Muito obrigado, Tom. Contarei aos meus amigos sobre a adega de onde ele veio.” Murchison segurou a garrafa com reverência.

Tom insistiu: “Não existe a possibilidade de você mudar de idéia, só por espírito esportivo, quanto a falar com o especialista em Londres sobre as falsificações?”

Murchison riu um pouco. “Tom, não posso. Espírito esportivo! Não consigo de maneira alguma entender por que você quer protegê-los, a menos que...”

Murchison pensou em algo, e Tom sabia o que era, que Tom Ripley estava metido naquilo, tirando algum benefício ou lucro da coisa toda. “Sim, eu tenho interesse nisso”, disse Tom rapidamente. “Entenda, eu conheço o jovem que falou com você no hotel no outro dia. Sei tudo sobre ele. Ele é o falsificador.”

“O *quê?* Aquele... aquele...”

“É, aquele sujeito nervoso. Bernard. Ele conhecia Derwatt. Tudo começou de uma forma bastante idealista, sabe...”

“Você quer dizer que Derwatt *sabe* de tudo?”

“Derwatt está morto. Arrumaram alguém para se passar por ele.” Tom começou a falar sem medir as palavras, sentindo que não tinha mais nada a perder, e talvez alguma coisa a ganhar. Murchison tinha sua vida a ganhar, mas Tom não podia expressar isso em palavras, não em termos simples, não ainda.

“Então Derwatt está morto... há quanto tempo?”

“Cinco ou seis anos. Ele realmente morreu na Grécia.”

“Então todos os quadros...”

“Bernard Tufts. Você viu o tipo de pessoa que ele é. Ele se suicidaria se viesse a público que estava falsificando as pinturas de seu falecido amigo. Ele lhe disse para não comprar mais nenhum quadro. Isso não é o bastante? Veja bem, a galeria pediu a Bernard que pintasse alguns quadros no estilo de Derwatt...” Tom se deu conta de que era *ele* que havia sugerido aquilo, mas não importava. Percebeu também que estava argumentando inutilmente, não só porque Murchison era inflexível, mas porque havia uma divisão no raciocínio de Tom, uma divisão que ele conhecia muito bem. Ele via o certo e o errado. No entanto, os dois lados dele eram igualmente sinceros: salvar Bernard, salvar as falsificações, salvar até mesmo Derwatt, era a favor disso que Tom estava

argumentando. Murchison nunca entenderia. “Bernard quer sair disso, eu sei. Não acho que você queira arriscar o suicídio de um homem por vergonha só para provar uma teoria, não é?”

“Ele devia ter pensado em vergonha antes de começar!” Murchison olhou para as mãos de Tom, para o rosto e de novo para as mãos. “Era *você* fazendo se passar por Derwatt? É, eu reparei nas mãos de Derwatt.” Murchison sorriu com amargura. “E as pessoas acham que não reparo nas pequenas coisas!”

“Você é muito observador”, disse Tom rapidamente. Sentiu-se com raiva de repente.

“Meu Deus. Eu podia ter dito isso ontem. Pensei nisso ontem. Suas mãos. Não dá para colocar barba nelas, não é?”

Tom disse: “Deixe-os em paz, está bem? Eles não estão fazendo tanto mal assim. Os quadros de Bernard são bons, você não pode negar isso”.

“Não pense que vou ficar de boca fechada! Não! Nem que você ou qualquer pessoa me ofereça um monte de dinheiro para ficar de boca fechada!” O rosto de Murchison estava mais corado, e ele tremia de raiva. Colocou a garrafa de vinho no chão com força, mas ela não se quebrou.

A rejeição de seu vinho era um ligeiro insulto, pelo menos Tom sentiu assim, algo pequeno, mas ainda um insulto e aborrecimento. Tom pegou a garrafa quase que de imediato e vibrou-a na direção de Murchison, acertando-o do lado da cabeça. Dessa vez a garrafa quebrou, o vinho se esparramou e a base da garrafa caiu no chão. Murchison cambaleou para trás, na direção das prateleiras, balançando todas, mas nenhuma caiu. Só o próprio Murchison caiu, batendo em algumas garrafas sem quebrá-las. Tom agarrou a primeira coisa à mão — um balde para carvão que estava vazio — e bateu com ele na cabeça de Murchison. E repetiu o golpe. A base do balde era bastante pesada. Murchison estava sangrando, deitado de lado, o corpo torcido, sobre o chão de pedra. Não se mexia.

O que fazer com o sangue? Tom olhou em todos os lugares à procura de um pano velho, ou mesmo um jornal. Foi até o tanque de combustível. No chão, embaixo do tanque, havia um pano grande, endurecido pela idade e pela sujeira. Voltou e começou a esfregar o chão, mas desistiu da tarefa ao ver que era inútil. Olhou à sua volta novamente. Colocar o corpo em um barril, pensou. Agarrou Murchison pelos tornozelos, mas deixou-os cair de novo e colocou os dedos no pescoço de Murchison. Parecia não haver pulsação. Tom respirou fundo e colocou as mãos sob os braços de Murchison. Puxou e empurrou, arrastando o corpo pesado até o barril. O canto atrás do barril estava escuro. Os pés de Murchison ficavam um pouco para fora. Tom dobrou os joelhos de Murchison para esconder os pés. Mas como o suporte fazia o barril ficar a uns quarenta centímetros acima do chão, Murchison estava mais ou menos visível, se alguém ficasse no meio da adega e olhasse para aquele canto em especial. Agachando, qualquer um poderia ver o corpo todo de Murchison. Que hora para não encontrar um lençol velho, pensou Tom, um pedaço de lona, jornais, qualquer coisa que pudesse ser usada para cobrir outra! Assim era a arrumação de Mme. Annette!

Tom deu um chute no pano manchado de sangue e ele caiu aos pés de Murchison. Chutou para os cantos alguns pedaços da garrafa quebrada que estavam no chão — o vinho havia se misturado ao sangue — e então, com o gargalo da garrafa, acertou a lâmpada pendurada no teto por um fio. A lâmpada quebrou e os cacos se espalharam pelo chão.

Então, um pouco ofegante e tentando voltar a respirar normalmente, Tom caminhou devagar na escuridão em direção às escadas e subiu-as. Fechou a porta. Lavou as mãos rapidamente na pia do lavabo. Um pouco de sangue apareceu e ficou cor-de-rosa sob a água corrente, e Tom pensou que era sangue de Murchison, até que percebeu que continuava a sair e que ele tinha um corte na base

do polegar. Mas não era um corte muito grande, poderia ter sido pior, e ele se considerou com sorte por isso. Pegou um pouco de papel higiênico e enrolou no dedo.

Mme. Annette estava ocupada na cozinha naquele momento, o que também era sorte. Se ela aparecesse, pensou Tom, ele diria que o senhor Murchison já estava no carro — caso ela perguntasse onde ele estava. Estava na hora de ir.

Tom correu até o quarto de hóspedes. As únicas coisas que Murchison não havia colocado na mala eram seu sobretudo e artigos de toalete que estavam no banheiro. Tom pôs os artigos de toalete em uma bolsa interna na mala de Murchison e fechou-a. Então desceu as escadas carregando a mala e o sobretudo e saiu pela porta da frente. Colocou tudo no Alfa-Romeo, depois voltou correndo para buscar o *Relógio* de Murchison, que ainda estava embrulhado. Murchison tinha tanta certeza do que pensava que nem se dera ao trabalho de desembulhar *O relógio* para compará-lo com *Homem na cadeira*. Quanto mais alto o vôo, maior a queda, pensou Tom. Tirou seu *Homem na cadeira* embrulhado que estava no quarto de Murchison e levou-o para seu próprio quarto, colocando-o em um canto atrás de seu armário. Em seguida levou *O relógio* para baixo. Pegou sua capa que estava pendurada do lado de fora do lavabo e foi para o carro. Saiu em direção a Orly.

O passaporte de Murchison e sua passagem deveriam estar no bolso do paletó que ele estava usando, pensou Tom. Cuidaria disso mais tarde, de preferência iria queimá-los quando Mme. Annette saísse de manhã para suas compras. Também ocorreu a Tom que ele não contara a ela sobre a chegada do conde. Tom telefonaria para ela de algum lugar, mas não do aeroporto de Orly, porque não queria se demorar por lá.

O horário estava certo, como se Murchison fosse realmente pegar seu vôo.

Tom dirigiu até as entradas de embarque. Nessa área, contanto que não se demorassem muito, os táxis e carros particulares podiam parar para deixar bagagem e passageiros, ou para pegá-los. Tom parou, tirou a bagagem de Murchison do carro, colocou-a na calçada, apoiou o quadro contra a mala e colocou o sobretudo por cima. Foi embora. Reparou que havia outros pequenos grupos de bagagem na calçada. Dirigiu na direção de Fontainbleau e parou em um bar de beira de estrada, um dos muitos que havia entre Orly e o começo da Autoroute du Sud.

Pediu uma cerveja e uma ficha para telefonar. Não precisava de ficha, e Tom usou o telefone que estava ao lado da caixa registradora e discou o número de sua casa.

“Oi, sou eu”, disse Tom. “O senhor Murchison teve de sair às pressas e pediu que eu me despedisse por ele e lhe dissesse obrigado.”

“Ah, eu entendo.”

“*Alors...* teremos outro hóspede esta noite, um certo conde Bertolozzi, um italiano. Vou encontrá-lo em Orly e chegaremos em casa antes das seis. Talvez a senhora pudesse comprar um pouco de... fígado de vitelo?”

“O açougueiro hoje tem um belo pernil!”

Por algum motivo, Tom não estava com vontade de nada que tivesse osso. “Se não for incômodo, prefiro o fígado de vitelo.”

“E um Margaux? Um Mersault?”

“Deixe o vinho por minha conta.”

Tom pagou — disse que havia telefonado para Sens, que era um pouco mais longe que seu vilarejo — e voltou para o carro. Dirigiu sem pressa de volta para Orly, passando pela seção de desembarque e embarque, e percebeu que a bagagem de Murchison ainda estava no lugar onde a havia deixado. O sobretudo seria a primeira coisa a desaparecer, pensou Tom, afanado por algum

rapaz mais empreendedor. E se o passaporte de Murchison estivesse no bolso do sobretudo, o afanador ainda poderia tirar proveito disso. Tom sorriu de leve enquanto entrava em um P-4, um dos estacionamentos por hora.

Tom atravessou lentamente as portas de vidro que se abriram diante dele, comprou um exemplar do *Neue Züricher Zeitung* na banca de jornais e verificou o horário de chegada do vôo de Eduardo. O vôo estava no horário, e ele ainda tinha alguns minutos. Tom foi até o bar lotado — estava sempre lotado — e por fim conseguiu um espaço no balcão e pediu um café. Depois do café, comprou um bilhete que lhe dava acesso à área de desembarque.

O conde usava um chapéu-coco cinza. Tinha um bigode comprido e negro e um estômago proeminente, visível até sob o sobretudo abotoado. O conde sorriu, um verdadeiro e espontâneo sorriso italiano, e acenou. Estava apresentando seu passaporte.

Logo estavam se apertando as mãos, com um abraço rápido, e Tom ajudou-o com os pacotes e a mala. O conde também tinha uma mala a tiracolo. O que ele estava carregando e onde estaria? Sua mala nem sequer foi aberta pelo funcionário da alfândega, que, com um gesto, mandou que ele seguisse em frente.

“Espere um pouco aqui, vou buscar o carro e já volto”, disse Tom quando já estavam na calçada. “Não está longe.” Tom saiu em passo rápido e voltou em cinco minutos.

Teve de passar em frente à área de embarque e reparou que a mala de Murchison e o quadro ainda estavam lá, mas o sobretudo desaparecera. Um já foi, faltam dois.

No caminho para casa discutiram, sem grande profundidade, a política italiana, os acontecimentos políticos do momento na França, e o conde perguntou por Heloise. Tom mal conhecia o conde e achava que essa era a segunda vez em que se viam, mas em Milão eles haviam conversado sobre pintura, que era uma das paixões do conde.

“No momento está havendo uma *esposizione* de Derwatt em Londres. Estou ansioso para vê-la na semana que vem. E o que você achou de Derwatt aparecer em Londres? Fiquei *pasmado*! A primeira fotografia dele em anos!”

Tom não se dera ao trabalho de comprar um jornal em Londres. “Uma bela surpresa. Dizem que ele não mudou muito.” Tom não ia mencionar que havia estado recentemente em Londres e que vira a mostra.

“Estou ansioso para ver o quadro que você tem em casa. Qual é mesmo? Aquele com as garotinhas?”

“*As cadeiras vermelhas*”, disse Tom, surpreso com a memória do conde. Sorriu e segurou o volante com mais força. Apesar do cadáver na adega, apesar do dia desgastante e da tarde de arrebentar os nervos, Tom ia ficar bastante feliz por voltar para casa — para a cena do crime, como dizem. Tom não sentia que era um crime. Ou será que teria uma reação tardia no dia seguinte, ou talvez naquela noite mesmo? Esperava que não.

“A Itália está produzindo o pior *espresso*. Nos cafés”, anunciou o conde com a voz solene de barítono. “Estou convencido. Provavelmente algum arranjo da Máfia por trás de tudo.” Seu olhar, com certo amargor, se perdeu janela afora por alguns instantes, e então ele continuou: “E os cabeleireiros na Itália, puxa vida! Começo a me perguntar se conheço meu próprio país! Agora em minha barbearia favorita, perto da Via Veneto, eles têm uns jovens que me perguntam que tipo de xampu quero. Eu respondo: ‘Apenas lave o cabelo, por favor... o que sobrou dele!’. ‘Mas é oleoso ou seco, *signor*? Temos três tipos de xampu. O senhor tem caspa?’ ‘Não!’, respondo. ‘Será que ninguém tem cabelo *normal* hoje em dia, ou não existe mais xampu normal?’”

Assim como Murchison, o conde elogiou a simetria de Belle Ombre. O jardim, embora não

houvesse sobrado uma rosa sequer do verão, exibia seu belo gramado retangular rodeado por pinheiros exuberantes. Era um lar, e não era exatamente modesto. Mais uma vez Mme. Annette veio encontrá-los na entrada e foi tão prestativa e calorosa quanto no dia anterior, na chegada de Thomas Murchison. Mais uma vez Tom mostrou o quarto ao hóspede, que Mme. Annette já deixara pronto. Era tarde para o chá, então Tom disse que estaria na sala e que o conde poderia descer quando quisesse. O jantar seria servido às oito.

Em seguida Tom desembalou *Homem na cadeira*, que estava em seu quarto, levou-o para baixo e pendurou-o no lugar de costume. Talvez Mme. Annette tivesse notado a ausência do quadro por algumas horas, mas se ela perguntasse alguma coisa, Tom diria que o sr. Murchison havia levado para o quarto de Tom para olhá-lo sob uma luz diferente.

Tom abriu as pesadas cortinas vermelhas das janelas francesas e olhou o jardim novamente. As sombras verde-escuras estavam se tornando negras com o cair da noite. Tom percebeu que estava em pé bem em cima de Murchison na adega, e afastou-se. Ele precisava descer, mesmo que fosse bem tarde da noite, e fazer o possível para limpar o vinho e as manchas de sangue. Mme. Annette poderia ter um motivo para ir até a adega: ela sempre ficava de olho no suprimento de combustível. E como tirar o corpo da casa? Havia um carrinho de mão no barracão de ferramentas. Será que ele conseguiria carregar Murchison — coberto com uma lona que também estava no barracão — até o bosque atrás da casa e enterrá-lo? Era primitivo, desagradavelmente perto da casa, mas talvez fosse a melhor solução.

O conde desceu, ágil e saltitante apesar de seu corpanzil. Era um homem bastante alto.

“A-hah! A-*bab!*” Assim como Murchison, ele ficou fascinado ao ver *As cadeiras vermelhas* pendurado do outro lado da sala. Mas o conde virou-se imediatamente, olhando na direção da lareira, e pareceu até mais impressionado por *Homem na cadeira*. “Encantador! Delicioso!” Olhou para os dois quadros. “Você não me desapontou. É um prazer olhar para eles. O mesmo posso dizer de toda a casa. Aquelas gravuras no meu quarto!”

Mme. Annette entrou com o balde de gelo e alguns copos sobre o carrinho de bebidas.

O conde, ao ver a garrafa de Punt e Mes, disse que era o que ele queria.

“A galeria de Londres pediu que você emprestasse os quadros para a *esposizione*?”

Murchison havia feito aquela mesma pergunta vinte e quatro horas atrás, mas apenas a respeito de *Homem na cadeira*, e só perguntara porque estava curioso sobre a atitude da galeria em relação a quadros que eles deviam saber que eram falsificações. Tom sentiu certa tontura, como se fosse desmaiar. Ele estava curvado sobre o carinho de bebidas, e agora endireitara o corpo. “Eles pediram. Mas é tão trabalhoso, sabe, o despacho e o seguro. Eu emprestei *As cadeiras vermelhas* para uma mostra há dois anos.”

“Talvez eu compre um Derwatt”, disse o conde pensativamente. “Isto é, se eu puder pagá-lo. Com os preços do jeito que estão, terá de ser um pequeno.”

Tom serviu-se de uísque puro com gelo.

O telefone tocou.

“Com licença”, disse Tom, e atendeu a ligação.

Eduardo estava andando pela sala, olhando para outras coisas penduradas nas paredes.

Era Reeves Minot. Perguntou se o conde havia chegado, e em seguida se Tom estava sozinho.

“Não, não estou.”

“A coisa está...”

“Não estou ouvindo.”

“*Crema dental*”, disse Reeves.

“A-ah.” Foi quase um gemido de Tom, de cansaço, desprezo, até mesmo tédio. Isso era um jogo infantil? Ou alguma cena de um filme ruim? “Muito bem. E o endereço? O mesmo da última vez?” Tom tinha um endereço em Paris, na verdade uns três ou quatro, para onde havia enviado os objetos de Reeves em diversas ocasiões.

“Pode ser. O da última vez. Está tudo bem?”

“Está, acho que sim, obrigado”, disse Tom, tentando ser simpático. Poderia ter sugerido que Reeves desse uma palavrinha com o conde, só para ser agradável, mas provavelmente era melhor que o conde não soubesse que Reeves havia ligado. Tom sentia-se pouco à vontade, em uma posição desvantajosa. “Obrigado pelo telefonema.”

“Não precisa me ligar se tudo der certo”, disse Reeves, desligando.

“Pode me dar licença por um minuto, Eduardo?”, disse Tom, e correu para o andar de cima.

Foi até o quarto onde o conde iria dormir. Uma de suas malas estava aberta sobre a antiga arca de madeira na qual os hóspedes e Mme. Annette geralmente punham as malas, mas Tom procurou primeiro no banheiro. O conde ainda não havia retirado seus artigos de toalete. Tom foi até a mala e encontrou um estojo de plástico opaco com um zíper. Abriu-o e encontrou fumo para cachimbo. Havia um outro estojo de plástico, contendo lâmina e pincel de barba, escova de dentes e um tubo de creme dental, que ele pegou. A ponta do tubo estava um pouco enrugada, mas selada. O homem de Reeves provavelmente tinha alguma ferramenta para selar o metal de novo. Tom apertou o tubo com cuidado e sentiu um caroço duro no final. Balançou a cabeça, chateado, colocou o tubo no bolso, guardou novamente o estojo plástico. Foi até seu quarto e guardou o tubo no fundo de uma gaveta que continha uma caixa de abotoaduras e camisas de colarinho engomado.

Tom voltou à sala onde estava o conde.

Durante o jantar conversaram sobre a surpreendente volta de Derwatt e sua entrevista que o conde havia lido nos jornais.

“Ele está morando no México, não está?”, perguntou Tom.

“Está. E não diz onde. Como B. Traven, sabe. Ha! Ha!”

O conde elogiou o jantar e comeu com gosto. Tinha a capacidade européia de falar com a boca cheia, o que nenhum americano conseguia fazer sem parecer ou se sentir extremamente desagradável.

Depois do jantar, o conde, vendo o toca-discos de Tom, expressou o desejo de ouvir música, e escolheu *Pelléas e Mélisande*. O conde queria o terceiro ato — o dueto entre a soprano e a voz masculina mais grave. Enquanto ouvia, e até mesmo cantava junto, o conde conseguia conversar.

Tom tentou prestar atenção nele e abstrair a música, mas sempre achara difícil abstrair música. Ele não estava com disposição para ouvir *Pelléas e Mélisande*. O que precisava era a música de *Sonho de uma noite de verão*, a fabulosa abertura, e agora, enquanto a outra coisa estava sendo tocada, com sua dramaticidade pesada, a abertura de Mendelssohn dançava no ouvido interior de Tom — nervosa, cômica, inventiva. Ele precisava desesperadamente de muita inventividade.

Estavam tomando conhaque. Tom sugeriu que no dia seguinte pela manhã fossem almoçar em Moret-sur-Loing. Eduardo disse que queria pegar um trem para Paris à tarde. Mas antes queria ter certeza de ter visto todos os tesouros artísticos de Tom, que o levou para um passeio pela casa. Até mesmo no quarto de Heloise havia um Marie Laurencin.

Então disseram-se boa-noite, e Eduardo foi para o quarto levando alguns livros de arte de Tom.

Em seu quarto, tom tirou o tubo de pasta de dentes da gaveta, tentou abrir a parte de trás com a unha, mas não conseguiu. Foi até o quarto onde pintava e pegou um alicate em sua mesa de

trabalho. De volta ao quarto, cortou o tubo, e de lá saiu um cilindro preto. Microfilme, é claro. Tom se perguntou se aquilo agüentaria ser enxaguado, decidiu que não e limpou-o apenas com um lenço de papel. Cheirava a hortelã. Endereçou um envelope para:

M. Jean-Marc Cahannier
16 Rue de Tison
Paris IX

e então colocou o cilindro entre algumas folhas de papel de carta e pôs tudo no envelope. Tom jurou a si mesmo sair desse negócio idiota, porque era o tipo de coisa degradante. Poderia comunicar sua decisão a Reeves sem ofendê-lo. Reeves tinha a estranha concepção de que quanto mais um item mudasse de mãos, mais seguro estaria. Reeves possuía a mentalidade do receptor. Mas certamente perdia dinheiro pagando todo mundo, mesmo que pagasse pouco. Ou será que algumas pessoas pegavam sua parte em favores solicitados a Reeves?

Tom vestiu o pijama e o roupão, deu uma olhada no corredor e ficou satisfeito por ver que não havia nenhuma luz embaixo da porta do quarto onde estava Eduardo. Desceu em silêncio para a cozinha. Havia duas portas entre a cozinha e o quarto de Mme. Annette, porque havia um pequeno corredor com a entrada de serviço depois da cozinha, então era improvável que ela o ouvisse ou enxergasse a luz da cozinha. Tom pegou um grande pano de chão cinzento e uma embalagem de Ajax, pegou uma lâmpada em um armário e colocou-a no bolso. Desceu até a adega. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Percebeu que precisaria de uma lanterna e de uma cadeira para subir, então voltou à cozinha, pegou um dos banquinhos de madeira da mesa da cozinha e uma lanterna na gaveta da mesinha do corredor.

Segurou a lanterna debaixo do braço, retirou a lâmpada quebrada e colocou uma nova. A adega se iluminou. Os sapatos de Murchison ainda estavam aparecendo. Então, para seu horror, Tom percebeu que as pernas haviam se endireitado com o *rigor mortis*. Ou seria possível que ele ainda estivesse vivo? Tom forçou-se a verificar, para ter certeza, ou sabia que não conseguiria dormir naquela noite. Colocou de volta os dedos sobre a mão de Murchison. Foi o suficiente. A mão de Murchison estava fria e dura. Tom pôs o pano de chão sobre os sapatos de Murchison.

Num canto da adega havia uma pia com torneira. Tom molhou o pano e começou a trabalhar. O pano ficou logo tingido, e ele o lavou, mas não conseguia ver um grande progresso na limpeza do chão, embora o escuro talvez se devesse agora ao fato de estar molhado. Bem, ele poderia dizer a Mme. Annette que havia derrubado uma garrafa de vinho, caso ela perguntasse alguma coisa. Tom retirou os últimos cacos da lâmpada quebrada e da garrafa de vinho, enxaguou o pano cuidadosamente, recolheu os pedaços de vidro que haviam caído no ralo da pia e colocou-os no bolso de seu roupão. Esfregou de novo o chão com o pano. Então voltou para cima, e sob a luz mais clara da cozinha certificou-se de que a tintura avermelhada no pano havia desaparecido quase que totalmente. Pôs o pano sobre o cano de escoamento, embaixo da pia.

Mas e o maldito corpo? Tom suspirou e pensou em trancar a adega até que voltasse no dia seguinte, depois de se livrar de Eduardo, mas não seria estranho, caso Mme. Annette quisesse entrar? Ela tinha sua própria chave, e uma para a porta de fora também, cuja fechadura era diferente. Tom teve a precaução de levar uma garrafa de *rosé* e duas de Margaux para cima, colocando-as sobre a mesa da cozinha. Às vezes ter uma criada era um incômodo.

Quando Tom foi para a cama, mais cansado do que na noite anterior, pensou em colocar Murchison em um barril. Mas seria preciso um tanoeiro para repor os aros no lugar. E Murchison

teria de ser colocado em algum tipo de líquido, ou iria ficar batendo contra o barril vazio. E como ele iria agüentar sozinho o peso de Murchison no barril? Impossível.

Tom pensou na mala de Murchison e no quadro em Orly. Com certeza alguém já os havia retirado de lá. Murchison talvez tivesse algum caderninho de endereços, ou algum envelope velho em sua mala. Amanhã ele seria dado como desaparecido. Ou talvez depois de amanhã. O especialista da Tate Gallery ia se encontrar com Murchison amanhã de manhã. Tom se perguntou se Murchison havia dito a alguém que ia se hospedar com Tom Ripley. Esperava que não.

A sexta-feira estava ensolarada e fria, mas não fria a ponto de incomodar. Tom e Eduardo tomaram o café-da-manhã na sala de estar perto das janelas francesas por onde entrava o sol. O conde estava de pijama e roupão, trajes que ele não estaria usando, disse, se houvesse uma dama na casa, mas ele esperava que Tom não se importasse.

Pouco depois das dez horas o conde subiu para se vestir e depois desceu com as malas, pronto para o passeio de antes do almoço. “Será que você poderia me emprestar pasta de dentes?”, perguntou Eduardo. “Acho que esqueci a minha no hotel em Milão. Que estúpido!”

Tom estivera esperando que o conde fizesse esse pedido e ficou muito contente quando ele finalmente o fez. Tom foi falar com Mme. Annette na cozinha. Já que a escova de dentes do conde deveria estar em sua mala, Tom achou melhor levá-lo até o lavabo. Mme. Annette trouxe-lhe o creme dental.

O correio chegou, e Tom pediu licença para olhar a correspondência. Um cartão-postal de Heloise, que não dizia muita coisa. E outra carta de Christopher Greenleaf. Tom abriu-a rapidamente. A carta dizia:

15 de outubro 19—

Prezado sr. Ripley,

Acabei de descobrir que posso pegar um vôo fretado para Paris, então vou chegar mais cedo do que pensava. Espero que o senhor esteja em casa agora. Estarei viajando com um amigo, Gerald Hayman, da minha idade, mas garanto-lhe que não o levarei para conhecer o senhor porque isso poderia ser um abuso, embora ele seja um bom sujeito. Chego a Paris no sábado, 19 de outubro, e vou tentar telefonar-lhe. Vou passar a noite de sábado em algum hotel, pois o avião chega às sete da noite, horário da França.

Saudações,

Chris Greenleaf

Sábado era o dia seguinte. Pelo menos Chris não iria chegar a Villeperce no mesmo dia. Meu Deus, pensou Tom, só faltava Bernard aparecer agora. Tom pensou em pedir a Mme. Annette para não atender o telefone pelos próximos dois dias, mas isso pareceria estranho, e ela ficaria aborrecida, porque recebia pelo menos um telefonema por dia de alguma de suas amigas, geralmente Mme. Yvonne, outra governanta do vilarejo.

“Más notícias?”, perguntou Eduardo.

“Ah, não, nem um pouco”, respondeu Tom. Tinha de se livrar do corpo de Murchison. De preferência naquela noite. E, é claro, ele poderia se livrar de Chris de alguma maneira, talvez dizer-lhe que estava ocupado pelo menos até a próxima terça-feira. Tom teve uma visão da polícia

francesa entrando na casa, à procura de Murchison, e encontrando-o segundos depois no lugar mais lógico, a adega.

Tom foi até a cozinha para se despedir de Mme. Annette. Ela estava polindo uma grande terrina de prata e várias colheres de sopa, todas adornadas com as iniciais da família de Heloise, P. F. P. “Vou passar o dia fora. O conde já vai embora. Quer que eu traga alguma coisa?”

“Se encontrar um pouco de salsa, M. Tome...”

“Pode deixar. *Persil*. Acho que volto antes das cinco. Jantarei sozinho hoje. Alguma coisa simples.”

“Quer que eu ajude com as malas?” Mme. Annette levantou-se. “Não sei onde está minha cabeça hoje.”

Tom garantiu-lhe que não era necessário, mas ela saiu para se despedir do conde — que se curvou para ela e elogiou-lhe a comida em francês.

Foram até Nemours, passearam pela área do mercado com sua fonte, e seguiram para o norte, acompanhando o Loing até Moret, cujas ruas de mão única Tom já conhecia muito bem. A cidade tinha esplêndidas torres de pedra cinzenta, que eram os antigos portões da cidade, postadas dos dois lados da ponte sobre o rio. O conde estava encantado.

“Não é tão *empoeirado* como na Itália”, observou ele.

Tom fez o que pôde para não parecer nervoso durante o vagaroso almoço que tiveram, olhando freqüentemente pela janela para os salgueiros na margem do rio, desejando poder transparecer a leveza dos galhos que a brisa balançava de um lado para o outro. O conde estava contando uma história comprida sobre o segundo casamento de sua filha com um rapaz de família tradicional de Bolonha que o havia renegado por um tempo por ter se casado com uma garota que já fora casada. Tom mal conseguia acompanhar a história porque pensava em como se desfazer do corpo de Murchison. Deveria arriscar-se a jogá-lo em algum rio? Será que ele agüentaria erguer o corpo de Murchison sobre o parapeito de uma ponte, sem contar o peso das pedras? Tudo isso sem ser visto? Se simplesmente arrastasse o corpo até a margem, será que poderia ter certeza de que iria afundar o bastante, mesmo com pesos? Uma chuva fraca começou a cair. Isso faria a terra ficar mais fofa para cavar, pensou Tom. O bosque atrás da casa talvez fosse a melhor opção, afinal.

Na estação de Melun, Eduardo tinha de esperar apenas dez minutos pelo trem para Paris. Depois de se despedirem calorosamente, Tom dirigiu até uma tabacaria e comprou muitos selos para colocar no envelope que ia ser mandado para o homem de Reeves, para que nenhum funcionário menor do correio segurasse o envelope por falta de postagem.

Tom comprou salsa para Mme. Annette. *Persil* em francês. *Petersilie* em alemão. *Prezzemolo* em italiano. Tom voltou para casa. O sol estava se pondo. Ele pensou se uma lanterna ou qualquer tipo de luz no bosque iria atrair a atenção de Mme. Annette se ela olhasse pela janela de seu banheiro, que dava para o jardim do fundo. E se ela fosse ao quarto dele (e não o encontrasse) para lhe dizer que havia visto uma luz no bosque? O bosque nunca era visitado por ninguém, nem por pessoas fazendo piquenique ou pegando cogumelos. No entanto, Tom pretendia ir bem longe bosque adentro, e talvez Mme. Annette não visse a luz.

Quando chegou em casa, Tom compulsivamente vestiu um jeans e foi tirar o carrinho de mão do barracão. Levou-o até os degraus de pedra que davam para o terraço do fundo. Então, como ainda estava claro, voltou correndo para o barracão. Se Mme. Annette notasse alguma coisa, ele diria que estava pensando em fazer um monte de esterco no bosque.

Pela janela de vidro fosco, Tom pôde ver que a luz no banheiro de Mme. Annette estava acesa.

Supôs que ela estivesse tomando banho, o que sempre fazia nesse horário se não houvesse muito a fazer na cozinha. Pegou um forcado de quatro dentes no barracão e levou-o até o bosque. Pôs-se à procura de um provável lugar e esperava poder começar um buraco, o que o incentivaria quando realmente tivesse de terminar o serviço no dia seguinte, de manhã bem cedo. Encontrou um lugar no meio de algumas árvores esguias, onde esperava que não houvesse raízes muito grossas pelo chão. Sob a luz agora fraca do fim do dia, Tom achou que aquele era o melhor lugar, mesmo estando a apenas uns setenta metros do limite do bosque, onde começava seu gramado. Tom começou a cavar com vigor, liberando a energia do nervosismo que o incomodara o dia todo.

Depois é só trazer o lixo, pensou, e fez uma pausa, ofegando, rindo alto ao virar o rosto para cima para respirar. E se ele jogasse junto com Murchison algumas cascas de batata que estavam no lixo e alguns restos de maçã? E uma boa pitada do pó que iniciava a decomposição? Havia um saco na cozinha.

Agora já estava bastante escuro.

Tom voltou com o forcado, guardou-o no barracão e, ao perceber que a luz no banheiro de Mme. Annette ainda estava acesa — eram apenas sete horas —, foi até a adega. Agora tinha mais coragem de tocar em Murchison, ou *a coisa*, como se dizia, e enfiou imediatamente a mão no bolso interno do paletó do homem. Tom estava curioso a respeito da passagem e do passaporte. Encontrou apenas uma carteira, de onde caíram dois cartões de visita. Tom hesitou, mas acabou enfiando a carteira de volta no bolso, com os cartões de visita. Em um dos bolsos laterais do paletó havia um chaveiro com uma única chave, que Tom deixou ali. O outro bolso, sobre o qual Murchison estava deitado, era mais difícil, pois o americano estava enrijecido como uma estátua e parecia pesar tanto quanto uma. No bolso esquerdo não havia nada. Nos bolsos da calça apenas algumas moedas francesas e inglesas, que Tom deixou onde estavam. Também deixou os dois anéis nos dedos de Murchison. Se o corpo fosse encontrado em sua propriedade, não haveria dúvida sobre quem ele era: Mme. Annette o conhecera. Tom saiu da adega e apagou a luz no alto da escada.

Então tomou um banho, e tinha acabado de sair do banheiro quando o telefone tocou. Tom correu para atender, na esperança de que fosse Jeff, talvez com boas notícias — mas o que *seriam* boas notícias?

“Alô, Tome! É Jacqueline. Tudo bem?”

Era uma das vizinhas, Jacqueline Berthelin, que morava com o marido Vincent em uma cidadezinha a poucos quilômetros de distância. Ela queria que ele fosse jantar com eles na quinta-feira. Iam receber os Clegg, um casal inglês de meia-idade que morava em Melun e era conhecido de Tom.

“Sabe, querida, é uma pena, mas vou receber um hóspede. Um rapaz dos Estados Unidos.”

“Pode trazê-lo também. Ele será bem-vindo.”

Tom tentou se safar da situação, mas não conseguiu, pelo menos não completamente. Disse que telefonaria para ela em alguns dias, porque não tinha certeza sobre quanto tempo seu amigo americano iria ficar.

Tom estava saindo do quarto quando o telefone tocou de novo.

Dessa vez era Jeff, ligando do Strand Palace Hotel, disse ele. “Como estão as coisas por aí?”, perguntou Jeff.

“Ah, tudo bem, obrigado”, disse Tom sorrindo, e passou os dedos pelo cabelo, como se não desse a mínima para o fato de haver um cadáver em sua adega, um homem que Tom havia matado para proteger a Derwatt Ltd. “E como estão as coisas com você?”

“Onde está Murchison? Ainda está com você?”

“Partiu ontem à tarde para Londres. Mas... acho que ele não vai falar com... você sabe, o homem da Tate Gallery. Tenho certeza que não.”

“Você o convenceu?”

“Convenci”, disse Tom.

O suspiro de alívio de Jeff pôde ser ouvido no continente. “Super, Tom. Você é um gênio.”

“Diga ao pessoal por aí que pode ficar tranquilo. Especialmente Bernard.”

“Bom... esse é o nosso problema. Claro, eu vou dizer a ele, com prazer. Ele está... está deprimido. Estamos tentando convencê-lo a ir para algum lugar, para Malta, para qualquer lugar até que a mostra tenha terminado. Ele sempre fica assim quando tem mostra, mas agora é pior porque... você sabe.”

“O que ele está fazendo?”

“Para dizer a verdade, ele só está ficando cada vez mais deprimido. Nós até ligamos para Cynthi... que mais ou menos ainda gosta dele, é o que eu achava. Não que tenhamos contado alguma coisa a ela sobre... sobre esse susto”, Jeff apressou-se a dizer. “Apenas lhe perguntamos se ela poderia passar algum tempo com Bernard.”

“Acho que ela disse não.”

“Certo.”

“Bernard sabe que vocês falaram com ela?”

“Ed contou a ele. Eu sei, Tom, talvez isso tenha sido um erro.”

Tom ficou impaciente. “Vocês conseguem manter Bernard quieto por alguns dias?”

“Estamos dando uns tranqüilizantes para ele. Bem leves. Esta tarde eu coloquei um no chá dele.”

“Pode dizer a ele que Murchison está mais... tranqüilo?”

Jeff riu. “Certo, Tom. O que ele vem fazer em Londres?”

“Disse que tinha algumas coisas para fazer aí. Depois vai voltar para os Estados Unidos. Escute aqui, Jeff, não telefone mais por alguns dias, está bem? De qualquer forma, nem sei se vou estar em casa.”

Tom pensou que poderia explicar os poucos telefonemas que dera para Jeff ou que recebera dele, caso a polícia se desse ao trabalho de investigá-los: ele havia pensado em comprar um quadro, *A banheira*, e ligara para a Galeria Buckmaster para falar a respeito.

Naquela noite Tom foi até o barracão e trouxe uma lona e uma corda. Enquanto Mme. Annette arrumava a cozinha, Tom embrulhou o corpo de Murchison e amarrou com a corda de forma que ficasse uma alça por onde ele pudesse carregá-lo. O cadáver era desajeitado, parecido com um tronco de árvore e mais pesado ainda, pensou Tom. Arrastou-o até os degraus da adega. O fato de o corpo estar coberto fazia com que ele se sentisse ligeiramente melhor, mas agora sua proximidade com a porta, os degraus, a porta da frente, deixavam-no de novo agitado, nervoso. O que ele diria se Mme. Annette o visse, se um dos eternos tocadores de campainha — uma cigana vendendo cestas, Michel, o faz-tudo da cidade, à procura de algum trabalho, um garoto vendendo panfletos católicos —, o que ele diria sobre o monstruoso objeto que estava prestes a colocar no carrinho de mão? Talvez as pessoas não perguntassem nada, mas iriam olhar e fazer um típico comentário francês na negativa:

“Não está muito leve, não é?” E iriam se lembrar.

Tom dormiu mal, e curiosamente percebeu seu próprio ronco. Não chegou a pegar no sono realmente, e foi fácil para ele acordar às cinco da manhã.

Lá embaixo, afastou o tapete que ficava antes da porta de entrada e desceu até a adega. Murchison subiu a metade dos degraus sem problemas, mas Tom gastou muita energia no processo e teve de fazer uma pausa. A corda estava cortando suas mãos um pouco, porém ele estava ansioso demais para correr até o barracão para pegar as luvas de jardinagem. Pegou novamente a alça e conseguiu chegar até em cima. Foi mais fácil fazê-lo deslizar pelo chão de mármore. Mudou o jeito como estava fazendo, virando o carrinho para a frente e colocando-o de lado. Teria preferido tirar Murchison pelas janelas francesas, mas não conseguiria sem tirar o tapete da sala de estar. Agora Tom puxava o trambolho comprido pelos quatro ou cinco degraus do lado de fora. Tentou ajeitar o corpo sobre o carrinho de tal forma que, quando levantasse um dos lados do carrinho, pudesse endireitá-lo. Foi o que fez, mas o carrinho tombou para o outro lado, levando o corpo de Murchison de novo para o chão. A cena foi quase cômica.

O pensamento de ter de arrastar o cadáver de novo para a adega era terrível. Impensável. Tom passou um momento, trinta segundos, tentando recuperar as energias, olhando para a maldita coisa sobre o chão. Então saltou sobre ela como se fosse um dragão vivo ou algo sobrenatural que ele precisasse matar para não ser morto por ela, e recolocou o corpo sobre o carrinho.

A roda da frente afundava no cascalho. Tom percebeu de imediato que seria inútil levá-lo pelo gramado, com a terra já fofa pelas chuvas do dia anterior. Tom correu e abriu os grandes portões de sua casa. Havia algumas lajotas irregulares entre os degraus da frente e os portões, por onde o carrinho passou bem, e logo ele estava sobre a terra batida da estrada. Um caminho à direita de Tom levava ao bosque atrás de sua casa, um caminho estreito que era mais para pedestres ou carroças, embora fosse largo o suficiente para um carro passar. Tom desviou o carrinho dos buracos e poças no caminho até que atingiu seu bosque — é claro que não era seu, mas ele sentia que era dele agora, de tão contente que estava por ter atingido a segurança que o lugar oferecia.

Tom empurrou o carrinho mais um pouco e parou, procurando o lugar onde havia começado a cavar. Encontrou-o facilmente. Havia um aclave do caminho até o bosque, do qual Tom não havia se lembrado, então teve de jogar o corpo no chão e arrastá-lo para cima. Depois levou o carrinho para o bosque, para que ninguém que eventualmente passasse pelo caminho pudesse vê-lo. Agora estava começando a ficar um pouco mais claro. Tom foi correndo até o barracão para buscar o forcado. Pegou também uma pá — enferrujada, que havia sido deixada lá por alguém quando ele e Heloise compraram a casa. A pá tinha um buraco, mas ainda podia servir para alguma coisa. Tom voltou e continuou a cavar. Atingiu algumas raízes. Depois de quinze minutos, era óbvio que não terminaria o buraco naquela manhã. Lá pelas oito e meia, Mme. Annette iria até seu quarto, levando-lhe o café.

Tom abaixou-se quando um homem com uma roupa desbotada passou andando pelo caminho, empurrando um carrinho de madeira cheio de lenha. O homem não olhou na direção de Tom. Estava se dirigindo para a estrada que passava na frente da casa de Tom. De onde teria vindo? Talvez estivesse cortando madeira que pertencia ao Estado, e estivesse tão feliz por evitar Tom quanto Tom estava por evitá-lo.

Tom cavou até o buraco ter quase dois metros de profundidade, atravessado por raízes que precisariam de uma serra para serem cortadas. Saiu do buraco e procurou algum lugar onde pudesse esconder Murchison temporariamente. Encontrou um lugar a uns cinco metros e arrastou mais uma vez o corpo usando a corda. Cobriu a lona cinzenta com galhos caídos e folhas. Pelo menos não iria atrair a atenção de alguém que passasse pelo caminho, pensou.

Em seguida empurrou o carrinho, que agora estava leve como uma pluma, de volta para o caminho e achou melhor guardá-lo novamente no barracão, para que Mme. Annette não

perguntasse nada caso o visse do lado de fora.

Teve de entrar pela porta da frente, porque as janelas francesas estavam trancadas. Sua testa estava molhada de suor.

De volta ao quarto, limpou-se com uma toalha quente e úmida, vestiu o pijama de novo e foi para a cama. Eram vinte para as oito. Fizera muito pela Derwatt Ltd., pensou. Será que valia a pena fazer tudo isso por eles? Curiosamente, valia por Bernard. Isso se conseguissem tirar Bernard daquela crise.

Mas essa não era a maneira certa de olhar a situação. Ele não teria matado alguém apenas para salvar a Derwatt Ltd., ou mesmo Bernard. Tom matara Murchison porque Murchison havia se dado conta, na adega, de que ele havia se passado por Derwatt. Matara Murchison para se salvar. E, no entanto, Tom tentava se perguntar, será que ele havia pretendido matar Murchison de qualquer forma quando foram juntos à adega? Será que não pretendia matá-lo desde o início? Tom simplesmente não conseguia responder essa pergunta. E será que isso era importante, muito importante?

Bernard era o único dos três que ele não conseguia entender perfeitamente, e mesmo assim era de quem Tom mais gostava. Os motivos de Ed e Jeff eram muito simples, apenas ganhar dinheiro. Tom duvidava que Cynthia tivesse rompido com Bernard. Não ficaria surpreso por saber que Bernard (que certamente, em um momento, estivera apaixonado por Cynthia) havia rompido o relacionamento, por sentir vergonha de suas falsificações. Seria interessante sondar Bernard a respeito qualquer dia. Sim, em Bernard havia um mistério, e era mistério o que tornava as pessoas atraentes, pensou Tom, e também que fazia as pessoas se apaixonarem. Apesar do horrível embrulho com lona que havia no bosque atrás de sua casa, Tom sentiu os próprios pensamentos levando-o para longe, como se ele estivesse em uma nuvem. Era estranho, e muitíssimo agradável, entrar em devaneios sobre as motivações de Bernard, seus temores, vergonhas e possíveis amores. Bernard, assim como o verdadeiro Derwatt, tinha um pouco de santo.

Um par de moscas, insanas como sempre, estavam atormentando Tom. Ele afastou uma da cabeça. Elas rodeavam seu criado-mudo. Já era tarde no ano para haver moscas, e elas o aborreceram bastante durante o verão passado. O interior da França era famoso por sua variedade de moscas, cujo número era muito maior do que a variedade de queijos. Tom havia lido isso em algum lugar. Uma das moscas montou na outra. Na frente de todo mundo! Tom rapidamente acendeu um fósforo e aproximou-o das nojentas. Asas chiaram. *Buzz-buzz*. Patas viraram para cima e fizeram seus últimos movimentos. Ah, *Liebestod*, unidas até na morte!

Se foi possível acontecer em Pompéia, por que não em Belle Ombre?, pensou Tom.

Tom passou a manhã do sábado preguiçosamente, escrevendo uma carta para Heloise, aos cuidados do American Express de Atenas, e às duas e meia da tarde ouviu um programa cômico no rádio, como sempre fazia. Nas tardes de sábado, Mme. Annette às vezes encontrava Tom torcendo-se de tanto rir no sofá amarelo, e Heloise de vez em quando pedindo-lhe para traduzir, mas os trocadilhos eram impossíveis de ser traduzidos. Às quatro, atendendo a um convite que lhe chegara ao meio-dia por telefone, Tom foi tomar chá com Antoine e Agnès Grais, que moravam do outro lado de Villeperce, a uma distância que podia ser percorrida a pé. Antoine era um arquiteto que trabalhava em Paris e passava a semana toda lá, em seu ateliê. Agnès, uma loira tranqüila de vinte e oito anos, ficava em Villeperce e tomava conta dos dois filhos pequenos do casal. Havia quatro outros convidados na casa dos Grais, todos de Paris.

“O que tem feito, Tom?”, perguntou Agnès, trazendo a especialidade de seu marido no fim do chá, uma garrafa de gim holandês envelhecido, que os Grais recomendavam que se tomasse puro. “Tenho pintado um pouco. Tenho me ocupado no jardim, tirando ervas daninhas.”

“Não está se sentindo sozinho? Quando Heloise volta?”

“Talvez daqui a um mês.”

A hora e meia que ficou com os Grais teve um efeito calmante sobre Tom. Os anfitriões não fizeram nenhum comentário sobre seus dois hóspedes, Murchison e o conde Bertolozzi, e talvez nem tivessem reparado na presença deles, ou ouvido falar sobre eles por Mme. Annette, que conversava à vontade nas vendas da vizinhança. Os Grais também não repararam nas palmas de suas mãos, que estavam rosadas e quase sangrando, doloridas das cordas que amarravam Murchison.

Naquela noite Tom tirou os sapatos no sofá amarelo, folheando o *Harrap's Dictionary*, tão pesado que ele tinha de abri-lo apoiado sobre as pernas ou sobre uma mesa. Previu que o telefone iria tocar, sem ter muita certeza sobre quem ligaria, e às dez e quinze o telefone tocou. Chris Greenleaf, de Paris.

“É... Tom Ripley?”

“Sim. Olá, Chris. Como vai?”

“Bem, obrigado. Acabei de chegar com meu amigo. Estou muito contente que o tenha pegado em casa! É minha primeira noite em Paris. Ainda nem abri a mala. Mas pensei em telefonar.”

“Quais são seus planos? Quando você pretende vir me visitar?”

“Ah, a qualquer hora. É claro que quero fazer um pouco de turismo. Talvez primeiro o Louvre.”

“Que tal terça-feira?”

“Bom... tudo bem, mas é que eu estava pensando em amanhã, porque o meu amigo vai ficar ocupado o dia inteiro amanhã. Ele tem um primo mais velho morando aqui, um americano. Então pensei que...”

Por algum motivo Tom não conseguiu recusar, ou pensar em uma boa desculpa. “Amanhã. Tudo bem. À tarde? Estou um pouco ocupado pela manhã.” Tom explicou que teria de pegar um trem na Gare de Lyon para Moret-les-Sablons, e que deveria ligar novamente quando tivesse escolhido o horário, para que Tom soubesse a que horas ir buscá-lo.

Era óbvio que Chris iria passar a noite lá. Tom percebeu que precisaria terminar a cova de Murchison e colocá-lo lá dentro na manhã seguinte. Na verdade, talvez tivesse sido por isso que ele havia deixado que Chris viesse no dia seguinte. Era um incentivo a mais que recebia.

Chris parecia ingênuo, mas talvez tivesse um pouco das boas maneiras dos Greenleaf e não abusaria de sua hospitalidade. Tom franziu a testa diante desse pensamento, porque ele certamente havia abusado da hospitalidade de Dickie em Mongibello em sua juventude inexperiente, quando ele tinha vinte e cinco, e não vinte anos. Tom viera dos Estados Unidos, ou melhor, fora mandado pelo pai de Dickie, Herbert Greenleaf, para levar Dickie de volta para casa. Aquela havia sido uma situação clássica. Dickie não quisera voltar para os Estados Unidos. E sua ingenuidade naquela época era algo que agora o fazia estremecer. As coisas que teve de aprender! E então — bem, Tom Ripley havia ficado na Europa. Havia aprendido um pouco. Afinal ele tinha dinheiro — que era de Dickie —, as garotas gostavam dele, e ele chegou a se sentir um pouco perseguido. Heloise Plisson fora uma das que haviam gostado dele. E na opinião dele ela não era um pedaço de cimento, não era intolerante, nem excessivamente arrojada nem outra chateação. Tom não havia proposto casamento, nem Heloise. Aquele era um capítulo rápido e obscuro em sua vida. Heloise havia dito, no bangalô que haviam alugado em Cannes: “Já que estamos morando juntos, por que não nos casamos? A propósito, não tenho certeza se meu pai vai aprovar” (como ela havia dito “aprovar” em francês? Precisava olhar no dicionário) “o fato de estarmos morando juntos por muito mais tempo, ao passo que se nos casarmos de verdade — *ça serait un fait accompli*”. Tom ficara verde durante a cerimônia, apesar de ser um casamento civil sem convidados em algum tipo de cartório. Heloise mais tarde dissera, rindo: “Você ficou verde”. De fato. Mas pelo menos Tom conseguira ir até o fim. Havia esperado uma palavra de elogio de Heloise, embora soubesse que isso era um absurdo de sua parte. Era o noivo quem tinha de dizer: “Querida, você está maravilhosa!”, ou “Seu rosto brilhava de alegria e beleza!”, ou alguma bobagem dessas. Bem, Tom ficara verde-pálido de tão nervoso. Pelo menos ele não desmaiou ao entrar na sala de cerimônias — uma salinha com algumas cadeiras vazias e um juiz de paz no Sul da França. Os casamentos deveriam ser secretos, pensou Tom, tão discretos quanto a noite de núpcias — o que não queria dizer grande coisa. Visto que o pensamento dos envolvidos nos casamentos estava claramente voltado para a noite de núpcias, por que fazer daquilo tudo algo tão ostensivamente público? Havia certa vulgaridade naquilo. Por que as pessoas não podiam surpreender seus amigos dizendo: “Ah, mas já estamos casados há três meses!”. Era fácil ver a razão para os casamentos públicos no passado — ela não está mais nas nossas mãos e você não pode se livrar dessa, velhaco, senão cinquenta parentes da noiva vão fritá-lo —, mas hoje em dia qual era o motivo?

Tom foi dormir.

Na manhã do domingo, novamente por volta das cinco horas, ele vestiu sua calça jeans e desceu a escada em silêncio.

Dessa vez deu de cara com Mme. Annette, que abria a porta da cozinha para o corredor no instante em que Tom estava prestes a abrir a porta da frente para sair. Mme. Annette tinha um pano branco apertado no rosto — sem dúvida embebido com água morna e sal grosso — e uma expressão de profunda dor.

“Mme. Annette... é o dente”, disse Tom, com pena.

“Não consegui pregar o olho a noite toda”, disse Mme. Annette. “Acordou cedo, M. Tome.”

“Maldito dentista”, disse Tom em inglês. Continuou, agora em francês: “Que idéia essa de o nervo *cair*! Ele não sabe o que está fazendo. Escute aqui, Mme. Annette, acabei de me lembrar que

tenho uns comprimidos amarelos lá em cima. De Paris. Especiais para dor de dente. Espere um segundo”. Tom subiu correndo a escada.

Ela tomou um dos comprimidos. Mme. Annette piscou enquanto engolia. Seus olhos eram azuis-pálidos. As pálpebras, um pouco puxadas para baixo, faziam-na parecer nórdica. Era bretã por parte de pai.

“Se a senhora quiser, posso levá-la a Fontainebleau hoje”, disse Tom. Tom e Heloise tinham um dentista em Fontainebleau, e Tom achava que ele atenderia Mme. Annette mesmo num domingo.

“Por que acordou tão cedo?” A curiosidade de Mme. Annette era maior do que sua dor.

“Vou mexer um pouco no jardim e depois volto para dormir mais um pouco. Também tive dificuldade para pegar no sono.”

Tom convenceu-a gentilmente a voltar para o quarto, deixando o vidro de comprimidos com ela. Ela podia tomar quatro a cada vinte e quatro horas, ele lhe disse. “Não se preocupe com o café-da-manhã ou com o almoço, madame. A senhora deve repousar hoje.”

Então Tom foi se dedicar a sua tarefa. Iniciou-a em um ritmo razoável, ou que ele considerava razoável. O buraco precisava ter pelo menos dois metros, e não havia dúvida disso. Ele trouxera do barracão um serrote enferrujado mas que ainda podia ser usado e começou a serrar as raízes transversais, sem se importar com a terra úmida que grudava nos dentes do serrote. Conseguiu adiantar o serviço. Já estava claro, embora o sol não tivesse aparecido ainda, quando ele terminou o buraco e saiu dele, enchendo de lama a parte da frente do suéter, que infelizmente era de caxemira bege. Olhou à sua volta, mas não viu ninguém no caminho que levava ao bosque. Era ótimo, pensou, que os franceses prendessem seus cachorros no interior, porque um cachorro poderia ter aparecido na noite passada, fuçado na cobertura do corpo de Murchison e latido tanto que seria ouvido a um quilômetro dali. Mais uma vez Tom agarrou as cordas que amarravam a lona que embrulhava o corpo de Murchison. O corpo caiu com um baque surdo delicioso para os ouvidos de Tom. Encher o buraco de terra também foi um prazer. Havia bastante terra, e, depois de cobrir a cova por completo, ele espalhou o resto da terra em todas as direções. Então caminhou lentamente, mas com uma sensação de realização, de volta para casa.

Lavou o suéter com um tipo de sabonete delicado que havia no banheiro de Heloise. Então dormiu muito bem até às dez horas.

Tom fez café na cozinha e saiu para comprar o *Observer* e o *Sunday Times* na banca de jornais. Geralmente ele parava para tomar um café em algum lugar enquanto dava uma olhada nos dois jornais — algo que adorava fazer —, mas hoje queria estar sozinho quando lesse os artigos sobre Derwatt. Tom quase se esqueceu de comprar para Mme. Annette a edição local de *Le Parisien*, cuja manchete principal sempre era impressa em vermelho. A de hoje trazia algo sobre um menino de doze anos estrangulado. Os cartazes que anunciavam os diversos jornais do lado de fora da loja eram igualmente bizarros, mas de maneira diferente:

JEANNE E PIERRE SE BEIJAM NOVAMENTE!

Quem eram eles?

MARIE FURIOSA COM CLAUDE!

Os franceses nunca ficavam apenas chateados, ficavam *furieux*.

ONASSIS TEME QUE LHE ROUBEM JACKIE!

Será que os franceses perdiam o sono de preocupação com isso?

Quem era Nicole, santo Deus? Tom nunca sabia quem era a maioria dessas pessoas — estrelas de cinema, talvez cantores populares —, mas era evidente que vendiam jornais. As atividades da família real inglesa eram inacreditáveis: Elizabeth e Philip à beira do divórcio três vezes por ano, e Margaret e Tony cuspiendo um na cara do outro.

Tom deixou o jornal de Mme. Annette sobre a mesa da cozinha e foi para seu quarto. Tanto o *Observer* quanto o *Sunday Times* tinham uma foto dele como Philip Derwatt em suas páginas de artes. Em uma delas, sua boca estava aberta, no meio daquela barba desagradável, para responder a uma pergunta. Tom olhou rapidamente os artigos, sem vontade de ler cada palavra.

The Observer dizia: “... interrompendo seu longo retiro com uma aparição de surpresa na quarta-feira à tarde, na Galeria Buckmaster, Philip Derwatt, que prefere simplesmente ser chamado de Derwatt, mostrou-se reticente quanto a seu endereço mexicano, mas muito loquaz quando indagado sobre sua obra e a de seus contemporâneos. Sobre Picasso: ‘Picasso tem fases. Eu não tenho fases’”. Na fotografia do *Sunday Times*, ele estava em pé atrás da escrivaninha de Jeff gesticulando com o punho esquerdo erguido, uma ação que Tom não se lembrava de ter feito, mas lá estava. “... usando roupas que obviamente estavam no guarda-roupa há anos... enfrentou uma bateria de doze repórteres, o que deve ter sido uma provação depois de estar recluso durante seis anos. Pelo menos é o que imaginamos.” Será que esse “é o que imaginamos” pretendia ser um comentário sarcástico? Tom achou que realmente não era, porque o resto do comentário era favorável. “As telas atuais de Derwatt mantêm seus altos padrões — idiossincráticos, bizarros, talvez até mesmo doentios?... Nenhum dos quadros de Derwatt é displicente ou mal resolvido. São obras de amor, embora sua técnica pareça rápida, nova e fácil para ele. Isso não deve ser confundido com excessiva facilidade ou mera aparência. Derwatt diz que nunca pintou um quadro em menos de duas semanas...” Ele dissera isso? “... e ele trabalha todos os dias, com frequência mais de sete horas por dia... Homens, garotinhas, cadeiras, mesas, objetos estranhos pegando fogo, esses motivos ainda predominam... A mostra com certeza será um novo sucesso em vendas.” Nenhuma menção ao desaparecimento de Derwatt depois da entrevista.

Uma pena, pensou Tom, que alguns desses elogios não pudessem aparecer na lápide de Bernard Tufts, onde quer que ele fosse enterrado. Tom lembrou-se de “Aqui jaz alguém cujo nome foi escrito em água”, palavras que haviam feito seus olhos se encherem de lágrimas nas três ocasiões em que as lera no Cemitério Protestante Inglês em Roma, e às vezes faziam-no ficar muito emocionado só de pensar nelas. Talvez Bernard, o trabalhador, o artista, viesse a criar seu próprio epitáfio antes de morrer. Ou será que ele continuaria anonimamente famoso por um “Derwatt”, um quadro esplêndido que ele ainda iria pintar?

Mas será que Bernard ainda iria pintar outro Derwatt? Tom se deu conta de que não sabia responder a essa pergunta. E será que Bernard iria pintar mais algum quadro seu, algum que pudesse ser considerado um Tufts?

Mme. Annette estava se sentindo melhor antes do meio-dia. E como Tom previra, com os analgésicos que tomara, ela não queria ir ao dentista em Fontainebleau.

“Madame... parece que estou repleto de *invités* esta semana. É uma pena que Mme. Heloise não esteja aqui. Mas esta noite terei mais um para jantar, um jovem americano chamado Christophe. Posso fazer todas as compras necessárias... *Non-non*, a senhora deve descansar.”

E Tom fez as compras rapidamente e voltou para casa antes das duas. Mme. Annette disse que um americano havia ligado, mas eles não conseguiram se entender, e o americano voltaria a ligar.

Chris ligou, e Tom ficou de pegá-lo às seis e meia em Moret.

Tom colocou uma calça velha de flanela, um suéter de gola olímpica, botas e saiu no Alfa-Romeo. O cardápio da noite era *viande hâchée* — o hambúrguer francês que era tão vermelho e delicioso que se poderia comê-lo cru. Tom já vira americanos passarem mal por estarem havia mais de vinte e quatro horas sem comer hambúrguer com cebola e ketchup.

Tom reconheceu Chris Greenleaf à primeira vista, como adivinhara que aconteceria. Embora a visão de Tom estivesse prejudicada pela presença de muitas pessoas, a cabeça loira de Chris sobressaiu um pouco. Os olhos e as sobrancelhas tinham o mesmo leve franzido que os de Dickie. Tom levantou o braço para cumprimentá-lo, mas Christopher hesitou até que os olhares dos dois de fato se encontraram, e Tom sorriu. O sorriso do rapaz era como o de Dickie, mas se havia uma diferença, ela estava nos lábios, pensou Tom. Os lábios de Christopher eram mais cheios, nada parecidos com os de Dickie nesse aspecto, e sem dúvida herdados da família da mãe de Christopher.

Apertaram-se as mãos.

“Aqui é mesmo como no interior.”

“O que achou de Paris?”

“Ah, eu gostei. É maior do que eu pensava.”

Christopher prestava atenção em tudo, movendo o pescoço para olhar os bares mais comuns, os plátanos, as casas pelo caminho. Talvez seu amigo Gerald ficasse dois ou três dias em Estrasburgo, Christopher contou a Tom. “Essa é a primeira aldeia francesa que visito. É de verdade, não é?”, perguntou ele, como se tudo fosse um cenário.

Tom achou divertido e estranhamente enervante o entusiasmo de Chris. Lembrou-se de como havia ficado doido de alegria — embora não houvesse ninguém com quem dividir o sentimento — quando vira pela primeira vez a torre inclinada de Pisa de dentro de um trem em movimento, ou na primeira vez em que avistara as luzes da praia de Cannes formando um semicírculo.

Belle Ombre não estava completamente visível a essa hora, quando já estava escuro, mas Mme. Annette havia acendido a luz sobre a porta da frente, e suas proporções podiam ser adivinhadas por uma luz acesa no canto esquerdo perto da cozinha. Tom sorriu dos comentários extasiados de Chris, mas estava gostando mesmo assim. Às vezes Tom tinha vontade de chutar Belle Ombre e a família Plisson junto, como se fossem um castelo de areia que pudesse ser destruído com o pé. Essas ocasiões surgiam quando ele ficava enlouquecido por algum incidente envolvendo a ganância francesa, ou uma mentira que não era exatamente uma mentira, mas uma ocultação proposital de um fato. Quando as pessoas elogiavam Belle Ombre, Tom gostava. Colocou o carro na garagem e carregou uma das duas malas de Chris. Chris disse que estava com tudo que havia trazido.

Mme. Annette abriu a porta da frente.

“Minha governanta, fiel servidora, sem a qual eu não poderia viver”, disse Tom, “Mme. Annette, M. Christophe.”

“Como vai? *Bonsoir*”, disse Chris.

“*Bonsoir, m’sieur*. Seu quarto já está pronto.”

Tom levou Chris para o andar de cima.

“Maravilhoso”, disse Chris. “É como um museu!”

Havia uma quantidade considerável de cetim e pechisbeque, pensou Tom. “A decoração é de minha mulher. Ela não está no momento.”

“Vi uma fotografia dela com você. Tio Herbert me mostrou em Nova York na semana passada.

Ela é loira. Chama-se Heloise.”

Tom deixou Christopher à vontade e disse que estaria lá embaixo.

Seus pensamentos voltaram-se para Murchison novamente: dariam pela falta dele na lista de passageiros do avião. A polícia iria investigar os hotéis de Paris e descobrir que Murchison não se hospedara em nenhum. Uma verificação de registros mostraria que Murchison estivera no Hotel Mandeville nos dias 14 e 15 de outubro, e que dissera que estaria de volta no dia 17. O nome e o endereço de Tom também apareciam registrados no Hotel Mandeville na noite do dia 15. Mas com certeza ele não fora o único residente na França a se hospedar no Mandeville naquela noite. Será que a polícia viria interrogá-lo, ou não?

Christopher desceu. Penteara o cabelo castanho, mas continuava com sua calça de veludo cotelê e coturno. “Espero que não tenha convidados para o jantar. Se tiver, posso trocar de roupa.”

“Só nós. E estamos no campo, use o que tiver vontade.”

Christopher olhou para os quadros de Tom, e dedicou mais atenção a um nu rosado, uma gravura de Pascin, do que aos quadros. “Você mora aqui o ano inteiro? Deve ser uma delícia.”

Aceitou um uísque. Mais uma vez Tom teve de explicar o que fazia com seu tempo e mencionou a jardinagem e seu estudo informal de línguas, embora, na verdade, a rotina de estudos de Tom fosse mais rígida do que ele admitia. No entanto, Tom adorava seu lazer, como só um americano podia adorar, isto é, quando um americano sabia como usá-lo, pensou, e eram poucos os que sabiam. Não era algo que ele se preocupasse em explicar para ninguém. Ele desejara lazer e um pouco de extravagância quando conhecera Dickie Greenleaf, e agora que conseguira essas coisas, o encanto ainda não havia desaparecido.

À mesa, Christopher começou a falar de Dickie. Disse que tinha fotografias de Dickie que alguém havia tirado em Mongibello, e que Tom estava em uma delas. Christopher falava com certa dificuldade da morte de Dickie — seu suicídio, como todos pensavam. Tom percebeu que Chris tinha algo melhor do que boas maneiras, e era sensibilidade. Tom ficou fascinado pela luz do candelabro refletida nas íris azuis do rapaz, porque muitas vezes os olhos de Dickie haviam brilhado da mesma maneira tarde da noite em Mongibello, ou em algum restaurante à luz de velas em Nápoles.

Christopher ficou em pé e, olhando para as janelas francesas e para o teto cor de creme, disse: “É fabuloso viver em uma casa como esta. E com música... e quadros!”

Tom lembrou-se dolorosamente de si próprio aos vinte anos. A família de Chris não era pobre, disso Tom tinha certeza, mas a casa deles não devia ser como aquela. Enquanto bebiam café, Tom colocou o disco com *Sonho de uma noite de verão*.

Então o telefone tocou. Eram quase dez horas.

A telefonista francesa perguntou qual era o número e em seguida disse a ele para aguardar, a ligação era de Londres.

“Alô. Aqui é Bernard Tufts”, disse a voz tensa, seguida de muitos ruídos.

“Alô? Sim. Aqui é o Tom. Está me ouvindo bem?”

“Pode falar mais alto? Estou ligando para dizer que...” A voz de Bernard foi desaparecendo como se estivesse afundando no mar.

Tom olhou para Chris, que estava lendo a contracapa de um disco. “Assim está *melhor?*”, rugiu Tom no aparelho, e, como se para caçoar dele, o telefone fez um ruído parecido com um pum e depois o ruído de uma montanha rachando em duas com a força de um raio. O ouvido direito de Tom começou a doer, e ele trocou o fone de lado. Podia ouvir Bernard falando lentamente, com

voz alta, mas as palavras eram ininteligíveis. Tom conseguiu ouvir apenas “Murchison”. “*Ele está em Londres*”, gritou Tom, contente por ter alguma coisa concreta para dizer. Será que o sujeito da Tate Gallery tentou falar com Murchison no Mandeville e depois falou com o pessoal da Galeria Buckmaster? “Bernard, é *inútil!*”, gritou Tom desesperadamente. Tom não sabia se Bernard havia desligado ou não, mas um zumbido baixo veio logo em seguida, e ele supôs que Bernard havia desistido, então desligou. “E pensar que a gente paga cento e vinte dólares só para ter um telefone neste país”, disse Tom. “Desculpe pela gritaria.”

“Ah, eu sempre ouvi dizer que os telefones franceses eram ruins”, disse Chris. “Alguma coisa importante? Heloise?”

“Não, não.”

Chris levantou-se de novo. “Quero lhe mostrar meus guias de viagem. Posso?” Subiu a escada correndo.

Era uma questão de tempo, pensou Tom, até que a polícia francesa ou a inglesa — talvez até mesmo a americana — viesse interrogá-lo sobre Murchison. Tom esperava que Chris não estivesse lá quando acontecesse.

Chris desceu trazendo três livros. Tinha o *Guide Bleu* para a França, um livro de arte sobre os castelos franceses e um grande livro sobre a região do Reno, aonde ele pretendia ir com Gerald Hayman assim que Gerald voltasse de Estrasburgo.

Christopher bebericava sem pressa e com prazer seu conhaque. “Tenho sérias dúvidas sobre o valor da democracia. Isso é algo terrível para um americano dizer, não é? A democracia depende de determinado nível mínimo de educação para todos, e a América tenta dá-la para todos... mas nós realmente não a temos. E nem sequer é verdade que todos a queiram...”

Tom não estava escutando com toda sua atenção, mas seus comentários ocasionais pareciam deixar Chris satisfeito, pelo menos naquela noite.

O telefone tocou novamente. Tom olhou para o pequeno relógio de prata sobre a mesa do telefone. Faltavam cinco para as onze.

Uma voz masculina disse em francês que era um agente da polícia e que se desculpava por estar ligando àquela hora, mas M. Ripley estava? “Boa noite, *m’sieur*. O senhor por acaso conhece um americano chamado Thomas Murchison?”

“Sim”, disse Tom.

“Por acaso ele o visitou recentemente? Na quarta-feira? Ou na quinta?”

“Sim, visitou.”

“Ah, *bon!* Ele está com o senhor agora?”

“Não, ele voltou para Londres na quinta-feira.”

“Não, não voltou. Mas sua mala foi encontrada em Orly. Ele não tomou o avião das quatro horas como deveria ter feito.”

“É?”

“O senhor é amigo de M. Murchison, M. Reeply?”

“Não, amigo não. Eu o conheci há muito pouco tempo.”

“Como ele foi de sua casa até o aeroporto?”

“Eu o levei de carro... por volta das três e meia da tarde na quinta-feira.”

“O senhor conhece algum amigo dele em Paris... onde ele talvez pudesse estar? Porque ele não está em nenhum hotel em Paris.”

Tom fez uma pausa, pensando. “Não. Ele não mencionou ninguém.”

Isso evidentemente foi desapontador para o agente. “Vai ficar em casa nos próximos dias, M.

Reeply?... Talvez queiramos conversar com o senhor...”

Dessa vez Christopher ficou curioso. “Que história foi essa?”

Tom sorriu. “Ah... alguém me perguntando onde um amigo está. E eu não sei.”

Tom se perguntou quem estaria à procura de Murchison. O sujeito da Tate Gallery? Será que a polícia francesa, em Orly, começara tudo? Ou até mesmo a mulher de Murchison nos Estados Unidos?

“Como é Heloise?”, perguntou Christopher.

Na manhã seguinte, quando Tom desceu, Mme. Annette lhe contou que M. Christophe tinha saído para dar uma volta. Tom esperava que ele não tivesse ido ao bosque atrás da casa, mas era mais provável que Chris fosse dar uma olhada no vilarejo. Tom pegou o jornal que havia comprado e mal conseguira ler no dia anterior, e passou os olhos pelas notícias, à procura de qualquer coisa, por menor que fosse, sobre Murchison, ou sobre um desaparecimento em Orly. Não havia nada.

Chris entrou, sorrindo e com o rosto corado. Havia comprado um batedor de arame, do tipo que os franceses usam para bater ovos, na *droguerie* local. “Um presentinho para minha irmã”, disse Chris. “Não pesa muito na mala. Vou dizer a ela que comprei aqui.”

Tom perguntou se Chris gostaria de dar um passeio de carro e almoçar em outra cidade. “Traga o seu *Guide Bleu*. Vamos passear margeando o Sena.” Tom queria esperar ainda alguns minutos pelo correio.

O carteiro trouxe apenas uma carta endereçada em tinta preta com letras grandes e angulosas. Tom sentiu imediatamente que era de Bernard, embora não conhecesse a caligrafia dele. Abriu a carta e viu pela assinatura no final que sua suposição estava correta.

*127 Copperfield St.
S.E.I.*

Prezado Tom,

Desculpe-me pela carta inesperada. Gostaria muito de vê-lo. Posso ir até aí? Você não precisa me hospedar. Seria bom para mim conversar um pouco com você, desde que você também queira.

*Um abraço,
Bernard T.*

P. S.: Talvez eu lhe telefone antes de você receber esta.

Ele precisava passar um telegrama para Bernard imediatamente. Dizendo o quê? Uma recusa àquele pedido causaria mais depressão ainda em Bernard, embora Tom certamente não quisesse vê-lo — pelo menos não agora. Talvez pudesse passar um telegrama para Bernard da agência do correio de alguma cidade pequena, ainda naquela manhã, usando sobrenome e endereço falsos, visto que o nome e o endereço do remetente eram exigidos no final dos formulários de telegramas franceses. Ele precisava despachar Chris o mais depressa possível, algo que não queria fazer.

“Vamos?”

Chris levantou-se do sofá, onde estava escrevendo um cartão-postal. “Vamos.”

Tom abriu a porta e deu de cara com os rostos de dois policiais franceses que estavam prestes a bater na porta. Na verdade, Tom teve de recuar do punho com luva branca que estava levantado.

“*Bonjour*, M. Reeply?”

“Sim. Entrem, por favor.” Devem ser de Melun, pensou Tom, porque os dois policiais de Villeperce o conheciam, e Tom os conhecia de vista também, mas não eram estes.

Os policiais entraram, mas recusaram-se a sentar. Tiraram os quepes, colocando-os embaixo do braço, e o policial mais jovem tirou um bloco e um lápis do bolso.

“Telefonei para o senhor ontem à noite, sobre um senhor Murchison”, disse o policial mais velho, que era um *commissaire*. “Falamos com Londres e depois de alguns telefonemas nos certificamos de que o senhor e Murchison chegaram a Orly no mesmo avião na quarta-feira, e também de que ficaram no mesmo hotel em Londres, o *Mandeveel*. Assim...” O *commissaire* sorriu com satisfação. “O senhor disse que levou Murchison para Orly às três e meia na tarde da quinta?”

“Sim.”

“E o senhor acompanhou Murchison até o terminal?”

“Não, porque não podia estacionar o carro ali, então apenas parei por alguns minutos para que ele descesse.”

“O senhor o viu entrar pelo acesso ao terminal?”

Tom pensou. “Não olhei para trás quando saí com o carro.”

“É porque ele deixou a mala na calçada e simplesmente desapareceu. Ele esperava encontrar alguém em Orly?”

“Não disse nada nesse sentido.”

Christopher Greenleaf estava parado a certa distância, ouvindo toda a conversa, mas Tom tinha certeza de que não conseguia entender muita coisa.

“Ele mencionou amigos que fosse visitar em Londres?”

“Não. Não que me lembre.”

“Hoje de manhã telefonamos novamente para o *Mandeveel*, que é para onde ele deveria ter ido, para perguntar se tinham alguma novidade. Disseram-nos que não, mas alguém de nome...” Virou-se para o colega.

“Riemer”, disse o policial jovem.

“Alguém de nome Riemer havia telefonado para o hotel, porque tinha um encontro com Murchison na sexta. Também descobrimos com a polícia de Londres que Murchison está interessado em verificar um quadro que trouxe dos Estados Unidos. Pintado por Derwatt. O senhor sabe alguma coisa a esse respeito?”

“Ah, sim”, disse Tom. “O senhor Murchison estava com esse quadro. Ele queria ver os meus Derwatts.” Tom mostrou-os nas paredes. “É por isso que ele veio de Londres comigo.”

“Ah, entendo. Há quanto tempo o senhor conhecia Murchison?”

“Conheci-o na terça-feira passada. Eu o vi na galeria de arte, onde está havendo uma exposição de Derwatt, depois o vi no meu hotel naquela noite, e começamos a conversar.” Tom virou-se e disse: “Com licença, Chris, mas isto aqui é importante”.

“Ah, tudo bem, pode continuar”, disse Chris.

“Onde está o quadro de Murchison?”

“Ele o levou embora”, disse Tom.

“Dentro da mala? Não está dentro da mala.” O *commissaire* olhou para seu colega, e ambos pareceram surpresos.

Fora roubado de Orly, graças a Deus, pensou Tom. “Estava embrulhado em papel pardo. O senhor Murchison o levou na mão. Espero que não tenha sido roubado.”

“Ah, bem... aparentemente foi, sim. Qual era o nome do quadro? Que tamanho tinha? O senhor

pode descrevê-lo?”

Tom respondeu a todas as perguntas com precisão.

“Isto está ficando complicado para nós, e talvez seja um caso para a polícia de Londres, mas temos de contar a eles o máximo que pudermos. O quadro cuja autenticidade Murchison está questionando é esse... *L'Horloge?*”

“Sim, ele realmente duvidou a princípio. Ele entende muito mais do que eu”, disse Tom. “Interessei-me pelo que ele dizia porque tenho dois Derwatts, então convidei-o para vir vê-los.”

“E...”, o *commissaire* franziu a testa, um tanto confuso, “... o que ele disse sobre os seus quadros?” Essa pergunta talvez fosse mera curiosidade.

“Com certeza ele acha que os meus são verdadeiros, e eu também”, respondeu Tom. “Penso que ele começou a achar que o dele também era verdadeiro. Disse que talvez cancelasse seu encontro com o senhor Riemer.”

“Ah-hah.” O *commissaire* olhou para o telefone, talvez decidindo se iria ligar para Melun, mas não pediu para usá-lo.

“Posso oferecer-lhes um copo de vinho?”, perguntou Tom, incluindo os dois policiais na oferta.

Eles recusaram, mas gostariam de dar uma olhada nos quadros. Tom ficou satisfeito em mostrá-los. Os dois policiais andaram pela sala, murmurando comentários que pareciam ser bastante inteligentes, a julgar por seus rostos fascinados e por seus gestos enquanto olhavam as telas e gravuras. Talvez visitassem galerias nas horas vagas.

“Derwatt é um pintor famoso na Inglaterra”, disse o policial mais jovem.

“É”, disse Tom.

A entrevista havia acabado. Agradeceram Tom e foram embora.

Tom estava contente por Mme. Annette estar fora, fazendo as compras da manhã.

Christopher riu um pouco depois que Tom fechou a porta. “Puxa, o que foi tudo isso? Tudo que consegui entender foi ‘Orly’ e ‘Murchison’.”

“Parece que Thomas Murchison, um americano que me visitou na semana passada, não embarcou no avião de volta a Londres. Parece que desapareceu. E encontraram a mala dele na calçada do aeroporto... no lugar onde eu o deixei na quinta-feira.”

“Desapareceu? Puxa! Isso foi há quatro dias.”

“Eu não sabia de nada até a noite passada. Foi esse o telefonema que recebi ontem à noite, da polícia.”

“Puxa. Que estranho.” Chris fez algumas perguntas, e Tom as respondeu, como havia respondido à polícia. “Vai ver teve algum lapso de memória, para deixar a bagagem na calçada desse jeito. Ele estava sóbrio?”

Tom riu. “Completamente. Não consigo entender o que aconteceu.”

Continuaram margeando o Sena no Alfa-Romeo, e perto de Samois, Tom mostrou a Chris a ponte onde o general Patton havia cruzado o Sena com seu exército a caminho de Paris em 1944. Chris desceu do carro e leu a inscrição na pequena coluna cinzenta, e voltou com os olhos úmidos, como Tom depois de ver o túmulo de Keats. Almoçaram em Fontainebleau, porque Tom não gostava do principal restaurante em Bas Samois — Chez Bertrand ou coisa assim —, no qual ele e Heloise nunca recebiam uma conta correta, e onde a família proprietária tinha o hábito de começar a limpar o chão antes que as pessoas tivessem terminado de comer, arrastando cadeiras de metal sobre os ladrilhos sem a menor preocupação com os ouvidos humanos. Mais tarde, Tom não se esqueceu das compras para Mme. Annette — *champignons à la grecque, céleri rémoulade*, e de algumas salsichas de cujo nome não conseguia se lembrar, porque não se importava com elas

—, coisas que não se podia comprar em Villeperce. Comprou isso em Fontainebleau, e também algumas pilhas para o rádio.

A caminho de casa, Chris começou a gargalhar e disse: “Esta manhã, no bosque, passei perto de um lugar que parecia um túmulo recém-cavado. Coisa recente mesmo. Achei engraçado, com a visita da polícia esta manhã. Estavam procurando um homem desaparecido na sua casa, e se eles vissem aquele *túmulo* no bosque...”. Chris continuou gargalhando.

É, engraçado, muito engraçado. Tom riu diante do perigo louco que aquilo representava. Mas não fez nenhum comentário.

O dia seguinte estava encoberto, e começou a chover por volta das nove horas. Mme. Annette correu para fechar uma janela que estava batendo em algum lugar da casa. Ouvira no rádio algumas previsões assustadoras de uma tempestade fortíssima e avisou Tom.

O vento deixou Tom apreensivo. Nada de turismo para ele e Chris naquela manhã. Ao meio-dia a tempestade estava pior, e o vento curvava a ponta dos álamos como chicotes ou pontas de espada. De vez em quando, um galho — provavelmente pequeno e seco — era soprado de alguma árvore perto da casa, caía sobre o telhado e rolava para o chão.

“Eu nunca vi nada assim... aqui”, disse Tom durante o almoço.

Mas Chris, com a tranqüilidade de Dickie, ou talvez de toda a sua família, sorria e apreciava a agitação.

As luzes se apagaram durante meia hora, e Tom disse que aquilo acontecia sempre no interior da França, mesmo que a tempestade fosse mais fraca.

Depois do almoço, Tom subiu para o quarto onde pintava. Às vezes pintar ajudava quando estava nervoso. Pintava em pé em frente a sua mesa de trabalho, com a tela apoiada em um torno e em alguns livros grossos sobre arte e horticultura.

A base da tela estava sobre alguns jornais e um trapo grande, resto de um velho lençol. Tom entregava-se com dedicação ao trabalho, afastando-se com freqüência para olhá-lo. Era um retrato de Mme. Annette em um estilo que lembrava De Kooning, o que significava que Mme. Annette nunca reconhecera na imagem uma tentativa de retratá-la. Tom não estava conscientemente imitando De Kooning, e não pensara conscientemente nele ao começar essa tela, mas não havia dúvida de que parecia um retrato feito no estilo de De Kooning. Os lábios pálidos de Mme. Annette estavam abertos em um sorriso róseo, os dentes irregulares e não muito brancos. Ela usava um vestido lilás com uma gola branca espalhafatosa. Tudo isso fora pintado com pincéis largos e pinceladas longas. O trabalho preliminar de Tom para esse quadro foram diversos desenhos rápidos de Mme. Annette, feitos em um bloco apoiado no joelho, quando ela estava distraída na sala de estar.

Havia relâmpagos agora. Tom endireitou o corpo e respirou fundo, o peito dolorido pela tensão. Em seu rádio, o programa *France Culture* estava entrevistando mais um autor que parecia pouco à vontade: “O seu livro, senhor Hublot (Heublein?) me parece (um ruído de interferência)... o que o afasta de — como muitos críticos têm dito — seu *desafio* aos conceitos de anti-sartrismo. Mas agora parece haver uma reversão...”. Tom desligou o aparelho abruptamente.

Um barulho sinistro veio da direção do bosque, e Tom olhou pela janela. Os topos dos pinheiros e álamos ainda balançavam, mas se alguma árvore caísse no bosque, ele não conseguiria ver do lugar onde estava, na escuridão verde acinzentada da floresta. Bem que uma árvore poderia cair, mesmo que fosse uma árvore pequena, e cobrir o maldito túmulo, pensou Tom. Esperava que isso tivesse acontecido. Começou a misturar um marrom avermelhado para fazer o cabelo de Mme. Annette — queria terminar o quadro hoje — quando ouviu vozes, ou pensou ter ouvido, vindas lá de baixo. Vozes masculinas.

Tom saiu no corredor.

As vozes estavam falando inglês, mas ele não conseguia ouvir o que diziam. Eram Chris e uma outra pessoa. *Bernard*, pensou Tom. Sotaque inglês. Meu Deus, era isso!

Tom guardou a paleta cuidadosamente. Fechou a porta e desceu.

Era Bernard, parado em pé sujo e encharcado pouco depois da porta de entrada. Tom se impressionou com os olhos escuros dele, que pareciam mais fundos sob as negras e espessas sobrancelhas. Bernard parecia aterrorizado, pensou Tom. No instante seguinte, pensou que Bernard parecia a própria morte.

“Bernard!”, disse Tom. “Seja bem-vindo!”

“Olá!”, disse Bernard. Tinha uma mochila a seus pés.

“Este é Christopher Greenleaf”, disse Tom. “Bernard Tufts. Mas talvez vocês já tenham se apresentado.”

“É verdade”, disse Chris, sorrindo, aparentemente satisfeito por ter companhia.

“Espero que não tenha problema... eu chegar desse jeito...”, disse Bernard.

Tom assegurou-o de que estava tudo bem. Mme. Annette apareceu, e Tom apresentou-os.

Mme. Annette pegou o casaco de Bernard.

Tom disse a ela em francês: “A senhora pode preparar o quartinho para M. Bernard”. Era um segundo quarto de hóspedes, pouco usado, com uma cama de solteiro, que ele e Heloise chamavam de “quartinho”. “E ele vai jantar conosco.” E virando-se para Bernard: “Como chegou até aqui? Pegou um táxi em Melun? Ou em Moret?”

“Em Melun. Achei a cidade em um mapa, em Londres.” Magro e anguloso como sua própria caligrafia, Bernard esfregava as mãos. Até seu paletó parecia molhado.

“Quer um suéter, Bernard? Que tal um pouco de conhaque para aquecer?”

“Ah, não, obrigado.”

“Venha para a sala! Quer chá? Pedirei à madame que faça um pouco quando voltar. Sente-se, Bernard.”

Bernard olhou ansiosamente para Chris, como se esperasse que ele se sentasse primeiro ou algo assim. Mas nos minutos seguintes Tom percebeu que Bernard olhava ansiosamente para tudo, até mesmo para o cinzeiro sobre a mesa. O andamento da conversa não era dos melhores, e Bernard evidentemente desejava que Christopher não estivesse ali. Mas Chris não parecia entender isso, pelo que Tom pôde ver, e, ao contrário, achou que sua presença poderia ser útil, porque Bernard obviamente não estava bem. Ele gaguejava, e suas mãos estavam trêmulas.

“Não pretendo incomodá-lo muito”, disse Bernard.

Tom riu. “Mas você não vai voltar hoje! Estamos no meio da pior tempestade que já vi nesses três anos em que estou aqui! O avião não teve problemas para pousar?”

Bernard não se lembrava. Seus olhos vagaram para o quadro — que ele mesmo pintara — *Homem na cadeira*, que estava em cima da lareira, e desviaram-se novamente.

Tom pensou no violeta-cobalto no quadro. Agora era como uma substância química venenosa para ele. E para Bernard também, ele supôs. “Faz tempo que você não vê *As cadeiras vermelhas*”, disse Tom, levantando-se. O quadro estava atrás de Bernard.

Bernard levantou-se e virou o corpo, as pernas ainda encostadas no sofá.

A tentativa de Tom foi recompensada por um sorriso leve mas sincero no rosto de Bernard. “É mesmo. É lindo”, disse Bernard com a voz baixa.

“Você pinta”, perguntou Chris.

“Sim.” Bernard sentou-se novamente. “Mas não sou tão bom quanto... quanto Derwatt.”

“Mme. Annette, a senhora poderia ferver água para fazer um chá?”, pediu Tom.

Ela acabara de descer a escada, carregando toalhas ou algo parecido. “Agora mesmo, M. Tome.”

“Diga-me”, perguntou Chris para Bernard, “o que faz um pintor ser bom... ou não? Por exemplo, tenho a impressão de que diversos pintores hoje em dia pintam como Derwatt. Não consigo me lembrar dos nomes agora, porque não são tão famosos. Ah, sim, Parker Nunnally, por exemplo. Você conhece a obra dele? O que é que faz Derwatt ser tão bom?”

Tom também tentou buscar uma resposta correta, talvez “originalidade”. Mas a palavra “publicidade” apareceu-lhe na cabeça também. Estava esperando Bernard falar.

“É a personalidade”, disse Bernard cuidadosamente. “É Derwatt.”

“Você o conhece?”, perguntou Chris.

Uma leve angústia percorreu Tom, uma pontada de compaixão por Bernard.

Bernard confirmou. “Ah, sim.” Agora suas mãos ossudas estavam segurando com força um dos joelhos.

“Você percebe essa personalidade quando o encontra? Quando o vê?”

“Percebo”, disse Bernard com mais firmeza. Mas aquela conversa fazia com que ele se contorcesse, talvez em agonia. Ao mesmo tempo, seus olhos escuros pareciam estar procurando alguma outra coisa que pudesse dizer a respeito daquilo.

“Talvez essa não tenha sido uma pergunta razoável”, disse Chris. “A maioria dos bons artistas não mostra sua personalidade ou desperdiça energia em sua vida pessoal, acho. Parecem totalmente comuns na superfície.”

O chá foi servido.

“Você não trouxe mala, Bernard?”, perguntou Tom. Sabia que Bernard não tinha mala e estava preocupado com seu conforto.

“Não, minha visita é rápida”, disse Bernard.

“Não se preocupe. Tenho tudo que você possa precisar.” Tom sentiu os olhos de Chris sobre ele e Bernard, especulando provavelmente sobre há quanto tempo se conheciam. “Com fome?”, perguntou Tom a Bernard. “Minha governanta adora fazer sanduíches.” Havia apenas biscoitinhos com o chá. “O nome dela é Mme. Annette. Peça-lhe o que quiser.”

“Não, obrigado.” A xícara de Bernard tremeu nitidamente de encontro ao pires.

Tom se perguntou se Jeff e Ed haviam sedado Bernard a ponto de ele estar precisando de alguma coisa agora. Bernard havia terminado o chá, e Tom levou-o para o andar de cima para mostrar-lhe o quarto.

“Vai ter de dividir o banheiro com Chris”, disse Tom. “Você vai pelo corredor e passa pelo quarto de minha mulher.” Tom deixou as portas abertas. “Heloise está na Grécia. Espero que possa descansar um pouco aqui, Bernard. Qual é o problema? O que está preocupando você?”

Bernard balançou a cabeça. “Sinto que estou acabado. É só isso. A mostra foi o fim. É a última que posso fazer. O último quadro. *A banheira*. E agora eles estão tentando... você sabe... ressuscitá-lo.”

E eu consigo, Tom poderia ter dito, mas seu rosto permaneceu tão sério quanto o de Bernard. “Bem... ele presumivelmente *esteve* vivo nos últimos cinco anos. Tenho certeza de que não vão forçá-lo a continuar pintando contra a sua vontade, Bernard.”

“Ah, mas Jeff e Ed... eles vão tentar. Mas para mim chega, entende? Chega.”

“Acho que eles sabem disso. Não se preocupe com isso. Podemos... Veja bem, Derwatt pode voltar à reclusão. No México. Digamos que esteja pintando para os próximos anos e se recuse a mostrar qualquer quadro.” Tom andava de um lado para o outro enquanto falava. “Os anos passam. Derwatt morre... faremos com que ele queime todos os últimos quadros que tiver feito,

algo assim, de forma que ninguém vai vê-los!” Tom sorriu.

Os olhos sombrios de Bernard, fixos no chão, fizeram Tom se sentir como se tivesse contado uma piada que ninguém tivesse entendido. Ou pior, cometido um sacrilégio, como contar uma piada suja em uma catedral.

“Você precisa descansar, Bernard. Quer um remédio para dormir? Tenho alguns bem fracos.”

“Não, obrigado.”

“Quer tomar um banho? Não se preocupe comigo e com Chris. Não vamos incomodá-lo. Vamos deixá-lo em paz. O jantar é às oito, se quiser nos acompanhar. Desça mais cedo se quiser tomar um drinque.”

Nesse momento o vento começou a uivar, e uma árvore enorme curvou-se — os dois olharam pela janela e viram isso acontecer, no jardim dos fundos —, e parecia que a casa também tinha se curvado, e Tom instintivamente firmou os pés no chão. Como alguém podia manter a calma com um tempo desses?

“Quer que eu feche essas cortinas?”, perguntou Tom.

“Tanto faz.” Bernard olhou para Tom. “O que Murchison disse quando viu *Homem na cadeira?*”

“No começo, disse que achava que era falso. Mas eu o convenci de que não era.”

“Como consegui fazer isso? Murchison me contou o que achava sobre... os tons de alfazema. Ele está certo. Cometi três erros, *Homem na cadeira*, *O relógio* e agora *A banheira*. Não sei como foi acontecer. Não sei por quê. Fiz sem pensar. Murchison está certo.”

Tom ficou calado. Então disse: “Sem dúvida, foi um susto para todos nós. Derwatt vivo poderia se redimir. Era o perigo... o perigo de sua não-existência ser exposta. Mas já superamos isso, Bernard”.

Bernard aparentemente não acompanhou esse raciocínio. E disse: “Você se ofereceu para comprar *O relógio*, ou coisa assim?”

“Não. Eu o convenci de que Derwatt devia ter voltado... por um ou dois quadros, talvez até três... para um tom de alfazema que já havia usado.”

“Murchison me falou até mesmo sobre a qualidade do quadro. Que droga!” Bernard sentou-se na cama e recostou-se. “O que Murchison foi fazer em Londres agora?”

“Não sei. Mas sei que ele não vai falar com o especialista, nem vai fazer coisa alguma, Bernard... porque eu o convenci”, disse Tom, tentando acalmá-lo.

“Só posso pensar em uma maneira que você tenha usado para convencê-lo, uma maneira terrível.”

“Como assim?”, perguntou Tom, sorrindo, um pouco assustado.

“Você o convenceu a me deixar em paz. Como um objeto de pena, algo de que se tem pena. Não quero que tenham pena de mim.”

“Nem se tocou no seu nome, é claro.” *Você está louco*, foi o que Tom teve vontade de dizer. Bernard estava louco, ou, pelo menos, temporariamente perturbado. No entanto, o que Bernard havia dito era exatamente o que Tom havia tentado fazer na adega antes de matar Murchison: convencê-lo a deixar Bernard em paz, porque Bernard nunca mais iria pintar “Derwatt”. Tom até mesmo havia tentado fazer Murchison entender a adoração que Bernard sentia por Derwatt, seu ídolo morto.

“Não acho que Murchison pudesse ser convencido”, disse Bernard. “Você não está mentindo para fazer com que eu me sinta melhor, está, Tom? Porque eu já estou farto de *mentiras*.”

“Não.” Mas Tom sentiu-se incomodado por estar mentindo para Bernard. Para Tom era raro sentir-se incomodado por mentir. Previu que em algum momento teria de contar a Bernard que

Murchison estava morto. Era a única maneira de recuperar a segurança de Bernard — pelo menos parcialmente, no que dizia respeito às falsificações. Mas Tom não poderia contar agora, não no meio dessa tempestade enervante, não no estado em que Bernard se encontrava, ou Bernard iria realmente enlouquecer. “Volto já”, disse Tom.

Bernard levantou-se da cama no mesmo instante e foi até a janela, no exato momento em que o vento jogou a chuva contra as vidraças.

Tom estremeceu com aquilo, mas Bernard nem se mexeu. Tom foi até seu quarto, pegou um pijama e um roupão para Bernard, além de chinelos e uma escova de dentes nova, ainda na embalagem plástica. Deixou a escova no banheiro, para o caso de Bernard não ter trazido, e colocou as outras coisas no quarto de Bernard. Disse-lhe que estaria lá embaixo se ele quisesse qualquer coisa e que ia deixá-lo descansar.

Chris tinha ido para o quarto, Tom percebeu pela luz acesa. A tempestade fizera a casa ficar escura, o que não era comum. Tom foi para seu quarto e tirou o tubo de creme dental da gaveta. Se ele enrolasse a extremidade aberta, o tubo ainda seria aproveitável, e era melhor ele usá-lo do que correr o risco de Mme. Annette encontrá-lo no lixo: um desperdício inexplicável e injustificado. Tom tirou a própria pasta de dentes de sua pia e colocou-a no banheiro usado por Chris e Bernard.

Que diabo ele iria fazer com Bernard? E se a polícia voltasse e Bernard estivesse lá, como Chris estava quando eles apareceram? Bernard entendia francês muito bem, pensou Tom.

Tom sentou-se e escreveu uma carta para Heloise. Escrever para ela sempre tinha um efeito calmante sobre ele. Quando tinha dúvidas sobre o francês, geralmente não corria para o dicionário porque seus erros divertiam Heloise.

22 de outubro de 19—

Heloise chérie,

Um primo de Dickie Greenleaf, um rapaz simpático chamado Christophe, está nos visitando por alguns dias. É a primeira vez que vem a Paris. Imagine visitar Paris aos vinte anos. Ficou bastante impressionado com o tamanho da cidade. Ele é da Califórnia.

Hoje estamos no meio de uma tempestade terrível. Todos estão nervosos. Vento e chuva.

Sinto sua falta. Você recebeu o maiô vermelho? Eu disse a Mme. Annette para mandar por via aérea e dei a ela um monte de dinheiro, então se ela não fez o que disse, vou bater nela. Todos perguntam quando você vai voltar para casa. Tomei chá com os Grais. Sinto-me muito sozinho sem você. Volte e vamos dormir um nos braços do outro.

Seu marido solitário,

Tom

Tom selou a carta e levou-a para baixo para deixá-la sobre a mesa do corredor.

Agora Christopher estava na sala, lendo no sofá. Levantou-se de um pulo. “Escute...” Falava com a voz baixa. “Qual é o problema de seu amigo?”

“Teve uma crise. Em Londres. Está deprimido por conta de seu trabalho. E acho que ele tinha uma... Ele rompeu com a namorada, ou ela rompeu com ele. Não sei.”

“Você o conhece bem?”

“Não muito, não.”

“Eu estava imaginando — visto que ele está nesse estado esquisito — se você quer que eu vá embora. Amanhã de manhã. Mesmo hoje à noite.”

“Ah, com certeza esta noite, não, Chris. Com esse tempo? Não, não me incomoda o fato de você estar aqui.”

“Mas eu tive a impressão de que incomodava a ele, Bernard.” Chris balançou a cabeça na direção da escada.

“Bom... tem muito espaço nesta casa para eu e Bernard conversarmos, se ele quiser. Não se preocupe.”

“Tudo bem. Se você quer. Até amanhã, então.” Colocou as mãos nos bolsos de trás e caminhou na direção das janelas francesas.

A qualquer momento Mme. Annette entraria e fecharia as cortinas, pensou Tom, o que, pelo menos, seria alguma coisa calma para se fazer em todo aquele caos.

“Olha!” Chris apontou na direção do gramado.

“O que é?” Uma árvore havia caído, supôs Tom, um assunto de menor importância. Levou alguns instantes para que ele visse o que Chris havia visto, porque estava muito escuro. Tom percebeu uma figura andando lentamente pelo gramado, e seu primeiro pensamento foi o *fantasma de Murchison*, e deu um salto. Mas Tom não acreditava em fantasmas.

“É Bernard!”, disse Chris.

Era Bernard, é claro. Tom abriu as janelas francesas e saiu na chuva, que agora era um chuveiro gelado em todas as direções. “Ei, Bernard!? O que você está fazendo?” Tom viu que Bernard não estava reagindo, que ele continuava a caminhar lentamente, a cabeça erguida, e Tom saiu correndo na direção dele. Tropeçou no primeiro degrau de sua escada de pedra, quase caiu sobre os outros degraus e conseguiu se recompor apenas quando chegou ao último, torcendo um tornozelo no processo. “Ei, Bernard, entre!”, gritou Tom, agora mancando em direção a ele.

Chris saiu da casa e juntou-se a Tom. “Você vai ficar ensopado!”, disse Chris rindo, e fez menção de segurar o braço de Bernard, mas evidentemente não ousou concluir o gesto.

Tom segurou o pulso de Bernard com firmeza. “Bernard, você está tentando pegar um tremendo resfriado?”

Bernard virou-se para eles e sorriu, e a chuva pingava de seu cabelo preto grudado na testa. “Eu gosto. Gosto mesmo. É assim que eu me *sinto!*” Ergueu os braços bem para o alto, soltando-se de Tom.

“Mas você vai entrar agora? Por favor, Bernard.”

Bernard sorriu para Tom. “Ah, está bem”, disse ele, como se estivesse fazendo a vontade de Tom.

Os três caminharam de volta para a casa juntos, mas lentamente, porque Bernard parecia querer absorver cada pinga. Bernard estava de bom humor e fez algum comentário alegre ao tirar os sapatos diante das janelas francesas, para não encharcar o tapete. Tirou a jaqueta também.

“Você precisa trocar essas roupas”, disse Tom. “Vou pegar alguma coisa para você vestir”, disse, tirando os sapatos também.

“Muito bem, eu troco”, disse Bernard, no mesmo tom de condescendência, e subiu a escada lentamente, carregando os sapatos.

Chris olhou para Tom e franziu a testa de propósito, como Dickie. “Esse cara é louco!”, cochichou ele. “Muito louco!”

Tom concordou com um gesto da cabeça, estranhamente abalado — abalado como sempre ficava na presença de alguém que era verdadeiramente perturbado. Era uma sensação de estilhaçamento. Estava começando a aparecer mais cedo: em geral levava vinte e quatro horas. Tom pisou com cuidado, virando e sentindo o tornozelo. Não era nada sério, pensou. “Talvez você esteja certo”, disse ele para Chris. “Vou subir e pegar umas roupas secas para ele.”

Por volta das dez da noite, Tom bateu na porta do quarto de Bernard. “Sou eu, Tom.”

“Ah, pode entrar”, disse Bernard calmamente. Ele estava sentado à mesinha, uma caneta na mão. “Por favor, não fique assustado com meu passeio pela chuva desta noite. Eu estava sendo eu mesmo na chuva. E isso está se tornando algo raro.”

Tom entendia, até bem demais.

“Sente-se, Tom! Feche a porta. Sinta-se em casa.”

Tom sentou-se na cama de Bernard. Ele viera falar com Bernard como havia prometido durante o jantar, na verdade, na presença de Chris. Bernard estivera mais alegre durante o jantar. Estava usando o roupão que Tom lhe emprestara. Havia algumas folhas de papel cobertas com a caligrafia de Bernard sobre a mesa, mas Tom intuiu que ele não estava escrevendo uma carta.

“Acho que boa parte do tempo você sente que é Derwatt”, disse Tom.

“Às vezes. Mas quem poderia ser realmente ele? E quando ando por uma rua de Londres, não. Só às vezes quando pinto, só por alguns segundos, sinto que sou ele. E, sabe, eu posso falar sobre isso com facilidade agora, até com prazer, porque vou desistir, espero.”

E talvez aquelas folhas sobre a mesa fossem uma confissão, pensou Tom. Uma confissão para quem?

Bernard pôs um dos braços por cima do encosto de sua cadeira. “E sabe de uma coisa, minhas falsificações evoluíram em quatro ou cinco anos da maneira que a técnica de Derwatt poderia ter evoluído. Engraçado, não?”

Tom não sabia o que dizer que fosse correto ou respeitoso o bastante. “Talvez não seja engraçado. Você entendeu Derwatt. E os críticos disseram a mesma coisa, que a pintura evoluiu.”

“Você não imagina como é estranho pintar como... Bernard Tufts. A pintura dele não evoluiu muito. É como se eu estivesse falsificando Tufts agora, porque estou pintando o mesmo Tufts que pintava cinco anos atrás!” Bernard deu uma sonora gargalhada. “De certa forma, tenho de me esforçar mais para ser eu mesmo do que para ser Derwatt. Eu *tinha* de me esforçar. E isso estava me deixando louco, percebe? Você consegue entender isso. Eu queria me dar uma chance, se é que sobrou alguma coisa de mim.”

Tom sabia que ele estava falando sobre dar uma segunda chance a Bernard Tufts. “Tenho certeza absoluta de que isso pode ser feito. É você quem tem de dar as cartas.” Tom tirou o maço de Gauloises do bolso e ofereceu um cigarro a Bernard.

“Quero começar uma vida nova. Pretendo confessar o que fiz e começar daí... ou pelo menos tentar.”

“Ah, Bernard! Você precisa se livrar *dessa* idéia. Você não é o único que está envolvido. Pense no que iria acontecer com Jeff e Ed. Todos os quadros que você pintou iriam... Vamos, Bernard, confesse para um padre, se quiser, mas não para a imprensa. Nem para a polícia inglesa.”

“Você acha que sou louco, eu sei. Bem, às vezes sou mesmo. Mas tenho apenas uma vida para viver. Quase a arruinei. Não pretendo arruinar o resto dela. E o problema é meu, não é?”

A voz de Bernard estava trêmula. Tom se perguntou se ele era forte ou fraco. “Eu entendo”, disse Tom calmamente.

“Não quero parecer dramático, mas preciso saber se as pessoas vão me aceitar... se vão me perdoar, se você preferir.”

Não, elas não vão fazer isso, pensou Tom. O mundo de jeito nenhum aceitaria. Será que arrasaria Bernard se Tom lhe dissesse isso? Provavelmente. Bernard cometeria suicídio em vez de fazer uma confissão. Tom pigarreou e tentou pensar, mas nada, nada lhe ocorreu.

“Além disso, acho que Cynthia iria gostar se eu esclarecesse tudo. Ela me ama. Eu a amo. Sei que ela não quis me ver agora. Ed me contou em Londres. Não a culpo. Jeff e Ed me pintaram como se eu fosse um inválido: ‘Venha ver o Bernard, ele precisa de você!’”, falou Bernard, com voz afetada. “Que mulher iria querer?” Bernard olhou para Tom e abriu os braços, sorrindo. “Está vendo o bem que a chuva me fez, Tom? Só não lavou os meus pecados.”

Ele riu de novo, e Tom invejou-lhe a despreocupação.

“Cynthia é a única mulher que amei. Não quero dizer que... Bem, ela teve um ou dois casos depois de mim, é claro. Fui eu quem mais ou menos terminou com tudo. Fiquei tão... nervoso, até mesmo assustado, quando comecei a imitar Derwatt.” Bernard engoliu em seco. “Mas sei que ela ainda me ama... se eu for *eu mesmo*. Consegue entender isso?”

“Claro que consigo. É claro. Você estava escrevendo para ela?”

Bernard apontou para as folhas de papel e sorriu. “Não. Estou escrevendo... para ninguém em especial. É só uma declaração. É para a imprensa ou para qualquer um.”

E aquilo tinha de ser impedido. Tom disse calmamente: “Gostaria que você refletisse um pouco sobre as coisas, Bernard”.

“Eu já não tive tempo suficiente para pensar?”

Tom tentou pensar em alguma coisa mais objetiva para dizer, algo capaz de deter Bernard, mas metade de sua mente estava em Murchison, na possibilidade de a polícia voltar. Até que ponto iriam procurar pistas por ali? Será que olhariam no bosque? A reputação de Tom Ripley já estava um pouco manchada, talvez, pela história com Dickie Greenleaf. Embora estivesse livre das suspeitas, por um tempo elas o haviam assombrado. Por que não colocara Murchison na perua e o levava a quilômetros dali para enterrá-lo na floresta de Fontainebleau? Poderia ter até acampado por lá para terminar o serviço. “Podemos conversar sobre isso amanhã?”, perguntou Tom. “Talvez você veja as coisas de maneira diferente, Bernard.”

“É claro, podemos conversar a qualquer hora. Mas não vou me sentir diferente amanhã. Eu quis falar com você primeiro, porque você bolou a coisa toda... ressuscitar Derwatt. Quero começar do começo, percebe? Sou bastante lógico.” Havia um toque de insanidade em sua exposição dogmática, e Tom sentiu novamente um profundo desconforto.

O telefone tocou. Havia um aparelho no quarto de Tom e o som atravessou claramente o corredor.

Tom teve um sobressalto. “Você não pode se esquecer dos outros envolvidos...”

“Não vou envolver você, Tom.”

“Vou atender o telefone. Boa noite, Bernard”, disse Tom rapidamente, e correu até seu quarto. Não queria que Chris atendesse lá embaixo.

Era a polícia novamente. Desculparam-se por estar ligando tão tarde, mas...

Tom disse: “Desculpe-me, *m’sieur*, mas poderia ligar novamente daqui a uns cinco minutos? É que eu estou...”.

A voz educada concordou prontamente com o pedido.

Tom desligou e afundou o rosto nas mãos. Estava sentado na beirada da cama. Levantou-se e fechou a porta. Os acontecimentos estavam um pouco adiante dele. Apressara-se em enterrar

Murchison por causa do maldito conde. Que erro! O Sena, o Loing passando como serpentes por toda a região, havia pontes com pouco movimento, até mesmo desertas, especialmente depois da uma da manhã. O telefonema da polícia só poderia significar más notícias. A sra. Murchison — Harriet, segundo Murchison; não foi isso o que ele disse? — poderia ter contratado um detetive americano ou inglês para encontrar-lhe o marido. Ela sabia qual era o propósito de Murchison, descobrir se um quadro de um pintor famoso era ou não falsificado. Ela não suspeitaria de algum jogo sujo? E se Mme. Annette fosse interrogada, será que diria que não vira realmente M. Murchison ir embora na tarde de quinta?”

Se a polícia quisesse falar com ele naquela noite, Chris poderia falar sobre o que vira no bosque. Tom imaginou Chris dizendo em inglês: “Por que você não conta a eles sobre...”, e Tom não conseguiria dizer outra coisa em francês para a polícia, porque Chris provavelmente iria querer vê-los cavar.

O telefone tocou outra vez, e Tom atendeu calmamente.

“Alô, M. Reeply. É do Distrito de Melun. Recebemos um telefonema de Londres. Sobre o caso Murchison. Mme. Murchison contatou a Polícia Metropolitana de Londres, que quer que forneçamos todas as informações que pudermos esta noite. O inspetor inglês chegará amanhã de manhã. Agora, por favor, M. Murchison fez algum telefonema de sua casa? Gostaríamos de verificar os números.”

“Não me lembro”, disse Tom, “de ele ter feito nenhum telefonema. Mas eu não estava em casa o tempo todo.” Podiam olhar em sua conta telefônica, pensou Tom, mas eles que pensassem nisso.

Um momento depois, eles já haviam desligado.

Tom achou pouco cordial, e um tanto desconcertante, que a polícia de Londres não tivesse ligado diretamente para ele para fazer perguntas. Sentiu que a polícia de Londres já o estava tratando como um suspeito, e preferia conseguir informações por meio dos canais oficiais. De alguma forma, Tom temia um detetive inglês mais do que um francês, embora em relação a minúcias e a persistência, os franceses se saíssem muito bem.

Tinha duas coisas a fazer, tirar o corpo do bosque e Chris da casa. E Bernard? O cérebro de Tom quase hesitava diante da tarefa.

Desceu.

Chris estava lendo, mas bocejou e levantou-se. “Eu já ia me deitar. Como está Bernard? Achei que ele estava melhor no jantar.”

“É, também achei.” Tom odiava o que tinha para dizer, ou a indireta que precisava dar, o que era pior.

“Encontrei uma tabela de horários ao lado do telefone. Há um trem de manhã às nove e cinquenta e dois e um às onze e trinta e dois. Posso pegar um táxi daqui até a estação.”

Tom sentiu-se aliviado. Havia trens mais cedo, mas era impossível para ele sugeri-los. “Escolha o que quiser. Eu o levo até a estação. Não sei o que fazer com Bernard, mas acho que ele quer ficar sozinho comigo por alguns dias.”

“Eu só espero que seja seguro”, disse Chris num tom de voz sério. “Sabe, pensei em ficar mais um ou dois dias para ajudar com ele, caso você precisasse.” Chris estava falando em voz baixa. “Conheci um sujeito no Alasca — servi o exército lá — que não agüentou o tranco e que agia de forma muito parecida com a de Bernard. De repente ele ficou violento, começou a socar todo mundo.”

“Bem, duvido que Bernard faça isso. Talvez você e seu amigo Gerald possam nos visitar depois que Bernard for embora. Ou depois que vocês voltarem da região do Reno.”

Chris pareceu gostar da idéia.

Depois que Chris havia subido (partiria no dia seguinte, no trem das 9h52), Tom andou de um lado para o outro na sala. Faltavam cinco para a meia-noite. Alguma coisa tinha de ser feita com o cadáver de Murchison naquela noite ainda. Era muito trabalho para uma pessoa só, cavar no escuro, colocar o corpo na perua e jogá-lo — onde? Talvez de alguma ponte. Tom ponderou sobre a idéia de pedir a Bernard que o ajudasse. Será que Bernard iria explodir ou cooperar — quando enfrentasse a realidade? Tom sentia que não iria conseguir convencer Bernard a não confessar, do jeito que as coisas estavam. Será que o cadáver não o chocaria a ponto de lhe mostrar a seriedade da situação?

Aquela era uma pergunta infernal.

Será que Bernard daria o mergulho na fé, como dissera Kierkegaard? Tom sorriu ao pensar na expressão. Mas ele havia dado o mergulho quando fora para Londres para personificar Derwatt. Aquele mergulho fora bem-sucedido. Ele dera outro mergulho ao matar Murchison. Dane-se. Quem não arrisca, não petisca.

Tom foi para a escadaria, mas teve de diminuir o passo devido à dor em seu tornozelo. Na verdade, parou com o pé machucado sobre o primeiro degrau, a mão sobre o anjo dourado que formava o pilar do corrimão. Ocorrerá-lhe que se Bernard empacasse essa noite, precisaria se livrar dele também. Matá-lo. Era um pensamento revoltante. Tom não queria matar Bernard. Talvez nem conseguisse. Então, se Bernard se recusasse a ajudá-lo, e acrescentasse *Murchison* à sua confissão...

Tom subiu os degraus.

O corredor estava às escuras, exceto por um pequeno abajur que vinha do quarto de Tom. A luz no quarto de Bernard estava apagada, e a de Chris parecia estar também, embora isso não significasse que Chris estivesse dormindo. Foi difícil para Tom erguer a mão e bater na porta de Bernard. Bateu de leve, porque o quarto de Chris ficava a menos de três metros, e ele não queria que Chris escutasse às escondidas com o intuito de protegê-lo de um possível ataque de Bernard.

Bernard não respondeu, e Tom abriu a porta, entrou e fechou-a atrás de si.

“Bernard?”

“Hum-m?... Tom?”

“É. Desculpe. Posso acender a luz?”

“Claro.” Bernard parecia bastante calmo, e encontrou o interruptor do abajur sozinho. “Qual é o problema?”

“Ah, nada. Quer dizer, é que eu preciso conversar com você e em voz baixa, porque não quero que o Chris ouça.” Tom puxou uma cadeira para perto da cama de Bernard e sentou-se.

“Bernard... estou com um problema e gostaria que você me ajudasse, se puder.”

Bernard ficou atento, a testa franzida. Pegou o maço de Capstan e acendeu um. “Qual é o problema?”

“Murchison está morto”, disse Tom calmamente. “É por isso que você não precisa se preocupar com ele.”

“Morto?” Bernard franziu ainda mais a testa. “Por que você não me contou?”

“Porque eu o matei. Aqui, na adega.”

Bernard engoliu em seco. “*Você?* Você não pode estar falando sério, Tom!”

“Fale baixo.” Era estranho, mas Tom tinha a sensação de que Bernard estava mais equilibrado do que ele naquele momento. Isso tornava as coisas mais difíceis para Tom, porque ele previra uma reação mais bizarra da parte de Bernard. “Tive de matá-lo... aqui... e agora ele está enterrado no bosque atrás da minha casa. O meu problema é que preciso tirá-lo daqui esta noite. Entenda, a polícia já está telefonando. Talvez apareçam amanhã para dar uma olhada por aí.”

“Você o matou?”, disse Bernard, ainda incrédulo. “Mas por quê?”

Tom suspirou, com um estremeamento. “Primeiro: nem preciso dizer que ele ia arrasar a Derwatt Ltd. Segundo, e pior: ele me reconheceu lá na adega. Reconheceu as minhas mãos. Ele disse: ‘Você fingiu ser Derwatt em Londres’. De repente, estava feito. Não pensava em matá-lo quando o trouxe para cá.”

“Morto”, repetiu Bernard, atordoado.

À medida que o tempo passava, Tom ficava impaciente. “Acredite em mim. Fiz o melhor que pude para fazê-lo mudar de idéia. Até contei a ele que você era o falsificador, você, o sujeito com quem ele havia conversado no bar do Mandeville. É, eu vi vocês lá”, disse Tom antes que Bernard pudesse falar. “Eu disse a ele que você não ia mais pintar nenhum Derwatt. Pedi-lhe que o deixasse em paz. Murchison recusou. Então... você vai me ajudar a tirar o cadáver de lá?” Tom olhou para a porta. Ainda estava fechada, e ele não ouvira nenhum som vindo do corredor.

Bernard saiu da cama lentamente. “E o que você quer que eu faça?”

Tom levantou-se. “Daqui a uns vinte minutos, eu agradeceria se você me ajudasse. Gostaria de colocar o corpo na perua. Será muito mais fácil fazer isso em dupla. Eu realmente não conseguirei sozinho. Ele é pesado.” Tom se sentia melhor, porque estava falando da mesma maneira que sempre pensava. “Se não quiser me ajudar, tudo bem. Posso tentar sozinho, mas...”

“Tudo bem, eu ajudo.”

Bernard falou de maneira resignada, como se realmente fosse ajudar, mas Tom não confiou nele. Será que mais tarde Bernard não teria alguma reação imprevisível, talvez meia hora depois? O tom de voz de Bernard fora o de um santo dizendo a... alguém superior a um santo: “Vou segui-lo, aonde você mandar”.

“Pode se vestir? Ponha aquela calça que lhe dei. Tente não fazer barulho. Chris não pode nos ouvir.”

“Certo.”

“Você pode descer... me encontrar lá fora, na entrada, daqui a uns quinze minutos.” Tom olhou o relógio. “Meia-noite e vinte e sete agora.”

“Certo.”

Tom desceu e destrancou a porta da frente, que Mme. Annette havia trancado antes de dormir. Então voltou apressado ao seu quarto, tirou os chinelos, calçou sapatos e vestiu uma jaqueta. Desceu novamente e pegou as chaves do carro que estavam na mesa do corredor. Apagou as luzes da sala, exceto uma delas, que sempre deixava acesa a noite toda. Em seguida pegou uma capa de chuva e calçou botas de borracha, que estavam no lavabo, por cima dos sapatos. Pegou uma lanterna que estava na mesinha do corredor e uma outra, que também estava no lavabo e que podia ser colocada em pé.

Tirou a perua Renault da garagem e colocou-a no caminho que levava para o bosque. Usou apenas as lanternas do carro, e depois de chegar ao que julgou ser o lugar certo, apagou-as. Entrou no bosque com uma das lanternas, encontrou o túmulo e, cobrindo a lanterna para que o fecho de luz ficasse menos visível, foi até o barracão pegar a pá e o forcado. Levou-os até o monte de lama em que tinha se transformado o túmulo de Murchison. Depois voltou para casa caminhando calmamente, pensando em guardar suas forças. Tom esperava que Bernard se atrasasse, e estava totalmente preparado para o caso de ele não aparecer.

Bernard estava lá, em pé como uma estátua, vestido com seu terno que estivera molhado algumas horas atrás, mas que Bernard secara sobre o aquecedor em seu quarto.

Tom fez um gesto, e Bernard seguiu-o.

No caminho que ia para o bosque, Tom viu que a luz do quarto de Chris ainda estava apagada. Apenas a luz do quarto de Bernard estava acesa. “Não é longe. Esse é o problema!”, disse Tom, tomado por uma alegria repentina. Entregou o forcado a Bernard e ficou com a pá, porque achava que cavar com a pá era mais difícil. “Lamento dizer que é bem fundo!”

Bernard se pôs a trabalhar com estranha resignação, mas seus movimentos com o forcado eram fortes e eficientes. Bernard lançava a terra para fora, mas depois de um tempo só a estava deixando mais solta, e Tom estava em pé no buraco cavando o mais rápido que podia.

“Vou descansar um pouco”, disse Tom por fim, mas descansou carregando duas pedras enormes, de uns quinze quilos cada uma, até o carro. Havia deixado o porta-malas aberto e colocou as pedras dentro.

Bernard alcançou o cadáver. Tom desceu e tentou usar a pá para retirá-lo, mas o buraco ainda era muito estreito. Os dois, então, apoiando um pé de cada lado do corpo, tentaram puxá-lo pelas cordas. A de Tom partiu ou soltou-se, e, depois de dizer um palavrão, ele a amarrou novamente, enquanto Bernard segurava a lanterna. Alguma coisa deveria estar tragando o corpo de Murchison para dentro da terra: era como se houvesse uma força atuando contra eles. As mãos de Tom estavam enlameadas e doloridas, talvez sangrando.

“É bem pesado”, disse Bernard.

“É. Acho melhor contarmos ‘um, dois, três’ e puxarmos juntos com força.”

“Certo.”

“Um... dois...” Os dois ficaram tensos. “... três! Opa!”

Murchison subiu até o nível do chão. Bernard ficara com a parte mais pesada, os ombros.

“O resto deve ser mais fácil”, disse Tom, apenas para dizer alguma coisa.

Colocaram o corpo no carro. O encerado ainda estava pingando lama, e a frente da capa de Tom estava imunda.

“Temos de colocar a terra de volta no lugar.” A voz de Tom estava rouca de cansaço.

Mais uma vez, essa foi a parte mais fácil, e para garantir Tom colocou alguns galhos que haviam caído das árvores sobre o local. Bernard deixou cair o forçado no chão, e Tom disse: “Vamos colocar as ferramentas de volta no carro”.

Foi o que fizeram. Então Tom e Bernard entraram no carro, e Tom deu marcha a ré até a estrada, lamentando o barulho do motor. Não havia ninguém no caminho. Porém, para horror de Tom, ele viu a luz do quarto de Chris se acender, logo que começou a manobrar na estrada. Tom havia olhado para outra janela que estava escura — o quarto de Chris tinha uma janela lateral também — e a luz havia piscado, como se os estivesse saudando. Tom não disse nada a Bernard. Não havia iluminação na rua ali, e Tom esperava que Chris não distinguisse a cor do carro, que era verde-escuro, embora as lanternas estivessem acesas, sem necessidade.

“Para onde estamos indo?”, perguntou Bernard.

“Conheço um lugar a oito quilômetros daqui. Uma ponte...”

Havia um outro carro passando na estrada, o que não era incomum à uma e cinquenta da manhã. Tom sabia disso porque já voltara dirigindo de muitas festas que acabavam tarde.

“Obrigado, Bernard. Tudo vai dar certo”, disse Tom.

Bernard ficou calado.

Chegaram ao lugar em que Tom havia pensado. Era ao lado de um vilarejo chamado Voisy, um nome para o qual Tom nunca prestara muita atenção até aquela noite, quando teve de passar pela placa com o nome do lugar e atravessar o vilarejo para chegar à ponte da qual se lembrava. O rio era o Loing, pensou Tom, que desaguava no Sena. Não que Murchison fosse flutuar até muito longe com aquelas pedras presas no corpo. Havia um poste com uma lâmpada bastante fraca em um dos lados da ponte, mas nenhuma do outro lado, que estava escuro. Tom dirigiu até o outro lado e parou alguns metros depois da ponte. No escuro, com a ajuda da lanterna, eles enfiaram as pedras dentro do encerado e amarraram novamente as cordas.

“Agora é só jogar”, disse Tom calmamente.

Bernard se movia com tranqüila eficiência, e parecia saber exatamente o que fazer. Não foi tão difícil para os dois carregarem o corpo, mesmo com as pedras junto. O parapeito de madeira da ponte tinha pouco mais de um metro. Tom, andando para trás, olhou para os dois lados, para o vilarejo escuro atrás de si onde havia apenas dois postes de iluminação, e para a frente, onde a ponte desaparecia na escuridão.

Então foram para o meio da ponte e colocaram o cadáver no chão por alguns instantes, reunindo forças novamente. Depois curvaram-se e o ergueram, e com um impulso conjunto o jogaram por cima do parapeito.

O barulho do corpo caindo na água foi aterrador — parecendo um enorme *boom* no silêncio, como um canhão que poderia acordar todo o vilarejo —, seguido de uma chuva de respingos. Voltaram para o carro.

“Não corra”, disse Tom, talvez desnecessariamente. Será que eles ainda tinham alguma energia?

Entraram no carro e seguiram em frente. Tom não sabia nem se importava para onde estavam

indo.

“Acabou!”, disse Tom. “O maldito já não está mais nas nossas mãos!” Sentia-se maravilhosamente feliz, livre e leve. “Acho que não lhe contei”, disse Tom com a voz alegre, a garganta não estava mais seca, “que eu disse à polícia que deixei Murchison em Orly na quinta-feira. A bagagem dele eu deixei lá mesmo. Então, se Murchison não pegou o avião, a culpa não é minha, é? Ha!” Tom riu, como sempre ria sozinho, com o alívio semelhante depois de momentos desgastantes. “A propósito, *O relógio* foi roubado em Orly. Estava junto com a mala dele. Imagino que qualquer um que visse a assinatura de Derwatt guardaria o quadro e não diria nada a ninguém!”

Mas Bernard estava acompanhando o que ele dizia? Bernard continuava calado.

Estava começando a chover de novo! Tom ficou mais animado. A chuva provavelmente apagaria as marcas de pneu no caminho perto de sua casa e certamente ajudaria na aparência do túmulo que agora estava vazio.

“Preciso sair”, disse Bernard, com a mão na maçaneta.

“O quê?”

“Estou passando mal.”

Logo que conseguiu, Tom parou ao lado da estrada. Bernard saiu.

“Quer que eu vá com você?”, Tom perguntou rapidamente.

“Não, obrigado.” Bernard andou alguns metros para a direita, onde uma ribanceira levantava-se abruptamente. Curvou-se.

Tom sentiu pena dele. Ele tão alegre e sentindo-se bem, e Bernard com o estômago embrulhado. Bernard demorou dois minutos, três, quatro.

Um carro se aproximava por trás, a uma velocidade normal. Tom teve um impulso de apagar os faróis, mas deixou-os como estavam, os faróis baixos acesos. Devido a uma curva na estrada, os faróis do carro passaram sobre Bernard por um segundo. Meu Deus, era um carro de polícia! Uma luz azul acesa sobre a capota. O carro da polícia desviou do carro de Tom e continuou andando, na mesma velocidade. Tom se acalmou. Ainda bem! Sem dúvida pensaram que Bernard estava urinando, e na França certamente não era contra a lei fazer aquilo na beira de uma estrada, mesmo à luz do dia. Ao voltar, Bernard não comentou nada sobre o carro que passara, e Tom também não disse nada.

Quando chegaram, Tom colocou o carro na garagem sem alarde. Tirou a pá e o forçado e encostou-os em uma parede. Em seguida, limpou o bagageiro com um pano velho. Fechou a porta do bagageiro sem batê-la, para evitar o barulho. Bernard estava esperando. Tom fez um gesto, e eles saíram da garagem. Tom fechou as portas e colocou o cadeado silenciosamente.

Na porta da frente eles tiraram os sapatos e os levaram na mão. Tom reparou que a luz do quarto de Chris não estava acesa quando o carro se aproximou da casa. Tom usou a lanterna e eles subiram as escadas. Encaminhou Bernard para o quarto e fez um sinal de que voltaria em seguida.

Tom esvaziou os bolsos da capa e jogou-a na banheira. Enxaguou as botas na torneira da banheira e colocou-as no armário. Poderia lavar a capa mais tarde e pendurá-la no armário também, para que Mme. Annette não a visse pela manhã.

Então, de pijama e chinelos, voltou em silêncio para falar com Bernard.

Bernard estava em pé, descalço, fumando um cigarro. Sua jaqueta enlameada estava sobre uma cadeira.

“Não pode acontecer mais muita coisa com essa roupa”, disse Tom. “Deixe que eu dou um jeito

nela.”

Bernard se mexia bem devagar, mas estava se mexendo. Tirou a calça e entregou-a a Tom. Tom levou a calça e a jaqueta para seu quarto. Poderia limpar a lama mais tarde, e talvez levar para uma lavanderia. A roupa não era grande coisa, o que era típico de Bernard. Jeff ou Ed haviam contado a Tom que Bernard não aceitava todo o dinheiro da Derwatt Ltd. que eles queriam lhe dar. Tom voltou ao quarto de Bernard. Pela primeira vez apreciou a solidez de seu assoalho: não rangia.

“Posso lhe trazer uma bebida, Bernard? Acho que seria bom se você tomasse alguma coisa.” Agora ele podia ser visto lá embaixo, pensou Tom, por Mme. Annette ou até mesmo por Chris. Poderia até mesmo dizer que ele e Bernard tiveram vontade de dar um passeio e tinham acabado de voltar.

“Não, obrigado”, disse Bernard.

Tom se perguntou se Bernard conseguiria dormir, mas receava propor qualquer outra coisa, como um sedativo ou mesmo uma xícara de chocolate quente, porque achava que Bernard diria novamente “Não, obrigado”. Tom disse, a voz baixa: “Lamento ter colocado você nisso. Se quiser, pode dormir a manhã toda, está bem? Chris vai embora amanhã de manhã”.

“Está bem.” O rosto de Bernard estava pálido, quase esverdeado. Ele não olhou para Tom. Seus lábios formavam uma linha fina, como lábios que raramente sorriem ou falam — e agora sua boca parecia desapontada.

Ele parece traído, pensou Tom. “Vou cuidar dos seus sapatos também”, disse Tom, pegando-os.

Em seu banheiro — a porta do quarto e a do banheiro fechadas agora, possivelmente para evitar Chris — Tom lavou a capa e passou uma esponja na roupa de Bernard. Enxaguou as botas de Bernard e colocou-as sobre um jornal perto do aquecedor do banheiro. Mme. Annette, embora lhe trouxesse o café e arrumasse a cama, não entrava em seu banheiro, a não ser, talvez, uma vez por semana, para arrumá-lo, e a séria faxineira, Mme. Clusot, vinha uma vez por semana, e viria hoje à tarde.

Por fim Tom cuidou das próprias mãos, que não estavam tão ruins quanto pensava. Passou creme Nívea. De uma forma curiosa, sentiu que havia sonhado a última hora — que praticara aqueles atos em algum lugar, o que fizera suas mãos ficarem doloridas — e que o que acontecera não era real.

O telefone deu sinal de que iria tocar. Tom saltou sobre ele, impedindo que continuasse, pois o barulho parecia ensurdecedor.

Eram quase três horas da manhã.

Biip-biip... burr-r-r-r... dup-dup-dup... biip?

Sons de submarino. De onde estava vindo essa chamada?

“Vous êtes... ne quittez pas... Athènes vous appelle...”

Heloise.

“Alô, Tome!... Tome!”

Isso foi tudo que Tom conseguiu entender durante vários segundos de enlouquecer. “Pode falar mais alto?”, disse ele em francês.

Ele mal conseguia entender, mas Heloise estava lhe dizendo que estava infeliz e entediada, *terriblement ennuyée*. Alguma outra coisa, talvez uma pessoa, era absolutamente *desagradável* também.

“... essa mulher que se chama Norita...” Lolita?

“Volte para casa, querida! Estou com saudade!”, gritou Tom em inglês. “Que se dane esse bando

de frescos!”

“Eu sei o que vou fazer.” Essa parte ele entendeu bem. “Eu estou tentando falar com você há duas horas. Aqui nem o telefone funciona.”

“Não funciona em lugar nenhum. É só uma invenção para extorquir dinheiro dos outros.” Tom ficou satisfeito por ouvi-la rir um pouco — como uma sereia rindo no mar.

“Você me ama?”

“É claro que sim!”

A ligação caiu no momento em que estava ficando mais audível. Tom tinha certeza de que Heloise não havia desligado.

O telefone não voltou a tocar. Eram cinco horas da manhã na Grécia, supôs Tom. Será que Heloise havia ligado do hotel em Atenas? Ou daquele iate doido? Ele queria muito vê-la. Havia se acostumado com ela e sentia sua falta. Será que aquilo era amar alguém? Aquilo era o casamento? Mas antes ele precisava limpar a área. Heloise era bastante amoral, mas não seria capaz de suportar tudo isso. E, é claro, ela não sabia nada sobre as falsificações de Derwatt.

Tom acordou atordoado com Mme. Annette batendo na porta. Ela trazia sua xícara de café forte.

“Bom dia, M. Tome! Está um dia lindo hoje!”

O sol estava brilhando realmente, uma mudança fantástica em relação ao dia anterior. Tom bebericou o café, deixando que sua magia negra lhe percorresse o corpo, então levantou-se e se vestiu.

Tom bateu na porta de Chris. Ainda dava para pegar o trem das nove e cinquenta e dois.

Chris estava na cama com um mapa enorme sobre os joelhos. “Decidi pegar o das onze e trinta e dois... se não for problema para você. Gosto de ficar na cama sem fazer nada depois que acordo.”

“Claro que não há problema”, disse Tom. “Você deveria ter pedido a Mme. Annette que lhe trouxesse o café.”

“Ah, isso seria *demais*.” Chris saltou da cama. “Pensei em dar um passeio rápido.”

“Tudo bem. Até já.”

Tom desceu. Requentou o café e serviu-se de mais uma xícara na cozinha. Ficou em pé olhando pela janela, enquanto tomava o café. Viu Chris saindo da casa, abrindo os portões. Depois ele seguiu pela esquerda na direção da cidade. Provavelmente ia tomar café com leite e *croissant* em um café, à moda francesa.

Bernard, evidentemente, ainda estava dormindo, o que era ótimo.

Às nove e dez, o telefone tocou. Uma voz em inglês disse: “Aqui é o inspetor-detetive Webster, da Polícia Metropolitana de Londres. O senhor Ripley está?”

Será que essa era a canção-tema de sua existência? “Sim, sou eu mesmo.”

“Estou ligando de Orly. Gostaria muito de falar-lhe pessoalmente, ainda pela manhã, se possível.”

Tom quis dizer que à tarde seria mais conveniente, mas estava sem sua ousadia habitual, e também sentiu que o inspetor poderia suspeitar que ele passaria a manhã tentando esconder alguma coisa. “Esta manhã está bem. O senhor virá de trem?”

“Pensei em tomar um táxi”, disse a voz casualmente. “Não parece muito longe. Quanto tempo demoraria de táxi?”

“Cerca de uma hora.”

“Vejo-o daqui a uma hora então.”

Chris ainda não teria ido embora. Tom serviu mais uma xícara de café e levou-a para Bernard. Ele teria preferido manter a presença de Bernard em segredo quando o inspetor Webster chegasse, mas naquelas circunstâncias, e sem saber o que Chris poderia deixar escapar, achou melhor não tentar esconder Bernard.

Bernard estava acordado, deitado de costas, a cabeça sobre dois travesseiros e os dedos entrelaçados sob o queixo. Poderia estar no meio de algum tipo de meditação matinal.

“Bom dia, Bernard. Quer café?”

“Quero, obrigado.”

“Um homem da polícia de Londres vai chegar dentro de uma hora. Talvez ele queira falar com você. É sobre Murchison, é claro.”

“Está bem”, disse Bernard.

Tom esperou até que Bernard desse um gole no café. “Não coloquei açúcar, não sabia de que jeito você tomava.”

“Não importa. Está excelente.”

“Agora, Bernard, é melhor obviamente que você diga que nunca encontrou Murchison, e que nunca o viu. Você nunca teve aquela conversa no bar do Mandeville. Entende?” Tom esperava que ele estivesse ouvindo.

“Sim.”

“E também você nunca *ouviu* falar em Murchison, nem por Jeff e Ed. Você sabe que não deve ser amigo íntimo deles agora. Vocês todos se conhecem, mas Jeff e Ed não se incomodariam de contar a *voce* que havia um americano que... suspeitava de que *O relógio* não era verdadeiro.”

“Sim”, disse Bernard. “Sim, é claro.”

“E... a coisa mais fácil de lembrar porque é verdade”, continuou Tom, como se estivesse falando com uma classe de alunos que não estivessem escutando direito, “você chegou aqui ontem à tarde, umas boas vinte e quatro horas depois que Murchison saiu para ir a Londres. Naturalmente, você nunca o viu nem ouviu falar nele. Está bem, Bernard?”

“Está bem”, disse Bernard. Estava apoiado sobre um cotovelo.

“Quer alguma coisa para comer? Ovos? Posso lhe trazer um *croissant*. Mme. Annette saiu e trouxe alguns.”

“Não, obrigado.”

Tom desceu.

Mme. Annette estava vindo da cozinha. “M. Tome, veja.” Ela mostrou-lhe a primeira página de seu jornal. “Este não é o cavalheiro, M. Murcheeson, que nos visitou na quinta-feira? Aqui diz que estão procurando M. Murcheeson!”

A la recherche de M. Murcheeson... Tom olhou para a fotografia que ocupava duas colunas, o rosto de Murchison com um sorriso leve, no canto esquerdo inferior do *Le Parisien — Edition Seine et Marne*. “É ele”, disse Tom. E leu:

Thomas F. Murchison, 52 anos, americano, foi declarado desaparecido desde a tarde de quinta-feira, 17 de outubro. Sua mala foi encontrada na ala de embarque do Aeroporto de Orly, mas ele não pegou o avião que ia para Londres. M. Murchison é um executivo de Nova York e estava visitando um amigo na região de Melun. Sua esposa Harriet, nos Estados Unidos, iniciou investigações com a ajuda das polícias francesa e inglesa.

Tom ficou agradecido por não terem mencionado seu nome.

Chris apareceu na porta da frente, com algumas revistas na mão, mas nenhum jornal. “Oi, Tom! Madame! Que lindo dia!”

Tom cumprimentou-o e em seguida disse a Mme. Annette: “Eu achava que ele já havia sido encontrado. Mas na verdade... um inglês vai vir esta manhã fazer algumas perguntas”.

“Ah, é? Esta manhã?”

“Mais ou menos em meia hora.”

“Que mistério!”, disse ela.

“O que é um mistério?”, Chris perguntou a Tom.

“Murchison. Saiu uma fotografia dele no jornal de hoje.”

Chris olhou para a fotografia com interesse e leu lentamente em voz alta algumas das frases sob a foto, traduzindo-as. “Puxa! Ainda desaparecido!”

“Mme. Annette”, disse Tom, “não tenho certeza se o inglês vai ficar ou não para o almoço. A senhora pode arrumar comida para quatro?”

“Mas claro, M. Tome.” Saiu rapidamente em direção à cozinha.

“Que inglês?”, perguntou Chris. “Outro?”

O francês de Chris estava melhorando rapidamente, pensou Tom. “Sim, ele vem fazer perguntas sobre Murchison. Bem... se quiser pegar o trem das onze e meia...”

“Bom... posso ficar? Tem um trem logo depois do meio-dia, e alguns à tarde. Estou curioso para saber sobre Murchison, sobre o que descobriram. É claro que não ficarei na sala quando você for conversar a sós com ele.”

Tom ficou irritado, mas disse: “Por que não? Não há nenhum segredo”.

O inspetor-detetive chegou de táxi por volta das dez e meia. Tom havia se esquecido de lhe dizer como chegar até a casa, mas ele disse que perguntara na agência do correio onde ficava a casa de M. Ripley.

“Que lugar encantador o senhor tem aqui!”, disse o inspetor com animação. Devia ter uns quarenta e cinco anos, e vestia-se com sobriedade. O cabelo era preto e liso, ele tinha um pouco de barriga e usava óculos de armação escura, através dos quais espiava, alerta e cortês ao mesmo tempo. Na verdade, seu sorriso simpático parecia fixo. “Mora aqui há muito tempo?”

“Três anos”, disse Tom. “Não quer se sentar?” Tom abriu a porta, uma vez que Mme. Annette não vira o táxi chegando. Pegou o casaco do inspetor.

O inspetor trazia uma elegante mala preta, dessas que podem carregar um terno, e que ele levou consigo para o sofá, como se não tivesse o hábito de se separar dela. “Bem... vamos começar do princípio. Quando foi a última vez que viu o senhor Murchison?”

Tom sentou-se em uma cadeira de encosto reto. “Na quinta-feira passada. Mais ou menos três e meia da tarde. Levei-o até o aeroporto. Ele ia para Londres.”

“Eu sei.” Webster abriu a mala preta o suficiente para tirar de lá um bloco de anotações, e em seguida tirou uma caneta do bolso. Fez algumas anotações durante alguns segundos. “Ele estava de bom humor?”, perguntou, sorrindo. Pegou um cigarro no bolso da jaqueta e acendeu-o rapidamente.

“Estava.” Tom ia dizer que havia lhe dado um delicioso Margaux, mas não quis falar nada sobre a adega.

“E ele estava com o quadro. O que se chama *O relógio*, se não me engano.”

“Estava. Embrulhado em papel pardo.”

“Aparentemente roubado em Orly. Era esse quadro que o senhor Murchison achava que era uma falsificação?”

“Ele falou que suspeitava disso... no início.”

“Quanto o senhor conhece o senhor Murchison? Há quanto tempo?”

Tom explicou. “Lembrei-me de tê-lo visto entrar no escritório da galeria, onde disseram que Derwatt estava. Então... quando vi o senhor Murchison no bar do hotel onde eu estava hospedado naquela noite, fui falar com ele. Queria lhe perguntar como era Derwatt.”

“Entendo. E depois?”

“Tomamos um drinque juntos, e Murchison contou-me sua idéia de que alguns dos quadros de Derwatt estavam sendo falsificados... ultimamente. Disse-lhe que tinha alguns quadros de Derwatt

na minha casa na França, perguntei se ele não queria vir até aqui para vê-los. Então viemos para cá na quarta-feira à tarde e ele passou a noite aqui.”

O inspetor-detetive fazia algumas anotações. “O senhor foi até Londres especialmente para a mostra de Derwatt?”

“Ah, não.” Tom sorriu um pouco. “Por dois motivos. Admito que um deles foi a mostra de Derwatt, o outro é que o aniversário de minha mulher é em novembro, e ela gosta de coisas da Inglaterra. Suéteres e calças. Carnaby Street. Comprei-lhe um presente na Burlington Arcade...” Tom olhou para a escada e pensou em subir para pegar o broche de macaco dourado, mas se conteve. “Não comprei um Derwatt dessa vez, mas estava pensando em comprar *A banheira*. Era praticamente o único que não tinha sido vendido.”

“O senhor... é... perguntou ao senhor Murchison se ele achava que os seus quadros também eram falsificações?”

Tom hesitou. “Admito que fiquei curioso. Mas nunca duvidei dos meus. E depois de ver os meus dois, o senhor Murchison achou que eram genuínos.” Tom certamente não ia mencionar a teoria de Murchison sobre a alfazema. E o inspetor Webster não parecia muito interessado nos Derwatts de Tom, não o suficiente para fazer mais do que virar a cabeça e dar uma olhada rápida em *As cadeiras vermelhas* atrás de si, e depois em *Homem na cadeira*, que estava na sua frente.

“Não é o meu forte, lamento. Pintura moderna. O senhor mora sozinho, senhor Ripley? O senhor e sua esposa?”

“Sim, além de nossa governanta, Mme. Annette. Minha esposa está na Grécia neste momento.”

“Gostaria de falar com sua governanta”, disse o inspetor, ainda sorrindo.

Tom fez menção de ir até a cozinha para trazer Mme. Annette, mas nesse momento Chris desceu a escada. “Ah, Chris. Este é o inspetor-detetive Webster. De Londres. Meu hóspede Christopher Greenleaf.”

“Como vai?”, disse Chris, estendendo a mão e olhando com reverência por conhecer um membro da Polícia de Londres.

“Como vai?”, disse Webster com polidez, inclinando-se para a frente para apertar a mão de Chris. “Greenleaf. Richard Greenleaf. Era seu amigo, não era, senhor Ripley?”

“Era, e Chris é primo dele.” Webster deve ter pesquisado isso recentemente, pensou Tom, deve ter mergulhado nos arquivos para ver se Tom Ripley tinha alguma coisa em sua ficha, porque Tom não conseguia imaginar ninguém se lembrando do nome de Dickie depois de seis anos. “Com licença, vou chamar Mme. Annette.”

Mme. Annette estava descascando alguma coisa sobre a pia. Tom perguntou se ela poderia falar com o cavalheiro que chegara de Londres. “Ele provavelmente fala francês.”

Então, quando Tom estava voltando para a sala, Bernard estava descendo. Usava a calça de Tom e um suéter sem camisa. Tom apresentou-o a Webster. “O senhor Tufts é pintor. De Londres.”

“Ah”, disse Webster. “O senhor conheceu o senhor Murchison enquanto esteve aqui?”

“Não”, disse Bernard, sentando-se em uma das poltronas amarelas. “Eu só cheguei ontem.” Mme. Annette entrou.

O inspetor-detetive Webster levantou-se, sorriu e disse: “*Enchanté*, madame”. Continuou falando em um francês perfeito, embora carregado de sotaque britânico: “Estou aqui para investigar o desaparecimento do senhor Thomas Murchison”.

“Ah, sim! Eu só li a respeito no jornal de hoje de manhã”, disse Mme. Annette. “Ele não foi encontrado?”

“Não, madame.” Outro sorriso, como se ele estivesse falando de alguma outra coisa muito mais divertida. “Parece que a senhora e o senhor Ripley foram as últimas pessoas que o viram. Ou o senhor também estava aqui, senhor Greenleaf?”, perguntou ele a Chris em inglês.

Chris gaguejou um pouco, mas foi totalmente sincero. “Não, nunca vi o senhor Murchison, não.”

“A que horas o senhor Murchison saiu daqui na quinta-feira, Mme. Annette? A senhora se lembra?”

“Aah, talvez... Foi logo depois do almoço. Eu preparei o almoço um pouco mais cedo. Digamos que saiu às duas e meia.”

Tom continuou em silêncio. Mme. Annette estava certa.

O inspetor disse a Tom: “Ele mencionou algum amigo em Paris? Desculpe, madame, posso falar também em francês”.

Mas a conversa continuou nas duas línguas, às vezes Tom, às vezes Webster traduzindo para Mme. Annette, porque Webster queria a contribuição dela, caso pudesse dar alguma.

Murchison não havia mencionado ninguém em Paris, e Tom disse que não achava que ele pretendia encontrar alguém no aeroporto.

“Veja, o desaparecimento do senhor Murchison e de seu quadro... são coisas que podem estar ligadas”, disse o inspetor Webster. (Tom explicou a Mme. Annette que um quadro que Murchison trouxera consigo fora roubado em Orly, e Mme. Annette alegremente se lembrou de tê-lo visto apoiado na mala do cavaleiro no corredor pouco antes de ele ir embora. Ela deve ter visto muito rapidamente, pensou Tom, mas aquilo era uma grande sorte. Webster poderia ter desconfiado que Tom o havia destruído.) “A corporação Derwatt, como acho que posso chamá-la, é bem grande. Ela envolve muito mais do que apenas Derwatt, como pintor. Os amigos de Derwatt, Constant e Banbury, são os donos da Galeria Buckmaster, como uma espécie de atividade complementar a seu próprio trabalho, jornalismo e fotografia, respectivamente. Existe a companhia de materiais de pintura Derwatt. Existe a Escola de Artes Derwatt em Perugia. Se acrescentarmos falsificações a esse bolo, realmente vamos ter alguma coisa!” Virou-se para Bernard. “Acho que o senhor conhece o senhor Constant e o senhor Banbury, não é, senhor Tufts?”

Tom sentiu outro sinal de alarme, porque Webster realmente devia ter pesquisado para se sair com aquela: há anos Ed Banbury não mencionava o nome de Bernard em seus artigos, na condição de uma das pessoas do grupo de amigos original de Derwatt.

“Sim, eu os conheço”, disse Bernard, um tanto atordoado, mas pelo menos estava calmo.

“O senhor falou com Derwatt em Londres?”, perguntou Tom ao inspetor.

“Não conseguimos encontrá-lo!”, disse o inspetor Webster, radiante. “Não que eu estivesse particularmente tentando encontrá-lo, mas um de meus colegas estava... depois do desaparecimento do senhor Murchison. O que é até mais curioso...”, nesse ponto ele mudou para o francês para incluir Mme. Annette, “... é que não há registro de que Derwatt tenha entrado na Inglaterra recentemente, vindo do México ou de qualquer outro lugar. Não só nos últimos dias, quando presumivelmente chegou à Inglaterra, mas também nos últimos anos. Na verdade, o último registro que o pessoal da emigração tem diz que Philip Derwatt deixou o país há seis anos para ir para a Grécia. Não temos nenhum registro de que tenha voltado. Como vocês provavelmente sabem, acreditava-se que ele teria se afogado ou cometido suicídio em alguma parte da Grécia.”

Bernard sentou-se com o corpo para a frente, os braços sobre os joelhos. Será que ele estava se preparando para aceitar o desafio, ou ia entregar tudo naquele momento?

“Sim, eu ouvi falar nisso.” Tom virou-se para Mme. Annette e disse: “Estamos falando de

Derwatt, o pintor... de seu suposto suicídio”.

“Sim, madame”, disse Webster educadamente, “queira nos desculpar. Qualquer coisa importante, eu a direi em francês.” E virando-se para Tom: “Então isso significa que Derwatt entrou e talvez tenha saído da Inglaterra como Pimpinela Escarlata ou como um fantasma”. Ele riu do próprio comentário. “Mas, pelo que me consta, o senhor Tufts o conheceu nos bons tempos, não é? O senhor o viu em Londres?”

“Não, não vi.”

“Mas suponho que tenha ido à mostra?” O sorriso de Webster contrastava terrivelmente com a tristeza no rosto de Bernard.

“Não. Acho que vou mais tarde”, disse Bernard solenemente. “Eu fico... aborrecido com qualquer coisa que tenha a ver com Derwatt.”

Webster pareceu olhar para Bernard de uma maneira diferente. “Por quê?”

“Eu... eu gosto muito dele. Sei que ele não gosta de publicidade. Pensei que... quando toda essa agitação tiver passado, vou vê-lo antes que volte para o México.”

Webster riu e deu um tapa na perna. “Bem, se conseguir encontrá-lo, diga-nos onde ele está. Gostaríamos de falar com ele sobre a questão de uma possível falsificação. Falei com o senhor Banbury e com o senhor Constant. Eles viram *O relógio* e disseram que era verdadeiro, mas é claro que diriam isso, se é que posso comentar”, acrescentou ele olhando para Tom e sorrindo, “porque eles o venderam. Também disseram que Derwatt identificou-o positivamente como um de seus quadros. Mas no final das contas eu só tenho... até agora... a palavra do senhor Banbury e do senhor Constant a esse respeito, visto que não consigo encontrar nem Derwatt, nem o senhor Murchison. Seria interessante se Derwatt tivesse rejeitado o quadro, ou talvez estivesse em dúvida em relação a ele e... Ora bolas, eu não estou escrevendo histórias de mistério, nem mesmo na minha imaginação!” Webster deu uma gargalhada, os cantos de sua boca erguendo-se alegremente, e ele se mexeu um pouco no sofá. Sua risada era contagiante e atraente, apesar dos dentes excessivamente grandes e um tanto manchados.

Tom sabia o que Webster ia dizer: as pessoas da Galeria Buckmaster poderiam ter considerado adequado calar Derwatt de alguma maneira, dar um sumiço nele. E em Murchison também. Tom disse: “Mas o senhor Murchison me contou sobre sua conversa com Derwatt. Disse que Derwatt reconheceu o quadro. O que preocupava o senhor Murchison era que ele pensava que Derwatt pudesse ter esquecido que o havia pintado. Ou talvez eu devesse dizer esquecido de *não* tê-lo pintado. Mas Derwatt parece ter se lembrado”. Agora era Tom quem ria.

O inspetor-detetive Webster olhou para Tom e piscou, e manteve o que Tom sentiu ser um silêncio por educação. Era o mesmo que dizer: “E agora eu tenho *a sua* palavra, que pode não valer grande coisa”. Por fim Webster disse: “Tenho quase certeza de que alguém, por algum motivo, achou que valia a pena livrar-se de Thomas Murchison. Em que mais posso pensar?”. Traduziu o que disse para Mme. Annette.

Mme. Annette disse “*Tiens!*”, e Tom sentiu-lhe o *frisson* de horror, embora não tivesse olhado para ela.

Tom estava contente por Webster não saber que ele conhecia Jeff e Ed, mesmo superficialmente. Era estranho que Webster não tivesse perguntado diretamente se ele os conhecia, pensou Tom. Ou será que Jeff e Ed já haviam lhe contado que conheciam Tom Ripley *superficialmente*, porque ele havia comprado dois quadros deles? “Mme. Annette, que tal um café? Posso oferecer-lhe um café, inspetor, ou uma bebida?”

“Eu vi um Dubonnet em seu carrinho de bebidas. Aceitaria um copo com um pouco de gelo e

uma casquinha de limão, se não for muito trabalho.”

Tom passou a orientação para Mme. Annette.

Ninguém quis café. Chris, recostado em uma poltrona perto das janelas francesas, não queria nada. Parecia enlevado com o que estava acontecendo.

“Exatamente por qual motivo”, perguntou Webster, “o senhor Murchison achava que seu quadro era uma falsificação?”

Tom suspirou pensativamente. A pergunta fora dirigida a ele. “Ele falou alguma coisa sobre o espírito do quadro. E também sobre a técnica de pincel.” Tudo muito vago.

“Tenho certeza absoluta”, disse Bernard, “que Derwatt não compactuaria com qualquer falsificação de sua obra. Não tenho a menor dúvida. Se ele achasse que *O relógio* era uma falsificação, teria sido o primeiro a dizer. Teria ido direto falar com... sei lá... com a polícia, acredito.”

“Ou com as pessoas da Galeria Buckmaster”, disse o inspetor.

“É”, disse Bernard com firmeza. Levantou-se de repente. “Podem me dar licença um minuto?” Andou na direção da escada.

Mme. Annette serviu a bebida de Webster.

Bernard desceu de novo, trazendo um grosso caderno de capa marrom surrada, no qual ele tentava encontrar alguma coisa enquanto atravessava a sala. “Se quer saber um pouco sobre Derwatt... eu copieei várias coisas de seus diários aqui. Foram deixados em uma mala em Londres quando ele foi para a Grécia. Peguei-os emprestados por um tempo. Os diários são principalmente sobre pintura, as dificuldades que ele tinha no dia-a-dia, mas há uma anotação... ah, está aqui. É de sete anos atrás. Isto é o verdadeiro Derwatt. Posso ler?”

“Sim, por favor”, disse Webster.

Bernard leu: “Não existe depressão para o artista, exceto aquela causada por um retorno ao Eu.’ Ele escreve ‘eu’ com inicial maiúscula, ‘O Eu é aquela lente de aumento tímida, vaidosa, egocêntrica, consciente, para a qual ou através da qual nunca se deveria olhar. Às vezes se tem um rápido vislumbre dela, o que é um horror, entre um quadro e outro, e nas férias... que nunca deveriam ser tiradas.” Bernard deu uma risadinha. “Essa depressão consiste em, além de absoluta tristeza, perguntas fúteis como: o que está havendo? E a exclamação: eu quase consegui! E a descoberta ainda pior que eu deveria ter feito há muito tempo, que não posso nem depender das pessoas que supostamente me amam no momento em que preciso delas. Não se precisa delas quando tudo está dando certo. Não posso me expor nesse momento de fraqueza. Vai ser, pode ser, jogado na minha cara mais tarde, como uma muleta que deveria ter sido queimada... esta noite. Que a memória das noites escuras viva somente em mim.’ Parágrafo seguinte”, disse Bernard com reverência. “Será que as pessoas que realmente podem conversar umas com as outras sem medo de represálias têm os melhores casamentos? Para onde no mundo foi a bondade, a compaixão? Encontro mais nos rostos das crianças que posam para mim, que olham fixamente para mim, observando-me com olhos inocentes arregalados que não fazem julgamentos. E os amigos? No momento de atracar-se com o inimigo Morte, o suicida potencial convoca todos eles. Um a um, não estão em casa, o telefone não responde, ou, se responde, eles estão ocupados esta noite... alguma coisa muito importante da qual não podem se livrar... e a gente é orgulhoso demais para chorar e dizer: ‘Preciso ver você esta noite ou então...’. Esse é o último esforço para fazer contato. Que lamentável, que humano, que nobre... pois o que é mais divino do que a comunicação? O suicida sabe que ela tem poderes mágicos.” Bernard fechou o caderno. “É claro que ele era bastante jovem quando escreveu isso. Menos de trinta anos.”

“Muito tocante”, disse o inspetor. “Quando disse que ele escreveu?”

“Há sete anos. Em novembro”, respondeu Bernard. “Ele tentou se suicidar em Londres em outubro. Escreveu isso depois da recuperação. Não foi nada muito... sério. Pílulas para dormir.”

Tom ouviu aquilo com certo desconforto. Não sabia sobre a tentativa de suicídio de Derwatt.

“Talvez o senhor ache melodramático”, disse Bernard para o inspetor. “Os diários dele não foram escritos para ninguém ler. A Galeria Buckmaster tem os outros. A menos que Derwatt os tenha pedido de volta.” Bernard começara a gaguejar, a parecer incomodado, provavelmente porque estava tentando mentir.

“Então ele é do tipo suicida?”, perguntou Webster.

“Ah, não! Tem seus altos e baixos. Perfeitamente normal. Quer dizer, normal para um pintor. Na época em que escreveu isso, estava falido. Uma encomenda de um mural havia sido cancelada, e Derwatt já havia até terminado o mural. A comissão julgadora recusou o trabalho porque havia alguns nus nele. Era para uma agência de correio em algum lugar.” Bernard riu como se isso não fosse importante agora.

E, estranhamente, o rosto de Webster estava sério e pensativo.

“Li isso para o senhor para lhe mostrar que Derwatt é um homem honesto”, continuou Bernard, impávido. “Nenhum homem desonesto teria escrito isso... ou qualquer outra coisa que esteja neste caderno a respeito de pintura... ou simplesmente sobre a vida.” Bernard bateu no caderno com as costas da mão. “Fui um dos que estavam ocupados demais para vê-lo quando ele precisou de mim. Não sabia que ele estava em situação difícil, entende? Nenhum de nós sabia. Ele precisava até de dinheiro, mas era orgulhoso demais para pedir. Um homem desses não rouba, não comete... quero dizer, não permite falsificações.”

Tom pensou que o inspetor Webster fosse dizer, com a solenidade própria para a ocasião, “Eu entendo”, mas ele apenas continuou sentado com os joelhos afastados, pensativo, uma das mãos sobre a coxa.

“Achei sensacional... isso que você leu”, disse Chris no longo silêncio que se seguiu. Quando ninguém disse nada, Chris abaixou a cabeça, depois ergueu-a novamente, como se estivesse pronto para defender sua opinião.

“Mais alguma outra passagem?”, perguntou Webster. “Estou bastante interessado no que o senhor leu, mas...”

“Uma ou outra”, disse Bernard, folheando o caderno. “Mas de seis anos atrás. Por exemplo, ‘O eterno estado de quase conseguir é a única coisa que tira o terror do ato de criação’. Derwatt sempre foi... respeitoso em relação a seu talento. É difícil colocar isso em palavras.”

“Acho que entendo”, disse Webster.

Tom percebeu de imediato o desapontamento severo, quase pessoal, de Bernard. Deu uma olhada para Mme. Annette, discretamente em pé a certa distância entre o arco da porta e o sofá.

“O senhor não falou com Derwatt em momento nenhum em Londres, nem por telefone?”, perguntou Webster a Bernard.

“Não”, disse Bernard.

“Também não falou com Banbury ou Constant... enquanto Derwatt estava lá?”

“Não. Eu não os vejo com frequência.”

Ninguém, pensou Tom, poderia suspeitar que Bernard estivesse mentindo. Ele era a essência da integridade.

“Mas o senhor tem boas relações com eles?”, perguntou Webster, erguendo a cabeça, como se pedisse desculpas pela pergunta. “Pelo que sei, o senhor os conhece desde o tempo em que

Derwatt morava em Londres.”

“Ah, sim. Por que seria diferente? Mas não saio muito de casa em Londres.”

“O senhor sabe se Derwatt tinha algum amigo”, continuou Webster dirigindo-se a Bernard com sua voz calma, “que tivesse um helicóptero, ou um barco, ou alguns barcos e que pudesse tê-lo feito entrar às escondidas na Inglaterra e depois tirado, como um gato siamês ou um paquistanês?”

“Não sei. Certamente não conheço nenhum.”

“Mais uma pergunta: o senhor certamente escreveu para Derwatt no México quando soube que ele estava vivo, não escreveu?”

“Não, não escrevi.” Bernard engoliu em seco, e seu enorme pomo-de-adão parecia aflito.

“Como eu disse, tenho pouco contato com... Jeff e Ed da Buckmaster. E eles não sabem qual é o vilarejo de Derwatt; sei disso porque os quadros são enviados de Vera Cruz por navio. Pensei que Derwatt poderia me escrever, se quisesse. Como não escreveu, não tentei escrever para ele. Achei...”

“Sim? Achou...?”

“Achei que Derwatt já havia passado por muita coisa. Talvez na Grécia e mesmo antes de ir para lá. Pensei que isso podia tê-lo mudado e até que ele estava magoado com os amigos antigos, e se ele não queria se comunicar comigo... essa era a maneira dele de fazer as coisas, de ver as coisas.”

Tom poderia ter chorado por Bernard. Ele estava se esforçando ao máximo. Bernard estava triste como alguém que, sem ser ator, tenta atuar em um palco e odeia cada minuto disso.

O inspetor Webster olhou para Tom, depois para Bernard. “Que estranho... O senhor quer dizer que Derwatt estava em tal...”

“Acho que Derwatt estava realmente cheio de tudo”, interrompeu Bernard, “aborrecido com as pessoas, quando foi para o México. Se ele queria reclusão, eu não me esforcei para atrapalhá-lo. Eu poderia ter ido ao México e procurado por ele para sempre... até encontrar, imagino.”

Tom quase acreditou nas palavras que ouviu. Precisava acreditar nelas, disse a si mesmo. Então começou a acreditar nelas. Tom foi ao bar para servir mais Dubonnet a Webster.

“Entendo. E agora... quando Derwatt voltar para o México novamente, e talvez já tenha voltado, o senhor não saberá para que endereço lhe enviar uma carta?”, perguntou Webster.

“Certamente não. Só vou saber que ele está pintando e... suponho, feliz.”

“E a Galeria Buckmaster? Eles também não saberão onde encontrá-lo?”

Bernard balançou a cabeça novamente. “Pelo que sei, não.”

“Para onde mandam o dinheiro que ele ganha?”

“Acho... que é para um banco na Cidade do México, que o envia para Derwatt.”

Por essa bela resposta, muito obrigado, pensou Tom, inclinando-se para servir Webster. Deixou espaço no copo para o gelo e trouxe o balde do carrinho. “Inspetor, o senhor almoça conosco? Já disse à governanta que achava que o senhor ficaria.”

Mme. Annette já havia voltado para a cozinha.

“Não, não, muito obrigado”, disse o inspetor Webster com um sorriso. “Tenho um almoço marcado com a polícia de Melun. É a única oportunidade que tenho de falar com eles à vontade, acho. Isso é bem francês, não? Tenho de estar em Melun às quinze para a uma, então é melhor eu chamar um táxi.”

Tom telefonou para um serviço de táxi em Melun e pediu um carro.

“Gostaria de dar uma olhada na área externa da casa”, disse o inspetor. “Pareceu-me um lugar encantador!”

Isso poderia ser uma mudança de estado de espírito, pensou Tom, como alguém pedindo para olhar as rosas para fugir de uma entediante conversa durante o chá, mas Tom achou que não se tratava disso.

Chris os teria acompanhado, tão fascinado estava pela polícia britânica, mas Tom lançou-lhe um olhar negativo e saiu sozinho com o inspetor. Desceram os degraus de pedra onde Tom quase havia caído no dia anterior, correndo atrás do encharcado Bernard. O sol não estava muito forte, a grama estava quase seca. O inspetor colocou as mãos nos bolsos da calça larga. Era bem provável que Webster não suspeitasse de que ele tivesse feito algo errado, pensou Tom, mas sentiu que ainda não estava totalmente livre do risco. *Prestei ao Estado um desserviço, e eles o sabem.* Manhã estranha para se lembrar de Shakespeare.

“Macieiras. Pêssegos. O senhor deve levar uma vida maravilhosa aqui. O senhor tem uma profissão, senhor Ripley?”

A pergunta era capciosa como a de um inspetor da imigração, mas Tom já se acostumara a ela agora. “Eu cuido do jardim, pinto e estudo o que me agrada. Não tenho uma ocupação no sentido de ter de ir a Paris todos os dias ou mesmo semanalmente. Raras vezes vou a Paris.” Tom pegou uma pedra que estava no gramado e atirou-a contra o tronco de uma árvore. A pedra atingiu o tronco com um barulho, *toc*, e Tom sentiu uma pontada no tornozelo que havia torcido.

“E um bosque. É seu?”

“Não. Pelo que sei, pertence à comunidade. Ou ao Estado. Às vezes pego um pouco de lenha aí, uns gravetos que já caíram das árvores. Quer dar uma volta por ele?”, disse Tom, indicando o caminho.

O inspetor Webster deu cinco ou seis passos dentro do caminho, mas, olhando onde ficava o final, virou-se. “Agora não, obrigado. É melhor eu ver se meu táxi chegou.”

O táxi estava na porta quando voltaram.

Tom despediu-se do inspetor, e Chris fez o mesmo. Tom desejou-lhe “*Bon appétit*”.

“Fascinante!”, disse Chris. “É mesmo! Você mostrou a ele o túmulo no bosque? Eu não olhei pela janela, porque achei que não seria educado.”

Tom sorriu. “Não.”

“Eu ia falar nele, depois achei que seria um idiota se falasse. Fornecer pistas falsas.” Chris riu. Até seus dentes eram como os de Dickie, os caninos pontudos e o restante alinhado estreitamente na boca. “Imagine o inspetor cavando ali, à procura de Murchison?” Chris começou a rir de novo.

Tom riu também. “É, se eu o deixei em Orly, como ele fez para voltar para cá?”

“Quem o matou?”, perguntou Chris.

“Não acho que ele esteja *morto*”, disse Tom.

“Seqüestrado?”

“Não sei. Talvez. Junto com o quadro. Não sei o que pensar. Onde está Bernard?”

“Subiu.”

Tom subiu para falar com ele. A porta de Bernard estava fechada. Tom bateu e recebeu um resmungo em resposta.

Bernard estava sentado na beirada da cama com as mãos crispadas. Parecia derrotado e exausto.

Tom falou da maneira mais animada que conseguiu, ou ousou: “Foi tudo muito bem, Bernard. *Tout va bien*”.

“Eu falhei”, disse Bernard, os olhos cheios de tristeza.

“Do que você está falando? Você foi maravilhoso.”

“Eu falhei. Foi por isso que ele fez todas aquelas perguntas sobre Derwatt. Sobre como encontrá-lo no México. Derwatt fracassou, e eu também.”

Foi um dos piores almoços dos quais Tom já havia participado, quase igual ao almoço com Heloise e os pais dela, quando Heloise contou-lhes que já estavam casados. Mas pelo menos este almoço não foi tão longo. Bernard estava com a depressão de um ator, Tom imaginou, que acabou de representar seu papel e se achou péssimo, e por isso nenhuma palavra de conforto ajudaria. Bernard estava sofrendo da exaustão — Tom sabia como era — do jogador que deu tudo de si.

“Sabe, ontem à noite”, disse Chris, terminando um copo de leite que bebia junto com o vinho, “vi um carro saindo de ré do caminho que vai para o bosque, lá pela uma da manhã. Acho que não é importante. O carro estava apenas com as lanternas acesas, como alguém que não quisesse ser visto.”

“Namorados, provavelmente”, disse Tom. Ele tinha medo que Bernard reagisse de alguma maneira — como? — a isso, mas Bernard nem ouviu.

Bernard pediu licença e levantou-se.

“Puxa, que pena que ele esteja tão aborrecido”, disse Chris quando Bernard já estava longe. “Vou embora agora mesmo. Espero não ter ficado tempo demais.”

Tom quis verificar os horários dos trens da tarde, mas Chris teve uma idéia diferente. Preferiu pegar uma carona até Paris. Não houve como convencê-lo do contrário. Chris estava certo de que seria uma aventura. A alternativa era um trem perto das cinco. Chris desceu com as malas e foi até a cozinha se despedir de Mme. Annette.

Foram para a garagem.

“Por favor”, disse Chris, “despeça-se de Bernard por mim, está bem? A porta dele estava fechada. Achei que não queria ser perturbado, mas não quero que pense que sou mal-educado.”

Tom assegurou-lhe de que tudo se resolveria com Bernard. Entrou no Alfa-Romeo.

“Pode me deixar em qualquer lugar, de verdade”, disse Chris.

Tom achou que Fontainebleau era o melhor lugar, na estrada para Paris que passava pelo Monumento. Chris parecia o que realmente era, um rapaz americano alto em férias, nem rico, nem pobre, e Tom achou que ele não teria problemas em conseguir uma carona para Paris.

“Posso telefonar em alguns dias?”, perguntou Chris. “Vou querer saber o que está acontecendo. É claro que vou ler os jornais também.”

“Claro”, disse Tom. “Deixe que eu ligo para você. Hotel Louisiane, rue de Seine, não é?”

“Isso. Nem sei lhe dizer como foi incrível para mim... poder ver uma casa francesa por dentro.”

Sabia sim. Ou melhor, nem precisava dizer, pensou Tom. A caminho de casa, Tom dirigiu mais rápido do que o de costume. Estava muito preocupado, mas não sabia exatamente em relação a que devia se preocupar. Sentiu-se isolado de Jeff e Ed, e para ele, ou para eles, tentar qualquer comunicação não seria muito prudente. Achou que o melhor seria convencer Bernard a ficar por lá mais algum tempo. Talvez fosse difícil. Mas voltar para Londres significaria que a mostra de Derwatt iria incomodar Bernard novamente, os cartazes nas ruas, talvez uma visita a Jeff e Ed, que, a essa altura, deveriam estar assustados e perdidos também. Tom guardou o carro na garagem, foi diretamente para o quarto de Bernard e bateu na porta.

Sem resposta.

Tom abriu a porta. A cama estava arrumada do jeito que estivera de manhã quando Bernard estava sentado nela, e agora Tom via a leve depressão na colcha, no lugar onde Bernard se sentara. Mas tudo que era de Bernard havia desaparecido, sua mochila, sua roupa amarrotada que Tom pendurara no armário. Tom deu uma olhada rápida em seu próprio quarto. Bernard não estava lá. E não havia um bilhete em parte alguma. Mme. Clusot estava passando o aspirador em seu quarto, e Tom lhe disse “*Bonjour, madame*”.

Tom desceu. “Mme. Annette!”

Ela não estava na cozinha, e sim em seu quarto. Tom bateu e, ao ouvir uma resposta dela, abriu a porta. Mme. Annette estava reclinada em sua cama, coberta com uma colcha e lendo *Marie-Claire*.

“Não se incomode, madame!”, disse Tom. “Eu só queria perguntar onde está M. Bernard.”

“Não está no quarto dele? Talvez tenha saído para dar uma volta.”

Tom não quis contar a ela que aparentemente ele havia pegado suas coisas e ido embora. “Ele não disse nada à senhora?”

“Não, *m’sieur*.”

“Bem...” Tom conseguiu sorrir. “Não vamos nos preocupar com isso. Alguém telefonou?”

“Não, *m’sieur*. E quantos teremos para o jantar de hoje?”

“Dois, eu acho, obrigado Mme. Annette”, disse Tom, pensando que Bernard poderia voltar. Saiu e fechou a porta.

Meu Deus, pensou Tom, mergulhando com alívio em alguns poemas de Goethe. “Der Abschied” e outros do gênero. Um pouco da solidez alemã. A convicção goethiana de superioridade e — talvez genialidade. Era disso que ele precisava. Tom abriu o livro — *Goethes Gedichte* — que tirou de uma prateleira, e quis o destino ou o inconsciente que ele o abrisse em “Der Abschied”. Tom o sabia quase de cor, embora nunca ousasse recitá-lo para ninguém, com medo de que seu sotaque não fosse perfeito. Agora os primeiros versos o aborreceram:

*Las mein Aug’ den Abschied sagen,
Den mein Mund nicht nehmen kann!*

Deixai que meus olhos digam o adeus que minha boca não consegue.

Schwer, wie schwer ist er zu tragen!

Und ich bin —

Tom assustou-se com uma porta de carro batendo. Alguém estava chegando. Bernard pegou um táxi de volta, pensou Tom.

Mas não, era Heloise.

Estava com o cabelo loiro solto e revoando ao vento, e remexia no fundo da bolsa.

Tom destrancou a porta e abriu-a rapidamente. “Heloise!”

“Ah, *Tome!*”

Abraçaram-se. Ah, Tome, ah, Tome! Tom já havia se acostumado com seu nome livresco, e gostava quando Heloise o dizia.

“Você está toda queimada!”, disse ele em inglês, mas queria dizer “bronzeadá”. “Deixe que eu me livro desse sujeito. Quanto é?”

“Cento e quarenta francos.”

“Desgraçado. De Orly ele...” Tom reprimiu, mesmo em inglês, as palavras que ia usar. Pagou a

corrida. O motorista não ajudou com a bagagem.

Tom carregou tudo para dentro de casa.

“Ah, como é bom estar em casa!”, disse Heloise, estendendo os braços para cima. Jogou uma enorme bolsa de tapeçaria — um produto grego — sobre o sofá amarelo. Estava usando sandálias de couro, calça boca-de-sino cor-de-rosa e uma jaqueta da Marinha norte-americana. Tom se perguntou onde e como ela havia conseguido aquela jaqueta.

“Está tudo bem. Mme. Annette está descansando em seu quarto”, disse Tom, mudando para o francês.

“Que férias terríveis eu tive!” Heloise se jogou no sofá e acendeu um cigarro. Ia levar ainda vários minutos para se acalmar, então ele começou a carregar as malas para cima. Ela gritou quando ele pegou uma delas, porque dentro havia alguma coisa que ia ficar na sala, então Tom largou-a e pegou outra coisa. “Você precisa ser tão americano e tão eficiente?”

Qual era a alternativa? Ficar parado esperando a corda dela acabar? “Preciso.” Levou as outras coisas para o quarto dela.

Quando desceu, Mme. Annette estava na sala, e ela e Heloise conversavam sobre a Grécia, o iate, a casa lá (evidentemente em uma pequena vila de pescadores), mas ainda não sobre Murchison, reparou Tom. Mme. Annette gostava de Heloise, porque gostava de servir as pessoas, e Heloise gostava de ser servida. Heloise não queria nada agora, mas, diante da insistência de Mme. Annette, concordou em tomar uma xícara de chá.

Então Heloise contou-lhe sobre suas férias no *Princesse de Grèce*, o iate do imbecil chamado Zeppo, um nome que fazia Tom pensar nos Irmãos Marx. Tom havia visto fotografias desse bicho peludo, cuja auto-estima era comparável a de qualquer um dos magnatas armadores gregos, pelo que Tom podia deduzir, e Zeppo era apenas o filho de um tubarão menor da área imobiliária, peixe pequeno. Um homem de negócios que ferrava seu próprio povo, ao mesmo tempo que era ferrado pelos coronéis fascistas, segundo Zeppo e Heloise, mas ainda assim ganhando tanto dinheiro que o filho podia andar de iate por aí, jogando caviar aos peixes e enchendo a piscina do iate com champanhe, que mais tarde eles aqueciam para poder nadar. “Zeppo tinha de esconder o champanhe, então colocou na piscina”, explicou Heloise.

“E quem estava na cama com Zeppo? Acredito que não era a mulher do presidente dos Estados Unidos!”

“Qualquer uma”, disse Heloise em inglês, com certo nojo, e soltou a fumaça do cigarro.

Heloise é que não, disse Tom tinha certeza. Heloise às vezes — nem sempre — era provocante, mas Tom tinha certeza de que ela não tinha ido para a cama com nenhum outro homem desde que haviam se casado. Felizmente não com Zeppo, que era um gorila. Heloise nunca chegaria a tanto. A maneira de Zeppo tratar as mulheres parecia repelente, mas a postura de Tom em relação a isso — que ele nunca ousaria expressar para uma mulher — era a de que se as mulheres agüentavam uma situação dessas desde o início, para ganhar uma pulseira de diamantes ou um chalé no Sul da França, por que reclamar mais tarde? O principal motivo da irritação de Heloise parecia ser o ciúme de uma mulher de nome Norita, porque um certo homem no iate estava dando bola para Heloise. Tom mal ouvia esse conjunto de fofocas de revista, porque estava pensando em como iria contar a Heloise algumas das novidades sem deixá-la aborrecida.

Tom também estava esperando que a figura macilenta de Bernard aparecesse na porta da frente a qualquer momento. Ficou andando lentamente de um lado para o outro da sala, olhando para a porta de entrada cada vez que se virava. “Estive em Londres.”

“É? E como foi?”

“Trouxe uma coisa para você.” Tom subiu a escada correndo — o tornozelo estava muito melhor — e voltou com a calça que comprara na Carnaby Street. Heloise vestiu-a na sala de jantar. Serviu bem.

“Adorei!”, disse Heloise, abraçando Tom e beijando-lhe o rosto.

“Voltei com um homem chamado Thomas Murchison”, disse Tom, e começou a contar o que havia acontecido.

Heloise não sabia nada sobre o desaparecimento. Tom contou-lhe sobre a desconfiança de Murchison em relação a seu quadro ser uma falsificação, e que ele, Tom, estava convencido de que não estavam falsificando os quadros de Derwatt, e que, como a polícia, ele não conseguia explicar o desaparecimento de Murchison. Assim como Heloise não sabia sobre as falsificações, também não sabia qual era a renda que Tom recebia da Derwatt Ltd., cerca de doze mil dólares por ano, mais ou menos a mesma quantia que recebia das ações que herdara de Dickie Greenleaf. Heloise se interessava por dinheiro, mas não estava muito interessada na procedência dele. Sabia que o dinheiro de sua família contribuía tanto para as despesas domésticas quanto o de Tom, mas nunca jogara isso na cara dele, e Tom sabia que ela não dava a mínima para isso, o que era outra coisa que ele apreciava em Heloise. Tom havia contado a Heloise que a Derwatt Ltd. lhe repassava uma pequena porcentagem de seus lucros, porque ele havia ajudado na organização da empresa anos atrás, antes de ele e Heloise se conhecerem. A renda de Tom que vinha da Derwatt Ltd. era enviada para ele, ou investida pela companhia em Nova York que era distribuidora dos materiais de pintura com a marca Derwatt. Parte do dinheiro Tom investia em Nova York, e a outra parte era mandada para a França para ser convertida em francos. O dono da companhia de materiais de pintura Derwatt (que também era grego) tinha conhecimento de que Derwatt não existia e estava sendo falsificado.

Tom continuou: “Outra coisa: Bernard Tufts... acho que você não o conhece... visitou-nos por alguns dias, e esta tarde parece que foi dar um passeio... levando todas as suas coisas. Não sei se ele vai voltar ou não”.

“Bernard Toofts? *Un Anglais?*”

“Sim. Não o conheço bem. É amigo de uns amigos. Ele é pintor e está um pouco aborrecido com um problema com a namorada. Deve ter ido para Paris. Achei que devia lhe contar, paro o caso de ele voltar.” Tom riu. Sentia-se cada vez mais convencido de que Bernard não voltaria. Será que havia pegado um táxi para Orly, para tomar o primeiro avião que pudesse de volta a Londres? “E... minha outra novidade é que fomos convidados para um jantar amanhã com os Berthelin. Eles ficarão *encantados* com a sua volta! Ah, quase esqueci. Tive um outro hóspede... Christopher Greenleaf, um primo de Dickie. Ficou aqui duas noites. Você recebeu a carta onde falei nele?” Mas ela não havia recebido, porque ele a mandara apenas na terça-feira.

“*Mon dieu*, você esteve ocupado!”, disse Heloise em inglês, com um leve tom de ciúme. “Você sentiu minha falta, Tome?”

Ele a abraçou. “Senti... senti mesmo.”

O objeto que Heloise trouxera para colocar na sala era uma ânfora, pequena e robusta, com duas alças e o desenho de dois touros negros, um de frente para o outro. Era bonita, e Tom não perguntou se era valiosa, muita antiga, ou qualquer coisa assim, porque naquele momento não estava interessado. Colocou *As quatro estações* de Vivaldi para tocar. Heloise estava lá em cima, desfazendo as malas, e disse que queria tomar um banho.

Por volta das seis e meia, Bernard ainda não havia chegado. Tom teve a impressão de que Bernard estava em Paris, e não Londres, mas era apenas uma impressão, algo com que ele não

deveria contar. Durante o jantar daquela noite, Mme. Annette tagarelou com Heloise sobre o cavalheiro inglês que aparecera de manhã para fazer perguntas sobre M. Murchison. Heloise estava interessada, mas não muito, e certamente não estava preocupada, percebeu Tom. Ela estava mais interessada em Bernard.

“Você acha que ele volta? Esta noite?”

“Na verdade... acho que não”, disse Tom.

A quinta-feira transcorreu tranqüilamente, sem mesmo um telefonema, embora Heloise tivesse ligado para umas três ou quatro pessoas em Paris, incluindo seu pai, no escritório. Heloise agora estava usando jeans desbotados e andava descalça pela casa. Não havia nada na edição matutina do *Parisien* de Mme. Annette sobre Murchison. Quando Mme. Annette saiu à tarde — aparentemente para fazer compras, mas provavelmente para visitar sua amiga Mme. Yvonne e informá-la da chegada de Heloise e da visita de um *agent* da polícia de Londres —, Tom deitou-se com Heloise no sofá amarelo, sonolento, a cabeça apoiada no colo dela. Tinham feito amor naquela manhã. Surpreendente. Devia ser algo fabuloso. Mas não foi tão importante quanto Tom ter adormecido com Heloise na noite anterior, com ela em seus braços. Heloise dizia com freqüência: “É ótimo dormir com você, porque quando você se vira não é como um terremoto chacoalhando a cama. Eu realmente nem percebo quando você se vira”. Tom gostava disso. Ele nunca havia perguntado quem eram os terremotos. Heloise existia. Era estranho para Tom. Ele não conseguia entender os objetivos dela na vida. Ela era como um quadro na parede. Ela lhe dissera que talvez quisesse filhos algum dia. Nesse meio tempo, ela existia. Não que Tom pudesse se vangloriar de ter objetivos, especialmente agora que havia alcançado o tipo de vida que levava, mas Tom de certa forma deleitava-se ao alcançar os prazeres que conseguia alcançar, e esse tipo de deleite parecia faltar a Heloise, talvez porque ela sempre tivesse tido tudo o que quis, desde que nascera. Às vezes Tom se sentia estranho fazendo amor com ela, porque se sentia parcialmente distante, e era como se ele tirasse prazer de alguma coisa inanimada, irreal, de um corpo sem uma identidade.

Ou será que isso era vergonha ou puritanismo de sua parte? Ou algum temor de se entregar (mentalmente) por completo, o que seria dizer a si próprio: “Se eu não a tivesse, se eu perdesse Heloise, não poderia mais viver”. Tom sabia que era capaz de acreditar naquilo, mesmo em relação a Heloise, mas não gostava de admiti-lo para si próprio, nem de permiti-lo, e certamente nunca havia dito isso para Heloise, porque (da maneira como as coisas estavam agora) seria uma mentira. A condição de absoluta dependência dela, ele sentia apenas como uma possibilidade. Tinha pouco a ver com sexo, pensou Tom, com qualquer dependência disso. Geralmente Heloise desrespeitava as mesmas coisas que ele. De certa forma, ela era uma parceira, ainda que passiva. Com um rapaz ou um homem, Tom teria rido muito mais — talvez essa fosse a principal diferença. Mesmo assim, Tom lembrou-se de uma ocasião com os pais dela, quando ele havia dito “Tenho certeza de que todos os membros da Máfia foram batizados, e de que isso adiantou para *eles?*”, e Heloise havia rido. Os pais dela não riram. De alguma forma, eles (os pais dela) haviam conseguido arrancar de Tom o fato de que ele não havia sido batizado nos Estados Unidos — na verdade, uma questão sobre a qual Tom era muito vago, mas com certeza sua tia Dottie nunca mencionara nada. Os pais de Tom haviam morrido afogados quando ainda era muito pequeno, portanto ele nunca ouvira nada deles a esse respeito. Impossível explicar aos Plisson, que eram católicos, que nos Estados Unidos batismo, missa, confissão, orelhas furadas, Inferno e a Máfia eram, de alguma forma, católicos e não protestantes, não que Tom fosse qualquer coisa, mas se tinha certeza de algo, era de que não era católico.

As ocasiões em que Heloise parecia mais viva para Tom era quando tinha acessos de nervosismo. Heloise tinha acessos e acessos. Tom não contava os acessos relacionados à demora na entrega de alguma coisa vinda de Paris, quando Heloise jurava (em falso) que nunca mais compraria nessa ou naquela loja novamente. Os acessos mais sérios eram causados por tédio ou por qualquer pequeno ataque a seu ego, e poderiam ocorrer se um convidado sobressaísse ou a tivesse contradito em uma discussão à mesa. Heloise controlava-se até que o convidado ou os convidados tivessem ido embora — o que já era alguma coisa —, mas logo que acabavam de sair, ela andava de um lado para o outro da sala, falando em voz alta, atirando almofadas contra as paredes, gritando “*Fous-moi la paix! — Salauds!*” (“Dêem o fora daqui, droga! — Seus palermas!”), tendo Tom como a única pessoa na platéia. Tom dizia alguma coisa irrelevante para acalmá-la, Heloise se acalmava, uma lágrima caía de cada olho, e no momento seguinte ela estava dando risada. Tom achava que aquilo era um traço latino. Inglês, com certeza, não era.

Tom trabalhou no jardim durante quase uma hora, depois leu um pouco de *As armas secretas*, de Júlio Cortázar. Então subiu e finalizou seu retrato de Mme. Annette — hoje era seu dia de folga, quinta-feira. Às seis da tarde Tom chamou Heloise para que ela visse o quadro.

“Nada mal, sabe? Você não trabalhou demais nele. Eu gostei.”

Tom ficou satisfeito com o comentário. “Não fale nada para ela.” Colocou o quadro em um canto para secar, de frente para a parede.

Então eles se aprontaram para ir à casa dos Berthelin. O traje era informal. Podia ser jeans. Vincent era outro marido que trabalhava em Paris e vinha para casa nos fins de semana.

“O que *Papa* disse?”, perguntou Tom.

“Que estava contente de eu ter voltado para a França.”

Papa não gostava muito dele, Tom sabia disso, mas *Papa* tinha uma vaga impressão de que Heloise o negligenciava. A virtude burguesa em conflito com um faro para caráter, supôs Tom. “E Noëlle?” Noëlle era uma amiga predileta de Heloise que morava em Paris.

“Ah, o de sempre. Disse que estava entediada. Ela nunca gostou do outono.”

Os Berthelin, embora bem de vida, optaram por ter uma vida rústica no campo, com banheiro fora de casa e sem água quente na torneira da pia. Esquentavam água em uma chaleira e em um fogão à lenha. Seus convidados, os Clegg, o casal inglês, tinham cerca de cinquenta anos, a mesma idade que os Berthelin. O filho de Vincent Berthelin, que Tom não conhecia, era um rapaz moreno de vinte e dois anos (Vincent contou a Tom a idade do filho quando ele e Tom estavam bebendo Ricards na cozinha, enquanto Vincent cozinhava), morava com a namorada em Paris e estava prestes a abandonar o curso de arquitetura na Beaux Arts, o que deixava Vincent bastante irritado. “*A garota não vale a pena!*”, rugiu ele para Tom. “É a influência inglesa, sabe?” Vincent era gaullista.

O jantar estava excelente, frango, arroz, salada, queijo e uma torta de maçã feita por Jacqueline. Tom pensava em outras coisas. Mas estava satisfeito, satisfeito a ponto de sorrir, porque Heloise estava de bom humor, contando sobre suas aventuras na Grécia, e por fim eles experimentaram o *ouzo* que Heloise trouxera.

“Que gosto horrível, aquele *ouzo*! Pior que Pernod!”, disse Heloise em casa, escovando os dentes na pia de seu banheiro. Ela já estava de camisola, que era azul e curta.

Em seu quarto, Tom estava vestindo o pijama novo que havia comprado em Londres.

“Vou descer para pegar champanhe!”, disse Heloise.

“Pode deixar que eu pego”, disse Tom, correndo para calçar os chinelos.

“Tenho de tirar esse gosto da boca. E também estou com vontade de tomar champanhe. Dá até

para pensar que os Berthelin são uns pobretões, a julgar pelas coisas que servem para beber. *Vin ordinaire!* Ela começou a descer a escada.

Tom a alcançou.

“Deixe que eu pego”, disse Heloise. “Pegue o gelo.”

Tom não queria que ela entrasse na adega. Foi para a cozinha. Mal acabara de puxar uma bandeja de gelo, quando ouviu um grito — um grito abafado pela distância, mas era um grito de Heloise, e terrível. Tom saiu correndo na direção do lavabo.

Um segundo grito, e ele trombou com Heloise na porta do lavabo.

“*Mon dieu!* Alguém se enforcou lá embaixo!”

“Ah, droga!” Tom segurou Heloise e levou-a para o quarto.

“Não desça, Tome! É horrível!”

Era Bernard, é claro. Tom estava tremendo enquanto subia as escadas com ela, Heloise falando em francês e ele em inglês.

“Prometa que não vai descer! Chame a polícia, Tome!”

“Está bem, vou chamar a polícia!”

“Quem é?”

“Não sei.”

Entraram no quarto de Heloise.

“Fique aqui!”, disse Tom.

“Não, não me deixe sozinha!”

“Por favor!”, disse Tom em francês, e saiu correndo, descendo a escada. Um uísque puro era a melhor coisa, pensou ele. Heloise raramente bebia destilados, então deveria fazer algum efeito. Depois um sedativo. Tom voltou correndo ao quarto, com uma garrafa e um copo que havia tirado do carrinho. Encheu o copo e, quando Heloise hesitou, bebeu um pouco e colocou o copo nos lábios dela. Os dentes dela estavam batendo.

“Você vai chamar a polícia?”

“Vou!” Pelo menos era suicídio, pensou Tom. Isso poderia ser provado. Não era assassinato. Tom suspirou, com um estremecimento, quase tão trêmulo quanto Heloise. Ela estava sentada na beirada da cama. “Que tal champanhe? Um monte de champanhe?”

“Sim. *Non!* Você não pode ir lá embaixo! Telefone para a polícia!”

“Certo.” Tom desceu novamente.

Foi até o lavabo, hesitou por um segundo diante da porta — a luz da adega ainda estava acesa — e então começou a descer a escada. Um choque percorreu-lhe o corpo quando viu a figura escura, pendurada, a cabeça tombada para a frente. A corda era curta. Tom piscou. Parecia não ter pés. Ele aproximou-se.

Era um boneco.

Tom sorriu e depois deu risada. Bateu nas pernas moles que nada mais eram que a calça vazia de Bernard Tufts. “*Heloise!*”, ele gritou, e subiu correndo a escada, sem se importar se iria acordar Mme. Annette. “Heloise, é um *boneco!*”, disse em inglês. “Não é de verdade! *C’est un mannequin!* Não precisa ter medo!”

Precisou de alguns segundos para convencê-la. Era uma brincadeira armada por Bernard — talvez até por Christopher, acrescentou Tom. De qualquer forma, ele havia mexido nas pernas e tinha certeza.

Aos poucos, Heloise foi ficando irritada, o que era um sinal de que estava se recuperando. “Que brincadeiras idiotas desses ingleses! Idiotas! Imbecis!”

Tom riu, aliviado. “Vou descer para pegar o champanhe! E o gelo!”

Tom desceu novamente. O boneco estava preso por um cinto que Tom reconheceu como um dos seus. A jaqueta cinza-escura estava sobre um cabide, a calça estava abotoada a um dos botões do paletó, e a cabeça era um pano cinza, amarrado no pescoço com um barbante. Tom rapidamente pegou uma cadeira na cozinha — felizmente Mme. Annette não tinha acordado com toda a confusão — ,voltou à adega e tirou o boneco. O cinto estava pendurado em um prego em uma viga de madeira no teto. Tom jogou as roupas no chão. Então escolheu rapidamente um champanhe. Retirou o cabide do paletó e também levou o cinto para cima. Conseguiu pegar o balde de gelo na cozinha, apagou as luzes e subiu.

Tom acordou pouco antes das sete. Heloise estava dormindo profundamente. Ele saiu com cuidado da cama e pegou o roupão que estava pendurado no quarto de Heloise.

Mme. Annette já devia estar acordada. Tom desceu a escada em silêncio. Queria tirar o terno de Bernard da adega antes que Mme. Annette o encontrasse. Tom viu que a mancha do vinho derramado misturado com o sangue de Murchison não era grande coisa. Se um perito a examinasse à procura de sangue, sem dúvida iria encontrar traços ali, mas Tom estava otimista o bastante para pensar que isso não aconteceria.

Desabotoou o paletó que estava preso à calça. Um pedaço de papel branco flutuou em direção ao chão, um bilhete de Bernard, escrito em sua letra grande e angulosa:

Enforquei-me simbolicamente em sua casa. É Bernard Tufts que eu enforquei, não Derwatt. Para D. eu me penitencio da única maneira que posso, que é matar o eu que tenho sido nos últimos cinco anos. Agora é continuar e tentar fazer o meu trabalho honestamente com o que restou de minha vida.

B. T.

Tom teve um impulso de amassar o bilhete e destruí-lo. Então dobrou-o e colocou-o em um dos bolsos do roupão. Talvez viesse a precisar dele. Quem sabe? Quem sabe onde Bernard estava e o que estaria fazendo? Sacudiu o terno de Bernard e jogou o pano em um canto. Mandaria o terno para a lavanderia. Não havia problema nisso. Tom começou a levá-lo para seu quarto, mas decidiu deixá-lo na mesa do corredor onde colocava as roupas que Mme. Annette deveria levar para a lavanderia.

“*Bonjour, M. Tome!*”, disse Mme. Annette da cozinha. “Acordou cedo de novo! Mme. Heloise também? Será que ela já quer o chá?”

Tom foi até a cozinha. “Acho que ela quer dormir esta manhã. Vamos deixar que durma o quanto quiser. Mas eu gostaria de tomar café agora, por favor.”

Mme. Annette disse que levaria para ele no quarto. Tom subiu e se vestiu. Queria dar uma olhada na cova no bosque. Bernard poderia ter feito alguma coisa esquisita — talvez aberto a cova parcialmente, sabe-se lá o quê —, talvez até mesmo se enterrado nela.

Depois do café, ele desceu. O sol estava fraco e não tinha aparecido totalmente, a grama estava molhada de orvalho. Tom passeou pelos arbustos, sem querer fazer uma linha reta até a cova, caso Heloise ou Mme. Annette estivessem olhando por alguma janela. Tom não olhou para trás, porque acreditava que o olhar de uma pessoa atraía o de outra.

A cova estava exatamente como Bernard e ele haviam deixado.

Heloise só acordou depois das dez, e Mme. Annette disse a Tom, que estava em sua sala de trabalho, que Mme. Heloise queria vê-lo. Tom foi para o quarto dela. Heloise estava tomando chá

na cama.

Enquanto comia uma *grapefruit*, ela disse: “Não gosto das brincadeiras de seus amigos”.

“Não vai acontecer de novo. Tirei as roupas... da adega. Não pense mais nisso. Quer ir a algum lugar gostoso para almoçar? Algum lugar perto do Sena? Um almoço bem tarde?”

Ela gostou da idéia.

Encontraram um restaurante que não conheciam perto de uma cidadezinha no sul, que por acaso não ficava à beira do Sena.

“Vamos viajar para algum lugar? Para Ibiza?”, propôs Heloise.

Tom hesitou. Ele adoraria ir de barco para algum lugar, levar toda a bagagem que quisesse, livros, um toca-discos, tintas e blocos de desenho. Mas achou que pareceria uma fuga, para Bernard, para Jeff e Ed, e para a polícia — mesmo que soubesse para onde estava indo. “Vou pensar no assunto. Talvez.”

“A Grécia me deixou um gosto desagradável. Como o *ouzo*”, disse Heloise.

Tom estava com vontade de cochilar depois do almoço. Heloise também. Dormiriam na cama dela, ela disse, até acordarem, ou até que fosse hora do jantar. Desligariam o telefone no quarto de Tom, assim só tocaria lá embaixo, e Mme. Annette poderia atender. Era em momentos assim, pensou Tom enquanto dirigia devagar através dos bosques em direção a Villeperce, que ele adorava não ter um emprego, estar bem de vida e ser casado.

Tom certamente não estava preparado para o que viu logo que abriu a porta da frente com sua chave. Bernard estava sentado em uma das cadeiras amarelas, de frente para a porta.

Heloise não viu Bernard de imediato, e disse “Tome, *chéri*, você pode me pegar uma garrafa de Perrier e gelo? Ai, estou com tanto sono!”. Heloise caiu nos braços de Tom e surpreendeu-se por ele estar tenso.

“Bernard está aqui. Sabe, o inglês de quem falei.” Tom entrou na sala. “Olá, Bernard. Como vai?” Tom não conseguiu estender-lhe a mão, mas tentou sorrir.

Mme. Annette apareceu vinda da cozinha. “Ah, M. Tome! Mme. Heloise! Não ouvi o carro. Devo estar ficando surda. M. Bernard voltou.” Mme. Annette parecia inquieta.

Tom disse, tão calmamente quanto pôde: “Sim, ótimo. Eu o estava esperando”, embora se lembrasse de ter dito a Mme. Annette que não tinha certeza se Bernard iria voltar.

Bernard levantou-se. Precisava fazer a barba. “Desculpe-me por voltar sem avisar.”

“Heloise, este é Bernard Tufts... um pintor que mora em Londres. Minha esposa, Heloise.”

“Como vai?”, perguntou Bernard.

Heloise ficou onde estava. “Como vai?”, respondeu ela em inglês.

“Minha esposa está um pouco cansada.” Tom andou na direção dela. “Quer subir... ou ficar conosco?”

Com um movimento da cabeça, Heloise pediu a Tom que a acompanhasse.

“Volto já, Bernard”, disse Tom, seguindo-a.

“Esse é o tal que fez a brincadeira?”, perguntou Heloise quando estavam no quarto dela.

“Acho que sim. Ele é muito excêntrico.”

“O que está fazendo aqui? Não gosto dele. Quem é ele? Você nunca falou nele antes. E ele está usando suas roupas?”

Tom deu de ombros. “Ele é amigo de uns amigos meus de Londres. Tenho certeza de que posso convencê-lo a ir embora esta tarde. Provavelmente está precisando de dinheiro. Ou de roupas. Vou perguntar a ele.” Tom beijou-lhe o rosto. “Vá para a cama, querida. Falo com você daqui a pouco.”

Tom foi até a cozinha e pediu a Mme. Annette que levasse a Perrier de Heloise.

“M. Bernard vai ficar para o jantar?” , perguntou Mme. Annette.

“Acho que não. Mas nós vamos jantar aqui. Qualquer coisa simples. Nós almoçamos muito bem.” Tom voltou para Bernard. “Você foi para Paris?”

“É, Paris.” Bernard ainda estava em pé.

Tom não sabia que abordagem usar. “Encontrei seu gesto simbólico lá embaixo. Deu um enorme susto em minha esposa. Você não devia fazer brincadeiras desse tipo... sabendo que há mulheres na casa.” Tom sorriu. “A propósito, minha governanta levou seu terno para a lavanderia e eu providenciarei para que o receba em Londres... ou onde estiver. Sente-se.” Tom sentou-se no sofá. “Quais são seus planos?” Era como perguntar a um insano como ele se sentia, pensou Tom. Tom estava pouco à vontade, e ficou pior ao perceber que seu coração estava batendo muito rápido.

Bernard sentou-se. “Ah...” Uma longa pausa.

“Não vai voltar para Londres?” Em desespero, Tom pegou um charuto da caixa na mesinha de café. Era o bastante para lhe dar náuseas agora, mas e daí?

“Vim para conversar com você.”

“Certo. Sobre?”

Outro silêncio, e Tom estava com medo de quebrá-lo. Bernard poderia ter passado os últimos dias tateando nas nuvens, nas infinitas nuvens de seus próprios pensamentos. Era como se estivesse tentando pegar uma pequena ovelha lanuda em um rebanho gigantesco. “Tenho todo o tempo de que você precisar. Você está entre amigos, Bernard.”

“É muito simples. Preciso começar minha vida novamente. De forma limpa.”

“É, eu sei. Bem, você pode fazer isso.”

“A sua mulher sabe... sobre minhas falsificações?”

Tom acolheu com prazer aquela pergunta tão lógica. “Não, é claro que não. Ninguém sabe. Ninguém na França.”

“Nem sobre Murchison?”

“Contei a ela que Murchison estava desaparecido. E que eu o deixei em Orly.” Tom falava em voz baixa, para o caso de Heloise estar no corredor do andar de cima, ouvindo. Mas ele sabia que o som de vozes não chegava bem no andar de cima, tendo de atravessar as voltas que a escada fazia.

Bernard disse, um tanto irritado: “Eu realmente não consigo conversar na presença de outras pessoas na casa. Como sua esposa. Ou a governanta”.

“Está bem. Podemos ir a algum outro lugar.”

“Não.”

“Bom, eu não posso pedir para Mme. Annette sair. Ela administra este lugar. Quer dar uma volta? Existe um café sossegado...”

“Não, obrigado.”

Tom recostou-se no sofá, segurando o charuto que agora cheirava como uma casa pegando fogo. Geralmente ele gostava do cheiro. “A propósito, não tive notícias do inspetor inglês desde a última vez que vi você. Nem da polícia francesa.”

Bernard não reagiu. Então disse: “Está bem, vamos dar uma volta”. Levantou-se e olhou pelas janelas francesas. “Talvez pelos fundos da casa.”

Saíram no gramado. Nenhum dos dois colocara um casaco, e estava frio. Tom deixou Bernard ir aonde quisesse, e Bernard foi na direção do bosque, do caminho que levava ao bosque. Bernard

caminhava lentamente, com certa insegurança. Será que estava fraco por não ter comido?, perguntou-se Tom. Em pouco tempo estavam passando sobre o local onde o cadáver de Murchison havia estado. Tom sentiu medo, um medo que eriçou os cabelos de sua nuca e atrás da orelha. Não era um medo daquele lugar, Tom percebeu, mas um medo de Bernard. Tom manteve as mãos livres e colocou-se mais ou menos ao lado de Bernard.

Então Bernard diminuiu o passo e deu meia-volta, e eles começaram a voltar para a casa.

“O que você está pensando?”, perguntou Tom.

“Ah, eu... eu não sei onde isso tudo vai parar. Já causou a morte de um homem.”

“Bom... lamentavelmente, é verdade. Concordo. Mas não tem realmente nada a ver com você, tem? Já que você não vai mais pintar Derwatts, o novo Bernard Tufts pode começar do zero... de forma limpa.”

Bernard não respondeu.

“Você ligou para Jeff ou Ed quando estive em Paris?”

“Não.”

Tom não havia se preocupado em comprar nenhum jornal inglês, e Bernard provavelmente também não. As ansiedades de Bernard estavam dentro dele mesmo. “Se quiser, pode ligar para Cynthia da minha casa. Pode usar o telefone no meu quarto.”

“Eu falei com ela quando estava em Paris. Ela não quer me ver.”

“Ah.” Era esse o problema. Aquilo fora a gota d’água, supôs Tom. “Bem, você sempre pode escrever para ela. Talvez isso seja melhor. Ou falar com ela pessoalmente quando voltar a Londres. Arrombe a porta dela!” Tom riu.

“Ela disse não.”

Silêncio.

Cynthia queria ficar livre daquilo tudo, deduziu Tom. Não que ela desconfiasse da intenção de Bernard de parar com as falsificações — ninguém podia duvidar de Bernard quando ele afirmava alguma coisa —, mas ela já não agüentava mais. No momento, a dor de Bernard estava além do alcance de Tom. Estavam em pé no terraço de pedra, em frente às janelas francesas. “Tenho que entrar, Bernard. Estou congelando. Entre.” Tom abriu as portas.

Bernard entrou também.

Tom correu para cima, para falar com Heloise. Ele ainda estava tenso de frio, ou de medo. Heloise estava em seu quarto, sentada na cama, separando fotografias e cartões-postais.

“Quando ele vai embora?”

“Querida... é a namorada dele em Londres. Ele ligou para ela de Paris. Ela não quer mais vê-lo. Ele está infeliz e simplesmente não posso pedir que vá embora. Não sei o que vai fazer. Querida, você não quer ir visitar os seus pais por uns dias?”

“*Non!*”

“Ele quer conversar comigo. Só espero que faça isso logo.”

“Por que você não pode mandá-lo embora? Ele não é amigo seu. Além disso, é louco!”

Bernard ficou.

* * *

Ainda não haviam terminado o jantar, quando a campainha tocou. Mme. Annette atendeu a porta, voltou e disse para Tom:

“São dois *agents* da polícia, M. Tome. Querem falar com o senhor.”

Heloise deu um suspiro de impaciência e jogou o guardanapo sobre a mesa. Ela detestara ter de

se sentar à mesa, e levantou-se. “Mais intrusões!”, disse ela em francês.

Tom havia se levantado também.

Apenas Bernard parecia não ter se perturbado.

Tom foi até a sala. Era a mesma dupla de policiais que o tinha visitado na segunda-feira.

“Lamentamos perturbá-lo, *m’sieur*”, disse o homem mais velho, “mas seu telefone não está funcionando. Nós já comunicamos o problema.”

“É mesmo?” Na verdade, o telefone ficava inexplicavelmente mudo a cada seis semanas, mais ou menos, mas agora Tom se perguntou se Bernard não havia feito alguma coisa esquisita, como cortar o fio. “Eu não sabia. Obrigado.”

“Mantivemos contato com o investigador inglês. Na verdade, ele é que entrou em contato conosco.”

Heloise entrou, com um misto de curiosidade e raiva, supôs Tom. Ele a apresentou, e os policiais deram seus nomes novamente, comissário Delaunay, e o outro nome Tom não entendeu.

Delaunay disse: “Agora não é apenas o senhor Murchison quem está desaparecido, mas o pintor Derwatt também. Webstair, o investigador inglês, tentou ligar para o senhor, e queria saber se o senhor teve notícias de algum dos dois”.

Tom sorriu, na verdade divertindo-se um pouco. “Eu nunca fui apresentado a Derwatt, e ele certamente não me conhece”, disse Tom, no instante em que Bernard entrou na sala. “E lamento dizer que não tive notícias do senhor Murchison. Deixem-me apresentar-lhes Bernard Tufts, um amigo inglês. Bernard, dois cavalheiros da polícia.”

Bernard resmungou um cumprimento.

Tom percebeu que o nome de Bernard não significava absolutamente nada para a polícia francesa.

“Nem mesmo os donos da galeria onde Derwatt tem uma exposição não sabem onde ele está”, disse Delaunay. “É tudo surpreendente.”

Sem dúvida era estranho, mas Tom não podia ajudá-los de forma alguma.

“O senhor por acaso conhece o americano, o senhor Murchison?”, perguntou Delaunay a Bernard.

“Não”, respondeu Bernard.

“E a senhora, madame?”

“Não”, disse Heloise.

Tom explicou que sua esposa havia acabado de voltar da Grécia, mas que ele havia lhe contado sobre a visita do senhor Murchison e sobre seu desaparecimento.

Os policiais pareciam não saber o que fazer em seguida. Delaunay disse: “Tendo em vista as circunstâncias, M. Reeply, o inspetor Webstair pediu-nos que fizéssemos uma vistoria em sua casa. O senhor entende, é uma formalidade necessária. Talvez encontremos alguma pista. Estou me referindo ao senhor Murchison, é claro. Precisamos ajudar nossos *confrères* ingleses da melhor maneira possível!”.

“Certamente! Querem começar agora?”

Estava bastante escuro lá fora, mas os policiais disseram que começariam agora e continuariam no dia seguinte pela manhã. Os dois estavam parados no terraço de pedra, olhando ansiosamente para o jardim escuro e para o bosque mais além.

Olharam a casa, com Tom servindo de guia. Interessaram-se primeiro pelo quarto de Murchison, que Chris usara depois. Mme. Annette havia esvaziado o cesto de lixo. Os policiais olharam nas gavetas, que estavam todas vazias, com exceção das duas gavetas de baixo de uma

cômoda, *commode* como diziam os franceses, que continham roupas de cama e dois cobertores. Nenhum sinal da presença de Murchison ou Chris. Olharam o quarto de Heloise. (Heloise estava lá embaixo, e Tom sabia que ela estava reprimindo sua fúria.) Olharam no ateliê de Tom, e chegaram até a examinar uma de suas serras. Havia um sótão. A lâmpada havia queimado, e Tom teve de buscar uma nova e uma lanterna. O sótão estava empoeirado. Havia cadeiras cobertas com panos, e um velho sofá dos antigos moradores do qual Tom e Heloise ainda não haviam se livrado. Os policiais também olharam atrás das coisas com a ajuda de suas próprias lanternas. Estavam procurando algo maior do que uma pista, supôs Tom, por mais absurda que pudesse ser a idéia de que ele deixaria um cadáver atrás de um sofá.

Em seguida veio a adega. Tom mostrou-a com o mesmo desembaraço, ficando parado sobre a mancha, e jogando o foco da lanterna nos cantos, embora a luz estivesse boa. Tom estava com um pouco de medo de que Murchison tivesse sangrado sobre o chão de cimento atrás do barril de vinho. Ele não havia olhado aquele lugar com a devida atenção. Mas se havia algum sangue, os policiais não viram, e deram uma olhada superficial no chão. Isso não significava que não fariam uma busca mais minuciosa no dia seguinte, pensou Tom.

Disseram que voltariam às oito da manhã, se não fosse cedo demais para Tom. Tom disse que oito horas estava bem.

“Desculpem”, disse Tom para Heloise e Bernard, depois de fechar a porta da frente. Tom teve a impressão de que Heloise e Bernard tinham ficado sentados em silêncio, cada um com seu café, durante o tempo todo.

“Por que eles querem revistar a casa?”, perguntou Heloise.

“Porque esse tal americano ainda está desaparecido”, disse Tom. “O senhor Murchison.”

Heloise levantou-se. “Posso falar com você lá em cima, Tome?”

Tom pediu licença para Bernard e seguiu-a.

Heloise entrou em seu quarto. “Se você não colocar esse *fou* para fora, eu saio desta casa hoje mesmo!”

Era um dilema. Ele queria que Heloise ficasse, mas se ela ficasse, Tom sabia que não conseguiria nada com Bernard. E como Bernard, ele não conseguia pensar com o olhar indignado de Heloise sobre si. “Vou tentar mais uma vez me livrar dele”, disse Tom. Beijou o pescoço de Heloise. Pelo menos ela não o afastou.

Tom desceu. “Bernard... Heloise está aborrecida. Você se importaria de voltar para Paris esta noite? Posso levá-lo de carro até... Por que não Fontainebleau? Há alguns bons hotéis lá. Se quiser conversar comigo, posso ir amanhã até Fontainebleau...”

“Não.”

Tom suspirou. “Então ela vai embora hoje. Vou dizer isso a ela.” Tom voltou e contou a Heloise.

“O que é isso, outro Dickie *Grenlef*? Você não consegue mandá-lo embora da sua casa?”

“Eu nunca... Dickie não estava na *minha* casa.” Tom ficou sem palavras. Heloise parecia irritada o suficiente para expulsar Bernard sozinha, mas não seria capaz de fazê-lo, pensou Tom, porque a teimosia de Bernard estava além das convenções ou da etiqueta.

Ela tirou uma pequena mala de couro de cima do armário e começou a arrumá-la. Inútil dizer que ele se sentia responsável por Bernard, supôs Tom. Heloise iria querer saber por quê.

“Heloise, querida, sinto muito. Você vai levar o carro ou quer que leve você até a estação?”

“Vou levar o Alfa até Chantilly. A propósito, não tem nada de errado com o telefone. Acabei de usar o aparelho no seu quarto.”

“Talvez eles tenham consertado quando os *flics* informaram o defeito.”

“Acho que eles mentiram. Queriam nos surpreender.” Ela interrompeu o gesto de colocar uma camiseta na mala. “O que você fez, Tome? Você fez alguma coisa para esse Murchison?”

“Não!”, disse Tom, assustado.

“Sabe, meu pai não vai tolerar mais nenhuma bobagem, mais nenhum escândalo.”

Ela se referia ao caso Greenleaf. Tom havia limpado seu nome em relação a isso, mas sempre havia suspeitas. Os latinos faziam piadas absurdas, e elas, curiosamente, transformavam-se em verdades latinas. Tom poderia ter matado Dickie. E todo mundo sabia que ele ganhava algum dinheiro com a morte de Dickie, por mais que Tom tentasse esconder isso. Heloise sabia que ele tinha uma renda que vinha de Dickie, e isso também sabia o pai de Heloise, cujas mãos não eram imaculadas em relação aos negócios, mas talvez Tom tivesse sangue nas suas. *Non olet pecunia, sed sanguis...*

“Não vai haver nenhum outro escândalo”, disse Tom. “Se você soubesse, estou fazendo o máximo para evitar um escândalo. Esse é o meu objetivo.”

Ela fechou a mala. “Eu nunca sei o que você está fazendo.”

Tom pegou a mala. Então colocou-a no chão e eles se abraçaram. “Queria ficar com você esta noite.”

Heloise também queria ficar com ele, e não precisava dizer isso com palavras. Esse era o outro lado do *fous-moi-le-camp* dela. Agora estava indo embora. As mulheres francesas tinham de deixar um quarto, uma casa, ou pedir a uma pessoa que saísse do quarto, ou que fosse para algum lugar, e quanto mais inconveniente fosse para a outra pessoa, mais elas gostavam, mas ainda era menos inconveniente do que quando gritavam. Tom chamava isso de “A Lei do Desalojamento Francês”.

“Você telefonou para sua família?”, perguntou Tom.

“Se eles não estiverem, os empregados estarão.”

Ela levaria duas horas de carro. “Você me telefona quando chegar lá?”

“*Au revoir*, Bernard!”, gritou Heloise na porta da frente. E para Tom, que andou com ela até o carro, “*Non!*”.

Tom olhou com amargura as luzes vermelhas do Alfa-Romeo virarem à esquerda nos portões e desaparecerem.

Bernard estava sentado, fumando um cigarro. Da cozinha veio o barulho abafado da tampa de um balde de lixo. Tom pegou a lanterna da mesinha do corredor e foi para o lavabo. Desceu até a adega e olhou atrás do barril de vinho onde Murchison estivera. Por sorte não havia nenhuma mancha de sangue ali. Tom voltou para cima.

“Sabe, Bernard, você é bem-vindo aqui esta noite, mas amanhã de manhã a polícia vai chegar para revistar a casa com mais calma.” Pensou, de repente, no bosque também. “Talvez façam outras perguntas a você. E isso seria um incômodo. Quer ir embora antes de eles chegarem... às oito?”

“Pode ser. Pode ser.”

Eram quase dez horas da noite. Mme. Annette apareceu para perguntar se queriam mais café. Tom e Bernard recusaram.

“Mme. Heloise saiu?”, perguntou Mme. Annette.

“Ela resolveu ir ver os pais”, disse Tom.

“A essa hora! Ah, Mme. Heloise!” Ela recolheu as coisas do café.

Tom sentiu que ela não gostava de Bernard, ou não confiava nele, da mesma maneira que Heloise. Era lamentável, pensou Tom, que a personalidade de Bernard não aflorasse, que ela

tivesse uma superfície repulsiva para a maioria das pessoas. Tom percebeu que nem Heloise nem Mme. Annette poderiam gostar dele, porque nada sabiam realmente sobre ele, sobre sua devoção a Derwatt — que provavelmente considerariam como “usar Derwatt”. Acima de tudo, nem Heloise nem Mme. Annette, com suas origens completamente diferentes, jamais entenderiam o progresso de Bernard Tufts, de uma origem na classe trabalhadora (segundo Jeff e Ed) para o que poderia ser chamado de o limite máximo da grandeza em virtude de seu talento — embora assinasse seu trabalho com outro nome. Bernard nem mesmo se preocupava com o lado financeiro da coisa — o que mais uma vez seria incompreensível para Mme. Annette e Heloise. Mme. Annette saiu da sala rapidamente, e Tom sentiu pelo gesto que ela estava aborrecida, embora aquilo fosse o máximo que ousava demonstrar.

“Tem uma coisa que eu gostaria de lhe contar”, disse Bernard. “Na noite depois que Derwatt morreu... nós todos ficamos sabendo da morte vinte e quatro horas depois que aconteceu na Grécia... eu... eu tive uma visão de Derwatt em pé no meu quarto. O luar entrava pela janela. Lembro-me que tinha desmarcado um encontro com Cynthia, porque queria ficar sozinho. Eu conseguia *ver* Derwatt ali e sentir sua presença. Ele estava até sorrindo. E disse: ‘Não se assuste, Bernard, eu não estou mal. Não sinto dor’. Você consegue imaginar Derwatt dizendo algo tão previsível quanto isso? Mas eu ouvi.”

Bernard tinha ouvido sua voz interior. Tom escutava respeitosamente.

“Sentei-me na cama e fiquei olhando para ele talvez durante um minuto. Derwatt passeou pelo quarto, o quarto onde eu às vezes pinto e onde durmo.”

Bernard referia-se a pintar Tufts, não Derwatts.

Bernard continuou: “Ele disse ‘Continue, Bernard, eu não lamento’. Entendi que ele não lamentava ter se matado. Ele queria dizer para eu continuar vivendo. Isto é...”. Bernard olhou para Tom pela primeira vez desde que havia começado a falar. “... por tanto tempo quanto devesse durar. É o tipo de coisa sobre a qual não se tem controle, não é? O destino faz isso para você.”

Tom hesitou. “Derwatt tinha senso de humor. Jeff diz que ele teria gostado de você ter falsificado a obra dele com tanto sucesso.” Felizmente, Bernard não levou a mal o comentário.

“Até certo ponto, sim. A falsificação poderia ser uma piada profissional. Derwatt não teria gostado do lado comercial. Dinheiro poderia tê-lo feito se suicidar tão facilmente quanto o fato de estar quebrado.”

Tom sentiu que os pensamentos de Bernard estavam começando a girar novamente, de uma forma organizada e hostil, hostil em relação a ele. Será que deveria dizer alguma coisa para encerrar a noite? Ou será que Bernard tomaria isso como um insulto? “Os malditos *flics* vão chegar bem cedo amanhã, então acho que vou me deitar.”

Bernard inclinou-se para a frente. “Você não entendeu no outro dia quando eu disse que havia falhado. Com aquele detetive de Londres, quando eu estava tentando explicar Derwatt para ele.”

“Porque você não falhou. Veja, Chris entendeu o que você quis dizer. Webster disse que era tocante, eu me lembro.”

“Webster ainda estava considerando a possibilidade de falsificação, de Derwatt ter permitido que acontecesse. Eu não consegui sequer transmitir o caráter de Derwatt. Fiz o melhor que pude e falhei.”

Tom disse, tentando desesperadamente fazer Bernard voltar aos trilhos: “Webster está procurando Murchison. Essa é a missão dele. E não Derwatt. Vou subir”.

Tom entrou em seu quarto e vestiu o pijama. Abriu uma fresta na janela e foi para a cama — que Mme. Annette não tinha arrumado —, mas sentiu-se inseguro e teve um impulso de trancar a

porta. Aquilo era uma tolice? Seria sensato? Pareceu-lhe covardia. Não trancou a porta. Ele estava no meio da *English social history*, de Trevelyan, e começou a folhear o volume, mas interrompeu a leitura para pegar seu dicionário *Harrap's. To forge*, falsificar. Do francês antigo, *forge*, uma oficina. *Faber*, trabalhador. *Forge* em francês tinha a ver apenas com trabalho de forja com metais. A palavra francesa para *forgery*, falsificação, era *falsification* ou *contrefaire*. Tom já sabia disso. Fechou o livro.

Ficou deitado por uma hora, tentando pegar no sono. A todo instante o sangue soava cada vez mais alto em seus ouvidos, alto o suficiente para alarmá-lo, e ele tinha a sensação de que estava caindo de algum lugar alto.

Percebeu pelos ponteiros fosforescentes de seu relógio de pulso que era meia-noite e meia. E se ele ligasse para Heloise? Queria ligar para ela, mas não queria incorrer em mais desaprovação de *Papa* por estar ligando tão tarde. Os outros sempre atrapalhando, malditos.

Então Tom percebeu um movimento brusco sobre seus ombros e mãos ao redor de sua garganta. Tom libertou as pernas dos lençóis. Puxou os braços de Bernard, tentando sem sucesso tirar-lhe as mãos de sua garganta, e por fim Tom colocou um pé contra o corpo de Bernard e o empurrou. As mãos soltaram a garganta. Bernard caiu no chão com um baque surdo, sem fôlego. Tom tentou acender o abajur, quase o derrubou, e derrubou um copo de água que caiu sobre o tapete oriental azul.

Bernard estava retomando o fôlego com muita dificuldade.

E Tom também, em certo sentido.

“Meu Deus, Bernard”, disse Tom.

Bernard não respondeu, ou não conseguiu. Ficou sentado no chão, apoiado em um dos braços, na posição do *Gaulês moribundo*. Será que iria atacá-lo novamente, assim que recuperasse as forças?, perguntou-se Tom. Levantou da cama e acendeu um Gauloise.

“Realmente, Bernard, que estupidez!” Tom começou a rir, e tossiu com a fumaça do cigarro. “Você não teria a mínima chance! Mme. Annette sabe que você está aqui, e a polícia também.” Tom observou Bernard se levantar. Não é toda hora, pensou Tom, que uma vítima acende um cigarro e fica andando descalça por aí, sorrindo para alguém que havia acabado de tentar matá-la. “Não faça isso de novo.” Tom sabia que suas palavras eram absurdas. Bernard não se importava com o que poderia lhe acontecer. “Você não vai dizer nada?”

“Vou”, disse Bernard. “Eu odeio você... porque tudo isso é inteiramente culpa sua. Eu nunca deveria ter concordado em ajudar... é verdade. Mas você é a origem.”

Tom sabia disso. Ele era a origem mística, uma fonte do mal. “Estamos todos tentando acertar a situação, não continuá-la.”

“E eu estou acabado. Cynthia...”

Tom soltou uma baforada. “Você disse que às vezes se sentia como Derwatt quando pintava. Pense no que fez em nome dele! Porque ele não era nem um pouco famoso quando morreu.”

“Foi corrompido”, disse Bernard como a voz do juízo final ou do próprio inferno. Foi para a porta e saiu, com um olhar mais determinado do que o de costume.

Aonde será que ele ia? Bernard ainda estava vestido, embora fossem três da manhã. Será que ia sair andando pela noite? Ou ia colocar fogo na casa?

Tom passou a chave na porta. Se Bernard voltasse, teria de bater na porta para entrar, e, é claro, Tom o deixaria entrar, mas era justo que tivesse um alerta antes de isso acontecer.

Bernard não seria uma vantagem na conversa do dia seguinte com a polícia.

Às nove e quinze da manhã do sábado, dia 26 de outubro, Tom estava parado na frente de suas janelas francesas, olhando para o bosque, onde a polícia havia começado a cavar a antiga cova de Murchison. Atrás de Tom, Bernard andava pela sala em silêncio e sem parar. Tom tinha na mão uma carta formal de Jeffrey Constant perguntando, em nome da Galeria Buckmaster, se ele sabia do paradeiro de Thomas Murchison, porque eles não sabiam.

Três policiais haviam aparecido naquela manhã, dois novos para Tom, sendo o outro o comissário Delaunay, que Tom achava que não ia cavar coisa alguma. “O senhor sabe o que é aquele lugar que foi cavado recentemente no bosque?”, perguntaram. Tom disse que não sabia de nada a respeito. Aquele bosque não pertencia a ele. O *gendarme* atravessou o gramado para falar com seus *confrères*. Eles tinham revistado toda a casa novamente.

Tom também recebera uma carta de Chris Greenleaf que ainda não tinha aberto.

A polícia já estava cavando havia cerca de dez minutos.

Tom leu a carta de Jeff com mais atenção. Jeff a escrevera pensando que a correspondência de Tom estivesse sendo vistoriada, ou talvez Jeff estivesse com vontade de ser engraçado, mas Tom acreditou na primeira hipótese.

Galeria Buckmaster

Bond Street W1

24 out 19—

Senhor Thomas Ripley

Belle Ombre

Villeperce 77

Prezado sr. Ripley,

Fomos informados de que o inspetor-detetive Webster visitou-o recentemente com relação ao sr. Thomas Murchison, que o acompanhou na quarta-feira passada para a França. Serve esta para informá-lo de que não tivemos notícias do sr. Murchison desde a quinta-feira, dia 15 do corrente, quando ele visitou nossa galeria.

Sabemos que o sr. Murchison desejava ver Derwatt antes que ele (o senhor Murchison) voltasse para os Estados Unidos. No momento não sabemos onde Derwatt está na Inglaterra, mas esperamos que ele entre em contato conosco antes de retornar ao México. Pode ser que Derwatt tenha marcado um encontro com o sr. Murchison do qual não tenhamos conhecimento. [Talvez em uma sessão espírita, pensou Tom.]

Estamos, tanto quanto a polícia, preocupados com o desaparecimento do quadro de Derwatt chamado O relógio.

Por favor, telefone-nos a cobrar se tiver qualquer informação.

*Atenciosamente,
Jeffrey Constant.*

Tom virou-se, agora com um bom humor arrogante — pelo menos no momento, e de qualquer forma a rabugice de Bernard o incomodava. Tom queria dizer “Escute aqui, sujeitinho desagradável, que diabo você ainda está fazendo por aqui?”. Mas sabia o que Bernard estava fazendo: esperando por uma outra chance de atacá-lo. Então Tom segurou a respiração por um instante, sorrindo para Bernard, que nem mesmo estava olhando para ele, e ouviu alguns chapins brigando por algum sebo que Mme. Annette havia pendurado em uma árvore, ouviu o rádio de Mme. Annette, cujo som vinha fraco da cozinha, e também ouviu o barulho de uma pá batendo em alguma coisa lá no bosque.

Tom disse com a mesma serenidade e cara-de-pau da carta de Jeff: “Bom, eles não vão encontrar nenhum sinal de Murchison lá fora”.

“Espere até dragarem o rio”, disse Bernard.

“Você vai *falar* para eles fazerem isso?”

“Não.”

“De qualquer forma, qual rio? Nem eu me lembro mais onde foi.” Tom tinha certeza de que Bernard também não sabia.

Tom estava esperando os policiais voltarem do bosque e dizerem que não encontraram nada. Ou talvez nem se dessem ao trabalho de dizer isso, talvez não dissessem nada. Ou talvez avançassem mais ainda dentro do bosque, procurando. Poderia levar o dia todo. Em um dia agradável, não era uma das piores maneiras de matar o tempo. Almoçariam no vilarejo, ou em algum outro nas redondezas, ou mais provavelmente em suas próprias casas no distrito, e depois voltariam ao bosque.

Tom abriu a carta de Chris.

24 de outubro de 19—

Prezado Tom,

Agradeço mais uma vez pelos excelentes dias que passei com você. Eles formam um contraste gritante com minhas magras acomodações aqui, mas eu até que gosto. Ontem à noite eu tive uma aventura. Conbeci uma garota chamada Valerie em um café em St.-Germain-des-Prés. Convidei-a para tomar vinho em meu hotel. (A-ham!) Ela aceitou. Eu estava com Gerald, mas ele educadamente desapareceu, como o cavaleiro que às vezes é. Valerie subiu alguns minutos depois de mim, por idéia dela, embora eu não creia que tivesse feito qualquer diferença para a portaria. Ela perguntou se poderia se lavar. Eu lhe disse que não tinha banheiro, apenas uma pia, então me ofereci para esperar do lado de fora, enquanto ela se lavava. Quando bati na porta novamente, ela me perguntou se havia um banheiro com banheira. Respondi que sim, é claro, mas eu precisaria pegar a chave. E foi o que eu fiz. Bem, ela ficou no banheiro por uns quinze minutos. Então voltou e me pediu de novo para esperar do lado de fora enquanto se lavava. Ok, eu esperei, mas já estava me perguntando o que mais ela ainda estaria lavando. Esperei lá embaixo, na calçada. Quando subi de novo, ela havia desaparecido, o quarto estava vazio. Procurei pelos corredores, em toda parte. Desapareceu! Pensei comigo que essa é uma garota que se lavou tanto

que sumiu da minha vida. Talvez eu não tenha feito a coisa certa. Mais sorte da próxima vez, Chris!

Talvez eu vá para Roma com Gerald...

Tom olhou pela janela. “Quando será que eles vão terminar? Ah, aí vem eles! Veja! Balançando as pás vazias.”

Bernard não olhou.

Tom sentou-se confortavelmente no sofá amarelo.

Os franceses bateram na janela francesa, e Tom fez um gesto para que entrassem, e então levantou-se rápido para abrir as janelas para eles.

“Nada naquele lugar, a não ser isso”, disse o comissário Delaunay, segurando uma pequena moeda. Era uma moeda dourada de vinte centavos. “A data é 1965.” Ele sorriu.

Tom sorriu também. “Engraçado o senhor ter encontrado isso.”

“É o nosso tesouro do dia”, disse Delaunay, colocando a moeda no bolso. “Pois é, o buraco foi cavado recentemente. Muito estranho. O tamanho exato para um cadáver, mas não havia nenhum lá. O senhor não viu ninguém cavando recentemente?”

“Com certeza não. Mas... não dá para ver o lugar daqui. Fica escondido pelas árvores.”

Tom foi falar com Mme. Annette na cozinha, mas ela não estava lá. Provavelmente estava fazendo compras, uma saída que demoraria mais do que o de costume, porque ela iria contar para umas três ou quatro testemunhas sobre a chegada da polícia que revistara a casa à procura de M. Murchison, cuja foto saíra no jornal. Tom preparou uma bandeja de cerveja gelada e uma garrafa de vinho e levou-a para a sala. O oficial francês estava falando com Bernard. Era sobre pintura.

“Quem usa aquele bosque?”, perguntou Delaunay.

“Ah, de vez em quando pessoas das fazendas da redondeza, acho”, respondeu Tom, “que vêm pegar lenha. Raramente vejo alguém naquele caminho.”

“E recentemente?”

Tom pensou um pouco. “Não me lembro de ninguém.”

Os três policiais foram embora. Tinham verificado alguns aspectos: o telefone estava funcionando; sua *femme de ménage* estava fazendo compras àquela hora (Tom disse que achava que poderiam encontrá-la na cidade, se quisessem falar com ela); Heloise tinha ido visitar os pais em Chantilly. Delaunay nem se incomodou em pegar o endereço.

“Quero abrir as janelas”, disse Tom depois que eles se foram. Abriu a porta da frente e as janelas francesas.

O frio não incomodou Bernard.

“Vou ver o que fizeram lá fora”, disse Tom, e atravessou o gramado na direção do bosque. Que alívio os homens da lei terem saído da casa!

Eles haviam enchido o buraco. Ficou um pequeno monte de terra marrom-avermelhada sobre o lugar, mas eles até que foram caprichosos. Tom voltou para a casa. Meu Deus, pensou, quantas discussões e repetições mais ele conseguiria suportar? Pelo menos por uma coisa devia ser grato, talvez, que era o fato de Bernard não ter autopiedade. Colocava a culpa nele. Isso pelo menos era algo ativo, positivo e definitivo.

“Bom”, disse Tom ao entrar na sala, “fizeram bem o serviço. E ganharam vinte centavos pelo trabalho. Por que não saímos antes que...”

Nesse momento Mme. Annette abriu a porta da cozinha. Tom ouviu-a e foi falar com ela.

“Bem, Mme. Annette, os agentes já foram embora. Sem encontrar nenhuma pista.” Ele não ia mencionar a cova no bosque.

“É muito estranho, não é?”, disse ela rapidamente, o que com frequência era um protocolo em francês para alguma outra coisa mais importante. “Aqui tem algum mistério, não?”

“O mistério está em Orly”, disse Tom. “Não aqui.”

“O senhor e M. Bernard vão almoçar aqui?”

“Hoje não”, disse Tom. “Vamos para algum lugar. E quanto a hoje à noite, não se preocupe. Se Mme. Heloise telefonar, pode dizer-lhe que ligo de volta esta noite? Na verdade...”, Tom hesitou, “diga-lhe que vou realmente ligar às cinco da tarde. De qualquer forma, por que a senhora não tira o resto do dia de folga?”

“Comprei algumas costeletas, caso fossem almoçar aqui. Sim, eu tenho um encontro com Mme. Yvonne às...”

“Isso mesmo!”, interrompeu Tom. Virou-se para Bernard. “Vamos a algum lugar?”

Mas não puderam sair imediatamente. Bernard queria fazer alguma coisa em seu quarto, segundo disse. Mme. Annette (pensou Tom) saiu, provavelmente para almoçar com uma amiga em Villeperce. Por fim, Tom bateu à porta de Bernard.

Ele estava escrevendo na escrivaninha que havia em seu quarto.

“Se quer ficar sozinho...”

“Na verdade, não”, disse Bernard, levantando-se prontamente.

Tom estava desorientado. Sobre o que você quer conversar?, era o que Tom queria perguntar. Por que veio para cá? Tom não conseguia se forçar a fazer essas perguntas. “Vamos descer.”

Bernard acompanhou-o.

Tom queria ligar para Heloise. Agora era meio-dia e meia. Tom poderia pegá-la antes do almoço. Em casa, a família almoçava pontualmente à uma da tarde. O telefone tocou quando Tom e Bernard entraram na sala. “Talvez seja Heloise”, disse Tom, atendendo.

“*Vous êtes... blur-r-p... Ne quittez pas. Londres vous appelle...*”

Em seguida, a voz de Jeff: “Alô, Tom. Estou ligando de uma agência do correio. Seria possível você vir até aqui?”

Tom sabia que seria ir até lá como Derwatt. “Bernard está aqui.”

“Pensamos que estaria. Como ele está?”

“Ele está... dando um tempo”, disse Tom. Tom não achava que Bernard — que estava olhando para fora através das janelas francesas — sequer estivesse se dando ao trabalho de ouvir, mas não tinha certeza. “Agora não posso”, disse Tom. Afinal, será que não tinham percebido que ele havia matado Murchison?

“Não dá para pensar no assunto... por favor?”

“Mas eu também tenho alguns compromissos por aqui, sabe? O que está acontecendo?”

“O inspetor esteve aqui. Queria saber onde estava Derwatt. Quis olhar nossos livros.” Jeff engoliu em seco, a voz, talvez de maneira inconsciente, tinha se tornado mais baixa para manter o sigilo, mas ao mesmo tempo ele parecia tão desesperado que nem se importava de ser ouvido ou de entenderem o que estava falando. “Ed e eu... fizemos algumas listas, mais recentes. Dissemos que sempre fazíamos arranjos informais, e que nunca havíamos perdido nenhum quadro. Acho que ele engoliu isso bem. Mas estão curiosos sobre o próprio Derwatt, e se você pudesse novamente...”

“Não acho que seja prudente”, disse Tom, interrompendo-o.

“Se pudesse confirmar nossos livros...”

Danem-se os livros, pensou Tom. Dane-se a renda. E o assassinato de Murchison, era apenas responsabilidade sua? E Bernard e a vida dele? Em um momento incomum, quando nem sequer estava pensando, Tom percebeu que Bernard ia se matar, ia cometer suicídio em algum lugar. E Jeff e Ed estavam preocupados com a renda *deles*, com a reputação *deles*, e com a possibilidade de irem para a cadeia! “Tenho alguns afazeres por aqui. É impossível para mim ir para Londres.” No meio do silêncio decepcionado de Jeff, Tom perguntou: “Você sabe se a senhora Murchison está indo até aí?”

“Não soubemos de nada a esse respeito.”

“Deixe Derwatt onde ele está, seja lá onde for. Talvez ele tenha um amigo com um avião particular, quem sabe?” Tom riu.

“Por falar nisso”, disse Jeff, ligeiramente mais animado, “o que aconteceu com *O relógio*? Foi roubado mesmo?”

“Foi. Incrível, não? Quem será que está aproveitando aquele tesouro?”

Jeff continuou decepcionado ao desligar: Tom não iria para Londres.

“Vamos dar uma volta”, disse Bernard.

Não ia conseguir ligar para Heloise, pensou Tom. Ocorreu-lhe perguntar se poderia ficar uns dez minutos para ligar para ela, mas achou melhor contentar Bernard. “Vou pegar um casaco.”

Caminharam pelo vilarejo. Bernard não quis um café, nem um copo de vinho, nem almoço. Caminharam quase por um quilômetro ou dois pelas estradas que saíam de Villeperce, então voltaram, às vezes abrindo caminho para caminhões enormes que iam para as fazendas, para carroças puxadas por cavalos Percheron. Bernard falou sobre Van Gogh e sobre Arles, onde já estivera duas vezes.

“... Vincent, assim como todos os outros, tinha uma extensão de vida determinada, e nada mais. Alguém consegue imaginar Mozart chegando aos oitenta? Eu gostaria de ver Salzburgo novamente. Tem um café lá, o Tomaselli. Um café maravilhoso... Por exemplo, você consegue imaginar Bach morrendo aos vinte e seis? O que prova que um homem é sua obra, nada mais, nada menos. Nunca estamos falando de uma pessoa, mas de sua obra...”

Estava ameaçando chover. Já fazia certo tempo que Tom levantara a gola do casaco.

“... Derwatt teve uma extensão de vida razoável. Foi absurdo eu tê-la prolongado. Mas, é claro, eu não fiz isso. Tudo isso pode ser retificado”, disse Bernard como se fosse um juiz pronunciando-se sobre uma sentença, uma sentença cheia de sabedoria — na opinião do juiz.

Tom tirou as mãos dos bolsos, soprou nelas e colocou-as no bolsos novamente.

De volta à casa, Tom fez chá e pegou o uísque e o conhaque. O drinque ou iria acalmar Bernard, ou levar a situação a uma crise, deixando-o irritado, e alguma coisa aconteceria.

“Preciso ligar para minha mulher”, disse Tom. “Sirva-se à vontade.” Subiu a escada correndo. Mesmo que ainda estivesse brava, Heloise seria uma voz de sanidade.

Tom deu o número em Chantilly para a telefonista. Começou a chover. As gotas batiam delicadamente nas vidraças. O vento havia parado. Tom suspirou.

“Alô, Heloise!”, ela havia atendido o telefone. “*Sim*, estou bem. Quis ligar ontem à noite, mas ficou muito tarde... Eu fui dar uma volta. (Ela havia tentado falar com ele.) Com Bernard... *Sim*, ele ainda está aqui, mas acho que vai embora esta tarde, talvez à noite. Quando você vai voltar para casa?”

“Quando você se livrar desse *fou*!”

“Heloise, *je t'aime*. Talvez eu vá para Paris. Com Bernard, porque acho que isso fará ele ir embora.”

“Por que você está tão nervoso? O que está acontecendo?”

“Nada!”

“Você me avisa quando chegar a Paris?”

Tom desceu e colocou música. Escolheu jazz. Não era um jazz nem bom, nem ruim, e, como ele já havia reparado em outros momentos cruciais de sua vida, o jazz não provocava nada nele.

Apenas a música clássica fazia alguma coisa — acalmava ou entediava, dava ou tirava confiança, pelo fato de possuir uma ordem, e a pessoa ou aceitava essa ordem ou a rejeitava. Tom colocou bastante açúcar no chá, que agora estava frio, e bebeu-o de um gole só. Parecia que Bernard não fazia a barba havia uns dois dias. Será que ele ia deixá-la crescer, como Derwatt?

Alguns minutos depois, eles estavam andando pelo gramado dos fundos. Um dos sapatos de Bernard estava desamarrado. Bernard usava botas, um pouco achatadas pelo uso, as solas começando a abrir na frente, como os bicos de pássaros recém-nascidos, com uma curiosa aparência de coisa antiga. Bernard ia amarrar a bota ou não?

“Uma noite dessas”, disse Tom, “tentei compor um poeminha:

Pelo computador se encontraram,

E logo nada e neutra se casaram.

E disse neutra a nada,

‘Que grande enrascada!

Um vazio nossos filhos virarão’.

A questão é: está razoável. Mas talvez você consiga pensar em um verso final melhor.” Tom tinha duas versões da parte do meio e do último verso, mas será que Bernard estava ouvindo?

Estavam andando pelo caminho que levava ao bosque. A chuva havia parado e agora só estava gotejando.

“Olha esse sapinho!”, disse Tom, inclinando-se para pegá-lo, porque quase havia pisado nele, uma coisinha do tamanho da unha de um polegar.

A pancada atingiu Tom na nuca, e talvez tivesse sido o punho de Bernard. Tom ouviu a voz de Bernard dizendo alguma coisa, sentiu a grama molhada, uma pedra contra o rosto, e então desmaiou — para todos os fins práticos, embora tenha sentido uma segunda pancada do lado da cabeça. *Isso é demais*, pensou Tom. Imaginou suas mãos vazias tateando estupidamente pelo chão, mas sabia que não estava se mexendo.

Então seu corpo foi rolado diversas vezes. O silêncio era absoluto, exceto pelo zumbido nos ouvidos. Tom tentou se mexer e não conseguiu. Será que estava com o rosto para cima ou para baixo? De certa forma, ele estava pensando, sem poder ver. Piscou os olhos e eles estavam cheios de terra. Começou a perceber, a acreditar, que pesos ou um peso estava descendo sobre sua espinha, sobre suas pernas. Pelo zumbido nos ouvidos vinha o som baixo de uma pá entrando na terra. Bernard estava enterrando-o. Tom tinha certeza agora de que seus olhos estavam abertos. Qual era a profundidade do buraco? Tom tinha certeza de que era a cova de Murchison. Quanto tempo havia se passado?

Meu Deus, pensou Tom, não podia deixar Bernard enterrá-lo muito fundo, ou nunca conseguiria sair. De maneira vaga, um tanto confusa, Tom pensou que havia um limite para acalmar Bernard, e esse limite era sua própria vida. *Escute! Ok!* Tom imaginou, acreditou que tinha gritado essas palavras, mas não gritou.

“... não é o primeiro”, disse a voz de Bernard, grossa e abafada pela terra que cercava Tom.

O que ele quis dizer? Será que ele ouvira mesmo aquilo? Tom conseguiu mexer a cabeça um pouco e percebeu que estava com o rosto para baixo. Conseguia mover a cabeça em um ângulo bem pequeno.

E o peso não estava caindo mais. Tom concentrou-se em respirar, em parte pela boca. A boca estava seca, e ele cuspiu um pouco de terra. Se ele não se mexesse, Bernard iria embora. Agora Tom estava desperto o bastante para perceber que Bernard devia ter pegado a pá que estava no barracão, enquanto ele estava inconsciente. Tom sentiu algo quente escorrer pela nuca. Sangue, provavelmente.

Dois, talvez cinco minutos se passaram, e Tom quis se mexer mais, ou pelo menos tentar, mas e se Bernard estivesse parado ali, olhando para a cova?

Era impossível ouvir qualquer coisa, como passos. Talvez Bernard já tivesse ido embora havia algum tempo. E de qualquer forma, será que ele o atacaria novamente ao vê-lo saindo daquele túmulo? Não deixava de ser divertido. Mais tarde, se houvesse mais tarde, Tom iria rir, pensou.

Ele arriscou. Tentou mexer os joelhos. Colocou as mãos em posição para se levantar e descobriu que não tinha força suficiente. Então começou a cavar para cima com os dedos, como uma toupeira. Abriu um pouco de espaço para o rosto e começou a cavar um túnel em busca do ar, sem encontrá-lo. A terra estava molhada e fofa, mas muito grudenta. O peso sobre sua espinha era formidável. Ele começou a empurrar com os pés e a cavar para cima com as mãos e os braços, como alguém tentando nadar em cimento ainda fresco. Não poderia ser mais do que um metro de terra em cima dele, pensou Tom com otimismo, talvez nem isso. Ele levava muito tempo para cavar um metro, mesmo naquela terra fofa, e Bernard com certeza não tinha trabalhado tanto. Tom teve certeza de que estava quase chegando ao topo de sua prisão, e se Bernard estava em pé ali perto e não estava reagindo, nem jogando mais terra, ou cavando para acertar-lhe uma pancada na cabeça de novo, ele poderia se permitir dar um grande impulso e relaxar por alguns segundos. Tom fez o esforço e conseguiu mais espaço para respirar. Respirou fundo mais umas vinte vezes aquele ar úmido de tumba, e então continuou.

Dois minutos depois ele estava em pé, cambaleando como um bêbado, ao lado do túmulo de Murchison, que quase fora seu, coberto da cabeça aos pés de lama e pedaços de terra.

Estava ficando escuro. Ao chegar ziguezagueando no caminho, Tom percebeu que não havia nenhuma luz acesa na casa. Automaticamente, pensou no estado em que havia ficado a cova, pensou em cobri-la de novo, perguntou-se onde estaria a pá que Bernard usara, e por fim mandou tudo aquilo para o inferno. Ainda estava limpando sujeira dos olhos e ouvidos.

Talvez ele encontrasse Bernard sentado na sala, que estava mais ou menos às escuras, e então Tom gritaria “Buuu!”. A brincadeira de Bernard tinha sido bastante pesada. Tom tirou os sapatos no terraço e os deixou por lá. As janelas francesas estavam semi-abertas. “Bernard!”, gritou Tom. Ele realmente não estava em condições de agüentar outro ataque.

Nenhuma resposta.

Tom andou pela sala e voltou meio atordoado para o terraço, e lá deixou o casaco e também a calça. Só de cueca agora, acendeu as luzes e subiu até seu banheiro. Um banho o refrescou. Colocou uma toalha na nuca. O corte na cabeça estava sangrando. Tom havia tocado nele apenas uma vez com a esponja para tirar a lama, então tentou esquecê-lo, porque não poderia fazer nada a respeito sozinho. Vestiu o roupão, desceu até a cozinha, fez um sanduíche de presunto, encheu um copo de leite e tomou o lanche na mesa. Depois pendurou o casaco e a calça em seu banheiro. O melhor é escovar e mandar para a lavanderia, diria a terrível Mme. Annette, e era uma bênção que ela não estivesse ali agora, mas estaria de volta às dez, pensou Tom, talvez às onze e meia, se

tivesse ido ao cinema em Fontainebleau ou Melun, mas ele não devia contar com isso. Eram dez para as oito.

Tom se perguntou o que Bernard faria agora. Iria para Paris? De alguma forma, Tom não conseguia imaginar Bernard voltando para Londres, e por isso afastou essa idéia. Mas Bernard estava tão atormentado naquele momento que seria imprevisível de qualquer maneira. Será, por exemplo, que Bernard ia contar a Jeff e Ed que havia matado Tom Ripley? Bernard agora era capaz de falar qualquer coisa, e em voz bem alta. Na verdade, Bernard ia se matar, e Tom percebeu isso da mesma maneira que perceberia um assassinato, porque o suicídio, afinal, era uma forma de assassinato. E para que Bernard levasse adiante, ou realizasse, qualquer coisa que pretendesse fazer, Tom sabia que ele próprio tinha de continuar morto.

E que chateação isso seria, pensando-se em Mme. Annette, Heloise, seus vizinhos, a polícia. Como faria com que todos acreditassem que estava morto?

Tom vestiu um jeans e voltou para o caminho que levava ao bosque, dessa vez com uma lanterna. A pá estava enterrada no chão entre a cova e o caminho. Tom usou-a para encher a cova. Uma bela árvore poderia crescer ali qualquer dia, pensou, porque o solo era bastante macio. Ele chegou até a arrastar alguns dos galhos caídos e folhas com os quais tinha coberto Murchison.

Descanse em paz, Tom Ripley, pensou ele.

Um outro passaporte poderia ser útil, e para quem mais ele poderia pedir isso, a não ser Reeves Minot? Já era tempo de pedir a Reeves um favorzinho.

Tom escreveu um bilhete para Reeves em sua máquina e juntou duas de suas fotos de passaporte. Ligaria para Reeves de Paris esta noite ainda. Tom decidira ir para Paris, onde poderia se esconder por algumas horas e pensar. Então largou as roupas e sapatos enlameados no sótão, aonde Mme. Annette provavelmente não iria. Mudou de roupa de novo e dirigiu a perua até a estação ferroviária de Melun.

Chegou a Paris às dez e quarenta e cinco, e colocou o envelope para Reeves em uma caixa postal na Gare de Lyon. Em seguida foi para o Hotel Ritz, onde se hospedou sob o nome de Daniel Stevens, anotando na ficha da recepção um número inventado de passaporte americano, dizendo que não estava com o seu naquele momento. Endereço: 14 rue du Docteur Cavet, Rouen, uma rua que, pelo que Tom sabia, não existia.

Tom telefonou para Heloise de seu quarto. Ela não estava em casa. A empregada disse que ela e os pais haviam saído para jantar. Ele pediu uma ligação para Reeves em Hamburgo. A ligação foi completada vinte minutos depois, e Reeves atendeu.

“Como vai, Reeves? É o Tom. Estou em Paris. Como vão as coisas?... Você consegue me arranjar um passaporte *tout de suite*? Já mandei as fotografias para o seu endereço.”

Reeves pareceu atrapalhado. Céus, seria esse finalmente um pedido de verdade? Um passaporte? Sim, essas coisinhas essenciais que eram roubadas o tempo todo, em todo lugar. Tom foi educado o suficiente para perguntar a Reeves quanto ele cobraria.

Reeves não sabia dizer.

“Coloque na minha conta!”, disse Tom confiante. “A questão é consegui-lo imediatamente. Se receber minhas fotos na manhã da segunda-feira, será que fica pronto na segunda à noite?... É, é urgente. Você não tem nenhum amigo que esteja vindo para Paris no último vôo da segunda-feira, por exemplo?” Se não tiver, arrume alguém, pensou Tom.

Sim, disse Reeves, uma pessoa que ele conhecia talvez fosse para Paris. Mas não outro portador (ou hospedeiro), insistiu Tom, porque ele não teria condições de mexer nos bolsos ou na mala de ninguém.

“Qualquer nome americano”, disse Tom. “De preferência passaporte americano, inglês também serve. Enquanto isso, estarei no Ritz, Place Vendôme... Daniel Stevens.” Tom deu o número do telefone do Ritz caso Reeves precisasse, e disse que encontraria o mensageiro dele pessoalmente, assim que soubesse a hora em que poderia encontrar a pessoa em Orly.

Àquela altura, Heloise já estava de volta, e Tom falou com ela. “*Sim*, estou em Paris. Quer vir para cá esta noite?”

Heloise foi. Tom adorou. Imaginou-se sentado de frente para Heloise, tomando champanhe, dentro de uma hora, mais ou menos, se Heloise quisesse champanhe, e ela geralmente queria.

Tom ficou parado na calçada cinzenta, olhando a Place Vendôme. Círculos o incomodavam. Que direção ele devia tomar? À esquerda, em direção a L’Opéra, ou à direita, em direção à rue de Rivoli? Tom preferia pensar em quadrados ou retângulos. Onde estaria Bernard? Por que você quer um passaporte?, ele se perguntou. Algum tipo de ás na manga? Uma medida adicional de liberdade potencial? *Não consigo desenhar como Derwatt*, dissera Bernard naquela tarde. *Eu simplesmente não desenho mais — raramente para mim mesmo*. Será que Bernard estava em algum hotel de Paris naquele momento, cortando os pulsos na pia? Inclinando-se sobre o Sena de uma das pontes, prestes a pular — calmamente — quando ninguém estivesse olhando?

Tom andou em linha reta pela rue de Rivoli. Estava escura e parada àquela hora da noite, e as vitrines estavam cobertas por grades de metal e correntes, para evitar o roubo daquelas bobagens que exibiam e eram desejadas pelos turistas — lenços de seda com a palavra “Paris” estampada, gravatas e camisas com preços exorbitantes. Pensou em pegar um táxi até o sexto *arrondissement*, passear naquela atmosfera agradável e tomar uma cerveja no Lippe’s. Mas ele não queria se arriscar a encontrar Chris. Voltou para o hotel e pediu uma chamada para o estúdio de Jeff.

Essa chamada (disse a telefonista) iria demorar quarenta e cinco minutos para ser completada,

as linhas estavam congestionadas, mas acabou saindo em meia hora.

“Alô?... Paris?” A voz de Jeff veio como a de um golfinho se afogando.

“É Tom em Paris! Pode me ouvir?”

“Muito mal!”

Não estava ruim o bastante para que Tom pedisse outra chamada. Ele continuou: “Não sei onde Bernard está. Teve notícias dele?”.

“Por que você está em Paris?”

Seria deveras inútil, diante das circunstâncias de quase inaudibilidade, explicar aquilo. Tom conseguiu descobrir que Jeff e Ed não tinham notícias de Bernard.

Então Jeff disse: “Estão tentando encontrar *Derwatt...*” (Palavrões sussurrados em inglês.) “Meu Deus, se eu não consigo ouvir o que *você* está dizendo, duvido que alguém na linha consiga ouvir uma porra de uma...”

“*D'accord!*”, respondeu Tom. “Conte-me todos os seus problemas.”

“A mulher de Murchison pode...”

“O quê?” Deus do céu, o telefone era um aparelho enlouquecedor. As pessoas deveriam voltar a usar canetas e papel e o pacote. “Não consigo ouvir droga nenhuma!”

“Vendemos *A banbeira...* Eles estão perguntando... por Derwatt! Tom, se você pudesse...”

A ligação caiu de repente.

Tom bateu o telefone com raiva, pegou-o de novo bruscamente, pronto para acabar com a telefonista lá embaixo. Mas se acalmou e recolocou o fone no gancho. Não era culpa dela. Não era culpa de ninguém, ninguém que pudesse ser encontrado.

Bem, a senhora Murchison estava chegando, como Tom havia previsto. E talvez ela soubesse sobre a teoria da cor alfazema. E *A banbeira* fora vendido, para quem? E Bernard estava — onde? Atenas? Será que iria repetir o gesto de Derwatt e se afogar em uma ilha grega? Tom viu-se indo para Atenas. Qual era a ilha de Derwatt? Icária? Onde ficava? Iria descobrir amanhã em uma agência de turismo.

Tom sentou-se à mesinha e escreveu rapidamente um bilhete:

Prezado Jeff:

Caso você veja Bernard, eu supostamente estou morto. Bernard acha que me matou. Explico tudo depois. Não diga nada a ninguém, é só para o caso de você ver Bernard e ele dizer que me matou — finja que acredita nele e não faça nada. Mantenha-o ocupado, por favor.

Saudações,

Tom

Tom desceu e despachou a carta com um selo de setenta centavos comprado na portaria. Jeff provavelmente não a receberia antes da terça-feira. Mas não era o tipo de mensagem que ele mandaria por telegrama. Ou não? *Preciso sumir até debaixo da terra ref. Bernard.* Não, não era claro o bastante. Ele ainda estava pensando, quando Heloise entrou. Tom ficou feliz em ver que ela trazia sua valise Gucci.

“Boa noite, Mme. Stevens”, disse Tom em francês. “Você é a Mme. Stevens esta noite.” Tom pensou em levá-la até a portaria para fazer o registro, mas decidiu não ter o trabalho e conduziu

Heloise até o elevador.

Três pares de olhos seguiram-nos. Será que ela realmente era a esposa dele?

“Tome, você está pálido!”

“Tive um dia cheio.”

“Ai, o que é isso...”

“Psiu.” Ela estava falando da nuca. Heloise reparava em tudo. Tom pensou que precisaria contar-lhe algumas coisas, mas não tudo. O túmulo — isso seria horrível demais. Além disso, transformaria Bernard em um assassino, o que ele não era. Tom deu uma gorjeta para o ascensorista, que insistiu em carregar a valise de Heloise.

“O que aconteceu com a sua cabeça?”

Tom tirou o cachecol verde-escuro e azul que estava usando ao redor do pescoço para conter uma parte do sangue. “Bernard me acertou. Mas não se preocupe, querida. Tire os sapatos, a roupa. Fique à vontade. Quer champanhe?”

“Claro, por que não?”

Tom pediu champanhe pelo telefone. Sentia-se um pouco delirante, como se tivesse febre, mas sabia que era apenas fadiga e a perda de sangue. Ele havia verificado a casa à procura de gotas de sangue? Sim, lembrou-se de subir no último minuto especialmente para procurar manchas de sangue.

“Onde está Bernard?” Heloise havia tirado os sapatos e estava descalça.

“Realmente não sei. Talvez em Paris.”

“Vocês brigaram? Ele não queria ir embora?”

“Ah... uma briguinha de nada. Ele está muito nervoso. Não é nada sério, nada.”

“Mas por que você veio para Paris? Ele ainda está na casa?”

Essa era uma possibilidade, percebeu Tom, embora as coisas de Bernard tivessem desaparecido da casa. Tom havia se certificado disso. E Bernard não poderia voltar para lá sem quebrar uma das janelas francesas. “Ele não está em casa, não.”

“Quero ver sua cabeça. Vamos para o banheiro onde a luz é melhor.”

Alguém bateu na porta. A champanhe chegou rápido. O garçom corpulento e de cabelos grisalhos sorriu quando a rolha pulou. A garrafa foi mergulhada em um balde de gelo.

“*Merci, m’sieur*”, disse o garçom, pegando a gorjeta que Tom lhe dava.

Tom e Heloise ergueram suas taças, Heloise um pouco hesitante, e beberam. Ela quis examinar-lhe a cabeça. Tom deixou. Tirou a camisa, inclinou o tronco e fechou os olhos, enquanto Heloise lavava-lhe a nuca na pia com uma toalha de rosto. Tentou não dar ouvidos às exclamações dela, que já previra.

“O corte não é grande, ou não teria parado de sangrar!”, disse Tom. É claro que depois de lavar começara a sangrar de novo. “Pegue outra toalha... arrume alguma coisa”, disse Tom, voltando para o quarto, onde caiu vagorosamente no chão. Ainda não perdera a consciência, então arrastou-se de volta para o banheiro, onde o chão era de ladrilhos.

Heloise estava falando sobre esparadrapo.

Tom desmaiou por um minuto, mas não disse nada a ela. Arrastou-se até o aparelho sanitário e vomitou um pouco. Usou algumas das toalhas molhadas de Heloise para passar no rosto e na testa. Alguns minutos depois, estava em pé na frente da pia, bebendo champanhe, enquanto Heloise fazia um curativo com um pequeno lenço branco. “Por que você anda com esparadrapo?”

“Uso nas minhas unhas.”

Tom ficou imaginando como ela usava. Segurou o rolo de esparadrapo, enquanto ela o cortava.

“Esparadrapo cor-de-rosa”, disse Tom, “é um sinal de discriminação racial. O movimento Black Power nos Estados Unidos deveria acabar com essas coisas.”

Heloise não entendeu. Tom havia falado em inglês.

“Amanhã eu explico... talvez.”

Em seguida foram para a cama, uma cama enorme e luxuosa, com quatro travesseiros enormes, e Heloise tinha dado seu pijama para Tom colocar embaixo da cabeça, caso sangrasse mais, mas ele achava que já havia quase parado. Heloise estava nua, e Tom a sentia inacreditavelmente lisa, como se fosse mármore polido, com a diferença de que era macia e quente. Aquela não era uma noite para fazer amor, mas Tom sentia-se muito feliz e de maneira alguma preocupado com o dia seguinte — o que talvez não fosse algo prudente, mas naquela noite, ou madrugada, ele preferiu aproveitar. No escuro, ouvia o som das bolhas de champanhe quando Heloise bebericava em sua taça, e o tilintar da taça quando era colocada no criado-mudo. Então seu rosto estava encostado no seio dela. Heloise, você é a única mulher no mundo que me fez pensar apenas no *agora*, Tom quis dizer, mas estava cansado demais, e a observação provavelmente não era importante.

De manhã, Tom tinha algumas coisas a explicar para Heloise, e tinha de fazê-lo sutilmente. Disse que Bernard Tufts estava aborrecido com sua namorada inglesa, que poderia até se matar e que queria encontrá-lo. Ele poderia estar em Atenas. E uma vez que a polícia não queria perder Tom de vista devido ao desaparecimento de Murchison, era melhor que a polícia pensasse que ele estava em Paris, talvez hospedado com amigos. Tom explicou que estava esperando a chegada de um passaporte que, na melhor das hipóteses, estaria em suas mãos na segunda-feira à noite. Tom e Heloise estavam tomando o café-da-manhã na cama.

“Não entendo por que você se importa com esse *fou* que até bateu na sua cabeça.”

“Amizade”, disse Tom. “Agora, querida, por que você não volta para Belle Ombre e faz companhia para Mme. Annette? Ou então... podemos ligar para ela e você pode passar hoje e amanhã comigo”, disse Tom mais animado. “Mas é melhor que mudemos de hotel hoje, só por precaução.”

“Ah, Tome...” Mas Tom sabia que Heloise não estava desapontada. Ela gostava de fazer coisas que eram um pouco furtivas, de guardar segredo quando não havia necessidade de segredos. As histórias que contara a Tom sobre suas intrigas de adolescente com colegas de escola, garotas e garotos, para escapar da vigilância dos pais, equiparavam-se às invenções de Cocteau.

“Hoje vamos ter outro nome. Que nome você quer ter? Tem que ser algum nome americano ou inglês, por minha causa. Você é só a minha esposa francesa, está bem?” Tom estava falando em inglês.

“Humm... Gladstone?”

Tom riu.

“Gladstone é um nome engraçado?”

Heloise odiava a língua inglesa porque achava que era cheia de palavras de duplo sentido que ela nunca iria aprender. “Não, é só que ele foi o inventor da mala, a mala Gladstone.”

“Ele inventou a *mala*! Não acredito em você! Quem é que inventaria uma mala? É uma coisa tão *simples*! Fale sério, Tome!”

Mudaram-se para o Hotel Ambassadeur, no boulevard Haussmann, no nono *arrondissement*. Lugar conservador e respeitável. Lá, Tom registrou-se como William Tenyck, e sua esposa Mireille. Tom deu um segundo telefonema para Reeves, e deixou seu novo nome, endereço e número de telefone, PRO 72-21, com o homem de sotaque alemão que com frequência atendia o telefone de Reeves.

Tom e Heloise foram ao cinema à tarde e voltaram ao hotel às seis horas. Não havia nenhuma mensagem de Reeves. Heloise ligou para Mme. Annette, por sugestão de Tom, e Tom também falou com ela.

“Sim, estamos em Paris”, disse Tom. “Desculpe por não ter deixado um bilhete... Talvez Mme. Heloise volte amanhã à noite, ainda não tenho certeza.” Devolveu o fone para Heloise.

Bernard com certeza não tinha aparecido em Belle Ombre, ou Mme. Annette teria falado nele. Foram para a cama cedo. Tom havia tentado sem sucesso convencer Heloise a tirar as faixas de esparadrapo de sua nuca, e ela até mesmo havia comprado um antisséptico francês cor de alfazema com o qual encharcou o curativo. Também havia lavado o cachecol dele no Ritz, e de manhã já estava seco. Pouco antes da meia-noite, o telefone tocou. Reeves disse que uma pessoa levaria o que ele precisava no dia seguinte à noite, segunda-feira, no vôo 311 da Lufthansa, com chegada prevista em Orly para meia-noite e quinze.

“E qual o nome dele?”, perguntou Tom.

“É uma mulher, Gerda Schneider. Ela sabe como você é.”

“Está bem”, disse Tom, bastante satisfeito com o serviço, tendo em vista o fato de que Reeves ainda não havia recebido as fotografias. “Quer ir comigo amanhã à noite ao aeroporto?”, ele perguntou a Heloise depois de desligar.

“Eu levo você. Quero ter certeza de que está seguro.”

Tom contou-lhe que a perua estava na estação de Melun. Ela talvez pudesse pedir a André, um jardineiro que eles às vezes usavam, para ir com ela buscar o carro.

Decidiram ficar outra noite no Ambassadeur, para o caso de haver qualquer problema com o passaporte na noite de segunda. Tom pensou em pegar um vôo noturno para a Grécia nas primeiras horas da terça-feira, mas isso só poderia ser resolvido depois que ele estivesse com o passaporte em mãos. Havia também o problema de treinar a assinatura do passaporte. Percebeu que tudo aquilo era para salvar a vida de Bernard. Tom desejou poder partilhar seus pensamentos, seus sentimentos, com Heloise, mas receava que não conseguisse fazê-la entender. Será que ela entenderia se soubesse das falsificações? Sim, talvez, intelectualmente, se é que ele podia usar essa palavra. Mas Heloise diria: “Por que está tudo nas suas costas? Jeff e Ed não podem procurar esse amigo deles — o ganha-pão deles?”. Tom não contou nada para ela. Era melhor ficar sozinho, em certo sentido, despido para a ação. Despido de compaixão, até mesmo das doces lembranças do lar.

E tudo deu certo. Tom e Heloise chegaram a Orly à meia-noite da segunda-feira, o vôo não atrasou, e Gerda Schneider — ou uma mulher que usava esse nome — aproximou-se de Tom no portão onde ele aguardava.

“Tom Ripley?”, disse ela, sorrindo.

“Sim. *Frau* Schneider?”

Era uma mulher de uns trinta anos, loira, bastante bonita e de aparência inteligente, sem maquiagem, como se tivesse apenas lavado o rosto com água fria e vestido algumas roupas. “Senhor Ripley, é uma grande honra conhecê-lo”, disse ela em inglês. “Ouvi falar muito no senhor.”

Tom riu alto diante da maneira de falar educada e divertida dela. Era uma surpresa para ele que Reeves conseguisse arranjar tantas pessoas interessantes para trabalharem para ele. “Estou com minha esposa. Ela está lá embaixo. Vai ficar esta noite em Paris?”

Sim, ia. Tinha até mesmo um quarto de hotel reservado, no Pont-Royal na rue Montalembert. Tom apresentou-a para Heloise. Em seguida foi buscar o carro, enquanto Heloise e *Frau*

Schneider esperavam por ele não muito longe do local onde ele deixara a bagagem de Murchison. Foi só depois de chegarem a Paris, e ao Pont-Royal, que *Frau* Schneider disse:

“Vou lhe entregar sua encomenda aqui.”

Eles ainda estavam no carro. Gerda Schneider abriu sua bolsa grande e retirou de lá um envelope branco bastante grosso.

Tom estava estacionado, e estava um pouco escuro. Tirou o passaporte verde americano e colocou-o no bolso do paletó. O passaporte provavelmente fora embrulhado em folhas de papel em branco. “Obrigado”, disse Tom. “Entrarei em contato com Reeves. Como vai ele?...”

Alguns minutos depois, Tom e Heloise estavam voltando para o Hotel Ambassadeur.

“Ela é bem bonita para uma alemã”, disse Heloise.

No quarto, Tom deu uma olhada no passaporte. Era bem gasto, e Reeves tivera de raspar a fotografia para ficar de acordo. *Robert Fiedler Mackay* era seu nome, trinta e um anos, nascido em Salt Lake City, Utah, profissão engenheiro, sem dependentes. A assinatura era fina e alta, todas as letras ligadas, uma caligrafia que Tom associava com alguns homens americanos chatos que conhecera.

“Querida... Heloise... Agora sou *Robert*”, disse Tom em francês. “Com licença, preciso praticar minha assinatura.”

Heloise estava apoiada sobre a *commode*, olhando para ele.

“Ah, querida! Não se preocupe!” Tom enlaçou-a. “Vamos tomar champanhe! Está tudo bem!”

Por volta de duas da tarde da terça-feira, Tom estava em Atenas — mais limpa e brilhante do que a Atenas que vira cinco ou seis anos antes. Ele registrou-se no Hotel Grande Bretagne, arrumou um pouco as coisas em seu quarto, que dava para a praça da Constituição, e então saiu para dar uma olhada pela cidade e perguntar por Bernard Tufts em alguns hotéis. Impossível acreditar que Bernard tivesse se registrado no Grande Bretagne, pensou Tom, o hotel mais caro de Atenas. Tom tinha até uns sessenta por cento de certeza de que Bernard *não* estava em Atenas, mas que já havia ido para a ilha de Derwatt, ou para alguma ilha; mesmo assim achou que seria uma burrice não perguntar em alguns hotéis em Atenas.

A história de Tom é que ele havia se separado de um amigo com quem deveria se encontrar — Bernard Tufts. Não, seu nome não importava, mas quando pediam, Tom dava: Robert Mackay.

“Qual é a situação das ilhas?”, Tom perguntou em um hotel razoavelmente decente onde achou que poderiam saber alguma coisa sobre turismo. Tom falou em francês, embora em outros hotéis falassem um pouco de inglês. “Icaria, em especial.”

“Icaria?” O tom era de surpresa.

Ficava bem a leste, uma das mais ao norte do Dodecaneso. Sem aeroporto. Havia barcos, mas o homem não tinha certeza sobre os horários.

Tom chegou lá na quarta-feira. Teve de alugar uma lancha com um barqueiro em Mykonos. Icaria — depois do breve e instantâneo otimismo de Tom a respeito — foi uma absoluta decepção. A cidade de Armemisti (ou algo assim) tinha uma aparência sonolenta, e Tom não viu ocidentais lá, apenas marinheiros remendando redes, e os habitantes do lugar sentados em pequenos bares. De lá, depois de perguntar se haviam visto um inglês de nome Bernard Tufts, moreno, magro etc., Tom deu um telefonema para uma outra cidade na ilha, chamada Agios Kirykos. O dono do hotel lá verificou e disse que ia se informar com uma outra hospedaria e ligaria em seguida. Não ligou. Tom desistiu. Uma agulha no palheiro, pensou. Talvez Bernard

tivesse escolhido outra ilha.

No entanto, *aquela* ilha, pelo fato de ter sido a cena do suicídio de Derwatt, possuía certo mistério para Tom. Em algum ponto daquelas praias branco-amareladas, Philip Derwatt havia andado na direção do mar e nunca mais voltara. Tom duvidava que algum habitante de Icária reagisse ao nome Derwatt, mas tentou com o dono do bar, sem sucesso. Derwatt tinha ficado lá menos de um mês, pensou Tom, e isso fora seis anos atrás. Tom recuperou um pouco das forças em um pequeno restaurante com um prato de tomates cozidos, arroz e carneiro, e em seguida tirou o barqueiro de outro bar e restaurante onde ele havia dito a Tom que estaria até às quatro da tarde, caso Tom precisasse dele.

Eles voltaram para Mykonos, que era a base do barqueiro. Tom estava com a mala. Sentia-se inquieto, exausto e frustrado. Decidiu voltar a Atenas naquela noite. Sentou-se em um café, bebendo desanimadamente uma xícara de café doce. Então voltou às docas onde havia conhecido o barqueiro e encontrou-o em sua casa, onde estava jantando.

“Quanto custa para me levar ao Pireu esta noite?”, perguntou Tom. Ele ainda tinha alguns cheques de viagem americanos.

Depois de uma novela de explicações, com uma lista de dificuldades, o dinheiro resolveu tudo. Tom dormiu parte do caminho, amarrado ao banco de madeira na pequena cabina do barco. Eram mais ou menos cinco da manhã quando chegaram ao Pireu. Tom não sabia dizer se o barqueiro Antinou estava tonto de alegria, ou pelo dinheiro, ou pelo cansaço, ou talvez pelo *ouzo*. Antinou disse que tinha amigos no Pireu que ficariam contentes em vê-lo.

O frio da aurora estava cortante. Tom ameaçou verbalmente um motorista de táxi prometendo-lhe um monte de dinheiro, para levá-lo à praça da Constituição em Atenas, e até a porta do Grande Bretagne.

Deram-lhe um quarto, não o mesmo onde ele já estivera. Ainda não tinham acabado de limpar aquele, disse o porteiro da noite, com bastante franqueza. Tom escreveu o número do estúdio de Jeff em um papel e pediu ao porteiro para fazer a ligação para Londres.

“Aqui é Tom, de Atenas”, disse Tom. Ele estava quase adormecido na cama.

“Atenas?”

“Alguma notícia de Bernard?”

“Não, nada. O que você está...”

“Estou indo para Londres. Esta noite. Apronte o disfarce. Está bem?”

Na quinta-feira à tarde, por impulso, Tom comprou uma capa de chuva verde em Atenas, uma capa de um estilo que ele nunca teria escolhido — isto é, Tom Ripley nunca a teria comprado. Era cheia de presilhas e cintas, algumas que se prendiam com duas argolas, outras com pequenas fivelas, como se a capa tivesse sido feita para ser carregada com despachos militares, cantis, cartuchos, caixa de utensílios, baioneta e um ou dois cassetetes. Era de muito mau gosto, e Tom achou que ela o ajudaria a entrar em Londres — apenas para o caso de os inspetores da imigração realmente se lembrarem de Thomas Ripley. Tom também mudou a maneira de repartir o cabelo, da esquerda para a direita, embora o repartido não aparecesse nas fotografias. Para sua sorte, sua mala não tinha iniciais. O problema agora era dinheiro, pois Tom tinha somente cheques de viagem com o nome Ripley, que não podia usar livremente em Londres como fizera para pagar o barqueiro, mas tinha uma quantidade de dracmas (obtidas com os francos franceses de Heloise) suficiente para uma passagem de ida para Londres, e chegando lá Jeff e Ed poderiam financiá-lo. Tom retirou os cartões e qualquer coisa que o identificasse da carteira e colocou tudo no bolso de trás da calça, fechado por botão. Mas na verdade ele não estava esperando ser revistado.

Sobreviveu ao balcão do Controle de Imigração do aeroporto de Heathrow. “Quanto tempo vai ficar?” “Não mais do que quatro dias, acho.” “Viagem de negócios?” “Sim.” “Onde vai se hospedar?” “No Londoner Hotel — Welbeck Street.”

Mais uma vez, tomou o ônibus para o London Terminus, depois foi a uma cabine e ligou para o estúdio de Jeff. Eram dez e quinze da noite.

Uma mulher atendeu.

“O senhor Constant está?”, perguntou Tom. “Ou o senhor Banbury?”

“Os dois saíram. Quem está falando, por favor?”

“Robert... Robert Mackay.” Não houve nenhuma reação, porque Tom não havia dado seu novo nome para Jeff. Tom sabia que Jeff e Ed deviam ter deixado alguém no estúdio, alguém que fosse um aliado, para esperar por Tom Ripley. “Cynthia?”

“S-sim”, disse a voz bastante aguda.

Tom decidiu arriscar. “Aqui é Tom”, disse ele. “Quando Jeff vai voltar?”

“Ah, Tom! Eu não tinha certeza se era você. Eles devem voltar em meia hora. Você pode vir para cá?”

Tom pegou um táxi até o estúdio em St. John’s Wood.

Cynthia Gradnor abriu a porta. “Tom... olá.”

Tom quase havia se esquecido de como ela era: altura média, cabelo castanho liso até os ombros, olhos acinzentados e grandes. Agora ela parecia mais magra do que ele se lembrava. E estava com quase trinta anos. Parecia um pouco agitada.

“Você esteve com Bernard?”

“Sim, mas não sei para onde ele foi.” Tom sorriu. Supôs que Jeff (e Ed) haviam obedecido a suas instruções e não haviam contado a ninguém sobre a tentativa de Bernard de matá-lo. “Ele provavelmente está em Paris.”

“Sente-se, Tom. Quer beber alguma coisa?”

Tom sorriu e mostrou o pacote que havia comprado no aeroporto de Atenas, uísque White Horse. Cynthia estava bastante simpática — aparentemente. Tom estava contente.

“Bernard sempre fica aborrecido quando há uma exposição”, disse Cynthia, ajeitando as bebidas. “Foi o que me disseram. Faz tempo que não o vejo. Como você deve saber.”

Por empatia, Tom não ia mencionar que Bernard havia lhe contado que Cynthia o rejeitara — que ela não queria vê-lo. Talvez Cynthia não tivesse tido realmente essa intenção. Tom não podia adivinhar. “Bem”, disse Tom animadamente, “ele diz que não vai mais pintar... Derwatts. Tenho certeza de que isso vai ser ótimo para ele. Ele odiou ter de fazê-lo, segundo me disse.”

Cynthia deu um copo para Tom. “É um negócio desagradável. *Muito desagradável!*”

Era mesmo, Tom sabia disso. Desagradável. O estremecimento visível de Cynthia fez Tom perceber isso. Um assassinato, mentiras, fraude — é, era um negócio desagradável. “Bem... infelizmente foi longe demais”, disse Tom, “mas não vai continuar. Essa é a última aparição de Derwatt, pode-se dizer. A menos que Jeff e Ed tenham decidido que não... que não querem que eu o represente. Mesmo agora, quero dizer.”

Cynthia parecia não estar prestando atenção ao que ele dizia. Era estranho. Tom havia se sentado, mas Cynthia andava lentamente de um lado para o outro, e parecia estar esperando ouvir os passos de Jeff e Ed na escada. “O que aconteceu com o homem chamado Murchison? A mulher dele chega amanhã, acho. Quer dizer, Jeff e Ed acham.”

“Não sei. Não posso ajudar”, disse Tom com muita calma. Ele não podia deixar que as perguntas de Cynthia o aborrecessem. Tinha trabalho a fazer. Meu Deus, a esposa chegaria amanhã.

“Murchison sabe que os quadros estão sendo falsificados. Em que ele baseia isso exatamente?”

“Na opinião *dele*”, disse Tom, e deu de ombros. “Ah, ele falou sobre o espírito de um quadro, a personalidade... duvido que tivesse convencido um especialista aqui em Londres. Quem sabe qual é a linha que separa Derwatt de Bernard, francamente? São uns desgraçados entediados, críticos de arte autoproclamados. Tão divertidos de se ouvir quanto é ler as resenhas das revistas de arte... conceitos espaciais, valores plásticos e toda aquela baboseira.” Tom riu, soltando as abotoaduras, que não lhe deram trabalho dessa vez. “Murchison viu meus quadros em casa, um genuíno e um feito por Bernard. Naturalmente, tentei desencorajá-lo, e se posso dizer, acho que consegui. Não creio que fosse manter seu encontro com... com o homem da Tate Gallery.”

“Mas para onde ele foi?”

Tom hesitou. “É um mistério. Para onde Bernard foi? Não sei. Talvez Murchison tenha tido outras idéias. Razões pessoais para desaparecer. Ou algum rapto misterioso em Orly!” Tom estava nervoso e odiava o assunto.

“Isso não simplifica as coisas por aqui. É como se Murchison tivesse sido eliminado ou coisa do gênero, porque sabia das falsificações.”

“É isso que estou tentando corrigir. E depois ir embora. A falsificação não foi provada. É, Cynthia, é um jogo detestável, mas tendo chegado aonde chegamos, precisamos ir até o fim... até certo ponto.”

“Bernard disse que queria confessar tudo... para a polícia. Talvez ele esteja fazendo isso.”

Essa *era* uma possibilidade horrível, e Tom estremeceu um pouco diante da idéia, como Cynthia havia estremecido. Bebeu o uísque de um só gole. Sim, se a polícia inglesa aparecesse no dia seguinte cheia de sorrisos, no momento em que ele estivesse fazendo sua segunda representação como Derwatt, isso seria uma catástrofe. “Não acho que Bernard esteja fazendo isso”, disse Tom, mas não tinha certeza sobre o que havia dito.

Cynthia olhou para ele. “Você tentou convencer Bernard também?”

Tom sentiu-se de repente atingido pela hostilidade dela, uma hostilidade guardada havia anos. Tom sabia. *Ele* havia sonhado com toda essa confusão. “Eu tentei”, disse Tom, “por dois motivos. Primeiro... isso acabaria com a carreira de Bernard, e segundo...”

“Acho que a carreira de Bernard já está acabada, se você estiver pensando em Bernard Tufts como pintor.”

“Segundo”, disse Tom, com o máximo de calma que conseguiu ter, “Bernard não é a única pessoa envolvida, infelizmente. Iria arruinar também Jeff e Ed, o... seja lá quem fabrica os materiais de pintura, a menos que neguem saber sobre a fraude, o que duvido que pudessem fazer e ser bem-sucedidos. Tem a escola de arte na Itália...”

Cynthia deu um suspiro tenso. Parecia ser incapaz de falar. Talvez ela não quisesse dizer mais nada. Recomeçou a andar pelo estúdio, e olhou para uma fotografia ampliada de um canguru que Jeff havia encostado em uma das paredes. “A última vez em que estive nesta sala foi há dois anos. Jeff fica cada vez mais elegante.”

Tom ficou em silêncio. Para seu alívio, ouviu alguns passos fracos, vozes masculinas misturadas. Alguém bateu. “Cynthia? Somos nós!”, disse Ed.

Cynthia abriu a porta.

“Ora, *Tom!*”, gritou Ed, correndo para apertar-lhe a mão.

“Tom! Saudações!”, disse Jeff, tão contente quanto Ed.

Jeff carregava uma pequena mala preta que Tom sabia conter o disfarce.

“Tivemos de ir até o nosso amigo no Soho para buscar o disfarce de novo”, disse Jeff. “Como vai, Tom? Como estava Atenas?”

“Triste”, disse Tom. “Tomem uma bebida, rapazes. Os coronéis, sabem como é. Não ouvi nenhum *buzouki* tocando. Escutem, espero que não haja show esta noite.” Jeff estava abrindo a mala.

“Não. Só estou dando uma olhada para ver se tudo está aqui. Teve alguma notícia de Bernard?”

“Que pergunta”, disse Tom. “Não.” Ele olhou pouco à vontade para Cynthia, que estava encostada de braços cruzados em um armário do outro lado da sala. Será que ela sabia que ele tinha ido à Grécia especialmente para procurar Bernard? Será que era importante dizer-lhe? Não.

“Nem sobre Murchison?”, perguntou Ed virando-se para trás. Estava se servindo uma bebida.

“Não”, disse Tom. “Fiquei sabendo que a senhora Murchison chega amanhã.”

“Pode ser que sim”, disse Jeff. “Webster nos telefonou hoje e disse isso. Você o conhece, Webster, o inspetor.”

Tom simplesmente não conseguiria falar com Cynthia por ali. Não falou nada. Queria dizer alguma coisa casual, como “Quem comprou *A banheira?*”, mas nem isso conseguiu fazer. Cynthia era hostil. Talvez ela não os traísse, mas era contra o que faziam.

“A propósito, Tom”, disse Ed, trazendo um drinque para Jeff (Cynthia ainda estava tomando o seu), “você pode ficar aqui esta noite. Esperamos que aceite ficar.”

“Com prazer”, disse Tom.

“E amanhã... de manhã, Jeff e eu pensamos em ligar para Webster lá pelas dez e meia, e se não conseguirmos falar com ele, deixaremos uma mensagem, dizendo que você chegou de trem a Londres de manhã — amanhã, e nos telefonou. Você estava hospedado com amigos perto de Bury St. Edmunds, algo assim, e não queria... é...”

“Você não achou que a busca por você fosse algo sério o bastante para que informasse à polícia de seu paradeiro”, interrompeu Jeff, como se estivesse recitando uma rima infantil. “Para falar a

verdade, eles não estavam exatamente passando um pente fino nas ruas atrás de você. Apenas nos perguntaram algumas vezes onde Derwatt estava, e dissemos que provavelmente estava com amigos no interior.”

“*D'accord*”, disse Tom.

“Acho que vou embora”, disse Cynthia.

“Ah, Cynthia... não quer tomar mais um drinque?”, perguntou Jeff.

“Não.” Ela estava vestindo o casaco, e Ed ajudou-a. “Eu realmente só gostaria de saber quando houver notícias de Bernard, vocês sabem.”

“Obrigado, Cynthia, por tomar conta do forte para nós”, disse Jeff.

Infeliz aquela metáfora, pensou Tom. Ele se levantou. “Garanto que você vai ficar sabendo quando eu receber notícias, Cynthia. Devo voltar logo a Paris... talvez até amanhã mesmo.”

Despedidas murmuradas na porta entre Cynthia, Jeff e Ed. Jeff e Ed voltaram

“Ela realmente ainda está apaixonada por ele?”, perguntou Tom. “Achei que não. Bernard disse...”

Tanto Jeff quanto Ed tinham expressões vagamente doloridas no rosto.

“Bernard disse o quê?”, perguntou Jeff.

“Bernard disse que telefonou para ela de Paris na semana passada e que ela disse que não queria mais vê-lo. Ou talvez Bernard estivesse exagerando, não sei.”

“Nem nós”, disse Ed, jogando o cabelo loiro para trás. Foi buscar outra bebida.

“Pensei que Cynthia tivesse um namorado”, disse Tom.

“Ah, é o mesmo”, disse Ed com voz de tédio de dentro da cozinha.

“Stephen qualquer coisa”, disse Jeff. “Ele não a empolga muito.”

“Não é do tipo empolgante!”, disse Ed, rindo.

“Ela ainda tem o mesmo emprego”, continuou Jeff. “O salário é bom e ela é a Garota Número Um de algum figurão por lá.”

“Ela está *estabelecida*”, acrescentou Ed, tentando encerrar aquele assunto. “Agora, onde está Bernard, e o que você quis dizer com ele deve pensar que você está morto?”

Tom explicou, de maneira resumida. Também contou sobre o enterro, que ele conseguiu transformar em algo tão engraçado que Jeff e Ed ficaram encantados, talvez morbidamente fascinados, e rindo ao mesmo tempo. “Só uma pancadinha na nunca”, disse Tom. Ele havia roubado a tesoura de Heloise e cortado o esparadrapo no banheiro do avião para Atenas.

“Deixe-me tocá-lo!”, disse Ed, segurando o ombro de Tom. “Aqui está um homem que conseguiu sair do túmulo, Jeff!”

“Mais do que vamos conseguir. Mais do que eu vou conseguir”, disse Jeff.

Tom tirou o paletó e sentou-se mais confortavelmente no sofá cor de ferrugem de Jeff.

“Suponho que vocês tenham adivinhado”, disse Tom, “que Murchison está morto.”

“Nós *pensamos* nisso”, disse Jeff solenemente. “O que aconteceu?”

“Eu o matei. Na minha adega... com uma garrafa de vinho.” Nesse estranho momento, ocorreu a Tom que ele poderia, ou deveria, mandar algumas flores para Cynthia. Ela poderia jogá-las no cesto de lixo ou na lareira, se quisesse. Tom repreendeu-se por ter sido descortês com Cynthia.

Jeff e Ed ainda estavam sem palavras, recuperando-se do que haviam ouvido dele.

“Onde está o corpo?”, perguntou Jeff.

“No fundo de um rio. Perto da minha casa. Acho que é o Loing”, disse Tom. Será que devia contar a eles que Bernard o ajudara? Não. Por que se dar ao trabalho? Tom coçou a testa. Estava cansado e apoiou-se em um dos cotovelos.

“Meu Deus”, disse Ed. “Então você levou as coisas dele para Orly?”

“Levei, sim.”

“Você não tem uma governanta?”, perguntou Jeff.

“Tenho. Tive de fazer tudo em segredo. Sem ela saber”, disse Tom. “No começo do dia e tudo mais.”

“Mas você falou no lugar da cova no bosque... a que Bernard usou”, disse Ed.

“É, eu... enterrei Murchison no bosque primeiro, aí a polícia veio investigar, então antes que eles chegassem até o bosque, achei melhor tirá-lo de lá, então eu...”, e Tom fez um gesto vago, como alguém que deixa cair alguma coisa. Não, era melhor não mencionar que Bernard o havia ajudado. Se Bernard quisesse — o que ele queria fazer, se redimir? —, quanto menos cumplicidade Bernard tivesse, seria melhor.

“Puxa”, disse Ed. “Meu Deus. Você conseguiria falar com a esposa dele?”

“Pssiu”, disse Jeff rapidamente, com um sorriso nervoso.

“Claro que sim”, disse Tom. “Eu tive de fazer isso, porque Murchison veio para cima de mim... lá na adega, na verdade. Ele percebeu que eu havia representado Derwatt em Londres. Então estaria tudo acabado, se eu não me livrasse dele. Entenderam?” Tom andava a esmo, tentando se sentir menos sonolento.

Eles entenderam e ficaram impressionados. Ao mesmo tempo, Tom podia sentir seus cérebros remoendo-se: Tom Ripley havia matado antes. Dickie Greenleaf, não é? E talvez o outro sujeito, o tal de Freddie alguma coisa. Era apenas uma suspeita, mas não seria verdadeira? Com que seriedade Tom estava encarando esse negócio de matar, e na verdade quanta gratidão ele esperava da Derwatt Ltd.? Gratidão, lealdade, dinheiro? Tudo se resumia à mesma coisa? Tom era idealista o bastante para pensar que não, para esperar que não. Tom esperava um nível melhor em Jeff Constant e Ed Banbury. Afinal, eles haviam sido amigos do grande Derwatt, até mesmo seus melhores amigos. Qual a grandeza de Derwatt? Tom pulou essa pergunta. Qual a grandeza de Bernard? Bem, para falar a verdade, ele era um grande pintor. Tom endireitou o corpo, por causa de Bernard (que havia evitado Jeff e Ed durante anos, do ponto de vista da amizade), e disse: “Bem meus amigos... que tal me passarem todas as informações sobre o que vai acontecer amanhã? Quem mais vai aparecer? Admito que estou cansado e não vou me importar de ir dormir cedo”.

Ed estava em pé na frente dele. “Alguma pista contra você em relação a Murchison, Tom?”

“Não que eu saiba.” Tom sorriu. “Nada, a não ser os fatos.”

“O relógio foi mesmo roubado?”

“O quadro estava com a mala de Murchison... embrulhado separadamente... em Orly. Alguém passou a mão nele, isso está claro”, disse Tom. “Eu me pergunto quem pendurou esse quadro em sua sala? Será que a pessoa sabe o que tem em mãos? É capaz até que nem tenha sido pendurado. Vamos começar, está bem? Podemos ouvir um pouco de música?”

Ao som agitado da Rádio Luxemburgo, Tom submeteu-se a um ensaio com o disfarce quase completo. A barba na gaze ainda estava inteira, e eles a testaram, sem colá-la. Bernard não devolvera o velho terno azul-escuro de Derwatt, e Tom vestiu o paletó.

“Vocês sabem alguma coisa sobre a senhora Murchison?”, perguntou Tom.

Não sabiam de nada, mas apresentaram fragmentos de informação que a mostraram, até onde Tom podia ver, como uma mulher nem agressiva, nem tímida, nem inteligente, nem estúpida. Um dado cancelava o outro. Jeff havia falado com ela por telefone na Galeria Buckmaster, para onde ela havia ligado depois de um arranjo feito por telegrama.

“É um milagre que ela não tenha ligado para mim”, disse Tom.

“Ah, dissemos que não sabíamos seu número de telefone”, disse Ed, “e considerando que era na França, acho que isso fez com que ela desistisse.”

“Vocês se importam se eu ligar para a minha casa hoje?”, perguntou Tom, usando a voz de Derwatt. “A propósito, estou sem dinheiro aqui.”

Jeff e Ed não poderiam ter sido mais solícitos. Tinham muito dinheiro à mão. Jeff pediu imediatamente a ligação para Belle Ombre. A pedido de Tom, Ed lhe fez um café bem forte. Tom tomou um banho e colocou o pijama. Assim era melhor — além de um par de chinelos de Jeff. Tom ia dormir no sofá do estúdio.

“Espero ter deixado claro”, disse Tom, “que Bernard quer acabar com tudo. Derwatt vai entrar em aposentadoria permanente e... talvez ser comido por formigas no México, ou devorado pelo fogo, e provavelmente irão junto quaisquer futuros quadros.”

Jeff acenou afirmativamente, começou a roer a unha de uma das mãos e cuspiu-a. “O que você contou para a sua mulher?”

“Nada”, disse Tom. “Nada importante, mesmo.”

O telefone tocou.

Jeff fez um gesto chamando Ed para ir até seu quarto.

“Alô, querida, sou *eu!*”, disse Tom. “Não, estou em Londres... Bem, eu mudei de idéia...”

Quando ele ia voltar para casa? E o dente de Mme. Annette estava doendo de novo.

“Dê a ela o nome do dentista em *Fontainebleau!*”, disse Tom.

Era surpreendente como uma chamada telefônica podia ser confortadora nas circunstâncias em que ele se encontrava agora. Quase fez Tom adorar o telefone.

“O inspetor-detetive Webster está, por favor?”, perguntou Jeff. “Jeffrey Constante, da Galeria Buckmaster... Poderia dizer ao inspetor que recebi um telefonema de Derwatt esta manhã, e que esperamos encontrá-lo ainda de manhã na galeria... não sei a hora exata. Antes do meio-dia.”

Eram quinze para as dez.

Tom estava na frente do espelho comprido novamente, examinando a barba e o reforço nas sobrancelhas. Ed estava olhando seu rosto sob uma das lâmpadas fortes de Jeff, que brilhava nos olhos de Tom. Seu cabelo estava mais claro do que a barba, mas mais escuro que o natural, como antes. Ed tomara cuidado com o corte na nuca, e felizmente o ferimento não estava sangrando.

“Jeff, meu velho”, disse Tom com a voz de Derwatt, “pode tirar essa música e colocar outra coisa?”

“O que você gostaria de ouvir?”

“*Sonho de uma noite de verão*. Você tem o disco?”

“Não”, disse Jeff.

“Pode conseguir? É isso que estou com vontade de ouvir. Essa música me inspira, e eu preciso de inspiração.” Imaginar a música de manhã não fora suficiente.

Jeff não conhecia ninguém que tivesse o disco.

“Você não poderia sair e comprá-lo, Jeff? Não tem uma loja de discos daqui até a St. John’s Wood Road?”

Jeff saiu correndo.

“Suponho que você não tenha falado com a senhora Murchison”, disse Tom, relaxando por um momento com um Gauloise. “Preciso comprar um maço de cigarros ingleses. Não quero abusar da sorte com esses Gauloises.”

“Fique com estes. Se você ficar sem, as pessoas vão lhe oferecer”, disse Ed rapidamente, enfiando um maço no bolso de Tom. “Não, não falei com ela. Pelo menos ela não mandou um investigador americano para cá. A coisa ia ficar bem difícil se isso tivesse acontecido.”

Ela poderia estar voando para cá acompanhada de um, pensou Tom. Ele retirou seus dois anéis. Estava, é claro, sem o anel mexicano. Tom pegou uma esferográfica e tentou reproduzir a assinatura DERWATT que aparecia nítida em uma borracha azul em cima da mesa de Jeff. Tom fez a assinatura três vezes, depois amassou o papel onde havia assinado e jogou no cesto de lixo.

Jeff voltou, ofegando como se tivesse corrido.

“Coloque alto... se puder”, disse Tom.

A música começou — bastante alta. Tom sorriu. Era *sua* música. Um pensamento audacioso, mas aquele era o momento para a audácia. Tom sentiu-se muito animado, endireitou o corpo, mas então lembrou-se que Derwatt não endireitava o corpo. “Jeff, posso lhe pedir um outro favor? Telefone para uma floricultura e peça para entregarem umas flores para Cynthia. Coloque na minha conta.”

“Que história de conta é essa? Flores... para Cynthia. Ok. De que tipo?”

“Ah, gladiólos, se tiverem. Se não, duas dúzias de rosas.”

“Flores, flores, floriculturas...” Jeff estava procurando na lista telefônica. “Quem envia? Apenas assinado ‘Tom?’”

“Com amor, de Tom”, disse ele, e continuou imóvel enquanto Ed passava-lhe um batom cor-de-rosa claro no lábio superior. O lábio superior de Derwatt era mais cheio.

Saíram do estúdio de Jeff enquanto a primeira metade do disco ainda estava tocando. Jeff disse que a vitrola desligaria automaticamente. Jeff tomou o primeiro táxi sozinho. Tom sentia-se seguro o bastante para ter ido por conta própria, mas sentiu que Ed não queria arriscar isso, ou não queria deixá-lo. Tomaram um táxi juntos e desceram uma rua antes de Bond Street.

“Se alguém falar conosco, por acaso eu o encontrei indo para a Buckmaster”, disse Ed.

“Calma. Vai dar tudo certo.”

Mais uma vez Tom entrou pela porta pintada de vermelho nos fundos da galeria. O escritório estava vazio, a não ser por Jeff, que estava ao telefone. Ele fez um gesto para que se sentassem.

“Pode completar essa ligação o mais rápido possível?”, disse Jeff. Desligou. “Estou fazendo um telefonema de cortesia para a França. Para a polícia de Melun. Para dizer-lhes que Derwatt apareceu novamente. Eles nos ligaram, sabe... Derwatt, e eu prometi que os informaria se você entrasse em contato conosco.”

“Sei”, disse Tom. “Suponho que vocês não tenha contado para nenhum jornal?”

“Não, e nem vejo por que deveria. Você vê algum motivo?”

“Não, deixe como está.”

Leonard, o espírito alegre que era o gerente de fachada, apareceu na porta. “Olá! Posso entrar?”

“Nãão!”, sussurrou Jeff, por brincadeira.

Leonard entrou e fechou a porta, sorrindo com a segunda ressurreição de Derwatt. “Eu não acreditaria em meus olhos se não estivesse vendo! Quem estamos esperando esta manhã?”

“Para começar, o inspetor Webster da Polícia Metropolitana”, disse Ed.

“Devo deixar qualquer um...”

“Não, não exatamente qualquer um”, disse Jeff. “Bata primeiro, e eu vou abrir a porta, mas não vou trancá-la hoje. Agora, xô!”

Leonard saiu.

Tom estava afundado em uma poltrona quando o inspetor Webster chegou.

Webster sorria como um coelho feliz com seus grandes e manchados dentes da frente. “Como vai, senhor Derwatt? Ora! Nunca pensei que fosse ter o prazer de conhecê-lo!”

“Como vai, inspetor?” Tom não chegou a se levantar. Lembre-se, disse a si mesmo, você está um pouco mais velho, mais pesado, mais lento, mais encurvado do que Tom Ripley. “Lamento”, disse Tom à vontade, como se não lamentasse muito e como se não estivesse perturbado, “que os senhores estivessem querendo saber onde eu estava. Estava com alguns amigos em Suffolk.”

“Foi o que me disseram”, disse o inspetor, pegando uma cadeira de encosto reto que estava a uns dois metros de Tom.

A veneziana sobre a janela estava abaixada três quartos, parcialmente fechada, reparou Tom. A luz era adequada, até para escrever uma carta, mas não estava clara demais.

“Bem, creio que seu paradeiro não seja essencial para descobrir o de Thomas Murchison”, disse Webster sorrindo. “Minha tarefa é encontrá-lo.”

“Li algo a respeito... ou Jeff disse alguma coisa sobre o desaparecimento dele na França.”

“Sim, e um de seus quadros desapareceu com ele. *O relógio.*”

“É. Provavelmente não é o primeiro... roubo”, disse Tom filosoficamente. “Parece que a mulher dele talvez venha a Londres.”

“Ela está vindo mesmo.” Webster olhou o relógio. “Deve chegar às onze horas. Depois de um vôo noturno, acho que vai querer descansar algumas horas. O senhor vai estar aqui esta tarde,

senhor Derwatt? O senhor pode ficar aqui?”

Tom sabia que tinha de dizer sim para ser educado. Ele disse, apenas com uma ponta de relutância, que poderia ficar, é claro. “Mais ou menos a que horas? Tenho algumas coisas a fazer hoje à tarde.”

Webster levantou-se, como um homem ocupado. “Que tal três e meia? E em caso de mudança, eu o informarei pela galeria.” Virou-se para Jeff e Ed. “Muito obrigado por me informarem sobre o senhor Derwatt. Até logo, cavalheiros.”

“Até logo, inspetor.” Jeff abriu a porta para ele.

Ed olhou para Tom e sorriu satisfeito, com os lábios fechados. “Um pouco mais animado esta tarde. Derwatt era um pouco mais... enérgico. Uma energia nervosa.”

“Tenho meus motivos”, disse Tom. Juntou as pontas dos dedos e olhou fixamente para o espaço, como se fosse Sherlock Holmes refletindo, talvez um gesto inconsciente, porque ele estivera pensando em uma história de Sherlock Holmes que se parecia com aquela situação. Tom esperava que seu disfarce não fosse descoberto tão facilmente. De qualquer forma, era melhor do que alguns daqueles que sir Arthur desmascarara — nos quais um nobre se esquecia de tirar seu anel de diamante ou coisa assim.

“Quais são seus motivos?”, perguntou Jeff.

Tom levantou-se rapidamente. “Depois eu conto. Um uísque agora cairia bem.”

Almoçaram no Norughe’s, um restaurante italiano em Edgware Road. Tom estava faminto, e o restaurante era bem a seu gosto — silencioso, com uma decoração agradável, e a massa era excelente. Tom comeu um nhoque com um delicioso molho de queijo, e eles tomaram duas garrafas de Verdicchio. Uma mesa perto estava ocupada por alguns notáveis do Royal Ballet, que claramente reconheceram Derwatt, assim como Tom os reconheceu, mas, à moda inglesa, a troca de olhares logo cessou.

“Eu preferiria chegar à galeria sozinho e entrar pela porta da frente esta tarde”, disse Tom.

Todos fumaram charuto e tomaram um licor. Tom sentia-se pronto para qualquer coisa, até mesmo para a senhora Murchison.

“Vou descer aqui”, disse Tom no táxi. “Estou com vontade de andar.” Falou com a voz de Derwatt, que também usara durante todo o almoço. “Sei que é uma boa caminhada, mas pelo menos não tem tantas colinas quanto no México. Ah-ham.”

A Oxford Street parecia movimentada e convidativa. Tom percebeu que não havia perguntado a Jeff ou a Ed se haviam preparado mais recibos dos quadros. Talvez Webster não perguntasse por eles novamente. Talvez a senhora Murchison perguntasse. Quem sabe? Algumas pessoas da multidão em Oxford Street olhavam para ele duas vezes, talvez reconhecendo-o — embora Tom realmente duvidasse disso —, ou talvez os olhos delas fossem atraídos pela barba e pelos olhos intensos. Tom supôs que seus olhos estavam intensos por causa das sobranceiras, e porque Derwatt franzia um pouco a testa, embora isso não significasse mau humor, segundo Ed havia lhe garantido.

Essa tarde vai ser um sucesso ou um fracasso, pensou Tom. Seria, teria de ser um sucesso. Tom começou a imaginar o que aconteceria se a tarde fosse um fracasso, e sua mente parou quando pensou em Heloise — e na família dela. Seria o fim daquilo tudo, o fim de Belle Ombre. Dos amáveis serviços de Mme. Annette. Em poucas e simples palavras, ele iria para a prisão, porque ficaria mais do que óbvio que havia eliminado Murchison. Nem pensar em ir para a prisão.

Tom topou de frente com o velho homem-sanduíche que anunciava fotos rápidas para passaporte. Como se fosse cego, o velho não desviou. Tom desviou e correu na frente dele

novamente. “Lembra-se de mim? Como vai?”

“Eh? Hum-m?” Uma bituca de cigarro apagada pendia de seus lábios.

“Tome, para dar sorte!”, disse Tom, e colocou o que sobrara de seu maço de cigarros no bolso do velho sobretudo de tweed. Depois apressou o passo, lembrando de se curvar um pouco.

Tom entrou silenciosamente na Galeria Buckmaster, onde todos os quadros de Derwatt, exceto os que estavam emprestados, exibiam uma pequena estrela vermelha. Leonard sorriu para ele e cumprimentou-o com um movimento da cabeça que foi quase uma mesura. Havia cinco outras pessoas no salão, um casal jovem (a garota descalça no carpete bege), um cavalheiro mais velho, dois homens. Enquanto caminhava em direção à porta vermelha nos fundos da galeria, pôde sentir todos os olhos sobre si — até ficar fora de vista.

Jeff abriu a porta. “Derwatt, oi. Entre. Esta é a senhora Murchison... Philip Derwatt.”

Tom curvou-se levemente para a mulher sentada na poltrona. “Como vai, senhora Murchison?” Tom também cumprimentou o inspetor Webster, que estava sentado em uma cadeira comum.

A sra. Murchison aparentava ter uns cinqüenta anos, seu cabelo curto era loiro avermelhado, os olhos azul-claros e a boca larga — um rosto, pensou Tom, que poderia ser alegre se as circunstâncias fossem diferentes. Ela usava um conjunto de tweed de bom corte, um colar de jade, um suéter verde-claro.

Jeff foi para trás de sua mesa, mas não se sentou.

“O senhor falou com meu marido em Londres. Aqui”, disse a senhora Murchison para Tom.

“Sim, durante alguns minutos. É, talvez uns dez minutos.” Tom aproximou-se da cadeira de encosto reto que Ed lhe ofereceu. Sentiu os olhos da sra. Murchison em seus sapatos gastos que realmente haviam pertencido a Derwatt. Tom sentou-se com dificuldade, como se tivesse reumatismo, ou algo pior. Agora estava a um metro e meio da sra. Murchison, que teve de virar um pouco a cabeça para a direita para vê-lo.

“Ele ia visitar um tal de senhor Ripley na França. Ele me escreveu dizendo isso”, disse a sra. Murchison. “Ele não marcou um encontro com o senhor mais tarde?”

“Não”, disse Tom.

“Por acaso o senhor conhece o senhor Ripley? Pelo que sei, ele tem alguns de seus quadros.”

“Já ouvi falar, mas não o conheço”, disse Tom.

“Vou tentar falar com ele. Afinal... talvez meu marido ainda esteja na França. O que eu gostaria de saber, senhor Derwatt, é se o senhor acha que existe algum conluio em torno de seus quadros... é difícil para mim colocar isso em palavras. Pessoas que achariam que valesse a pena sumir com meu marido para evitar que ele denunciasse uma falsificação? Ou talvez muitas falsificações?”

Tom balançou a cabeça lentamente. “Não que eu saiba.”

“Mas o senhor estava no México.”

“Eu falei com...” Tom olhou para Jeff e depois para Ed, que estava encostado na mesa. “Esta galeria não conhece nenhum grupo ou conluio e, além do mais, não sabe de nenhuma falsificação. Sabe, eu vi o quadro que seu marido trouxe, *O relógio*.”

“E que foi roubado.”

“É, fiquei sabendo. Mas a questão é que o quadro é meu.”

“Meu marido ia mostrá-lo ao senhor Ripley.”

“Ele mostrou”, interrompeu Webster. “O senhor Ripley me contou sobre a conversa que eles tiveram...”

“Eu sei, eu sei. Meu marido tinha uma teoria”, disse a sra. Murchison com um ar de orgulho ou

coragem. “Talvez estivesse errado. Admito que não sou uma conhecedora de pintura como meu marido. Mas suponhamos que ele *esteja* certo.” Ela esperou uma resposta, de qualquer um.

Tom esperava que ela não soubesse sobre a teoria do marido, ou não a entendesse.

“Que teoria era essa, senhora Murchison?”, perguntou Webster com uma expressão ansiosa.

“Alguma coisa sobre os tons de roxo nos últimos quadros do senhor Derwatt... em alguns deles. Certamente ele discutiu isso com o senhor, senhor Derwatt?”

“Sim”, disse Tom. “Ele disse que os tons de roxo de meus primeiros quadros eram mais escuros. Pode ser que sim.” Tom sorriu levemente. “Eu não havia reparado. Se estão mais claros agora, acho que aparecem em maior quantidade. Prova disso é *A banheira*, que está aí fora.” Tom havia mencionado, sem pensar, um quadro que Murchison havia considerado uma falsificação tão óbvia quanto *O relógio* — os roxos nas duas telas eram violeta-cobalto puro, no estilo antigo.

Não houve nenhuma reação.

“A propósito”, disse Tom a Jeff, “você estava tentando ligar para a polícia francesa hoje de manhã para dizer a eles que eu havia voltado a Londres. Conseguiram completar a chamada?”

Jeff sobressaltou-se. “Não. Não, meu Deus, ainda não.”

A sra. Murchison disse: “Meu marido mencionou alguma outra pessoa além do senhor Ripley que ele fosse ver na França, senhor Derwatt?”

Tom ponderou. Devia começar um pequeno jogo de gato e rato? Ou ser honesto? Tom respondeu com honestidade: “Não que eu me lembre. Para falar a verdade, ele nem mencionou o senhor Ripley para mim”.

“Posso lhe oferecer chá, senhora Murchison?”, perguntou Ed amavelmente.

“Oh, não, obrigado.”

“Alguém quer chá? Ou um gole de licor?”, perguntou Ed.

Ninguém quis ou ousou aceitar nada.

Na verdade, aquilo parecia um sinal para que a sra. Murchison fosse embora. Ela queria ligar para o sr. Ripley — conseguira o número dele com o inspetor — e marcar um encontro com ele.

Jeff, com uma calma que lembrava a de Tom, disse: “Quer ligar para ele daqui, senhora Murchison?”, indicando o telefone sobre a mesa.

“Não, muito obrigado, farei isso de meu hotel.”

Tom levantou-se quando a sra. Murchison saiu.

“Onde está hospedado aqui em Londres, senhor Derwatt?”, perguntou o inspetor Webster.

“Estou no estúdio do senhor Constant.”

“Posso perguntar como o senhor chegou à Inglaterra?” Um grande sorriso. “O Controle de Imigração não tem registro de sua entrada.”

A expressão no rosto de Tom era propositalmente vaga e pensativa. “Tenho um passaporte mexicano agora.” Tom esperava essa pergunta. “E tenho outro nome no México.”

“O senhor veio de avião?”

“De barco”, disse Tom. “Não gosto muito de aviões.” Tom esperava que Webster perguntasse se havia chegado em Southhampton ou em outro lugar, mas Webster apenas disse:

“Obrigado, senhor Derwatt. Até logo.”

Se ele fosse atrás disso, pensou Tom, o que iria descobrir? Quantas pessoas vindas do México tinham entrado em Londres quinze dias atrás? Provavelmente não muitas.

Jeff fechou a porta mais uma vez. Houve alguns segundos de silêncio enquanto os visitantes se afastavam até não poderem ouvir mais. Jeff e Ed haviam prestado atenção às últimas palavras de Tom.

“Se ele quiser investigar isso”, disse Tom, “eu arrumarei alguma outra coisa.”

“O quê?”, perguntou Ed.

“Ah... um passaporte mexicano, por exemplo”, respondeu Tom. “Eu sabia... que teria de voltar correndo para a França.” Ele falou como Derwatt, mas quase cochichando.

“Não esta noite, não é?”, disse Ed. “*Com certeza não.*”

“Não. Porque disse que estaria no estúdio do Jeff. Entendeu?”

“Meu Deus”, disse Jeff aliviado, mas enxugou a nuca com um lenço.

“Conseguimos”, disse Ed, fingindo solenidade, uma das mão à frente do rosto.

“Droga, eu queria comemorar!”, disse Tom de repente. “Como posso comemorar com esta maldita barba? Por causa dela tive de evitar o molho de queijo no almoço. Tenho de ficar com ela a noite inteira!”

“E dormir com ela!”, disse Ed em voz alta, se acabando de tanto rir.

“Cavalheiros...” Tom levantou-se e curvou-se novamente. “Preciso arriscar, por absoluta necessidade, uma ligação para Heloise. Posso, Jeff? Discagem pela linha do assinante, assim espero que não caia na sua conta. Mas se cair, azar, porque é absolutamente necessário.” Tom pegou o telefone.

Jeff fez chá e reforçou a bandeja com uma garrafa de uísque.

Mme. Annette atendeu, ao contrário do que Tom esperava. Ele fez uma voz de mulher e perguntou, em um francês pior do que o seu, se Mme. Ripley estava em casa. “Silêncio!”, disse Tom para Jeff e Ed, que estavam rindo. “Alô, Heloise.” Tom falou em francês. “Preciso ser rápido, querida. Se alguém telefonar e quiser falar comigo, eu estou em Paris com uns amigos... Acho que uma mulher vai ligar, uma mulher que só fala inglês, não sei. Dê a ela um número falso em Paris... Invente um... Obrigado, querida... acho que amanhã à tarde, mas não precisa dizer isso à mulher americana... E não conte a Mme. Annette que estou em Londres...”

Quando Tom desligou, perguntou a Jeff se poderia dar uma olhada nos livros que ele disse que havia feito, e Jeff os trouxe. Eram dois livros-razão, um deles um pouco gasto, o outro mais novo. Tom debruçou-se sobre eles durante alguns minutos, lendo os títulos das telas e as datas. Jeff foi generoso com o espaço, e os Derwatts não predominavam, visto que a Galeria Buckmaster também representava outros pintores. Jeff escrevera alguns títulos em tinta diferente depois de algumas datas, porque Derwatt nem sempre dava títulos para seus quadros.

“Gosto desta página com a mancha de chá”, disse Tom.

Jeff sorriu. “Contribuição do Ed. Dois dias atrás.”

“Por falar em comemorar”, disse Ed, juntando as mãos como se fosse aplaudir, “que tal irmos à festa de Michael esta noite? Às dez e meia, ele disse. Holland Park Road.”

“Vamos pensar a respeito”, disse Jeff.

“Só uma passadinha de vinte minutos?”, perguntou Ed, esperançoso.

A *banheira* estava corretamente listado como um dos últimos quadros, e Tom viu que provavelmente não havia como evitar isso. O livros estavam preenchidos principalmente com nomes e endereços dos compradores, os preços que pagaram, as compras verdadeiras, as datas de chegada, algumas das quais falsas, supôs Tom, mas no final das contas Jeff e Ed haviam feito um excelente trabalho. “E o inspetor viu isto?”

“Ah, sim”, disse Jeff.

“Ele não fez nenhuma pergunta, não é, Jeff?”, disse Ed.

“Não.”

Vera Cruz... Vera Cruz... Southampton... Vera Cruz...

Se tudo fora aprovado, então estava tudo bem, supôs Tom.

Eles se despediram de Leonard — já estava mesmo quase na hora de fechar a galeria — e pegaram um táxi até o estúdio de Jeff. Tom sentia que os dois o olhavam como se fosse um tipo de personagem mágico: isso o divertia, embora de uma maneira que ele não gostava. Talvez o imaginassem como um santo, capaz de curar uma planta agonizante com um simples toque, capaz de eliminar uma dor de cabeça com um gesto, capaz de andar sobre a água. M. Derwatt não fora capaz de andar sobre a água, ou talvez não tivesse querido fazer isso. Mas Tom era Derwatt agora.

“Quero ligar para Cynthia”, disse Tom.

“Ela trabalha até às sete. É um escritório engraçado”, disse Jeff.

Tom ligou primeiro para a Air France e reservou um lugar no vôo da uma da tarde do dia seguinte. Poderia pegar a passagem no terminal. Havia decidido estar em Londres na manhã seguinte, para o caso de surgirem dificuldades. Não podia parecer de novo que Derwatt estava fugindo da cena com muita pressa.

Tom bebeu chá adoçado e reclinou-se no sofá de Jeff, agora sem o paletó e a gravata, mas ainda com a incômoda barba. “Gostaria de poder fazer Cynthia aceitar Bernard de volta”, disse Tom pensativamente, como se fosse Deus em um momento de fraqueza.

“Por quê?”, perguntou Ed.

“Receio que Bernard possa se destruir. Gostaria de saber onde ele está.”

“Está falando a sério? Se matar?”, perguntou Jeff.

“Sim”, disse Tom. “Eu já falei isso para vocês... acho. Mas não contei para Cynthia. Achei que não era razoável. Seria como uma chantagem... para que ela o aceitasse de volta. E tenho certeza de que Bernard não gostaria disso.”

“Você quer dizer cometer suicídio em algum lugar?”, disse Jeff.

“É, é isso que quero dizer.” Tom não ia mencionar o gesto simbólico em sua casa, mas pensou, por que não? Às vezes a verdade, por mais perigosa que fosse, poderia se tornar uma vantagem para revelar algo novo, algo a mais. “Ele se enforcou na minha adega, simbolicamente. Poderia dizer que ele se pendurou, porque era um monte de roupas em um cabide. Que ele chamou de ‘Bernard Tufts’. O velho Bernard, entende, o falsificador. Ou talvez o verdadeiro. Está tudo misturado na cabeça de Bernard.”

“Uau! Ele está fora do prumo, hein?”, disse Ed, olhando para Jeff.

Tanto Jeff quanto Ed estavam com os olhos arregalados, Jeff de seu jeito um pouco mais calculista. Será que só agora estavam percebendo que Bernard Tufts não ia mais pintar Derwatts?

Tom disse: “Estou especulando. Não adianta vocês ficarem aborrecidos antes de acontecer. Mas entendam...”. Tom levantou-se. Começou a dizer *o importante é que Bernard pensa que me matou*. Mas se questionou se aquilo *era mesmo* importante. E se fosse, de que maneira? Tom percebeu como ficara contente por não haver jornalistas por perto para escrever, amanhã, “Derwatt voltou”, porque se Bernard visse isso em qualquer jornal, saberia que Tom de alguma forma havia saído vivo do túmulo. Em certo sentido, isso poderia ser bom para Bernard, porque ele poderia ter menos predisposição para se matar, se achasse que não matara Tom Ripley. Ou será que isso agora não contaria realmente nada na maneira de pensar confusa de Bernard? O que era certo e o que era errado?

Depois das sete, Tom ligou para Cynthia no número de Bayswater. “Cynthia... antes de ir embora, eu queria dizer... caso eu volte a ver Bernard em algum lugar, posso dizer a ele uma coisinha, que...”

“Que o quê?”, perguntou Cynthia, rápida, muito mais na defensiva do que Tom.

“Que você vai concordar em vê-lo novamente. Em Londres. Veja bem, seria maravilhoso se eu pudesse dizer a ele algo tão positivo assim. Ele está muito deprimido.”

“Mas não vejo nenhum motivo para me encontrar com ele de novo”, disse Cynthia.

Na voz dela, Tom ouvia os baluartes dos castelos, das igrejas, da classe média. Pedras cinzentas e beges, inexpugnáveis. Comportamento decente. “Em nenhuma circunstância você quer vê-lo novamente?”

“Receio que não. É muito mais fácil se eu não prolongar as coisas. Mais fácil para Bernard também.”

Isso era definitivo. Uma posição ponderada e inflexível. Mas também era mesquinho, muito mesquinho. Tom pelo menos entendia onde estava agora. Uma garota que fora negligenciada, largada, deixada, abandonada — três anos atrás. Fora Bernard quem terminara o relacionamento. Então que Bernard, na melhor das circunstâncias, tentasse remediar isso. “Tudo bem, Cynthia.”

Faria bem para o orgulho de Cynthia saber que Bernard iria se enforcar por causa dela?

Jeff e Ed estavam conversando no quarto de Jeff e não ouviram nada do telefonema, mas perguntaram a Tom o que Cynthia havia dito.

“Ela não quer mais ver Bernard”, disse Tom.

Nem Jeff nem Ed pareciam ver as conseqüências disso.

Para colocar um ponto final no assunto, Tom disse: “É claro que talvez nem mesmo eu volte a ver Bernard”.

Eles foram à festa de Michael. Que Michael? Chegaram por volta da meia-noite. Metade dos convidados estava meio alta, e Tom não conseguiu ver ninguém que parecesse importante, pelo menos no que lhe dizia respeito. Tom sentou-se em uma poltrona confortável, embaixo de uma luminária, com um copo de uísque, e conversou com algumas pessoas que pareciam ter muita admiração por ele, ou no mínimo se mostravam respeitosas. Jeff, do outro lado da sala, ficou de olho nele.

A decoração era rosa e cheia de borlas enormes. As cadeiras pareciam merengues brancos. As garotas usavam saias tão curtas que o olhar de Tom — que não estava acostumado com esse tipo de roupa — era atraído por intrincadas costuras em malhas de todas as cores, e depois repellido. Horrível, pensou Tom. Uma bobagem total. Ou será que ele as via como Derwatt estaria vendo? Era possível para alguém imaginar carne desejável sob aquelas malhas que nada mostravam além de costuras fortalecidas e, às vezes, mais calcinhas sob elas? Os seios ficavam à mostra quando elas se abaixavam para acender cigarros. Para qual metade da garota se devia olhar? Olhando mais para cima, Tom se surpreendeu com olhos pintados de marrom. Uma boca descolorida embaixo dos olhos disse:

“Derwatt... pode me dizer onde mora no México? Eu não espero uma resposta de verdade, mas meia resposta serve.”

Através dos óculos, Tom olhou para ela com certa perplexidade contemplativa, como se estivesse dedicando a metade de seu cérebro privilegiado à pergunta que ela havia feito, mas, na verdade, estava entediado. Como ele preferia, pensou, as saias de Heloise pouco acima do joelho, sem qualquer maquiagem, e cílios que não pareciam um monte de lanças apontadas para ele. “Ah, bem...”, disse Tom ruminando sobre nada. “Sul de Durango.”

“Durango, onde fica isso?”

“Ao norte da Cidade do México. Não, claro que não posso lhe falar o nome do vilarejo onde moro. É um nome azteca muito comprido. Ah-hah-ha.”

“Estamos procurando um lugar que ainda não tenha sido estragado. Eu, meu marido Zach e nossos dois filhos.”

“Podem tentar Puerto Vallarta”, disse Tom, sendo salvo por Ed Banbury, que fez um gesto chamando-o. “Com licença”, disse Tom e levantou-se com dificuldade do merengue branco.

Ed achava que já era hora de eles irem embora. Tom concordava. Jeff circulava pela festa, mantendo seu sorriso fácil, conversando. Recomendável, pensou Tom. Os homens, jovens e velhos, olhavam para Tom, talvez sem ousar se aproximar, talvez sem querer fazê-lo.

“Vamos embora?”, disse Tom quando Jeff se juntou a eles.

Tom insistiu em encontrar o anfitrião, a quem ele não havia visto durante todo o tempo em que estiveram lá. Michael, o anfitrião, era o que vestia um casaco comprido de pele de urso preto, com um capuz que não estava puxado sobre a cabeça. Não era muito alto e tinha cabelo preto cortado bem curto. “Derwatt, você foi a jóia principal de minha gargantilha esta noite! Não sei nem lhe dizer como estou contente e como estou grato a esses dois...”

O resto se perdeu no ruído da festa.

Apertos de mão, e finalmente a porta se fechou.

“Bem”, disse Jeff por cima do ombro, depois de descerem um lance de escadas. Ele falou o resto em voz baixa. “A única razão pela qual viemos é porque as pessoas não são importantes.”

“E no entanto, de alguma forma, elas são importantes”, disse Ed. “Ainda são pessoas. Mais uma noite de sucesso!”

Tom não comentou. Era verdade, ninguém lhe arrancara a barba.

Deixaram Ed em algum lugar e seguiram com o táxi.

De manhã, Tom tomou café na cama, que foi a idéia de Jeff de compensá-lo um pouco por precisar comer usando a barba. Então Jeff saiu para comprar alguma coisa em uma loja de materiais fotográficos e disse que voltaria às dez e meia — embora, é claro, ele não pudesse acompanhar Tom até o terminal de West Kensington. Às onze horas Tom entrou no banheiro e começou a remover cuidadosamente a gaze de sua barba.

O telefone tocou.

O primeiro pensamento de Tom foi não atender. Mas isso não pareceria um pouco estranho? Talvez evasivo?

Tom se preparou para Webster e atendeu, com a voz de Derwatt. “Sim? Alô?”

“O senhor Constant está?... Ou é Derwatt?... Ah, ótimo. Aqui é o inspetor Webster. Quais são seus planos, senhor Derwatt?”, perguntou Webster em sua voz agradável de sempre.

Tom não tinha planos para o inspetor Webster. “Ah... eu acho que vou embora esta semana. De volta ao batente.” Tom deu uma risadinha. “E ao meu sossego.”

“O senhor poderia... talvez me telefonar antes de ir, senhor Derwatt?” Webster lhe deu um número, mais um ramal, que Tom anotou.

Jeff voltou. Tom já estava quase com a mala na mão, tão ansioso estava para ir embora. A despedida foi breve, quase protocolar da parte de Tom, embora os dois soubessem que dependiam um do outro para seu bem-estar.

“Até logo. Vá com Deus.”

“Até logo.”

Webster que vá para o inferno.

Logo Tom estava no casulo do avião, a atmosfera sintética de aeromoças sorridentes, estúpidas fichas brancas e amarelas para serem preenchidas, o incômodo da proximidade de cotovelos em ternos de trabalho, que obrigavam Tom a afastar o seu. Desejou ter viajado de primeira classe.

Será que teria de dizer a alguém onde ele, como Tom Ripley, havia estado em Paris? Pelo menos na noite passada, por exemplo? Tom tinha um amigo que confirmaria, mas não queria envolver mais uma pessoa, porque já havia muita gente envolvida.

O avião decolou. Que tédio, pensou Tom, estar voando a centenas de quilômetros por hora, ouvindo muito pouco, fazendo os infelizes que moravam no trajeto sofrerem com o barulho. Apenas trens entusiasmavam Tom. Os trens expressos que vinham de Paris e passavam pela plataforma em Melun — tão rápido que não era possível ler os nomes em francês e italiano pintados nas laterais. Certa vez Tom quase havia atravessado um trilho em um lugar onde era proibido atravessar. Os trilhos estavam vazios, a estação estava em silêncio. Tom decidiu não arriscar, e quinze segundos depois dois trens expressos cromados passaram um pelo outro numa velocidade enorme. E Tom imaginou ser mastigado entre os dois, seu corpo e sua mala feitos em pedacinhos e lançados a metros de distância, impedindo qualquer identificação. Tom pensou naquilo agora e se encolheu na poltrona do avião a jato. Pelo menos estava contente pelo fato de a sra. Murchison não estar no avião. Ele até havia dado uma olhada pela aeronave logo depois de

ter embarcado.

Estava na França agora, e à medida que o avião descia, os topos das árvores começaram a parecer nós verde-escuros e marrons em uma tapeçaria, ou as rãs estampadas em um roupão que Tom tinha em casa. Ele estava sentado sobre sua horrível capa de chuva nova. Em Orly, o funcionário do controle de passaportes olhou para ele e para a fotografia em seu passaporte de Mackay, mas não carimbou nada, assim como não tinham carimbado quando ele saíra de Orly em direção a Londres. Aparentemente apenas os fiscais em Londres carimbavam. Tom atravessou o corredor de “nada a declarar” e tomou um táxi para ir para casa.

Chegou a Belle Ombre pouco antes das três da tarde. No táxi, havia penteado o cabelo, voltando a risca para o lugar de sempre, e carregava a capa sobre o braço.

Heloise estava em casa. O aquecedor estava funcionando. A mobília e os assoalhos brilhavam de cera. Mme. Annette levou a mala para o andar de cima. Então Tom e Heloise se beijaram.

“O que você fez na Grécia?”, perguntou ela com um pouco de ansiedade. “E depois, em Londres?”

“Dei uma olhada por lá”, disse Tom, sorrindo.

“Atrás daquele *fou*. Você o viu? Como está sua cabeça?” Ela virou-o pelos ombros.

Mal doía agora. Tom estava muito aliviado por saber que Bernard não havia aparecido para assustar Heloise. “A mulher americana ligou?”

“Ah, sim, Mme. Murchison. Ela fala um pouco de francês, mas muito engraçado. Telefonou esta manhã de Londres. Vai chegar a Orly esta tarde, às três, e quer ver você. Ah, *merde*, quem são essas pessoas?”

Tom olhou seu relógio de pulso. O avião da sra. Murchison deveria estar pousando em dez minutos.

“Querido, quer uma xícara de chá?” Heloise levou-o para o sofá amarelo. “Encontrou esse Bernard em algum canto?”

“Não. Quero lavar as mãos. Só um minutinho.” Tom foi até o lavabo e lavou as mãos e o rosto. Esperava que a sra. Murchison não quisesse vir até Belle Ombre, que ela se satisfizesse em encontrá-lo em Paris, embora Tom odiasse a idéia de ir a Paris naquele momento.

Mme. Annette estava descendo a escada quando Tom entrou na sala. “Madame, como vai o famoso dente? Melhor, espero.”

“Sim, M. Tome. Fui ao dentista em Fontainebleau hoje de manhã e ele tirou o nervo. Ele *realmente* o tirou. Vou voltar lá na segunda-feira.”

“Eu adoraria que todos os nossos nervos fossem tirados! Todos eles! A dor acabaria, pode acreditar!” Tom mal estava pensando no que dizia. Será que devia ter ligado para Webster? Parecera-lhe uma boa idéia *não* ligar para ele antes de sair, porque ligar poderia ter dado a impressão de que estava querendo muito obedecer às ordens da polícia. Um homem inocente não teria ligado, esse fora seu raciocínio.

Tom e Heloise tomaram chá.

“Noëlle quer saber se podemos ir a uma festa na terça à noite”, disse Heloise. “É aniversário dela.”

Noëlle Hassler, a melhor amiga de Heloise em Paris, dava festas deliciosas. Mas Tom estivera pensando sobre Salzburgo, sobre ir para lá imediatamente, porque havia decidido que Bernard poderia ter escolhido ir para Salzburgo. A cidade de Mozart, outro artista que morrera jovem. “Querida, você tem de ir. Eu não tenho certeza se estarei aqui.”

“Por quê?”

“Porque... talvez eu precise ir a Salzburgo.”

“Na *Áustria*? Não para procurar aquele *fou* de novo? Logo vai ser a China!”

Tom olhava nervosamente para o telefone. A sra. Murchison ia ligar. Quando? “Você deu à senhora Murchison um número de telefone em Paris onde ela poderia me encontrar?”

“Dei”, disse Heloise. “Um número inventado.” Ela ainda falava em francês e estava ficando um pouco irritada com ele.

Tom se perguntou quanto mais ele ousaria explicar a Heloise. “E você disse a ela que eu estaria em casa... quando?”

“Disse que não sabia.”

O telefone tocou. Se era a sra. Murchison, ela estava ligando de Orly.

Tom se levantou. “O importante”, disse ele rapidamente em inglês, porque Mme. Annette estava chegando, “é que eu não estive em Londres. É muito importante, querida. Eu só estive em Paris. Não fale em Londres, se tivermos de nos encontrar com a senhora Murchison.”

“Ela vai vir *aqui*?”

“Espero que não.” Tom atendeu o telefone. “Alô... Sim... Como vai, senhora Murchison?” Ela queria ir vê-lo. “Não haveria problema nenhum nisso, é claro, mas não seria mais fácil para a senhora se eu fosse a Paris?... Sim, fica um pouco longe, mais longe do que de Orly a Paris...” Ele não estava conseguindo muita coisa. Poderia tê-la desencorajado com orientações complicadas, mas não quis causar mais nenhum inconveniente àquela pobre mulher. “Então é mais fácil pegar um táxi.” Tom orientou-a sobre como chegar até Belle Ombre.

Tom tentou explicar a Heloise. A sra. Murchison ia chegar em uma hora e queria conversar com ele sobre o marido. Mme. Annette tinha saído da sala, e Tom pôde falar em francês com Heloise, embora não se importasse com o que Mme. Annette ouvisse. Antes de a sra. Murchison ligar, passara-lhe pela cabeça contar a Heloise por que ele havia ido a Londres, explicar a ela que por duas vezes tivera de fazer o papel de Derwatt, o pintor, que estava morto. Mas aquele momento não era o melhor para dar todas essas informações a ela. Se eles conseguissem passar com sucesso pela visita da sra. Murchison, isso era tudo que Tom podia pedir de Heloise.

“Mas o que aconteceu com o marido dela?”, perguntou Heloise.

“Não sei, querida. Mas ela veio à França e naturalmente quer falar com...” Tom não queria dizer “a última pessoa que viu seu marido”. “Ela quer ver a casa, porque aqui foi o último lugar onde o marido dela esteve. Eu o levei para o aeroporto daqui.”

Heloise levantou-se com um movimento de impaciência. Mas não era boba a ponto de fazer uma cena. Não ia ficar descontrolada, irracional. Isso viria mais tarde.

“Sei o que você vai dizer. Você não a quer passando a noite aqui. Tudo bem. Ela não será convidada para jantar. Podemos dizer que temos um compromisso. Mas preciso oferecer-lhe chá, ou uma bebida, ou as duas coisas. Calculo que... ela não vai ficar mais do que uma hora aqui, e vou fazer tudo com educação. E corretamente.”

Heloise acalmou-se.

Tom subiu e foi até seu quarto. Mme. Annette esvaziara e guardara a mala, mas algumas coisas não estavam em seu lugar de costume, então Tom as colocou de volta onde sempre ficavam

quando ele passava várias semanas seguidas em Belle Ombre. Tom tomou uma ducha, vestiu uma calça de flanela cinza, uma camisa e um suéter, e tirou um paletó de tweed do armário, para o caso de a sra. Murchison querer passear pelo jardim.

A sra. Murchison chegou.

Tom foi até a porta da frente para recebê-la e para ter certeza de que o táxi era pago corretamente. A sra. Murchison tinha dinheiro francês e deu mais gorjeta do que deveria, mas Tom não disse nada.

“Minha esposa, Heloise”, disse Tom. “A senhora Murchison... dos Estados Unidos.”

“Como vai?”

“Como vai?”, disse Heloise.

A sra. Murchison aceitou uma xícara de chá. “Espero que o senhor me desculpe por eu me convidar de maneira tão intempestiva”, disse ela dirigindo-se a Tom e a Heloise, “mas é um assunto muito importante... e eu queria lhe falar logo que possível.”

Estavam todos sentados agora, a sra. Murchison no sofá amarelo, Tom e Heloise em cadeiras de encosto reto. Heloise tinha no rosto a maravilhosa expressão de quem não está muito interessada na situação, mas é educada o bastante para estar presente. Porém Tom sabia que ela estava bastante interessada.

“Meu marido...”

“Tom, foi como ele me pediu que o chamasse”, disse Tom sorrindo. Ele se levantou. “Ele olhou estes quadros. Aqui à minha direita, *Homem na cadeira*. Atrás da senhora, *As cadeiras vermelhas*. É mais antigo.” Tom falava com impetuosidade. Ou ele seria bem-sucedido ou não, e que se danasse a propriedade, a ética, a gentileza, a verdade, a lei, ou mesmo o destino — ou seja, o futuro. Ou ele punha um fim naquilo agora, ou não. Se a sra. Murchison quisesse andar pela casa, ele poderia até mesmo incluir a adega no programa. Tom esperou que a sra. Murchison fizesse uma pergunta, talvez sobre o que o marido havia pensado a respeito da validade dos quadros.

“O senhor comprou esses da Galeria Buckmaster?”, perguntou ela.

“Sim, os dois.” Tom olhou para Heloise, que estava fumando um Gitane *mais*, o que não era seu hábito. “Minha esposa entende inglês”, disse Tom.

“A senhora estava aqui quando meu marido veio visitar?”

“Não. Eu estava na Grécia”, respondeu Heloise. “Eu não conheci seu marido.”

A sra. Murchison levantou-se e olhou para os quadros, e Tom acendeu mais duas lâmpadas, para que ela pudesse vê-los melhor.

“Eu gosto mais de *Homem na cadeira*”, disse Tom. “É por isso que está sobre a lareira.”

A sra. Murchison pareceu gostar do quadro também.

Tom esperava que ela dissesse algo relacionado com a teoria de seu marido sobre os tons de alfazema ou roxo nos dois quadros. A sra. Murchison fez as mesmas perguntas que o inspetor Webster havia feito, se o marido estava se sentindo bem quando fora embora, se tinha algum compromisso com alguém.

“Ele parecia de muito bom humor”, disse Tom, “e não mencionou nenhum compromisso, como eu disse ao inspetor Webster. O que é mais estranho é que o quadro de seu marido foi roubado. Estava com ele em Orly, muito bem embrulhado.”

“É, eu sei.” A sra. Murchison fumava um de seus Chesterfields. “O quadro não foi encontrado. Mas meu marido e seu passaporte também não.” Ela sorriu. Tinha um rosto amável, um pouco cheio, o que até agora havia impedido o aparecimento de rugas.

Tom serviu-lhe mais uma xícara de chá. A sra. Murchison olhava para Heloise. Um olhar de

avaliação? Estaria se perguntando o que Heloise achava daquilo tudo? Perguntando-se quanto Heloise sabia? E se havia alguma coisa a saber, em primeiro lugar? Ou de que lado Heloise iria ficar se seu marido fosse acusado de alguma coisa?

“O inspetor Webster me contou que o senhor era amigo de Dickie Greenleaf, que foi morto na Itália”, disse a sra. Murchison.

“Sim”, disse Tom. “Ele não foi morto, foi um caso de suicídio. Eu o conhecia havia uns cinco meses... talvez seis.”

“Se ele não se suicidou... acho que o inspetor Webster tem dúvidas a esse respeito... então quem poderia tê-lo matado? E por quê?”, perguntou a senhora Murchison. “O senhor tem alguma idéia a respeito?”

Tom estava se levantando, e plantou os pés firmemente no chão e bebericou seu chá. “Não tenho nenhuma idéia a respeito. Dickie se matou. Não creio que ele conseguisse ter sucesso... como pintor, e certamente não nos negócios do pai. Construção de navios ou barcos. Dickie tinha muitos amigos, mas nenhum era sinistro.” Tom fez uma pausa, e as mulheres também ficaram caladas. “Dickie não tinha motivos para ter inimigos”, acrescentou ele.

“Nem o meu marido... a não ser, possivelmente, se estão acontecendo falsificações de quadros de Derwatt.”

“Bem... isso eu não saberia dizer, morando aqui.”

“Pode ser que haja algum tipo de conluio.” Ela olhou para Heloise. “Espero que entenda o que estamos dizendo, Mme. Ripley.”

Tom disse para Heloise em francês: “A senhora Murchison está se perguntando se não haveria uma quadrilha de pessoas desonestas... envolvida com os quadros de Derwatt”.

“Entendo”, disse Heloise.

Tom sabia que Heloise tinha dúvidas em relação ao que acontecera a Dickie. Mas sabia que poderia contar com ela. Heloise também era curiosamente um pouquinho vigarista. De qualquer forma, diante de uma estranha, Heloise nunca demonstraria duvidar do que Tom dizia.

“A senhora gostaria de ver o andar de cima da casa?”, perguntou Tom à sra. Murchison. “Ou o jardim, antes que escureça?”

A sra. Murchison aceitou o convite.

Ela e Tom subiram a escada. A sra. Murchison usava um vestido de lã cinza-claro. Era encorpada — talvez fizesse equitação ou jogasse golfe —, mas não se podia dizer que era gorda. As pessoas nunca chamavam essas esportistas robustas de gordas, mas o que mais eram elas? Heloise não os acompanhou. Tom mostrou à sra. Murchison o quarto de hóspedes, abrindo bem a porta e acendendo a luz. Em seguida, totalmente à vontade, mostrou-lhe os outros quartos, incluindo o de Heloise, cuja porta abriu, mas não acendeu a luz porque a sra. Murchison pareceu não estar muito interessada em vê-lo.

“Obrigado”, disse a sra. Murchison, e eles desceram.

Tom sentiu pena dela. Sentiu pena por ter matado o marido dela. Mas, lembrou-se, não podia se permitir um arrependimento agora: se o fizesse, seria igualzinho a Bernard, que queria contar tudo, à custa de diversas outras pessoas. “A senhora viu Derwatt em Londres?”

“Sim, falei com ele”, disse a sra. Murchison, sentando-se novamente no sofá, mas na beirada.

“Como ele é? Eu quase o conheci pessoalmente no dia da inauguração da mostra.”

“Ah, ele tem uma barba... é bem simpático, mas não é de falar muito”, disse ela, sem interesse em Derwatt. “Mas ele disse que não achava que estivessem sendo feitas falsificações de sua obra... e que havia dito isso ao Tommy.”

“É, acho que seu marido me contou isso também. E a senhora acredita em Derwatt?”

“Acho que sim. Derwatt parece sincero. O que mais se pode dizer?” Ela recostou-se no sofá.

Tom adiantou-se. “Quer mais chá? Que tal um uísque?”

“Acho que vou tomar um uísque, obrigada.”

Tom foi buscar gelo na cozinha. Heloise juntou-se a ele para ajudá-lo.

“Que história é essa sobre Dickie?”, perguntou Heloise.

“Nada”, disse Tom. “Eu lhe diria se fosse alguma coisa. Ela sabe que eu fui amigo de Dickie.

Quer mais vinho branco?”

“Sim.”

Levaram o gelo e os copos para a sala. A sra. Murchison queria um táxi para ir a Melun.

Desculpou-se por estar pedindo naquele momento, mas não sabia quanto tempo iria demorar.

“Posso levá-la para Melun”, disse Tom, “se a senhora for pegar o trem para Paris.”

“Não. Eu queria ir a Melun para falar com a polícia de lá. Eu liguei para eles de Orly.”

“Então eu a levo”, disse Tom. “Como é o seu francês? O meu não é perfeito, mas...”

“Ah, acho que consigo me virar. Muito obrigada.” Ela sorriu um pouco.

Tom supôs que ela quisesse falar com a polícia sem ele.

“Havia mais alguém na casa quando meu marido esteve aqui?”, perguntou a sra. Murchison.

“Apenas nossa governanta, Mme. Annette. Onde ela está, Heloise?”

Heloise achava que ela talvez estivesse em seu quarto, talvez tivesse saído para alguma compra de última hora, e Tom foi até o quarto de Mme. Annette e bateu na porta. Mme. Annette estava costurando alguma coisa. Tom perguntou se ela poderia vir conhecer a sra. Murchison.

Em dois minutos Mme. Annette apareceu, e seu rosto demonstrou interesse, porque a sra. Murchison era a esposa do homem que havia desaparecido. “A última vez que o vi”, disse Mme. Annette, “o *m’sieur* almoçou e em seguida saiu com M. Tome.”

Mme. Annette evidentemente se esquecera, pensou Tom, que ela não havia realmente visto Murchison saindo da casa.

“Deseja mais alguma coisa, M. Tome?”, perguntou Mme. Annette.

Mas eles não precisavam de mais nada, e a sra. Murchison aparentemente não tinha mais perguntas. Com certa relutância, Mme. Annette saiu da sala.

“O que vocês acham que aconteceu com meu marido?”, perguntou a sra. Murchison, olhando para Heloise e depois para Tom.

“Se fosse para arriscar um palpite”, disse Tom, “seria o de que alguém sabia que ele estava levando um quadro valioso. Não muito valioso, na verdade, mas era um Derwatt. Suponho que tenha falado sobre o quadro com algumas pessoas em Londres. Se alguém tentasse raptá-lo junto com o quadro, talvez chegassem a ponto de matá-lo. Então teriam de esconder o corpo em algum lugar. Ou melhor... ele está sendo mantido prisioneiro em algum lugar.”

“Mas isso faz parecer que meu marido está certo em pensar que *O relógio* é uma falsificação. Como o senhor diz, o quadro não era muito valioso, talvez porque não é muito grande. Mas talvez eles estejam tentando silenciar a idéia de que Derwatt está sendo falsificado.

“Mas eu não acredito que o quadro de seu marido seja uma falsificação. E *ele* estava em dúvida quando foi embora. Como eu disse a Webster, não acho que Tommy fosse se dar ao trabalho de mostrar o quadro para o especialista em Londres. Não me lembro de ter perguntado isso. Porém me pareceu que ele começou a mudar de idéia depois de ver meus dois quadros. Mas posso estar enganado.”

Silêncio. A sra. Murchison estava tentando achar o que dizer ou perguntar em seguida. A única

coisa importante eram as pessoas ligadas à Galeria Buckmaster, supôs Tom. E como ela poderia perguntar a ele sobre elas?

O táxi chegou.

“Obrigado, senhor Ripley”, disse a sra. Murchison. “E madame. Talvez eu os veja novamente se...”

“Sempre que quiser”, disse Tom. Acompanhou-a até o táxi.

Quando voltou para a sala, Tom caminhou lentamente até o sofá e afundou-se nele. A polícia de Melun não poderia contar à sra. Murchison nada de novo, ou a essa altura dos acontecimentos já teria contado, pensou Tom. Heloise dissera que eles não haviam ligado enquanto ele estava fora. Se a polícia tivesse encontrado o corpo de Murchison no Loing, ou seja lá onde estivesse...

“*Chéri*, você está tão nervoso”, disse Heloise. “Tome alguma coisa.”

“Acho que devo”, disse Tom, servindo-se. Nos jornais de Londres que Tom lera no avião não havia saído nada a respeito do reaparecimento de Derwatt na cidade. Os ingleses aparentemente não achavam aquilo importante. Tom estava contente, porque não queria que Bernard, seja lá onde estivesse, soubesse que, de alguma maneira, ele havia conseguido sair daquela cova. O motivo pelo qual Tom não queria que Bernard soubesse disso estava nebuloso na mente de Tom. Mas tinha algo a ver com o que Tom sentia ser o destino de Bernard.

“Sabe, Tome, os Berthelin nos convidaram para um aperitivo às sete. Acho que iria lhe fazer bem. Eu disse que talvez você já tivesse voltado.”

Os Berthelin moravam em uma cidadezinha a sete quilômetros deles. “Posso...” O telefone interrompeu Tom. Ele fez um gesto indicando que Heloise o atendesse.

“Posso dizer para qualquer um que você está aqui?”

Ele sorriu, satisfeito com a preocupação dela. “Sim. E talvez seja Noëlle pedindo seu conselho sobre o que usar na terça.”

“*Oui*. Sim. *Bonjour*.” Ela sorriu para Tom. “Um momento.” Passou-lhe o telefone. “É um inglês tentando falar francês.”

“Alô, Tom, aqui é Jeff. Você está bem?”

“Ah, perfeitamente.”

Jeff não estava muito bem. A gagueira havia voltado, e ele falava rápido e em voz baixa. Tom teve de pedir que ele falasse mais alto.

“Eu disse que Webster está perguntando sobre Derwatt de novo, quer saber onde ele está. Se foi embora.”

“O que você lhe disse?”

“Disse que não sabia se ele havia ido embora ou não.”

“Você pode dizer a Webster que... ele parecia deprimido e que talvez quisesse ficar sozinho por uns tempos.”

“Acho que talvez Webster queira ver você novamente. Ele está indo se juntar à senhora Murchison. É por isso que estou ligando.”

Tom suspirou. “Quando?”

“Talvez seja hoje. Não sei dizer o que ele está tramando...”

Depois que desligaram, Tom sentiu-se atordoado, e também com raiva, ou irritado. Encarar Webster de novo para quê? Tom preferia sair de casa.

“*Chéri*, o que foi?”

“Não posso ir aos Berthelin”, disse Tom, e riu. Os Berthelin eram o menor de seus problemas. “Querida, preciso ir para Paris esta noite, para Salzburgo amanhã. Talvez Salzburgo esta noite, se

houver um avião. Pode ser que o inspetor Webster telefone esta noite. Você precisa dizer que fui a Paris a negócios, para falar com meu contador, qualquer coisa assim. Você não sabe onde vou ficar. Em algum hotel, você não sabe qual.”

“Mas do que você está fugindo, Tome?”

Tom engasgou. Fugindo? Fugindo de quem? Fugindo para onde? “Não sei.” Ele começou a transpirar. Queria tomar outro banho, mas estava com medo de perder tempo. “Diga a Mme. Annette que precisei sair correndo para Paris.”

Tom subiu e tirou a mala do armário. Iria usar a capa de chuva horrorosa novamente, mudar o repartido do cabelo e tornar-se Robert Mackay mais uma vez. Heloise entrou para ajudá-lo.

“Eu adoraria tomar um banho”, disse Tom, e naquele instante ouviu Heloise ligar o chuveiro em seu banheiro. Tom tirou a roupa rapidamente e entrou correndo no chuveiro. A água estava morna, na temperatura certa.

“Posso ir com você?”

Como ele gostaria que ela fosse! “Querida, o problema é o passaporte. Não posso fazer Mme. Ripley atravessar a fronteira franco-alemã ou austríaca com Robert Mackay. Mackay, *aquele* porco!” Tom saiu do chuveiro.

“O inspetor inglês está vindo por causa de Murchison? Você o matou, *Tome?*” Heloise olhava para ele, franzindo a testa, ansiosa, mas longe da histeria.

Tom percebeu que ela sabia sobre Dickie. Heloise nunca dissera nada, mas ela sabia. Ele bem que poderia contar-lhe, pensou, porque ela poderia ajudar, e de qualquer forma o estado de coisas era tão desesperador que se ele perdesse, ou tropeçasse em algum ponto, tudo estaria acabado, inclusive seu casamento. E se ele fosse como Tom Ripley para Salzburgo? Levando Heloise junto? No entanto, por mais que essa idéia o agradasse, ele não sabia o que teria de fazer em Salzburgo, ou para onde a trilha iria levar dali. Mas ele devia levar os dois passaportes, o seu e o de Mackay.

“Você o matou, Tome? Aqui?”

“Tive de matá-lo para salvar muitas outras pessoas.”

“As pessoas ligadas a Derwatt? Por quê?”, ela começou a falar em francês. “Por que essas pessoas são tão importantes?”

“Derwatt está morto... há anos”, disse Tom. “Murchison ia... denunciar o fato.”

“Ele está *morto?*”

“Sim, e eu me fiz passar por ele duas vezes em Londres”, disse Tom. A palavra em francês soava tão inocente e alegre: ele havia *représenté* Derwatt duas vezes em Londres. “Agora estão procurando Derwatt... talvez agora não tão desesperadamente. Mas as coisas ainda não estão se encaixando direito.”

“Você não andou falsificando esses quadros, não é?”

Tom riu. “Heloise, você me superestima. O falsificador é Bernard, o *fou*. Ele quer parar com tudo. Ah, é muito complicado para explicar.”

“Por que você tem de procurar o *fou* Bernard? Ah, Tome, fique fora disso...”

Tom não escutou o resto do que ela disse. De repente ele sabia que tinha de encontrar Bernard. De repente teve uma visão. Tom pegou a mala. “Eu já vou, meu anjo. Você pode me levar até Melun? Sem passar perto da polícia, por favor?”

Lá embaixo, Mme. Annette estava na cozinha, e Tom despediu-se apressadamente dela, evitando que ela visse que repartira o cabelo de maneira diferente. A capa feia, mas que talvez desse sorte, estava em seu braço.

Tom prometeu mandar notícias a Heloise, embora fosse assinar um nome diferente em qualquer telegrama que enviasse. Eles se beijaram no Alfa-Romeo, e Tom deixou o conforto dos braços dela para embarcar em um vagão da primeira classe para Paris.

Em Paris ele descobriu que não havia nenhum avião direto para Salzburgo, e apenas um vôo diário que serviria, no qual ele precisaria mudar de avião em Frankfurt para chegar a Salzburgo. O avião para Frankfurt saía todos os dias às duas e quarenta da tarde. Tom ficou em um hotel não muito longe da Gare de Lyon. Pouco antes da meia-noite, ele arriscou um telefonema para Heloise. Não conseguia suportar a idéia de ela estar na casa sozinha, possivelmente enfrentando Webster, sem saber onde ele estava. Ela havia dito que não iria à casa dos Berthelin.

“Alô, querida. Se Webster estiver aí, diga que foi engano e desligue”, disse Tom.

“*M’sieur*, acho que o senhor discou o número errado”, disse Heloise, e desligou o telefone.

O ânimo de Tom afundou, seus joelhos amoleceram e ele se sentou na cama do hotel.

Arrependeu-se de ter ligado para ela. Era melhor trabalhar sozinho, sempre. Com certeza Webster iria perceber, ou suspeitar, que era ele quem havia telefonado.

Pelo que Heloise estaria passando agora? Será que fora melhor ter lhe contado a verdade ou não?

Pela manhã, Tom comprou sua passagem de avião, e por volta das duas e vinte estava em Orly. Se Bernard não estivesse em Salzburgo, onde estaria então? Roma? Tom esperava que não. Seria difícil achar alguém em Roma. Tom manteve a cabeça baixa e não olhou à sua volta em Orly, porque era possível que Webster tivesse chamado alguém de Londres para procurá-lo. Isso dependia da gravidade da situação, que Tom não sabia qual era. Por que Webster queria falar com *ele* novamente? Será que Webster suspeitava que ele se fizera passar por Derwatt? Se fosse assim, a segunda vez, com um passaporte diferente para entrar e sair da Inglaterra, era um pequeno ponto a seu favor: pelo menos Tom Ripley não havia estado em Londres na segunda vez.

Depois de uma hora de espera no terminal em Frankfurt, Tom embarcou em um quadrimotor das Austrian Airlines com o encantador nome de *Johann Strauss* escrito na fuselagem. No terminal de Salzburgo, começou a se sentir mais seguro. Tomou um ônibus até Mirabeleplatz, e uma vez que pretendia se hospedar no Goldener Hirsch, achou melhor telefonar antes, porque era o melhor hotel e estava sempre cheio. Tinham um apartamento disponível. Tom usou seu nome, Thomas Ripley. Decidiu caminhar até o hotel, porque a distância não era longa. Já havia estado em Salzburgo duas vezes, uma delas com Heloise. Nas calçadas havia alguns homens com chapéus tiroleses e *Lederhosen*, vestidos totalmente a caráter, inclusive com as facas de caça nas meias que chegavam aos joelhos. Hotéis grandes e antigos, que Tom lembrava ter visto em outras viagens, expunham seus cardápios em grandes placas ao lado da porta de entrada: refeições completas incluindo *Wienerschnitzeli* por vinte e cinco e trinta xelins.

E havia o rio Salzach e a ponte principal — chamava-se Staatsbrücke? — e algumas outras pontes menores à vista. Tom foi para a ponte principal. Olhava em toda parte, à procura da figura lúgubre e provavelmente recurvada de Bernard. O rio cinzento corria rapidamente, e havia pedras de tamanho considerável nas duas margens verdes, nas quais a água espumava. Era fim de tarde, pouco depois das seis. As luzes começaram a se acender irregularmente na metade mais antiga da cidade para onde ele ia, estendendo-se para o alto como constelações sobre a grande colina de Feste Hohensalzburg e sobre a Mönchsberg. Tom entrou em uma ruazinha estreita que levava à Getreidegasse.

O quarto de Tom tinha vista para a Sigmundplatz no fundo do hotel: à direita ficava a fonte dos cavalos com um pequeno penhasco rochoso atrás, e na frente um poço ornamentado. Tom lembrou-se de que de manhã eles vendiam frutas e legumes em carrinhos de mão ali. Tom respirou por alguns minutos, abriu a mala e andou de meia pelo assoalho de pinho imaculadamente polido. Na mobília predominava o verde-austriaco, as paredes eram brancas, as janelas duplas com vãos profundos. Ah, Áustria! Agora era descer e tomar um Doppelpresso no Café Tomaselli a alguns metros dali. E talvez essa não fosse uma má idéia, pois era um café grande e Bernard poderia estar lá.

Mas Tom tomou um licor Slivowitz no Tomaselli, porque não era hora para café. Bernard não estava lá. Havia jornais em diversas línguas presos a estantes giratórias, e Tom deu uma olhada no *Times* de Londres e no *Herald Tribune* de Paris, sem encontrar nada sobre Bernard (não que ele esperasse encontrar algo no *Herald Tribune*), nem sobre Thomas Murchison, nem sobre a visita

da mulher dele a Londres ou à França. Muito bom.

Tom saiu andando, atravessou novamente a Staatsbrücke e subiu a Linzergasse, a principal rua que saía dela. Eram nove horas da noite. Bernard, se estivesse lá, estaria hospedado em um hotel mediano, pensou Tom, com igual probabilidade de estar deste lado do Salzach ou do outro. E estaria ali havia dois ou três dias. Tom olhou as vitrines que exibiam facas de caça, amassadores de alho, barbeadores e vitrines cheias de roupas tirolesas — blusas brancas franzidas, saias camponesas com corpete. Todas as lojas estavam fechadas. Tom tentou as ruas de trás. Algumas nem chegavam a ser ruas, eram becos estreitos e sem iluminação com portas fechadas de ambos os lados. Perto das dez horas, Tom estava com fome e entrou em um restaurante do lado direito da Linzergrasse. Mais tarde voltou por um caminho diferente até chegar no Café Tomaselli, onde pretendia passar uma hora. Na rua de seu hotel, a Getreidegasse, também ficava a casa onde Mozart havia nascido. Talvez Bernard, se estava vagando por Salzburgo, freqüentasse essa área. Mais vinte e quatro horas para a busca, disse Tom para si mesmo.

Não deu sorte no Tomaselli. A clientela parecia ser de freqüentadores habituais, moradores de Salzburgo, famílias apreciando enormes fatias de bolo acompanhadas de expressos com creme, ou copos de Himbersaift rosado. Tom estava impaciente, entediado com os jornais, frustrado por não ter achado Bernard, com raiva — porque estava cansado. Voltou para o hotel.

Tom voltou para as ruas às nove e meia da manhã, e na “margem direita” de Salzburgo, a metade nova, ele andou em ziguezague, procurando Bernard, parando de vez em quando para olhar uma vitrine. Tom voltou na direção do rio, com a idéia de visitar o Museu Mozart na rua de seu hotel. Atravessou a Dreifaltigkeitsgasse em direção à Linzergasse, e, ao se aproximar da Staatsbrücke, viu Bernard saindo da ponte do outro lado da rua.

A cabeça de Bernard estava abaixada e ele quase foi atingido por um carro. Tom, que queria segui-lo, foi retido por um semáforo que demorou demais para abrir, mas isso não teve importância, porque Bernard estava à plena vista. A capa de Bernard estava mais suja, e o cinto pendia de um dos passantes quase se arrastando no chão. Ele quase parecia um mendigo. Tom atravessou a rua e manteve-se uns dez metros atrás, pronto para acelerar o passo se Bernard virasse uma esquina, porque não queria que ele desaparecesse em um hotelzinho em alguma ruela onde havia pelo menos uns três ou quatro hotéis.

“Está ocupado agora, meu bem?”, perguntou uma voz feminina em inglês.

Assustado, Tom olhou para o rosto da loira assanhada que estava parada em uma porta. Tom apressou o passo. Meu Deus, será que ele parecia estar tão desesperado, ou tão louco naquela capa verde? Às dez da manhã!

Bernard continuou andando pela Linzergasse. Então Bernard atravessou a rua e meio quarteirão para a frente entrou em uma porta sobre a qual havia uma placa: *Zimmer und Pension*. Uma porta pardacenta. Tom parou na calçada do outro lado. O lugar era chamado Der Blaue alguma coisa. A placa estava gasta. Pelo menos Tom sabia onde Bernard estava hospedado. E ele havia acertado! Bernard estava em Salzburgo! Tom congratulou-se por sua intuição. Ou será que só agora Bernard estava arranjando um quarto?

Não, era evidente que ele estava hospedado no Blaue qualquer coisa, porque não voltou para a rua nos minutos seguintes, e não estava carregando sua mochila. Tom esperou, e foi uma espera desgastante, porque não havia nenhum café por perto de onde ele pudesse observar a porta. E, ao mesmo tempo, Tom precisava se manter escondido, porque Bernard poderia aparecer em uma das janelas da frente do estabelecimento e vê-lo. Mas de alguma maneira as pessoas que se pareciam com Bernard nunca conseguiam um quarto com vista para a rua. Mesmo assim, Tom se

escondeu e teve de esperar até quase às onze horas.

Então Bernard saiu, barbeado agora, e foi para a direita como se tivesse um destino certo.

Tom seguiu-o discretamente e acendeu um Gauloise. Passaram pela ponte principal de novo. Seguiram pela rua por onde Tom havia passado no dia anterior, e então Bernard virou à direita na Getreidegasse. Tom pôde ver-lhe o perfil anguloso, bonito até, a boca firme e uma cavidade que criava uma sombra no rosto azeitonado. Suas botas estavam nas últimas. Bernard estava indo para o Museu Mozart. A entrada custava doze xelins. Tom levantou a gola da capa e entrou.

A entrada era paga em uma sala no final do primeiro lance de escadas. Ali havia caixas de vidro cheias de manuscritos e programas de ópera. Tom procurou por Bernard na sala principal e, como não o encontrou, supôs que ele estivesse no andar seguinte, que Tom se lembrava terem sido os aposentos da família Mozart. Tom foi para o segundo.

Bernard estava inclinado sobre o teclado do clavicórdio de Mozart, um teclado protegido por um painel de vidro contra qualquer um que quisesse tocar uma das teclas. Tom se perguntou quantas vezes Bernard teria olhado para o instrumento.

Havia apenas cinco ou seis pessoas andando pelo museu, pelo menos naquele andar, e Tom tinha de ser cuidadoso. Na verdade, em determinado momento precisou entrar atrás de uma porta para que Bernard não o visse caso olhasse naquela direção. Tom percebeu que o que queria realmente fazer era observar Bernard para tentar descobrir qual era seu estado de espírito. Ou — Tom tentou ser honesto consigo mesmo — será que estava apenas curioso e surpreso, porque por pouco tempo poderia observar alguém que conhecia superficialmente, alguém que estava em crise, que não tinha consciência da presença dele? Bernard entrou em uma outra sala no mesmo andar.

Por fim, Tom seguiu Bernard em direção ao próximo e último lance de escadas. Mais caixas de vidro. (Na sala do clavicórdio havia um lugar, um canto marcado, onde ficava o berço de Mozart, mas sem o berço. Era uma pena que não tivessem colocado ao menos uma réplica no lugar.) As escadas tinham corrimãos finos de ferro. As janelas eram dispostas em ângulos, e Tom, maravilhado como sempre por Mozart, imaginou qual era a vista que a família Mozart tinha daquelas janelas. Certamente não era a cornija de outro prédio a quatro metros de distância. As miniaturas de palco — uma infinidade de *Idomeneo*, *Così Fan Tutte* — eram aborrecidas e muito malfeitas, mas Bernard passeou por elas, olhando-as de forma atenta.

Bernard inesperadamente virou a cabeça na direção de Tom — e Tom ficou parado na porta. Entreolharam-se. Então Tom deu um passo para trás e moveu-se para a direita, o que o colocou atrás de uma passagem e em outra sala, uma sala da frente. Tom começou a respirar de novo. Fora um momento estranho, porque o rosto de Bernard...

Tom não ousou continuar parado para pensar, descendo a escada no mesmo instante. Só ficou à vontade, e mesmo assim não muito, quando estava na movimentada Getreidegasse, ao ar livre. Tom pegou a ruela na direção do rio. Será que Bernard ia tentar segui-lo? Tom abaixou a cabeça e apressou o passo.

A expressão de Bernard fora de descrença e, depois de uma fração de segundo, de medo, como se tivesse visto um fantasma.

Tom percebeu que era exatamente aquilo que Bernard pensara ter visto: um fantasma. Um fantasma de Tom Ripley, o homem que ele havia matado.

Tom virou-se de repente e começou a andar de volta para a Mozarthaus, porque lhe ocorrera que Bernard talvez pudesse sair da cidade, e Tom não queria que isso acontecesse sem que ele soubesse para onde estava indo. Será que ele deveria cumprimentar Bernard, caso o encontrasse

agora na calçada? Tom esperou alguns minutos do outro lado da rua do Museu Mozart, e como Bernard não apareceu, começou a andar na direção da pensão em que Bernard estava hospedado. Tom não o viu no caminho, e quando estava se aproximando da pensão, viu Bernard caminhando rapidamente do outro lado da Linzenrgasse, o lado da pensão. Bernard entrou na pensão. Durante quase meia hora, Tom esperou, e então decidiu que Bernard não iria sair de novo por algum tempo. Ou talvez Tom estivesse disposto a arriscar a saída de Bernard, ele mesmo não sabia. Como ele queria um café! Foi até um hotel que servia café no bar. Tomou também uma decisão, e quando saiu do bar, foi direto para a pensão de Bernard com a idéia de pedir à portaria que dissesse a *Her* Tufts que Tom Ripley estava lá embaixo e queria falar com ele.

Mas Tom não conseguiu passar da modesta entrada pardacenta. Ele havia colocado o pé na soleira, mas recuou para a calçada, sentindo-se momentaneamente atordoado. É a indecisão, disse a si próprio. Nada mais. Mas Tom voltou para seu hotel do outro lado do rio. Atravessou o confortável saguão do Goldener Hirsch, onde o porteiro de uniforme cinza e verde imediatamente entregou-lhe sua chave. Tom pegou o elevador automático para o terceiro andar e entrou no quarto. Tirou a capa horrorosa e esvaziou os bolsos — cigarros, fósforos, moedas austríacas misturadas com as francesas. Separou as moedas, jogando as francesas em um compartimento da mala. Então tirou a roupa e caiu na cama. Não havia percebido o quanto estava cansado.

Quando acordou já passava das duas da tarde, e o sol estava brilhando. Tom saiu para caminhar. Não procurou por Bernard, mas passeou pela cidade como qualquer outro turista, ou talvez não como turista, porque não tinha nenhum objetivo. O que Bernard estava fazendo lá? Durante quanto tempo iria ficar? Tom sentia-se bastante desperto, mas não sabia o que deveria fazer. Abordar Bernard e lhe dizer que Cynthia queria falar com ele? Será que ele deveria conversar com Bernard e tentar convencê-lo — de quê?

Entre quatro e cinco da tarde, Tom começou a sentir uma depressão. Havia tomado café e um Steinhäger em algum lugar. Estava longe, rio acima, além de Hohensalzburg, mas ainda no cais do lado antigo da cidade. Pensava nas mudanças em Jeff, Ed e agora Bernard desde o início da fraude de Derwatt. E Cynthia tornara-se infeliz, o curso de sua vida havia mudado por causa da Derwatt Ltd. — e para Tom, isso parecia mais importante do que as vidas dos três homens envolvidos. A essa altura, Cynthia teria se casado com Bernard e talvez até tivessem filhos, e embora Bernard estivesse igualmente envolvido, era impossível para Tom dizer por que a alteração na vida de Cynthia era mais importante do que aquela na vida de Bernard. Apenas Jeff e Ed estavam corados e bem de vida, suas vidas mudadas em muito para melhor. Bernard parecia exausto. Aos trinta e três ou trinta e quatro anos.

Tom pensara em jantar no restaurante de seu hotel, também considerado o melhor restaurante de Salzburgo, mas percebeu que não estava com disposição para a comida e o ambiente finos de lá, então subiu a Getreidegasse, passando pelo Gstättentor, um portal antigo e estreito, com espaço suficiente para passar apenas um carro, um dos portais originais da cidade, aos pés do Mönchsberg, que assomava ao seu lado. A rua que saía do portal era igualmente estreita e bastante escura. Deveria haver algum restaurante pequeno por ali, pensou Tom. Viu dois lugares com cardápios praticamente idênticos do lado de fora: vinte e seis schillings pela sopa do dia, Weiner schnitzel com batatas, salada, sobremesa. Tom entrou no segundo, que tinha uma placa no formato de uma lanterna na frente, o Café Eigler, ou algo assim.

Duas garçonetes negras de uniforme vermelho estavam sentadas com fregueses homens em uma das mesas. Havia uma vitrola automática tocando e a luz era fraca. Será que era um prostíbulo, uma espelunca de programas, ou apenas um restaurante barato? Tom mal havia

entrado no lugar quando viu Bernard em uma mesa sozinho, inclinado sobre seu prato de sopa. Tom hesitou.

Bernard ergueu os olhos em sua direção.

Tom se parecia consigo próprio agora, com um paletó de tweed, o cachecol em volta do pescoço contra o vento gelado — o mesmo cachecol cheio de sangue que Heloise havia lavado no hotel em Paris. Tom estava prestes a se aproximar, ia estender a mão, sorrindo, quando Bernard levantou-se com uma expressão de pavor no rosto.

As duas garçonetes rechonchudas olharam de Bernard para Tom. Tom viu uma das garçonetes se levantar com o que parecia ser a lentidão da África, com a intenção óbvia de perguntar a Bernard se, por acaso, havia algum problema, porque ele parecia ter engolido alguma coisa que ia matá-lo.

Bernard fez um gesto negativo com a mão, rapidamente — dirigido à garçonne ou a ele?, pensou Tom.

Tom deu meia-volta e atravessou a porta interna (o lugar tinha uma porta a mais, de proteção contra o inverno), então saiu na calçada. Enfiou as mãos nos bolsos e abaixou a cabeça, como o próprio Bernard, enquanto fazia o caminho de volta através do Gstättertor, em direção à parte mais iluminada da cidade. Tom se perguntou se havia errado. Será que ele deveria simplesmente ter avançado? Mas Tom sentira que Bernard iria gritar.

Tom passou na frente de seu hotel e na esquina seguinte virou à direita. O Tomaselli estava alguns metros adiante. Se Bernard o estivesse seguindo — Tom tinha certeza de que Bernard ia sair daquele restaurante —, se Bernard quisesse encontrá-lo ali, tudo bem. Mas Tom sabia que era algo diferente. Bernard realmente pensava estar tendo uma visão. Então Tom sentou-se a uma mesa bem visível, pediu um sanduíche, uma garrafa de vinho branco e ficou lendo os jornais.

Bernard não apareceu.

A grande entrada com batente de madeira ficava embaixo de um varão de metal que sustentava uma cortina verde, e sempre que a cortina se mexia, Tom erguia os olhos, mas a pessoa que entrava nunca era Bernard.

Se Bernard entrasse e andasse na direção dele, seria porque queria se certificar de que ele era real. Isso era lógico. (O problema é que Bernard provavelmente não estava fazendo nada lógico.) Tom diria: “Sente-se e tome vinho comigo. Não sou um fantasma, está vendo? Falei com Cynthia. Ela quer ver você novamente”. *A idéia era tirar Bernard daquilo.*

Mas Tom duvidava de que conseguiria.

No dia seguinte, terça-feira, Tom tomou outra decisão: falar com Bernard, de uma maneira ou de outra, mesmo que precisasse atacá-lo. Também ia tentar fazer Bernard voltar para Londres. Bernard devia ter alguns amigos lá, além de Jeff e Ed, a quem ele provavelmente evitaria. A mãe de Bernard não continuava a morar lá? Tom não tinha certeza. Mas sentiu que precisava fazer alguma coisa, porque o ar de tristeza de Bernard era lamentável. Cada vez que o via, Tom sentia uma estranha dor: era como se visse alguém que já estivesse lutando contra os sofrimentos da morte, embora ainda estivesse andando por aí.

Então, às onze da manhã, Tom foi até o Blaue qualquer coisa e falou com uma mulher de cabelo escuro de uns cinqüenta anos que estava na recepção. “Com licença, um homem chamado Bernard Tufts... *ein Engländer*... está hospedado aqui?”, perguntou Tom em alemão.

Os olhos da mulher se arregalaram. “Sim, mas ele acabou de ir embora. Mais ou menos uma hora atrás.”

“Ele disse para onde estava indo?”

Bernard não dissera nada. Tom agradeceu à mulher e sentiu os olhos dela seguindo-o enquanto ele saía do hotel, olhando fixamente para ele como se fosse tão estranho quanto Bernard, apenas pelo fato de conhecê-lo.

Tom pegou um táxi até a estação ferroviária. Provavelmente havia poucos aviões saindo do aeroporto de Salzburgo, que era pequeno. E trens eram mais baratos do que aviões. Tom não encontrou Bernard na estação. Olhou nas plataformas e no restaurante. Ele então caminhou de volta na direção do rio e do centro da cidade, atento para ver se encontrava Bernard, um homem com uma capa bege rota carregando uma mochila. Por volta de duas da tarde Tom pegou um táxi até o aeroporto, para o caso de Bernard ter ido para Frankfurt. Também não teve sorte.

Já passava das três quando Tom o viu. Bernard estava em uma das pontes sobre o rio, uma das pontes menores que tinham um corrimão e mão única. Bernard estava apoiado nos antebraços, olhando para baixo. A mochila estava a seus pés. Tom ainda não havia começado a atravessar a ponte. Tinha visto Bernard de longe. Será que ele estava pensando em pular dali? O cabelo de Bernard movimentava-se com o vento. Ele ia se matar, percebeu Tom. Talvez não naquele instante. Talvez desse uma volta e retornasse dali a uma, talvez duas horas. Quem sabe à noite. Duas mulheres, que passaram por Bernard, olharam para ele com curiosidade. Quando as mulheres já haviam passado, Tom caminhou na direção de Bernard, o passo nem rápido, nem lento. Lá embaixo, o rio espumava ligeiro sobre as rochas que recobriam suas margens. Tom nunca vira um barco naquele rio, até onde podia se lembrar. O Salzach talvez fosse muito raso. A uma distância de uns quatro metros, Tom estava pronto para dizer o nome de Bernard, quando Bernard virou a cabeça para a esquerda e o viu.

Bernard endireitou o corpo de repente, e Tom teve a impressão de que a expressão contemplativa dele não mudou ao vê-lo, mas Bernard pegou a mochila do chão.

“Bernard!”, disse Tom, no exato instante em que uma motocicleta barulhenta puxando um carrinho passou por eles, e Tom receou que Bernard não tivesse ouvido. “*Bernard!*”

Bernard saiu correndo.

“*Bernard!*” Tom colidiu com uma mulher e a teria derrubado se ela não tivesse se agarrado no corrimão. “Oh!... desculpe!”, disse Tom. Ele repetiu em alemão e pegou o pacote que a mulher havia deixado cair.

Ela respondeu alguma coisa para ele, algo sobre um “jogador de futebol”.

Tom seguiu em frente, correndo. Bernard estava à vista. Tom franziu a testa, envergonhado e irritado. Sentiu uma raiva repentina de Bernard. Isso fez com que ficasse tenso por um momento, mas então a emoção se diluiu. Bernard estava caminhando rapidamente, sem olhar para trás. Havia certa loucura na maneira como Bernard andava, com passadas nervosas, mas regulares, que Tom sentia que ele poderia manter por horas, até cair no chão de repente. Ou será que ele simplesmente iria cair? Tom pensou que era curioso achar que Bernard se parecia tanto com um fantasma quanto Bernard parecia achar que ele se parecia.

Bernard começou a zigzaguear a esmo pelas ruas, mas se manteve perto do rio. Andaram durante meia hora, e já estavam fora da cidade propriamente dita. As ruas eram raras agora, com uma ou outra floricultura, bosques, jardins, uma residência, um pequeno café e confeitaria com um terraço vazio naquela hora e que dava vista para o rio. Por fim, Bernard entrou em um desses lugares.

Tom diminuiu o passo. Não estava cansado nem sem fôlego depois dessa caminhada a passos rápidos. Sentiu-se estranho. Apenas o frescor do vento em sua testa fazia com que se lembrasse que ainda estava entre os vivos.

O café quadrado tinha paredes envidraçadas, e Tom pôde ver que Bernard estava sentado em uma mesa com um copo de vinho tinto à sua frente. O lugar estava vazio, a não ser por uma garçonete magricela e idosa, com um uniforme preto e um avental branco. Tom sorriu, aliviado, e, sem pensar em nada, abriu a porta e entrou. Agora Bernard olhou para ele como se estivesse um pouco surpreso, confuso (Bernard estava franzindo a testa), mas não havia o mesmo pavor em sua expressão.

Tom sorriu um pouco e fez um sinal com a cabeça. Não sabia por que havia feito esse sinal. Era um cumprimento? Era uma afirmação? Se fosse, era uma afirmação de quê? Tom imaginou-se puxando uma cadeira, sentando-se com Bernard e dizendo: “Bernard, eu não sou um fantasma. Não havia muita terra sobre mim e eu consegui cavar até sair. Engraçado, não? Acabei de voltar de Londres e vi Cynthia. Ela disse que...”. E imaginou-se também levantando um copo de vinho, dando um tapinha na manga da capa de Bernard, e Bernard saberia que Tom era real. Mas isso não estava acontecendo. A expressão de Bernard mudou e agora era de profundo cansaço e, pensou Tom, de hostilidade. Tom sentiu novamente uma leve pontada de raiva. Endireitou o corpo, abriu a porta atrás de si e saiu com leveza e elegância, ainda que andando para trás.

Aquilo fora bastante deliberado de sua parte, percebeu Tom.

A garçonete de uniforme preto não havia olhado para Tom, porque provavelmente não o vira. Estava entretida com alguma coisa no balcão à direita de Tom.

Tom atravessou a rua, afastando-se do café onde Bernard estava e afastando-se mais ainda de Salzburgo. O café ficava do lado da rua oposto ao rio, de forma que Tom estava agora bastante próximo do rio e de sua margem. Havia uma cabine telefônica envidraçada perto do meio-fio e Tom se escondeu atrás dela. Acendeu um cigarro francês.

Bernard saiu do café, e Tom deu a volta lentamente em torno da cabine, mantendo-a entre ele e Bernard. Bernard estava procurando por ele, mas seu olhar parecia apenas nervoso, como se não esperasse realmente ver Tom. De qualquer forma, Bernard não o viu e seguiu andando com rapidez em uma direção que o afastava da cidade de Salzburgo e do lado da rua oposto ao rio.

Tom esperou um pouco e o seguiu.

As montanhas erguiam-se à frente, cortadas pelo Salzach que se estreitava, montanhas cobertas por árvores verde-escuras, principalmente pinheiros. Ainda estavam andando sobre uma calçada, mas Tom podia ver onde ela terminava mais à frente, e a rua se transformava em uma estrada de duas pistas. Será que Bernard, com sua energia maluca, ia caminhar até subir em alguma montanha? Bernard olhou para trás uma ou duas vezes, e Tom manteve-se fora de vista — pelo menos de uma olhada rápida —, e sabia pelo comportamento de Bernard que não estava sendo visto.

Deviam estar a oito quilômetros de Salzburgo, pensou Tom, e parou para enxugar a testa e soltar a gravata sob o cachecol. Bernard desapareceu de vista depois de uma curva na estrada, e Tom continuou andando. Na verdade, Tom correu, pensando, como ocorrera em Salzburgo, que Bernard poderia entrar à direita ou à esquerda e desaparecer em algum lugar em que ele não pudesse encontrá-lo.

Tom o viu. Bernard olhou para trás naquele instante, e Tom parou e abriu os braços para ser visto melhor. Mas Bernard virou-se tão rapidamente quanto se virara muitas outras vezes antes, e Tom ficou com uma sensação de dúvida: será que Bernard o vira ou não? Fazia alguma diferença? Tom continuou andando. Bernard tinha desaparecido novamente em uma curva, e mais uma vez Tom saiu correndo. Quando Tom chegou na próxima parte reta da estrada, Bernard não estava à vista, então Tom parou e ficou com o ouvido atento, para o caso de Bernard ter entrado na floresta. Tudo que ouviu foi o pio de alguns pássaros e os sinos de uma igreja à distância.

Então, à sua esquerda, Tom ouviu um fraco som de galhos sendo quebrados, que logo parou. Tom andou alguns metros floresta adentro e ficou ouvindo.

“*Bernard!*”, gritou Tom, a voz rouca. Com certeza Bernard ouvira aquilo.

O silêncio parecia ser absoluto. Será que Bernard estava hesitando?

E então ouviu-se um baque distante. Ou teria sido a imaginação de Tom?

Tom entrou mais ainda na floresta. Uns vinte metros mais adiante havia um declive na direção do rio, e logo em seguida um penhasco de rochas cinzentas, a uma altura de uns quinze ou vinte metros, talvez mais. Em cima desse penhasco estava a mochila de Bernard, e Tom percebeu imediatamente o que havia acontecido. Tom aproximou-se, tentando ouvir algo diferente, mas até mesmo os pássaros pareciam ter silenciado agora. Na beirada do penhasco, Tom olhou para baixo. Não era escarpado, e Bernard precisaria ter andado ou caído sobre um declive de pedras antes de ter pulado, ou simplesmente tropeçara e caíra.

“*Bernard!*”

Tom moveu-se para a esquerda, onde era mais seguro para olhar. Agarrando-se a uma pequena árvore e com outra diante de si para o caso de escorregar e precisar segurar em algo, Tom olhou para baixo e viu uma forma alongada, cinzenta, sobre as pedras lá embaixo, um dos braços estendido. Era algo como uma queda de quatro andares, e sobre pedras. Bernard não estava se mexendo. Tom voltou para um lugar mais seguro.

Pegou a mochila absurdamente leve que estava no chão.

Passaram-se alguns momentos antes que Tom pudesse pensar em qualquer coisa. Ainda estava segurando a mochila.

Será que alguém iria encontrar Bernard? Do rio, será que alguém conseguiria vê-lo? Mas quem é que passava pelo rio? Era improvável que algum andarilho o visse ou encontrasse, pelo menos não tão cedo. Tom não conseguiria aproximar-se de Bernard agora, não conseguiria olhar para ele. Sabia que estava morto.

Aquele fora um assassinato curioso.

Tom caminhou pela estrada em declive em direção a Salzburgo e não encontrou ninguém. Em algum lugar perto da cidade, Tom viu um ônibus e fez sinal para que parasse. Não tinha muita idéia sobre onde estava, mas o ônibus parecia estar indo na direção de Salzburgo.

O motorista perguntou a Tom se ele estava indo para determinado lugar, um nome que Tom não conhecia.

“Mais perto de Salzburgo”, disse Tom.

O motorista cobrou alguns xelins dele.

Tom desceu logo que reconheceu um lugar. Então começou a andar. Por fim, atravessou com dificuldade a Residenzplatz, depois entrou na Getreidegasse, carregando a mochila de Bernard.

Entrou no Goldener Hirsch e respirou o agradável odor de cera de móveis, o aroma do conforto e da tranqüilidade.

“Boa noite, senhor”, disse o porteiro, entregando-lhe a chave.

Tom acordou de um sonho de frustração no qual umas oito pessoas (apenas uma das quais era conhecida, Jeff Constant) em uma casa riam e zombavam dele, porque nada dava certo para ele, estava atrasado para alguma coisa, tinha dificuldade de pagar uma conta que devia, estava de cueca quando deveria estar de calça, havia se esquecido de um compromisso importante. A depressão causada pelo sonho perdurou alguns minutos depois que se sentou na cama. Tom estendeu a mão e tocou a madeira grossa e polida do criado-mudo.

Então pediu um café-da-manhã completo.

Os primeiros goles de café ajudaram. Ele estivera vacilando entre fazer alguma coisa a respeito de Bernard — o quê? — e telefonar para Jeff e Ed para lhes contar o que havia acontecido. Jeff poderia ser mais articulado, mas Tom não acreditava que ele ou Ed teriam alguma idéia sobre o que fazer em seguida. Tom sentiu-se ansioso, o tipo de ansiedade que não o levava a parte alguma. A razão pela qual ele precisava falar com Jeff e Ed era simplesmente que ele se sentia assustado e sozinho.

Em vez de ficar esperando em uma agência do correio barulhenta e cheia de gente, Tom deu o número de Jeff em Londres para a telefonista. A meia hora seguinte durante a qual ele esperou a chamada ser completada representou um limbo estranho, mas não desagradável. Tom começou a perceber que havia desejado ou induzido o suicídio de Bernard, embora ao mesmo tempo, desde que havia descoberto que Bernard ia se matar, não pudesse acusar-se de forçar Bernard ao suicídio. Ao contrário, Tom havia se mostrado bastante vivo — muitas vezes —, a menos que Bernard tivesse preferido ver um fantasma. Além disso, o suicídio de Bernard não tinha muito, ou talvez nada, a ver com a crença de Tom de que o havia matado. Bernard não havia se enforcado simbolicamente na adega de Tom, alguns dias antes de atacá-lo no bosque?

Tom também percebeu que precisava do cadáver de Bernard, e que no fundo ele já vinha pensando nisso. Se usasse o cadáver como se fosse o de Derwatt, isso deixaria em aberto a questão do que teria acontecido a Bernard Tufts. Esse problema seria resolvido depois, pensou Tom.

O telefone tocou e Tom correu para atender. Jeff falou.

“É Tom falando, de Salzburgo. Pode me ouvir?”

A ligação estava excelente.

“Bernard... Bernard morreu. Em um penhasco. Ele pulou.”

“Você está brincando. Ele se matou?”

“Não estou brincando, eu o vi. O que está acontecendo em Londres?”

“Eles estão... a polícia está procurando Derwatt. Não sabem onde ele está em Londres ou... ou em nenhum lugar”, disse Jeff, gaguejando.

“Precisamos dar um fim em Derwatt”, disse Tom, “e esta é uma boa chance para fazê-lo. Não fale na morte de Bernard para a polícia.”

Jeff não entendeu.

O resto da conversa foi estranho, porque Tom não podia contar a Jeff o que pretendia fazer. Tom informou que de alguma forma iria tirar os restos mortais de Bernard da Áustria,

possivelmente levando-os à França.

“Você quer dizer... Onde ele está? Ele ainda está no lugar?”

“Ninguém o viu. Eu mesmo vou ter de fazer tudo”, disse Tom com uma paciência que chegava a ser trabalhosa e incômoda, tentando responder às perguntas abruptas e mal elaboradas de Jeff, como se ele tivesse incinerado a si próprio ou quisesse ser incinerado. “Não tem outro jeito, ou tem?” Não, se quisesse salvar a Derwatt Ltd. mais uma vez.

“Acho que não.” Jeff, prestativo como sempre.

“Eu logo vou informar à polícia francesa, e Webster se ainda estiver por aí”, disse Tom com mais firmeza.

“Ah, Webster voltou. Estão procurando Derwatt *aqui*, e um sujeito, um detetive à paisana, sugeriu ontem que alguém poderia ter se passado por Derwatt.”

“Pensaram em mim a esse respeito?”, perguntou Tom ansiosamente, mas com certo desafio na voz.

“Não, não pensaram, Tom. Acho que não. Mas alguém... não tenho certeza se foi Webster... disse que eles estavam querendo saber onde você estaria em Paris”, acrescentou Jeff. “Acho que investigaram nos hotéis de Paris.”

“Neste momento”, disse Tom, “você não sabe onde *eu* estou, naturalmente, e precisa dizer que Derwatt parecia deprimido. Você não tem a menor idéia sobre aonde ele pode ter ido.”

Segundos depois desligaram. Se a polícia investigasse mais tarde o que Tom andara fazendo em Salzburgo e descobrisse essa ligação em sua conta, Tom diria que havia ligado para falar sobre Derwatt. Precisaria inventar uma história de que havia seguido Derwatt até Salzburgo, por algum motivo. Bernard também teria de aparecer na história. E se, por exemplo, Derwatt...

Derwatt, deprimido e perturbado pelo desaparecimento e pela possível morte de Murchison, teria ligado para Tom Ripley em Belle Ombre. Derwatt também poderia ter ficado sabendo, por intermédio de Jeff e Ed, que Bernard havia visitado Belle Ombre. Derwatt teria proposto que se encontrassem em Salzburgo, que Derwatt pretendia visitar. (Ou talvez Tom pudesse atribuir a Bernard a sugestão de Salzburgo.) Tom diria que se encontrara umas duas ou três vezes com Derwatt em Salzburgo, provavelmente com Bernard. Derwatt estava deprimido. Por qual motivo, em particular? Bem, Derwatt não contara tudo a Tom. Derwatt falara pouco sobre o México, mas havia perguntado sobre Murchison, e dissera que sua viagem a Londres fora um erro. Em Salzburgo, Derwatt insistira em ir a lugares fora de mão para tomar café, ou um prato de *gulyassuppe*, ou uma garrafa de Grinzing. Fiel a sua personalidade, Derwatt não dissera a Tom onde estava hospedado em Salzburgo, sempre deixava Tom e ia embora sozinho do lugar onde se despediam. Tom achava que ele estava hospedado em algum lugar usando um nome diferente.

Tom diria que não quisera contar nem mesmo a Heloise que estava indo para Salzburgo para encontrar Derwatt.

A história, até aí, encaixava-se bem.

Tom abriu sua janela para a Sigmundsplatz, que agora estava cheia de carros exibindo enormes rabanetes brancos, maçãs e laranjas reluzentes. As pessoas mergulhavam salsichas compridas em pratos de papel com mostarda.

Talvez agora ele pudesse encarar a mochila de Bernard. Tom ajoelhou-se no chão e abriu o zíper. Uma camisa puída estava por cima de tudo. Embaixo havia cuecas e uma camiseta. Tom jogou as roupas no chão. Então trancou a porta com a chave — embora as camareiras dali, diferentemente de outras em muitos hotéis, nunca entrassem sem antes bater. Tom continuou. Um *Salzburger Nachrichten* de dois dias atrás, um *Times* de Londres da mesma data. Escova de

dentes, aparelho de barba, uma escova de cabelos bastante usada, uma ceroula bege enrolada, e no fundo o velho caderno de capa marrom de onde Bernard havia lido passagens em Belle Ombre. Por baixo dele havia um bloco de desenho com espiral, na capa a assinatura de Derwatt que era a marca registrada da companhia de materiais de pintura. Tom abriu-o. Igrejas barrocas e torres de Salzburgo, algumas bastante inclinadas, algumas com arabescos adicionais. Pássaros que lembravam morcegos voavam sobre algumas delas. Sombras tinham sido conseguidas aqui e ali esfregando-se o polegar úmido sobre o papel. Um esboço fora pesadamente riscado, anulado. Em um canto da mochila havia um vidro de tinta nanquim, a parte de cima da tampa quebrada, mas a tampa ainda funcionava direito, e um maço de penas de desenho e alguns pincéis presos com um elástico. Tom abriu o caderno marrom para ver se havia alguma anotação recente. Nada desde o dia 5 de novembro daquele ano, mas Tom não podia ficar lendo agora. Detestava ler cartas ou papéis pessoais de outras pessoas. Mas reconheceu o papel de carta que Bernard pegara em Belle Ombre, duas folhas. Era o que Bernard havia escrito na primeira noite na casa de Tom, e bastou uma olhada para Tom perceber que era um relato das falsificações de Bernard, começando seis anos atrás. Tom não queria ler aquilo, e rasgou as páginas em pedacinhos que jogou na cesta de lixo. Tom recolocou as coisas na mochila, fechou o zíper e guardou-a no armário.

Como faria para comprar gasolina para queimar o cadáver?

Podia dizer que seu carro ficara sem gasolina. Não daria para fazer tudo naquele dia, com certeza, porque o único avião para Paris era às duas e quarenta. Ele tinha a passagem de volta. Podia, é claro, pegar um trem, mas será que a inspeção de bagagem seria mais severa? Tom não queria que um fiscal da alfândega abrisse uma das malas e encontrasse um pacote cheio de cinzas.

Será que um cadáver, ao ar livre, queimaria o suficiente para virar cinzas? Será que não precisaria de algum tipo de forno? Para aumentar o calor?

Tom saiu do hotel pouco antes do meio-dia. Do outro lado do rio comprou uma maletinha de couro de porco em uma loja na Schwazstrasse, e vários jornais que colocou na maleta. O dia estava frio, com um vento gelado, apesar do sol. Tom pegou um ônibus que subia acompanhando o rio pelo lado velho da cidade, na direção de Mariaplain e Bergheim, duas cidades que ficavam no caminho para o local onde Bernard estava. Tom desceu onde pensou ser a área correta, e começou a procurar um posto de gasolina. Demorou vinte minutos para encontrar um. Deixou a maleta na floresta antes de se aproximar do posto.

O frentista foi gentil e ofereceu-se para levá-lo até onde seu carro estava parado, mas Tom disse que não era longe, e perguntou se também poderia comprar o galão de plástico, porque não queria ter de voltar. Tom comprou dez litros. Não olhou para trás enquanto caminhava pela estrada. Recuperou a maleta. Pelo menos ele estava na estrada certa, mas era uma longa caminhada, e ele entrou duas vezes em lugares na floresta que não eram os certos.

Por fim, encontrou o lugar. Viu as rochas cinzentas à frente. Tom largou a maleta no chão e desceu com a gasolina por um caminho sinuoso. Sangue havia escorrido para a direita e para a esquerda, em linhas desordenadas, embaixo de Bernard. Tom olhou a seu redor. Precisava de uma caverna, algum lugar escondido e protegido, para aumentar o calor. Seria preciso muita madeira. Lembrou-se de imagens de cadáveres indianos sobre piras altas. Aquilo precisava de muita madeira. Tom encontrou um lugar adequado abaixo do penhasco, uma espécie de reentrância entre as pedras. O mais fácil seria rolar o corpo para baixo.

Primeiro Tom removeu o único anel que Bernard usava, um anel de ouro com uma espécie de emblema desgastado. Ia jogá-lo o mais longe possível na floresta, mas pensou que sempre haveria a chance de ser encontrado em algum momento, então colocou-o no bolso com a idéia de jogá-lo

no Salzach de alguma ponte. Em seguida examinou os bolsos. Nada, a não ser algumas moedas austríacas na capa, cigarros em um dos bolsos do paletó, uma carteira em um dos bolsos da calça, e Tom tirou o que havia dentro, dinheiro e papéis, amassou tudo e colocou no bolso para depois começar o fogo, ou para jogar na fogueira mais tarde. Então ergueu o corpo pegajoso e o rolou até ele cair sobre as pedras. Tom desceu e empurrou o corpo na direção da reentrância que havia encontrado.

Em seguida, contente por dar as costas para aquela imagem, começou a juntar lenha energeticamente. Fez pelo menos seis viagens até a pequena vala que havia descoberto. Evitou olhar para o rosto e para a cabeça de Bernard, que agora tinham escurecido completamente. Por fim juntou punhados de folhas secas e gravetos, o máximo que conseguiu apanhar, e enfiou o conteúdo da carteira de Bernard no meio deles. Então arrastou o corpo para a pilha de madeira, prendendo a respiração enquanto empurrava as pernas ou colocava com um pé um dos braços no lugar. O corpo estava rígido, com um dos braços estirado. Tom pegou a gasolina e derramou metade do que trouxera sobre a capa de chuva, encharcando-a. Decidiu juntar mais lenha para colocar por cima, antes de acender tudo.

Tom riscou um fósforo e, de longe, atirou-o.

As chamas se ergueram imediatamente, amarelas e brancas. Tom — com os olhos semicerrados — encontrou um lugar para ficar longe da fumaça. O fogo estalava bastante. Ele não olhou. Não havia nada vivo à vista, nem um pássaro voando.

Tom juntou mais lenha. Não podia ser muita, pensou. A fumaça era clara, mas abundante.

Um veículo passou pela estrada, um caminhão, a julgar pelo barulho do motor. Estava fora do campo de visão de Tom por causa das árvores. O som foi desaparecendo, e Tom esperou que ele não tivesse parado para investigar. Mas durante três ou quatro minutos nada aconteceu, e Tom supôs que o motorista tinha ido embora. Sem olhar para os restos de Bernard, Tom empurrou alguns galhos para mais perto das chamas. Estava usando uma vara comprida. Sentiu que fazia as coisas de maneira desajeitada, que o fogo não estava quente o bastante — nem um pouco perto do intenso calor necessário para cremar um corpo adequadamente. Portanto, a única coisa que ele poderia fazer era cuidar para que o fogo queimasse o máximo de tempo possível. Agora eram duas e dezessete. Um calor muito forte vinha da reentrância, e Tom teve de jogar mais galhos. Fez isso sem parar durante vários minutos. Quando as chamas diminuía um pouco, ele conseguia se aproximar do fogo, pegar os galhos que não haviam queimado totalmente e jogá-los de volta. Havia sobrado metade do galão de gasolina.

Com algum método em mente, Tom juntou ainda mais lenha, de uma distância maior, para um esforço final. Quando tinha juntado uma pilha de lenha, jogou o galão de gasolina sobre o corpo — que ainda tinha um desanimador formato de corpo. A capa de chuva e a calça haviam queimado, mas não os sapatos, e a carne, o que se podia ver dela, estava preta, mas não queimada, evidentemente apenas defumada. O galão de gasolina estourou com menos barulho do que uma explosão. Tom estava constantemente atento para barulhos de passos, ou galhos se quebrando na floresta. Era possível que a fumaça atraísse alguém. Por fim, Tom afastou-se alguns metros, tirou sua capa e segurou-a enquanto se sentava no chão, de costas para a fogueira. Vou deixar passar uns bons vinte minutos, pensou. Os ossos não iam queimar, nem iam se desmanchar, ele sabia disso. E isso significaria a necessidade de um outro túmulo. Precisaria arranjar uma pá em algum lugar. Iria comprar uma? Roubar seria mais aconselhável.

Quando Tom encarou a pira novamente, estava preta, rodeada de brasas vermelhas. Tom empurrou-as de volta. O corpo continuava sendo um corpo. Tom percebeu que, como cremação,

não tinha dado certo. Pensou se seria melhor terminar o serviço hoje ou voltar amanhã, e decidiu terminar hoje, se ainda houvesse luz suficiente para ele ver o que estava fazendo. Precisava de alguma coisa com que cavar. Cutucou o corpo com a mesma vara que havia usado e sentiu-o gelatinoso. Tom colocou a maleta no chão, em uma pequena moita.

Então subiu correndo para chegar à estrada. O cheiro da fumaça era horrível, e de fato ele não tinha respirado muito durante um bom tempo. Podia demorar uma hora procurando a pá, pensou, se é que levaria uma hora. Gostaria de ter *algum* plano, porque sentia-se bastante perdido e inábil naquele momento. Andou pela estrada, sem a maleta, as mãos vazias. Depois de muitos minutos chegou a uma parte da estrada com algumas casas espalhadas, não muito longe do café onde Bernard havia tomado seu copo de vinho tinto. Havia alguns jardins bem cuidados, algumas estufas de vidro, mas nenhuma pá encostada convenientemente em uma pilha de tijolos.

“*Griiss’ Gott!*”, disse um homem, cavando em seu jardim com o tipo de pá estreita e afiada que Tom certamente poderia usar.

Tom retribuiu casualmente o cumprimento.

Então Tom viu um ponto de ônibus, um no qual não havia reparado no dia anterior, e uma garota, ou moça, andando em sua direção, na direção de Tom. Um ônibus devia estar prestes a passar. Tom queria entrar nele quando passasse, esquecer o cadáver, a maleta. Passou pela garota sem olhar para ela, na esperança de que ela não se lembraria dele. Então Tom viu um carrinho de mão cheio de folhas ao lado do meio-fio, e sobre o carrinho havia uma pá. Quase não acreditou. Um pequeno presente de Deus — a não ser pelo fato de que a pá não era afiada. Tom diminuiu o passo e olhou na direção da floresta, pensando que o trabalhador a quem pertenciam essas coisas poderia ter desaparecido apenas por um momento.

O ônibus chegou. A garota entrou nele, e o ônibus foi embora.

Tom pegou a pá e voltou caminhando naturalmente, segurando a pá com indiferença, como se estivesse segurando um guarda-chuva, com a diferença de que tinha de carregar a pá horizontalmente.

De volta ao local, Tom largou a pá e foi à procura de mais lenha. O tempo estava passando, e enquanto havia luz suficiente para enxergar bem, Tom arriscou-se a entrar mais na floresta atrás de combustível. Percebeu que teria de destruir o crânio, acima de tudo livrar-se dos dentes, e não queria voltar no dia seguinte. Tom atizou o fogo mais uma vez e então pegou a pá e começou a cavar em uma área de folhas úmidas. Era mais difícil do que usando um forcado. Apesar disso, os restos de Bernard não interessariam a nenhum animal que estivesse na floresta, e portanto a cova não precisava ser funda. Quando se cansou, voltou à fogueira e sem fazer uma pausa bateu no crânio com a pá. Percebeu que não ia adiantar. Mas mais algumas pancadas removeram o maxilar inferior, e Tom arrancou-o com a pá. Empurrou mais lenha para perto do crânio. Em seguida foi até a maleta e colocou os jornais dentro dela. Precisava levar alguma coisa do corpo. Recuou diante da idéia de um pé ou mão. Talvez um pouco da carne do cadáver. Carne era carne, essa era humana e não seria confundida com a de uma vaca, por exemplo, supôs Tom. Por alguns momentos sentiu náusea e teve de agachar-se, apoiado em uma árvore. Então foi diretamente para a fogueira com a pá e arrancou um pouco da carne da cintura de Bernard. Era uma massa escura e um pouco úmida. Tom carregou-a na pá e jogou-a dentro da maleta. Deixou a maleta aberta. Então deitou-se no chão, exausto.

Passou-se talvez uma hora. Tom não dormiu. Tinha consciência de que estava escurecendo e lembrou-se de que não tinha lanterna. Ficou em pé. Outra tentativa com a pá no crânio não deu resultado. Tom sabia que com o pé também não conseguiria. Teria de ser uma pedra. Tom

encontrou uma pedra de bom tamanho e rolou-a na direção da fogueira. Então, ergueu-a com uma força recém-descoberta e talvez efêmera, e deixou-a cair sobre o crânio. A pedra ficou ali. O crânio ficou esmagado sob ela. Tom moveu a pedra com a pá, afastando-se rapidamente para evitar o calor do fogo rosado. Ele cutucou e trouxe com a pá uma estranha mistura de ossos com o que deveria ter sido a arcada dentária superior.

Essa atividade trouxe-lhe algum alívio, e Tom passou a arrumar o fogo. Cheio de otimismo, achava que a forma alongada não parecia mais algo humano. Recomeçou a cavar. Era uma vala estreita e logo estava com quase um metro de profundidade. Tom usou a pá e rolou a forma fumegante em direção à cova que havia cavado. Várias vezes apagou pequenas chamas no chão com a pá. Verificou, antes de enterrar o esqueleto, para ver se havia arrancado os dentes superiores. Enterrou os restos, cobrindo-os com terra. Algumas espirais de fumaça se elevaram por entre as folhas que ele espalhara no final. Rasgou algumas folhas dos jornais que estavam na mala e embrulhou os pedaços de osso que continham os dentes superiores, pegou o maxilar inferior e colocou tudo junto.

Conteve o fogo e certificou-se de que as brasas não iam pular e começar um incêndio na floresta. Afastou as folhas do fogo para que isso não acontecesse. Mas ele não podia mais ficar ali porque estava escurecendo. Tom dobrou os jornais na mala ao redor do pequeno pacote e voltou para a estrada com a mala e a pá.

Quando chegou ao ponto de ônibus, o carrinho não estava mais ali. Mesmo assim, Tom deixou a pá no meio-fio.

No ponto de ônibus seguinte, bem distante do outro, Tom esperou. Uma mulher juntou-se a ele. Tom não olhou para ela.

Enquanto o ônibus seguia em frente, sacolejando, pegando e deixando passageiros que passavam por uma porta que rangia, Tom tentava pensar, e, como de costume, pensava em saltos erráticos. Como é que todos eles — Bernard, Derwatt e ele próprio — haviam se encontrado aqui em Salzburgo, como é que conversaram juntos em diversas ocasiões? Derwatt havia falado em suicídio. Dissera que queria ser cremado, não no crematório, mas ao ar livre. Ele havia pedido a Bernard e a Tom que se encaregassem de tudo. Tom tentara tirar os dois da depressão em que se encontravam, mas Bernard estava deprimido por causa de Cynthia (Jeff e Ed poderiam confirmar isso), e Derwatt...

Tom desceu do ônibus, sem se importar com onde estava, porque queria pensar enquanto caminhava.

“Quer que eu leve sua mala, senhor?”, perguntou o mensageiro do Goldener Hirsch.

“Não precisa, está bem leve”, disse Tom. “Obrigado.” Foi direto para o quarto.

Lavou as mãos e o rosto e então tirou a roupa e tomou um banho. Começou a imaginar conversas com Bernard e Derwatt em diversos bares de Salzburgo. Seria a primeira vez que Bernard via Derwatt desde que Derwatt zarpara para a Grécia havia cinco anos, porque Bernard evitara ir ver Derwatt em seu retorno a Londres, e não estava em Londres durante a segunda e breve visita de Derwatt. Bernard já estava em Salzburgo. Bernard falara com Tom em Belle Ombre sobre Salzburgo (era verdade), e quando Derwatt telefonara para Heloise em Belle Ombre, ela dissera a Derwatt que Tom tinha ido para Salzburgo para falar com Bernard, ou para tentar achá-lo, e por isso Derwatt fora para lá também. Sob qual nome Derwatt havia entrado na Áustria? Bem, isso precisaria continuar sendo um mistério. Quem sabia qual era o nome que Derwatt usava no México, por exemplo? Faltava Tom dizer a Heloise (mas apenas quando e se alguém perguntasse a ela) que Derwatt havia telefonado para Belle Ombre.

Talvez aquilo não estivesse tão perfeito e bem costurado, mas era um começo. Pela segunda vez, Tom encarou a mochila de Bernard, e agora à procura de anotações recentes feitas por Bernard. A anotação do dia cinco de outubro dizia: “Eu às vezes sinto que já estou morto. Curiosamente, existe o bastante de mim para perceber que a minha realidade, o meu eu, desintegrou-se e de alguma forma desapareceu. Eu nunca fui Derwat. Mas agora eu realmente sou Bernard Tufts?”.

Tom não podia deixar passar as duas últimas sentenças, então arrancou a página toda.

Alguns dos desenhos tinham anotações. Algumas sobre cores, os verdes dos prédios de Salzburgo. “O barulhento santuário de Mozart — não tem um único retrato dele que se possa dizer que é bom.” E depois: “Eu fico olhando com frequência. É um rio rápido e bonito. Essa talvez seja a melhor maneira de ir embora, pulando de uma ponte em uma noite em que felizmente não haverá ninguém por perto para gritar: ‘Salvem-no!’”.

Era disso que Tom precisava, e ele fechou o bloco de desenho rapidamente e recolocou-o na mochila.

Será que havia alguma anotação sobre ele, Tom? Tom passou os olhos de novo pelo bloco à procura de seu nome ou de suas iniciais. Em seguida abriu o caderno de capa marrom. A maior parte do conteúdo era de trechos dos diários de Derwatt, e as últimas anotações no final, feitas por Bernard, eram datadas, todas durante o período em que Bernard estava em Londres. Nada sobre Tom Ripley.

Tom desceu até o restaurante do hotel. Era tarde, mas ele ainda podia pedir alguma coisa. Depois de algumas garfadas de comida, começou a se sentir melhor. O leve e gelado vinho branco era inspirador. Ele poderia ir embora no avião da tarde do dia seguinte. Se seu telefonema de ontem para Jeff fosse questionado, Tom diria que havia ligado para Jeff por iniciativa própria para lhe dizer que Derwatt estava em Salzburgo, e que Tom estava preocupado com ele. Tom também teria de dizer que ele havia pedido a Jeff que não contasse a ninguém onde estava — muito menos para todo “o público”. E Bernard? Tom poderia ter mencionado a Jeff que Bernard também estava em Salzburgo, por que não? A polícia não estava procurando Bernard Tufts. O desaparecimento de Bernard, certamente um suicídio, e provavelmente no rio Salzach, devia ter acontecido no dia em que Tom e Bernard cremaram o corpo de Derwatt. Era melhor dizer que Bernard o ajudara com aquilo.

Tom previa que seria censurado por ajudar e ser cúmplice de um suicídio. O que fazem com as pessoas que agem dessa forma? Derwatt havia insistido em tomar uma dose maciça de comprimidos para dormir, diria Tom. Os três haviam passado a manhã na floresta, caminhando. Derwatt havia tomado alguns comprimidos antes de se encontrarem. Fora impossível para eles evitar que tomasse o resto e — Tom teria de confessar — ele não quis interferir num desejo tão forte da parte de Derwatt. E Bernard também não.

Tom voltou ao quarto, abriu a janela e então abriu a mala. Tirou o pacote menor embrulhado em jornal e colocou mais jornal. Ainda estava quase do tamanho de uma toranja. Em seguida fechou a mala, antes que alguma camareira entrasse (embora a cama já tivesse sido arrumada), deixou a janela entreaberta e desceu com seu pequeno pacote. Foi até a ponte à direita, aquela com corrimão, onde vira Bernard debruçado no dia anterior. Tom debruçou-se sobre o corrimão da mesma maneira, e quando não havia ninguém passando, abriu as mãos e deixou o pacote cair. Caiu quase sem ruído e logo desapareceu na escuridão. Tom havia trazido o anel de Bernard e deixou-o cair da mesma maneira.

Na manhã seguinte Tom fez a reserva de seu vôo e em seguida saiu para comprar algumas

coisas, a maioria delas para Heloise. Comprou para ela um colete verde, um casaco de lã azul-clara como o maço de Gauoise e uma blusa branca de mangas bufantes, e para si comprou um colete verde-escuro e algumas facas de caça.

Dessa vez seu aviãozinho se chamava *Ludwig van Beethoven*.

Chegou a Orly às oito da noite. Tom apresentou seu próprio passaporte. Um olhar para ele e para sua fotografia, e nenhum carimbo. Tomou um táxi para Villeperce. Receava que Heloise estivesse com visitas, e estava certo: na frente de casa havia um Citroën vermelho-escuro. Era o carro dos Grais.

Eles estavam terminando de jantar. Havia um confortador fogo aceso.

“Por que não telefonou?”, queixou-se Heloise, mas estava feliz por vê-lo.

“Não quero atrapalhá-los”, disse Tom.

“Mas já acabamos!”, disse Agnès Grais.

Era verdade. Estavam indo tomar café na sala.

“Já jantou, M. Tome?”, perguntou Mme. Annette.

Tom respondeu que sim, mas queria café. De uma forma que lhe pareceu bastante normal, Tom contou aos Grais que estivera em Paris para ver um amigo que estava passando por algumas dificuldades. Os Grais não quiseram saber os detalhes. Tom perguntou por que Antoine, o arquiteto sempre ocupado, estava em Villeperce na noite de quinta-feira.

“Auto-indulgência”, disse Antoine. “O tempo está bom, eu me convenci de que estou fazendo umas anotações para um novo projeto e, o que é mais importante, estou projetando uma lareira para nosso quarto de hóspedes.” Ele riu.

Apenas Heloise, pensou Tom, havia reparado que ele não estava normal. “Como foi a festa de Noëlle na terça?”, perguntou Tom.

“Muito divertida!”, disse Agnès. “Sentimos sua falta.”

“E sobre o misterioso Mur-*chee*-son?”, perguntou Antoine. “O que está acontecendo?”

“Bom... eles ainda não conseguiram encontrá-lo. A senhora Murchison apareceu aqui para falar comigo... como Heloise deve ter lhes contado.”

“Não, não contou”, disse Agnès.

“Não pude ajudá-la muito”, disse Tom. “O quadro do marido dela, um Derwatt, foi roubado em Orly.” Não havia mal em contar isso, pensou Tom, porque era verdade e saía nos jornais.

Depois de tomar café, Tom pediu licença, dizendo que queria abrir a mala e que voltaria em um segundo. Ficou aborrecido, porque Mme. Annette havia levado suas malas para cima, sem atender a seu casual pedido para que as deixasse lá embaixo. No quarto, Tom ficou aliviado por ver que Mme. Annette não abria nenhuma delas, provavelmente porque tinha muito a fazer na cozinha. Tom colocou a maleta nova em um armário e abriu a outra mala, que continha suas compras. Então desceu.

Os Grais acordavam cedo e foram embora antes das onze.

“Webster telefonou de novo?”, perguntou Tom a Heloise.

“Não.” Em inglês e em voz baixa, ela perguntou: “Tudo bem se Mme. Annette souber que você estava em Salzburgo?”

Tom sorriu, de alívio, diante da eficiência de Heloise. “Claro. Na verdade, agora você tem de dizer que eu estava lá.” Tom queria explicar, mas não podia contar a Heloise sobre os restos de Bernard, não naquela noite. Talvez nunca. As cinzas de Derwatt-Bernard. “Explico mais tarde. Agora preciso ligar para Londres.” Tom pegou o telefone e pediu uma ligação para o estúdio de Jeff.

“O que aconteceu em Salzburgo? Você encontrou aquele *fou*?”, quis saber Heloise, mais preocupada com Tom do que aborrecida com Bernard.

Tom olhou na direção da cozinha, mas Mme. Annette havia dito boa-noite e fechado a porta. “O *fou* está morto. Suicídio.”

“*Vraiment!* Você não está brincando, Tome?”

Mas Heloise sabia que não era brincadeira. “O importante... para dizer para qualquer um... é que fui para Salzburgo.” Tom ajoelhou-se ao lado da cadeira onde ela estava sentada, colocou a cabeça no colo dela por um segundo, então levantou-se e beijou-a nos dois lados do rosto.

“Querida, tenho que dizer que Derwatt está morto, e que também aconteceu em Salzburgo. E... caso perguntem, Derwatt ligou para Belle Ombre de Londres e pediu para falar comigo. Então você disse a ele: ‘Tom foi para Salzburgo’. Está bem? É fácil lembrar, porque é a verdade.”

Heloise olhou para ele de soslaio, com alguma malícia. “O que é verdade, o que não é verdade?”

O tom de sua voz parecia estranhamente filosófico. Aquele de fato era um problema para os filósofos, e por que ele e Heloise deveriam se importar com isso? “Vamos lá para cima e vou provar que estive em Salzburgo.” Puxou Heloise da cadeira.

Subiram até o quarto de Tom e olharam as coisas que estavam na mala. Heloise experimentou o colete verde. Abraçou o casaco azul, experimentou-o e viu que servia.

“E você comprou uma mala nova!”, disse ela ao ver a mala no armário.

“Essa é bem comum”, disse Tom em francês, quando o telefone tocou. Ele acenou para que ela não mexesse na mala. Tom ouviu da telefonista que o telefone de Jeff não atendia, e pediu-lhe que continuasse tentando. Era quase meia-noite.

Tom tomou um banho, enquanto Heloise conversava com ele. “Bernard está *morto*?”, perguntou ela.

Tom estava se enxaguando, adorando estar em casa, sentir sob os pés a banheira à qual estava acostumado. Vestiu o pijama de seda. Não sabia por onde começar a explicar. O telefone tocou. “Se me ouvir”, disse Tom, “você vai entender.”

“Alô?”, disse a voz de Jeff.

Tom endireitou o corpo e ficou tenso, e sua voz estava séria. “Alô. É o Tom. Estou ligando para dizer que Derwatt está morto... Morreu em Salzburgo...”

Jeff começou a gaguejar, como se seu telefone estivesse com problemas, e Tom continuou como um cidadão honesto comum: “Eu ainda não contei isso à polícia em lugar nenhum. A morte... foi em circunstâncias que eu não gostaria de descrever pelo telefone”.

“Você... vv-vem para Londres?”

“Não vou, não. Mas você poderia falar com Webster e dizer que eu telefonei, que fui para Salzburgo encontrar Bernard... Bom, não precisa falar no Bernard agora, a não ser por uma coisa muito importante. Você consegue entrar no estúdio dele e destruir qualquer sinal de Derwatt?”

Jeff entendeu. Ele e Ed conheciam o zelador. Poderiam pegar a chave. Poderiam dizer que Bernard estava precisando de alguma coisa. E isso explicaria os croquis e as possíveis telas inacabadas que talvez tivessem de levar.

“Façam um trabalho bem-feito”, disse Tom. “Além disso, Derwatt ligou para minha mulher alguns dias atrás. Minha mulher disse a ele que eu tinha ido para Salzburgo...”

“Sim, mas por que...”

Por que Derwatt quis ir para Salzburgo?, era o que Jeff ia perguntar, supôs Tom. “Acho que o importante é que estou pronto para falar com Webster aqui. Para falar a verdade, quero falar com

ele. Tenho novidades.”

Tom desligou e voltou-se para Heloise. Sorriu, quase sem querer. No entanto, ele não ia ser bem-sucedido?

“O que você quer dizer”, perguntou Heloise em inglês, “com Derwatt morreu em Salzburgo, se ele morreu há três anos na Grécia, segundo você me contou?”

“É preciso provar que ele está morto. Sabe, querida, fiz tudo isso para preservar a... a honra de Philip Derwatt.”

“Como se pode matar um homem que já está morto?”

“Pode deixar que eu cuido disso. Tenho de...” Tom olhou seu relógio sobre o criado-mudo.

“Tenho trinta minutos de trabalho a fazer agora à noite e depois disso vou adorar me juntar a você na...”

“Trabalho?”

“Coisinhas a fazer.” Puxa vida, se uma mulher não conseguisse entender o que são coisinhas a fazer, quem entenderia? “Pequenas tarefas.”

“Não podem esperar até amanhã?”

“O inspetor Webster *talvez* apareça amanhã. Talvez até pela manhã. É o tempo de você tirar a roupa, ou quase, e eu já estarei com você.” Ele a puxou para si. Ela se levantou prontamente, e ele percebeu que ela estava de bom humor. “Alguma notícia de *Papa*?”

Heloise começou a falar em francês, dizendo alguma coisa como “Ah, pro inferno com o *Papa* em uma noite dessas!... Dois homens mortos em Salzburgo! Deve ser apenas um, *chéri*. Ou será que não é nenhum?”

Tom riu, adorando a postura irreverente de Heloise, porque se parecia com a sua própria. Tom sabia que o decoro dela era apenas uma aparência, ou ela nunca teria se casado com ele.

Depois que Heloise saiu, Tom foi até a mala e tirou o caderno marrom de Bernard e o bloco de desenho, arrumando-os sobre a mesa. Havia jogado a ceroula e a camisa de Bernard em uma lata de lixo em uma das ruas de Salzburgo, e a mochila ele jogara em outra lata. A história de Tom ia ser que Bernard havia lhe pedido para guardar sua mochila enquanto ele saía para encontrar um hotel. Bernard não voltara mais, e Tom guardara o que era de valor. Então, de sua caixa de abotoaduras, Tom tirou o anel mexicano que havia usado em Londres na primeira vez em que se fizera passar por Derwatt. Desceu a escada com ele, descalço e em silêncio. Tom colocou o anel no meio das brasas que haviam sobrado. Iria derreter com facilidade, supôs ele, porque a prata mexicana era pura e mole. Alguma coisa sobraria, e ele adicionaria isso às cinzas de Derwatt — ou melhor, de Bernard. Precisava levantar cedo no dia seguinte, antes que Mme. Annette limpasse as cinzas da lareira.

Heloise estava na cama, fumando. Ele não gostava de fumar os cigarros dela, mas gostava do cheiro quando ela os fumava. Tom abraçou Heloise com mais força quando apagaram a luz. Pena que ele não tivesse jogado o passaporte de Robert Mackay na lareira também. Será que nunca teria um segundo de paz?

Tom desenredou-se de Heloise, que dormia, retirando um dos braços que estava sob o pescoço dela, virou-a para o lado e beijou-lhe um seio, antes de sair da cama. Ela não acordara por completo, e provavelmente pensaria que ele tinha ido ao banheiro.

Ele desceu. Quinze para as sete, pelo relógio que ficava perto do telefone. As brasas haviam se transformado em cinzas brancas, ainda quentes. Tom pegou um graveto e espalhou as cinzas à procura do anel de prata, ao mesmo tempo que estava preparado para esconder o passaporte verde na mão — ele havia dobrado o passaporte no meio — caso Mme. Annette entrasse. Encontrou o anel, escurecido e um pouco deformado, mas não tanto quanto esperava. Colocou o anel sobre a lareira para que esfriasse, atçou as brasas e rasgou o passaporte. Usou um fósforo para apressar a queima do passaporte, e ficou observando até terminar. Em seguida, subiu com o anel e colocou-o junto com a indescritível massa vermelha e negra que estava na maleta que trouxera de Salzburgo.

O telefone tocou, e Tom atendeu imediatamente.

“Ah, inspetor Webster, alô!... Não tem importância, eu já estava de pé.”

“Se entendi bem o que o senhor Constant disse... Derwatt está *morto*?”

Tom hesitou um instante, e Webster acrescentou que o senhor Constant havia ligado para seu escritório na noite passada para deixar um recado. “Ele se matou em Salzburgo”, disse Tom. “Eu havia acabado de chegar a Salzburgo.”

“Eu gostaria de falar com o senhor pessoalmente, senhor Ripley, e o motivo de ter ligado tão cedo é que acho que posso tomar o avião das nove. Posso me encontrar com o senhor ainda esta manhã, lá pelas onze?”

Tom concordou prontamente.

Então voltou para o quarto de Heloise. Eles seriam acordados — se Tom voltasse a dormir — dentro de uma hora por Mme. Annette com o chá para Heloise e o café para Tom. Mme. Annette estava acostumada a encontrá-los no quarto de um ou de outro. Tom não dormiu, mas um pouco de repouso, como o que tinha quando estava com Heloise, era igualmente restaurador.

Mme. Annette chegou por volta das oito e meia, e Tom lhe fez um sinal de que tomaria o café, mas Heloise ia dormir mais um pouco. Tom tomou o café e pensou no que precisaria fazer, em como deveria se comportar. Seria honesto acima de tudo, pensou Tom, e repassou a história toda na cabeça. Derwatt ligou porque estava angustiado com o desaparecimento de Murchison (mais do que angustiado, o tipo de coisa ilógica que pareceria verdadeira, uma reação inesperada que soaria real), e será que poderia falar com Tom? E Heloise disse que Tom fora para Salzburgo para procurar por Bernard Tufts. Sim, era melhor se Heloise mencionasse Bernard para Webster. Para Derwatt, Bernard Tufts era um velho amigo a cujo nome ele teria reagido prontamente. Em Salzburgo, ele e Derwatt estiveram mais preocupados com Bernard do que com Murchison.

Quando Heloise começou a se mexer, Tom saiu da cama, desceu e pediu para Mme. Annette fazer outro chá. Eram quase nove e meia.

Tom saiu para olhar o antigo túmulo de Murchison. Havia chovido um pouco desde a última vez em que o vira. Não mexeu nos galhos que estavam por cima da cova porque pareciam

bastante naturais, não como se alguém tivesse tentado ocultar o lugar, e, de qualquer forma, Tom não tinha razão para esconder o que os policiais tinham feito.

Por volta das dez, Mme. Annette saiu para as compras.

Tom disse a Heloise que o inspetor Webster estava para chegar e que ele gostaria que ela estivesse presente. “Você pode dizer francamente que fui para Salzburgo para tentar encontrar Bernard.”

“O M. Webster vai acusar você de alguma coisa?”

“De que jeito?”, respondeu Tom, sorrindo.

Webster chegou às quinze para as onze. Entrou com sua maleta preta, parecendo tão eficiente quanto um médico.

“Minha esposa... que o senhor já conhece”, disse Tom. Pegou o casaco de Webster e convidou-o a se sentar.

O inspetor sentou-se no sofá. Primeiro, verificou as datas e horários dos acontecimentos, fazendo anotações. Quando Tom tivera notícias de Derwatt? Dia 3 de novembro, domingo, pensou Tom.

“Minha mulher falou com ele quando ele ligou”, disse Tom. “Eu estava em Salzburgo.”

“A senhora falou com Derwatt?”, Webster perguntou a Heloise.

“Falei. Ele queria falar com Tome, mas eu lhe disse que Tome estava em Salzburgo... para procurar Bernard.”

“Hum-m. Em que hotel o senhor ficou?”, Webster perguntou a Tom. Tinha no rosto o sorriso de costume, e a julgar por sua expressão alegre, nem parecia haver uma morte no caso.

“No Goldeber Hirsch”, disse Tom. “Fui primeiro a Paris, por intuição, à procura de Bernard Tufts, e depois fui para Salzburgo, porque Bernard havia mencionado Salzburgo. Ele não disse que iria para lá, mas disse que gostaria de ver a cidade novamente. É uma cidade pequena, e não é difícil achar alguém que se esteja procurando. De qualquer forma, encontrei Bernard no segundo dia.”

“Quem o senhor encontrou primeiro, Bernard ou Derwatt?”

“Ah, foi Bernard, porque eu estava procurando por ele. Eu não sabia que Derwatt estava em Salzburgo.”

“E... continue”, disse Webster.

Tom inclinou-se para a frente na cadeira. “Bem... acho que falei a sós com Bernard uma ou duas vezes. O mesmo com Derwatt. Então nos encontramos os três algumas vezes. Eles eram bons amigos. Achei que Bernard era o mais deprimido. Sua amiga Cynthia, em Londres, não quer vê-lo mais. Derwatt não...” Tom hesitou. “Derwatt parecia mais preocupado com Bernard do que consigo mesmo. A propósito, fiquei com uns cadernos de Bernard que acho que deveria mostrar ao senhor.” Tom levantou-se, mas Webster disse:

“Acho que vou anotar alguns fatos primeiro. De que maneira Bernard se matou?”

“Ele desapareceu. Foi pouco depois da morte de Derwatt. Pelo que ele escreveu no caderno, acho que deve ter se afogado no rio em Salzburgo. Mas eu não tinha certeza suficiente para contar à polícia austríaca. Quis falar com o senhor primeiro.”

Webster pareceu um pouco confuso, ou entorpecido, o que não surpreendeu Tom. “Estou bastante interessado em ver os cadernos de Bernard, mas Derwatt... o que aconteceu lá?”

Tom olhou para Heloise. “Bom, na terça-feira, havíamos ficado de nos encontrar lá pelas dez da manhã. Derwatt havia tomado sedativos, segundo nos disse. Ele já havia falado em se matar e disse que queria ser cremado... por nós, por Bernard e por mim. Eu não tinha levado isso muito a

sério, até que ele apareceu grogue na terça-feira e meio que... fazendo piadas. Ele tomou mais comprimidos enquanto andávamos. Estávamos na floresta, para onde Derwatt quis ir.” Tom disse para Heloise: “Se não quiser ouvir, querida, é melhor você subir. Tenho de contar exatamente como aconteceu”.

“Quero ouvir.” Heloise pôs o rosto entre as mãos, então abaixou-as e levantou-se. “Vou pedir para Mme. Annette fazer um chá. Está bem, Tome?”

“Boa idéia”, disse Tom. Continuou falando com Webster: “Derwatt pulou de um penhasco sobre as pedras. Pode-se dizer que ele se matou de três maneiras; com os comprimidos, pulando do penhasco... e sendo queimado, mas ele com certeza estava morto quando o queimamos. Ele morreu com a queda. Bernard e eu voltamos lá... no dia seguinte. Queimamos o que pudemos. Enterramos o resto.”

Heloise voltou.

Webster disse, escrevendo: “No dia seguinte. Dia seis de novembro, quarta-feira”. Onde Bernard ficara hospedado? Tom conseguiu dizer no Der Blaue qualquer coisa, na Linzergrasse. Mas depois da quarta-feira, Tom não tinha certeza. Onde e quando haviam comprado gasolina? Tom foi vago a respeito do lugar, mas foi na quarta ao meio-dia. Onde Derwatt estava hospedado? Tom disse que nunca tentara descobrir.

“Bernard e eu combinamos de nos encontrar lá pelas nove e meia da quinta no Alter Markt. Na noite da quarta-feira, Bernard me deu sua mochila e pediu que eu a guardasse enquanto ele encontrava um outro hotel. Disse-lhe que ficasse no hotel em que eu estava, mas ele não quis. Então... ele não apareceu na quinta de manhã. Esperei mais ou menos uma hora. Nunca mais o vi. Não deixou nenhum recado no hotel para mim. Senti que Bernard não queria aparecer, que provavelmente havia se destruído... provavelmente afogando-se no rio. Aí eu voltei para casa.”

Webster acendeu um cigarro, mais lentamente do que de costume. “O senhor ia guardar a mochila dele da quarta para a quinta?”

“Não necessariamente. Bernard sabia onde eu estava, e eu achava que ele iria buscar a mochila mais tarde naquela mesma noite. Cheguei a dizer ‘Se eu não o vir hoje à noite, nos encontramos amanhã de manhã’.”

“O senhor perguntou por ele nos hotéis no dia seguinte?”

“Não, não perguntei. Acho que perdi as esperanças. Eu estava aborrecido e sem coragem.”

Mme. Annette serviu o chá e disse “*Bonjour*” para o inspetor Webster.

Tom disse: “Bernard enforcou um boneco em nossa adega alguns dias atrás. Representava ele mesmo. Minha mulher o encontrou e levou um tremendo susto. A calça e o paletó de Bernard pendurados por um cinto preso ao teto com um bilhete”. Tom olhou para ela. “Desculpe, Heloise.”

Heloise mordeu o lábio e deu de ombros. Aquela reação foi indiscutivelmente autêntica. O que Tom dissera tinha acontecido, e ela não gostava de se lembrar.

“O senhor tem o bilhete que ele escreveu?”, disse Webster.

“Sim. Ainda deve estar no bolso de meu roupão. Quer que eu o pegue?”

“Daqui a pouco.” Webster quase sorriu novamente. “Posso perguntar exatamente o que o senhor foi fazer em Salzburgo?”

“Eu estava preocupado com Bernard. Ele havia mencionado que queria visitar Salzburgo. Senti que Bernard ia se matar. E me perguntei... por que Bernard me procurou, afinal? Ele sabia que eu tinha dois quadros de Derwatt, é verdade, mas não me conhecia. Ainda assim, conversou muito à vontade na primeira vez em que estive aqui. Achei que talvez eu pudesse ajudar. Então, o que

acabou acontecendo é que Derwatt e Bernard se mataram, Derwatt primeiro. A gente não quer se meter — pelo menos não com um homem como Derwatt. A gente sente que está fazendo algo errado. Não é bem *isso*, mas o que quero dizer é o seguinte: é difícil dizer a alguém para não se matar, quando se sabe que isso não vai ser aceito pela outra pessoa que está determinada a se matar. É isso que quero dizer. É errado e não tem jeito, e por que alguém seria censurado por *não* dizer alguma coisa, quando sabe que não adianta?” Tom fez uma pausa.

Webster ouvia com atenção.

“Bernard foi embora — provavelmente para Paris — após ter se enforcado simbolicamente aqui na minha casa. Depois ele voltou. Foi quando Heloise o conheceu.”

Webster quis a data em que Bernard Tufts havia voltado para Belle Ombre. Tom fez o melhor que pôde. Dia 25 de outubro, era o que ele achava.

“Tentei ajudar Bernard dizendo-lhe que sua namorada, Cynthia, poderia vê-lo novamente. O que não acho que fosse verdade, não depois do que fiquei sabendo de Bernard. Eu simplesmente estava tentando tirá-lo da depressão. Acho que Derwatt tentou ainda mais do que eu. Tenho certeza de que os dois se encontraram a sós diversas vezes em Salzburgo. Derwatt gostava de Bernard.” Tom perguntou a Heloise: “Você está entendendo, querida?”

Heloise confirmou com a cabeça.

Provavelmente era verdade.

“Por que Derwatt estava tão deprimido?”

Tom pensou por um momento. “Estava deprimido com o mundo todo. Com a vida. Não sei se havia alguma coisa pessoal — no México — contribuindo para a depressão. Ele comentou sobre um garota mexicana que se casara e fora embora. Não sei quanto isso era importante. Estava perturbado por ter voltado a Londres. Disse que aquilo tinha sido um erro.”

Webster finalmente havia parado de fazer anotações. “Podemos subir?”

Tom levou o inspetor a seu quarto e pegou a maleta no armário.

“Não quero que minha esposa veja isto”, disse Tom, e abriu a maleta. Ele e Webster se curvaram sobre ela.

Os restos estavam embrulhados em jornais austríacos e alemães que Tom havia comprado. Tom reparou que Webster olhou as datas dos jornais antes de tirar o pacote da maleta e colocá-lo sobre o tapete. Colocou mais jornal sob o pacote, mas Tom sabia que não estava úmido. Webster abriu-o.

“Hum-m. Puxa vida. O que Derwatt queria que o senhor fizesse com isto?”

Tom hesitou, franzindo a testa. “Nada.” Foi até a janela e abriu-a um pouco. “Nem sei por que trouxe isso. Eu estava transtornado. E Bernard também. Não me lembro se Bernard disse que deveríamos levar de volta para a Inglaterra. Mas acabei pegando. Esperávamos cinzas. Isso é outra coisa.”

Webster estava cutucando a coisa com a ponta de sua esferográfica. Encontrou o anel e pescou-o com a caneta. “Um anel de prata.”

“Peguei isso de propósito.” Tom sabia que as duas cobras no anel ainda estavam visíveis.

“Vou levar isto para Londres”, disse Webster, levantando-se. “Talvez se o senhor tiver uma caixa...”

“Sim, claro”, disse Tom, encaminhando-se para a porta.

“O senhor mencionou os cadernos de Bernard.”

“Sim.” Tom virou-se e apontou para o caderno e o bloco de desenho que estavam no canto de sua mesa. “Estão aqui. E o bilhete que ele escreveu...” Tom foi até o banheiro, onde seu roupão

estava pendurado em um gancho. O bilhete ainda estava no bolso. *Enforquei-me simbolicamente...* Tom deu-o para Webster e desceu.

Mme. Annette guardava caixas, e sempre havia uma variedade de tamanhos. “Para que é?”, perguntou ela, tentando ajudá-lo.

“Esta aqui vai servir muito bem”, disse Tom. As caixas ficavam em cima do armário de roupas de Mme. Annette, e Tom puxou uma delas. Dentro havia alguns restos de lã, caprichosamente enrolados, que ele entregou a Mme. Annette com um sorriso. “Muito obrigado, meu tesouro.”

Webster estava na sala, falando em inglês ao telefone. Heloise talvez tivesse ido para seu quarto. Tom levou a caixa para cima e colocou o pequeno embrulho dentro dela, juntando um pouco de jornal amassado para enchê-la. Pegou barbante em sua sala de trabalho e amarrou-a. Era uma caixa de sapatos. Tom levou-a para baixo.

Webster ainda estava falando ao telefone.

Tom foi até o carrinho de bebidas, serviu-se de uma dose de uísque puro e decidiu esperar para ver se Webster iria querer um Dubonnet.

“... o pessoal da Galeria Buckmaster? Não podem esperar até eu chegar aí?”

Tom mudou de idéia e foi para a cozinha buscar gelo para o Dubonnet de Webster. Pegou o gelo e pediu a Mme. Annette que terminasse o drinque e não se esquecesse da casca de limão.

Webster estava dizendo: “Vou tentar ligar para você novamente dentro de uma hora, por isso não saia para almoçar... Não, nem uma palavra para ninguém por enquanto... eu ainda não sei”.

Tom ficou incomodado. Viu Heloise no gramado e saiu para falar com ela, embora tivesse preferido ficar na sala. “Acho que devemos oferecer para o inspetor um almoço, ou uns sanduíches, alguma coisa assim. Tudo bem, querida?”

“Você entregou as cinzas a ele?”

Tom piscou. “Uma coisinha em uma caixa”, disse ele constrangido. “Está tudo embrulhado. Não pense nisso.” Tom levou-a pela mão de volta para a casa. “É bastante apropriado que Bernard desse suas cinzas para que pensassem que são de Derwatt.”

Tavez ela entendesse. Ela entendia o que havia acontecido, mas Tom não esperava que entendesse a adoração que Bernard tinha por Derwatt. Tom perguntou a Mme. Annette se ela faria alguns sanduíches de lagosta enlatada e coisas assim. Heloise foi ajudá-la, e Tom reuniu-se ao inspetor.

“Só por uma questão de formalidade, senhor Ripley, posso olhar seu passaporte?”, perguntou Webster.

“Sem dúvida.” Tom subiu e desceu rapidamente com o passaporte.

Webster estava tomando seu Dubonnet. Examinou minuciosamente o passaporte, aparentemente tão interessado em datas de um mês atrás quanto nas mais recentes. “Áustria. Sim. Hum-m.”

Tom se lembrou, com uma sensação de segurança, que não fora a Londres como Tom Ripley, quando Derwatt aparecera pela segunda vez. Tom sentou-se com ar cansado em uma das cadeiras de encosto reto. Ele devia parecer bastante desgastado e deprimido em razão dos acontecimentos do dia anterior.

“Que fim levaram as coisas de Derwatt?”

“Coisas?”

“A mala dele, por exemplo.”

Tom disse: “Nunca fiquei sabendo onde ele estava hospedado. E Bernard também não, porque perguntei a ele... depois que nós... depois que Derwatt morreu”.

“O senhor acha que ele simplesmente abandonou suas coisas no hotel?”

“Não.” Tom balançou a cabeça. “Não Derwatt. Bernard disse que achava que Derwatt provavelmente havia destruído todos os traços de sua existência, saído do hotel e... Bom, como é que alguém se livra de uma mala? Joga o conteúdo em diversos cestos de lixo ou... talvez jogue tudo dentro do rio. Isso é fácil em Salzburgo. Especialmente se Derwatt fez isso na noite anterior, no escuro.”

Webster divagou. “Já lhe ocorreu que Bernard poderia ter voltado ao local na floresta e se atirado do mesmo penhasco?”

“Sim”, disse Tom, porque estranhamente essa idéia lhe ocorrera. “Mas eu não conseguiria voltar lá ontem de manhã. Talvez devesse ter voltado. Talvez devesse ter olhado mais tempo nas ruas à procura de Bernard. Mas senti que ele estava morto... de alguma maneira, em algum lugar, e que eu nunca o encontraria.”

“Mas pelo que estou entendendo, Bernard Tufts ainda poderia estar vivo.”

“Isso é perfeitamente possível.”

“Ele tinha bastante dinheiro?”

“Duvido. Eu lhe ofereci um pouco... há três dias... mas ele recusou.”

“O que Derwatt lhe disse sobre o desaparecimento de Murchison?”

Tom pensou por um momento. “Aquilo o deprimiu. Quanto ao que ele disse... Disse algo sobre o peso de ser famoso. Ele não gostava de ser famoso. Achava que havia causado a morte de um homem... Murchison.”

“Derwatt era amistoso com o senhor?”

“Era. Pelo menos nunca notei nenhuma hostilidade. Minhas conversas a sós com Derwatt foram muito breves. Apenas uma ou duas vezes, acho.”

“Ele sabia de sua associação com Richard Greenleaf?”

Um tremor que Tom esperou fosse invisível percorreu-lhe o corpo. Tom deu de ombros. “Se sabia, nunca tocou no assunto.”

“Nem Bernard? Ele não mencionou nada a respeito disso?”

“Não”, disse Tom.

“Veja, o senhor há de concordar que é estranho que três homens desapareçam ou morram à sua volta: Murchison, Derwatt e Bernard Tufts. E Richard Greenleaf também desapareceu... seu corpo nunca foi encontrado, acho. E qual era o nome do amigo dele? Fred? Fred alguma coisa?”

“Miles, se não me engano”, disse Tom. “Mas não posso dizer que Murchison fosse próximo a mim. Eu mal conhecia Murchison. Muito menos Freddie Miles.” Pelo menos Webster ainda não estava pensando na possibilidade de ele ter se passado por Derwatt, refletiu Tom.

Heloise e Mme. Annette entraram na sala, Mme. Annette empurrando o carrinho com um prato com sanduíches e uma garrafa de vinho em um balde de gelo.

“Ah, hora do lanche!”, disse Tom. “Eu não perguntei se o senhor tinha algum almoço marcado, inspetor, mas estes...”

“Vou almoçar com a polícia de Melun”, disse Webster com um sorriso rápido. “Preciso ligar para eles daqui a pouco. E por falar nisso, vou reembolsá-lo por todas essas ligações.”

Tom fez um sinal de protesto, recusando a oferta. “Obrigado, madame”, disse ele a Mme. Annette.

Heloise ofereceu um prato e um guardanapo a Webster e mostrou-lhe os sanduíches. “Lagosta e caranguejo. Os de lagosta são estes”, disse ela, apontando.

“Como resistir?”, disse o inspetor, aceitando um de cada. Mas Webster ainda estava no assunto.

“Preciso alertar a polícia de Salzburgo... tem de ser por intermédio de Londres porque não falo alemão... para procurar Bernard Tufts. E talvez amanhã possamos acertar de nos encontrarmos em Salzburgo. Estará livre amanhã, senhor Ripley?”

“ Sim... posso estar, é claro.”

“O senhor terá de nos levar ao local na floresta. Vamos precisar cavar o... o senhor sabe. Derwatt era súdito britânico. Ou será que, na verdade, não era?” Webster sorriu com a boca cheia. “Mas com certeza ele não se tornou um cidadão mexicano.”

“Isso é algo que nunca perguntei a ele”, disse Tom.

“Seria interessante encontrar o vilarejo onde ele morava no México”, observou Webster, “esse vilarejo afastado e sem nome. Parece que fica perto de uma cidade, o senhor sabe qual é?”

Tom sorriu. “Derwatt nunca deu a menor informação sobre isso.”

“Será que a casa dele está abandonada... ou será que ele tem um caseiro, ou um advogado com poder de acertar tudo por lá, depois de saber da morte de Derwatt?” Webster fez uma pausa.

Tom estava em silêncio. Será que Webster o estava sondando, esperando que ele deixasse escapar alguma informação? Como Derwatt em Londres, Tom dissera a Webster que Derwatt tinha um passaporte mexicano e vivia com outro nome.

Webster perguntou: “O senhor acha que Derwatt entrou na Inglaterra e andou por toda parte com um nome falso? Possivelmente um passaporte britânico, mas com um nome falso?”.

Tom respondeu calmamente: “Eu sempre achei isso”.

“Então provavelmente ele vivia no México com um nome falso também.”

“Provavelmente. Eu não tinha pensado nisso.”

“E enviava suas telas do México usando esse mesmo nome falso.”

Tom ficou em silêncio, como se não estivesse muito interessado. “A Galeria Buckmaster deve saber sobre isso.”

Heloise ofereceu os sanduíches novamente, mas o inspetor recusou.

“Tenho certeza de que eles não diriam nada”, disse Webster. “E talvez nem saibam o nome, se Derwatt mandava os quadros com o nome de Derwatt mesmo, por exemplo. Mas ele deve ter entrado na Inglaterra com um nome falso, porque não temos registros de suas idas e vindas. Posso ligar para a polícia de Melun agora?”

“Mas é claro”, disse Tom. “ O senhor quer usar o telefone do meu quarto?”

Webster respondeu que o telefone da sala serviria perfeitamente. Consultou seu caderno de anotações e começou a falar com a telefonista em seu francês correto. Pediu para falar com o *commissaire*.

Tom serviu vinho branco em dois copos que estavam na bandeja. Heloise pegou um deles.

Webster estava perguntando ao *commissaire* de Melun se tinham alguma notícia sobre Thomas Murchison. Tom entendeu que não. Webster disse que a sra. Murchison estaria no Connaught Hotel pelos próximos dias, ansiosa por qualquer informação que a polícia de Melun tivesse a dar ao escritório de Webster. Webster também perguntou sobre *L'Horloge*, o quadro desaparecido. Nada.

Depois que ele desligou, Tom teve vontade de perguntar o que estava acontecendo na busca a Murchison, mas não quis dar a impressão de estar ouvindo a conversa de Webster ao telefone.

Webster insistiu em deixar uma nota de cinquenta francos para pagar os telefonemas. Não, ele agradeceu a Tom, não queria mais um Dubonnet, mas experimentou o vinho.

Tom podia ver Webster especulando, ali de pé, sobre quanto Tom Ripley estaria escondendo, *de que* ele seria culpado, de que forma era culpado, e o que Tom Ripley ganhava com tudo aquilo?

Mas era óbvio, pensou Tom, que ninguém mataria duas pessoas — ou até mesmo três, Murchison, Derwatt e Bernard Tufts, para proteger o valor dos dois quadros de Derwatt que Tom tinha nas paredes. E se Webster chegasse a ponto de investigar a Companhia de Materiais de Pintura Derwatt, de onde Tom recebia uma renda mensal, descobriria que essa renda era enviada sem nome para uma conta numerada na Suíça.

No entanto, ainda havia a Áustria amanhã, e Tom teria de acompanhar a polícia.

“Pode pedir um táxi para mim, senhor Ripley? O senhor sabe o número melhor do que eu.”

Tom foi até o telefone e discou para o serviço de táxis de Villeperce. Disseram que mandariam um carro imediatamente.

“Telefonarei ao senhor logo mais, à noite”, Webster disse a Tom, “para combinar sobre Salzburgo amanhã. É um lugar difícil de chegar?”

Tom explicou as mudanças de avião em Frankfurt, e disse que ficou sabendo que um ônibus de Munique a Salzburgo, indo por Munique, seria mais rápido do que esperar em Frankfurt pelo avião para a Áustria. Mas isso precisaria ser coordenado por telefone, assim que Webster descobrisse o horário de um voo de Londres para Munique. Ele iria viajar com um colega.

Então o inspetor Webster agradeceu a Heloise, e Heloise e Tom acompanharam-no até a porta quando o táxi chegou. Webster viu a caixa de sapato na mesinha do corredor e pegou-a antes que Tom pudesse entregá-la.

“Estou levando o bilhete de Bernard e seus dois cadernos”, disse Webster a Tom.

Tom e Heloise ficaram nos degraus da frente da casa enquanto o táxi de Webster se afastava, vendo o sorriso de coelho de Webster na janela do carro. Então os dois entraram.

Um silêncio pacífico reinava. Não era pacífico. Tom sabia, mas pelo menos era silêncio. “Hoje... esta noite... podemos ficar sem fazer nada? Só assistir televisão?” À tarde Tom queria cuidar do jardim. Isso sempre o revigorava.

E foi o que ele fez. E à noite os dois ficaram de pijama na cama de Heloise, assistindo televisão e tomando chá. O telefone tocou pouco antes das dez da noite, e Tom atendeu em seu quarto. Estava preparado para falar com Webster, com uma caneta na mão para anotar a programação do dia seguinte, mas era Chris Greenleaf em Paris. Ele havia voltado do Reno e queria saber se poderia fazer-lhe uma visita, levando seu amigo Gerald.

Depois de falar com Chris, Tom voltou ao quarto de Heloise e disse: “Era Chris, o primo de Dickie Greenleaf. Ele quer vir nos visitar na segunda, trazendo seu amigo Gerald Hayman. Disse-lhe que podia vir. Espero que não se importe, querida. Provavelmente só vão ficar uma noite. Vai ser uma mudança agradável... um pouco de turismo, almoços gostosos. Está bem? Tudo tranquilo”.

“Quando você volta de Salzburgo?”

“Ah, devo voltar no domingo. Não há motivo para esse negócio levar mais de um dia... amanhã e parte do domingo. Tudo que eles querem de mim é que eu lhes mostre o lugar na floresta. E o hotel de Bernard.”

“Hum-m. *Très bien*”, murmurou Heloise, recostada nos travesseiros. “Eles chegam na segunda-feira?”

“Vão telefonar novamente. Vou dizer para virem na segunda à noite.” Tom voltou para a cama. Ele sabia que Heloise estava curiosa para conhecer Chris. Rapazes como Chris e seu amigo iriam diverti-la, por algum tempo. Tom estava satisfeito com o arranjo. Fixou os olhos no velho filme francês que se arrastava diante deles na tela da televisão. Louis Jouvét, vestido de guarda suíço do Vaticano, estava ameaçando alguém com uma alabarda. Tom resolveu que deveria ser solene e direto no dia seguinte em Salzburgo. A polícia austríaca com certeza teria um carro, e ele os

levaria diretamente para o local na floresta, ainda durante o dia, e à noite diretamente para o Der Blaue qualquer coisa na Linzergasse. A mulher de cabelos escuros da portaria iria se lembrar de Bernard Tufts e de que Tom havia perguntado por ele ali. Tom sentiu-se seguro. Quando estava começando a acompanhar o soporífero diálogo na tela, o telefone tocou.

“Agora é Webster, sem dúvida”, disse Tom, saindo da cama novamente.

A mão de Tom parou no meio do movimento de pegar o telefone — foi apenas um segundo, mas naquele segundo ele teve a sensação de antever uma derrota e até mesmo de sofrê-la. Desmascaramento. Vergonha. Iria sair-se bem, como antes, pensou ele. Coragem! Atendeu o telefone.

SOBRE A AUTORA

Patricia Highsmith nasceu em Fort Worth, Texas, em 1921, e criou-se em Nova York, onde se formou, em 1942, pela Universidade de Columbia. Seu primeiro romance, *Strangers on a train* (1950), foi filmado por Alfred Hitchcock em 1951 (no Brasil, *Pacto sinistro*), e transformou-se num clássico do cinema noir. Em 1956, *O talentoso Ripley* (1955) recebeu o prêmio Edgar Allan Poe, da Associação dos Escritores Policiais dos Estados Unidos. Em 1959, o livro ganhou sua primeira adaptação para o cinema, feita por René Clément, com Alain Delon no papel principal (*Plein soleil*; no Brasil, *O sol por testemunha*). Em 1999, Anthony Minghella dirigiu a segunda versão cinematográfica (no Brasil, *O talentoso Ripley*), protagonizada por Matt Damon. Em 1977, Wim Wenders filmou *O jogo de Ripley*, sob o título de *O amigo americano*, com Dennis Hopper e Bruno Ganz. Esse mesmo romance foi novamente adaptado para o cinema em 2002, dessa vez por Liliana Cavani (*Ripley's game*; no Brasil, *O retorno do talentoso Ripley*, com John Malkovich). Em 1957, Highsmith ganhou o Grande Prêmio Francês de Literatura Policial e, em 1964, o Silver Dagger, da Associação Britânica de Escritores Policiais. Aversa ao contato com jornalistas, passou a maior parte da vida reclusa em diversas cidades européias, particularmente na Itália. Viveu seus últimos anos isolada numa mansão perto de Locarno, na Suíça italiana. Patricia Highsmith morreu em 1995. Publicou ainda *This sweet sickness* e *A dog's ransom*. A Companhia das Letras publicou também *O livro das crueldades*, *Ripley debaixo d'água*, *O talentoso Ripley*, *O jogo de Ripley* e *O garoto que seguiu Ripley*.

SÉRIE POLICIAL

Réquiem caribenho
Brigitte Aubert

Bellini e a esfinge
Bellini e o demônio
Bellini e os espíritos
Tony Bellotto

Os pecados dos pais
O ladrão que estudava
Espinosa
Punhalada no escuro
O ladrão que pintava como
Mondrian
Uma longa fila de homens
mortos
Bilhete para o cemitério
O ladrão que achava que era
Bogart
Lawrence Block

O destino bate à sua porta
James Cain

Post-mortem
Corpo de delito
Restos mortais
Desumano e degradante
Lavoura de corpos
Cemitério de indigentes
Causa mortis
Contágio criminoso
Foco incial
Alerta negro
A última delegacia
Patricia Cornwell

Vendetta
Michael Dibdin

Edições perigosas
Impressões e provas
John Dunning

Máscaras
Passado perfeito
Leonardo Padura Fuentes

Tão pura, tão boa
Correntezas
Frances Fyfield

O silêncio da chuva
Achados e perdidos
Vento sudoeste
Uma janela em Copacabana
Perseguido
Luiz Alfredo Garcia-Roza

Neutralidade suspeita
A noite do professor
Transferência mortal
Um lugar entre os vivos
Jean-Pierre Gattégno

Continental Op
Dashiell Hammett

O talentoso Ripley
Ripley subterrâneo
O jogo de Ripley
Ripley debaixo d'água
O garoto que seguiu Ripley
Patricia Highsmith

Sala dos Homicídios
Morte no seminário
Uma certa justiça
Pecado original
A torre negra
Morte de um perito
O enigma de Sally
P. D. James

Música fúnebre
Morag Joss

Sexta-feira o rabino acordou
tarde
Sábado o rabino passou
fome
Domingo o rabino ficou em
casa
Segunda-feira o rabino
viajou
O dia em que o rabino foi
embora
Harry Kemelman

Um drink antes da guerra
Apelo às trevas
Sagrado
Gone, baby, gone
Sobre meninos e lobos
Paciente 67
Dennis Lehane

Morte em terra estrangeira
Morte no Teatro La Fenice
Donna Leon

A tragédia Blackwell
Ross Macdonald

É sempre noite
Léo Malet

Assassinos sem rosto

Os cães de Riga
A leoa branca
Henning Mankell

Os mares do Sul
O labirinto grego
O quinteto de Buenos Aires
O homem da minha vida
Manuel Vázquez
Montalbán

O diabo vestia azul
Walter Mosley

Informações sobre a vítima
Vida pregressa
Joaquim Nogueira

Revolução difícil
George Pelecanos

A morte também freqüenta o
Paraíso
Lev Raphael

Serpente
A confraria do medo
A caixa vermelha
Cozinheiros demais
Milionários demais
Mulheres demais
Ser canalha
Aranhas de ouro
Cientes demais
Rex Stout

Fuja logo e demore para voltar
O homem do avesso
Fred Vargas

A noiva estava de preto
Casei-me com um morto
Cornell Woolrich

Proibida a venda em Portugal

Título original:
Ripley underground

Projeto gráfico de capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa:
Thyago Nogueira

Preparação:
Otacílio Nunes Jr.

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-438-0009-7

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)

Patricia Highsmith

RIPLEY
SUBTERRÂNEO



COMPANHIA DAS LETRAS